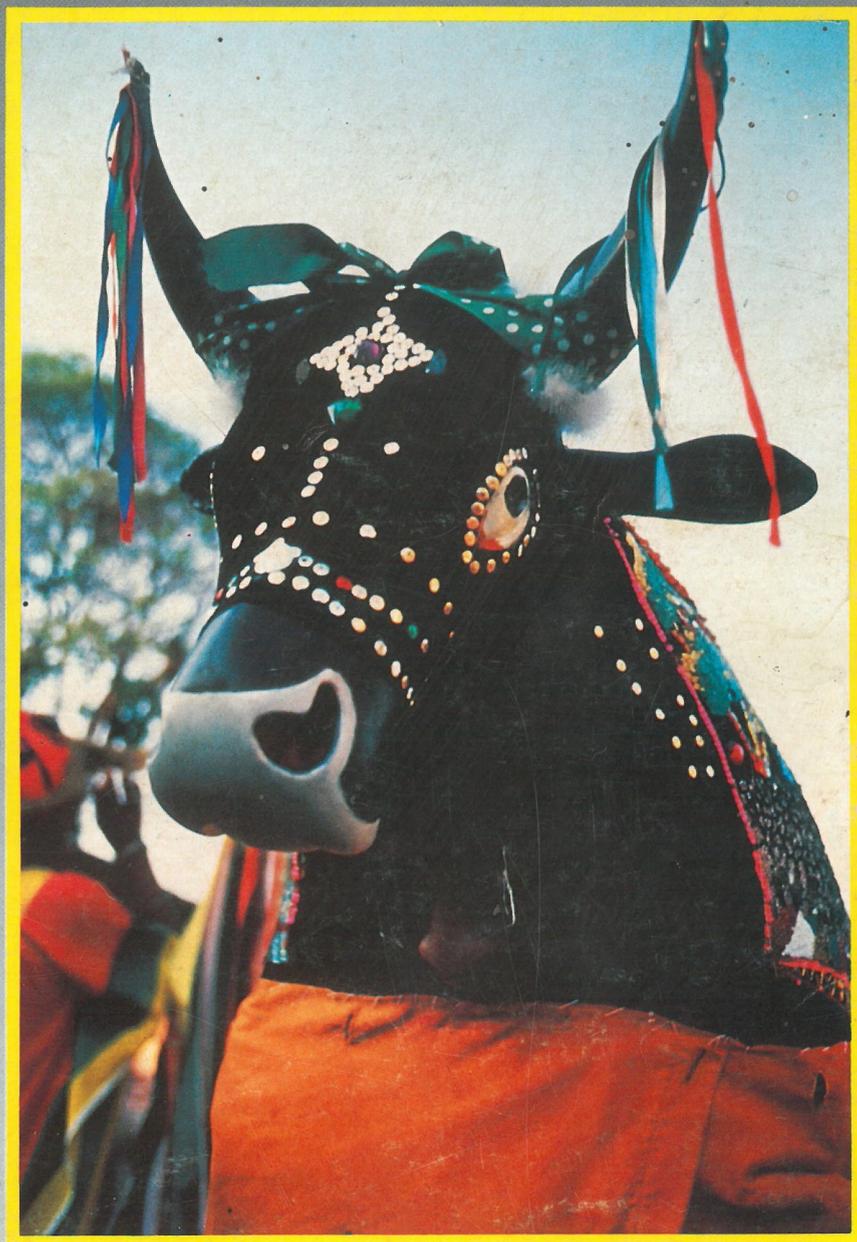


26º FESTIVAL DO FOLCLORE

12 a 19 de AGOSTO 1990



OLÍMPIA - SP
CAPITAL DO FOLCLORE

Colaboração

BRADESCO



BOI

Quadrúpede bovídeo ruminante que serve, principalmente, para trabalhos no campo e para alimentação do homem... Assim está no Dicionário Mor da Língua Portuguesa, edição 1967. Boi... "bicho encrenqueiro", "teimoso", "molenga", "animal bonachão", "assassino", boi é sempre boi, quer tenha vastos chifres, quer seja de uma só cor, malhado, gordo, magro, manso, bravio. Um animal que o homem domesticou, que o serve por longos anos, paciente, ruminando, procurando gramineas, cercado de pássaros insetívoros, brigando com as moscas. O boi é presença constante ao lado do trabalhador rural, adentrando a zona urbana, muitas vezes. Um inescrutável animal. Divinizado por povos do passado. Sofredor nas arenas das touradas. Pau para toda obra. Sereno. Forte. Sujeito à raiva, à febre afetosa, a doenças várias, procurado pelos carrapatos e bernes, dispensa pouco cuidado. Desde quando é empregado pelo homem? Quem o sabe? Tempos imemoriais.

E esse mesmo boi, com todas as suas características, faz parte do folclore universal. Divindade poderosa e amiga em algumas épocas, ente temível entre certos povos, sagrado no seio de certas sociedades tem, como companheira a vaca, sagrada também. Boi morto vira vaca no açougue...

O folclore brasileiro corteja o boi em diversas manifestações, sendo o Bumba-meu-boi a mais divulgada entre nós. No Nordeste é apenas Boi; Boi-Bumbá no Norte; Boizinho em São Paulo; Boi da Fuzarca, no Rio Grande do Sul; Boi-de-Mamão, no Paraná e Santa Catarina; Boi de Reis, no Espírito Santo; Bumba-meu-boi, em São Luís, Maranhão... Uma boiada pelo país afora!

O Boi é a figura central de um auto muito querido dos maranhenses, e de todos amigos do folclore. Esse auto narra as peripécias pelas quais passa o Boi, desde seu roubo ao término do suplício. E sendo figura central de um auto que tem longa duração, esse Boi precisa apresentar-se ricamente ataviado. O Boi do Maranhão é um dos mais ricos que por aqui passou. Recoberto de rico tecido onde fulgem missangas, bordados, lantejoulas, pedras "preciosas", olhos faiscantes em pedrarias, o Boi se transforma em um ser que parece ter vida própria. O instrumental que faz o ritmo para a dança do Boi, procura realçar-lhe as flamejantes cores.

No meio do Capitão, Arlequim, Pastorinhas, Padre, Doutor, Fiscal, Sacristão, Mestres, Bêbado, Caboclo do Arco, Boticário, Cavalo Marinho, Cobra, Pica-pau, Ema, Burrinha, Diabo, o Boi impera. Bataca. Avança para o público, salta, revolteia, dança, requebra, ajoelha-se, faz proezas mil enquanto o auto se desenrola. Mas é ele, o Boi, a figura que mais extasia a criançada, quem mais é aplaudido, um Boi com letras maiúsculas, pois sozinho é um espetáculo. Mesmo quando se faz acompanhar da Bernúncia, assustadora consorte e esta dá à luz a uma gemente bernuncinha, ainda é ele o rei da festa. Tudo no Bumba-meu-boi ou qualquer outro nome que possua, é belo. Há muito colorido, os trajes rebrilham à luz do sol ou dos refletores. A música é alegre, os passos de dança buliçosos e travessos, o bombo e a matraca não param. Tudo se transforma em uma girândola de cores e encantamento.

O Boi é, sem dúvida alguma, o grande destaque desse auto centenário entre nós. Boi, rei do Bumba-meu-Boi, do Boi de Reis, do Boi Calemba, do Boi Surubim, do Boi-Bumbá, do Boi-de-Mamão... Brancos, índios e negros se entrelaçam e dançam, e falam, e lutam, e dialogam, e fogem, e sofrem perseguições, porém, por mais belos sejam os seus trajes, por mais recamados de vidrilhos sejam, impera o Boi, o nosso paulista Boizinho.

Iseh

Bumba-meu-boi "Grupo Cazumbá", de São Luís, Maranhão. Foto colhida em 1988 — 24.º FEFOL de Olímpia.

INCUMBÊNCIAS DO CURUPIRA

A história registra a presença do homem na terra há mais de oito milênios. Escavações arqueológicas, pesquisas e estudos demonstram a sua passagem pelos mais recônditos rincões terrenos. Seres que, como nós, tinham as mesmas necessidades: refúgio contra as intempéries, alimentação, vestimenta, combate às doenças. E esses seres, dotados de raciocínio, habitaram o mesmo solo que abriga o homem do século XX. Lutaram por sobreviver, confeccionando armas para defesa e ataque, extraindo do solo o alimento necessário, plantando, colhendo, dessedentando-se com o mesmo líquido que nos mitiga a sede: a água potável. Depois da caverna, utilizou a pedra, a madeira, as palmas das plantas para ter abrigo. Roubou da abelha o mel, da árvore os frutos, dos bosques os animais com que se alimentou. Rios e mares forneceram-lhe peixes em abundância. Ovos podiam ser encontrados nos ninhos, na areia quente. Faziam queimadas e ali plantavam grãos e árvores que os mantinham fortes. Utilizaram as plantas sem dificuldades: flechas, arcos, sustentáculos de cabanas, peças de uso doméstico, canoas, remos, pontes...

E, nesses milênios todos, a face da terra permanecia quase a mesma que o primeiro homem viu. Nódos como os grandes desertos, foram sendo vistas em regiões outrora férteis. Espécimes animais e vegetais foram desaparecendo, surgindo outros, adaptáveis à hora presente, mas a face da terra era quase a mesma.

Nesses infundáveis anos que marcam a presença do ser humano na terra, nada tão rápido e devastador aconteceu como nos dois ou três últimos séculos, especialmente neste século. O único animal racional — o homem, vem, metódica e sistematicamente destruindo o meio ambiente. A poluição impera: mares, rios, solo, alimentos, até o ar que respiramos, tudo está a gritar sinal de alarme. Nada detém a fúria devastadora do progresso atual, da ganância do racional século XX, vozes perdidas tentam deter a mão destruidora, movimentos mundiais clamam por providências, frágeis lutas, caminhamos para a ruína total com ares de seres superiores.

E é por isso que nós, estudiosos do folclore, amigos da natureza, irmanados com os mitológicos seres que se empenham em preservar o mundo tal qual o conheceu nosso mais remoto ancestral, aqui estamos, fraco brado, franca guerra! Queremos um "basta"!

Curupira, entidade mítica que preside os Festivais do Folclore de Olímpia tem, como patrono que é de festa pujante, deveres a cumprir. E neste ano — 1990, quando, assim parece, parte da humanidade começa a preocupar-se, de fato, com o meio ambiente, sua responsabilidade é maior.

Nossas matas foram abatidas. Quase nada resta delas. Nossos rios estão morrendo, nossos peixes, intoxicados pela areia e erosões, friamente assassinados por poluentes químicos e orgânicos. Árvores frutíferas são ceifadas nos pomares, ficando a industrializável laranja como quase a única herdeira do patrimônio agrícola regional.

Até ele, o Curupira, singelo protetor das matas, percebe ser desigual a luta que trava, contra o progresso. Quer ver as árvores recobrando nossas terras. Quer flores nas matas. Pássaros nos galhos, peixes nos rios, borboletas, nos jardins, pirlampos nos pantanais.

Olímpia, Capital do Folclore, abençoada pelo vigilante olhar do patrono dos Festivais, precisa começar luta verídica para pôr um paradeiro na devastação. Que as laranjeiras perfumem os ares olímpenses, que os canais ondulem ao vento, que pés de eucalipto tentem repôr a mata. Nós, que queremos preservar tradições, que lutamos pela harmonia da natureza, que desejamos apenas guerra entre "Mouros e Cristãos", nas Cavalhadas, um entevero na "Chula", uma arruaça na "Dança dos Facões", esperamos que voltem nossas florestas. Florestas cobertas de trepadeiras e cipós, animais em descuidada reprodução, águas límpidas, ar respirável, vida, enfim.

O Prof. José Sant'anna, criador e coordenador dos Festivais do Folclore, fez plantar na Praça das Atividades Folclóricas "Prefeito Wilson Zangirolami", considerável número de árvores, madeira de lei, além de centenas de plantas ornamentais. Matinha em formação, e que bom começo! Bióloga, membros da Polícia Florestal, agrônomos e agricultores entraram na luta pelo reflorestamento. Grãos de areia no deserto, mas são exemplos a serem seguidos.

Dedicamos o 26.º Festival do Folclore à PRESERVAÇÃO DO MEIO AMBIENTE.

Vamos, Curupira, dê o seu grito de alerta! Estamos com você. Seu território está garantido neste Recinto. Nada lhe faltará. Alegre-se, cuide do seu reino. Olharemos por você, como se realmente existisse.

Iseh



PREFEITURA MUNICIPAL DE OLÍMPIA

Prefeito: José Fernando Rizzatti

ANUÁRIO DO FOLCLORE

26.º FESTIVAL DO FOLCLORE

12 a 19 de agosto de 1990

Olímpia — SP — A Capital do Folclore

ANO XVII

22 de agosto de 1990

N.º 20

SUMÁRIO

São Pedro da Terra e do Céu — 1
José Sant'anna

Prove Ter Bom Raciocínio — 71
Rogério de Oliveira

Procura-se... — 74
Iseh Bueno de Camargo

Dança do Bambu — 84
Maria Ap. de Araújo Manzolli

Dizeres dos Envelopes — 87
Célio José Franzin

Comentários — 96
Iseh Bueno de Camargo

Correspondências — 122
Antônio Clemêncio da Silva

EXPEDIENTE

Rua David de Oliveira, 420

Caixa Postal 60

Patrimônio de São João Batista

15 400 — Olímpia — SP

Telefone: (0172) 81-1929 - R. 14

Diretor: Dr. José Sant'anna

Redatora: Prof.^a Iseh B. de Camargo

Conselho Editorial: José Sant'anna, Iseh B. de
Camargo e Cidinha Manzolli

Datilografia: Célio José Franzin

Fotografias: Hélio Garcia Filho, Agnor Guevara e
Álvaro Bragion

Pentagramatizações

Organografia: Antônio Possato

Cópia Musical: Cidinha Manzolli

Auxiliares: Antônio Clemêncio da Silva, Débora
Aparecida Vicente, João Carlos de O. Rocha,
Marcos Elias Morelo, Maria Jesus de Miran-
da, Sidney Carlos Schalch, Lupércio Bonin,
João José Abra, Orlando Moço

Composição: Linotipadora Expressa Ltda. — São
Paulo

Fotolitos Internos, Arte Final, Fotolitos Capas,
Montagem e Cópias: Quadricolor — São
Paulo

Impressão: Artes Gráficas Rio Preto — Crespo &
Cia. Ltda.

Patrocínio: BRADESCO — Osasco — SP

Edição do Departamento de Folclore do
Museu de História e Folclore "Maria
Olímpia" e Comissão de Folclore (Conse-
lho Municipal de Cultura), da Prefeitura
Municipal de Olímpia.

*Todo trabalho de redação assinado é de total
responsabilidade do autor. Quaisquer artigos ou
ilustrações deste Anuário podem ser reproduzidos
desde que citada a fonte.*

São Pedro da Terra e do Céu

(RELIGIÃO E FOLCLORE)

JOSÉ SANT'ANNA
Departamento de Folclore — Olímpia

SÍNTESE BIOGRÁFICA

São Pedro, a quem Jesus Cristo outorgou o primado da Igreja, era filho de Jonas (ou João) e irmão de André. Seu nascimento se deu provavelmente no ano 6 aC, em Betsaida, à margem ocidental do Lago Tiberíades, também chamado "Mar" da Galiléia, atual Oriente Médio. No ano 12 mudou-se para Cafarnaum, do outro lado do lago, na Galiléia. Era pescador nas praias de Cafarnaum. No ano 30 trava o primeiro contato com Jesus.

Foi André quem o levou para o Mestre que, ao primeiro encontro, trocou-lhe o nome Simão pelo de Cefas (aramaico: pedra, rocha), cujo equivalente grego, em sua forma masculina Petros, deu Pedro. Era casado e vivia na casa de sua sogra, em Cafarnaum. Foi o mais importante discípulo de Cristo. A chamada definitiva de Cristo se deu mais tarde, quando Pedro e outros companheiros se ocupavam em remendar suas redes e foi correspondida com entusiasmo, após a maravilhosa captura dos peixes. Mais tarde, Simão Pedro foi escolhido para ser o cabeça daquele grupo especial que seguia o Mestre, os 12 apóstolos. Quase sempre tomava a palavra para falar em nome dos doze e, um dia, caminhou sobre as águas por concessão de Jesus. Quando proclamou que Jesus era o Filho de Deus, o próprio Jesus testemunhou que esse conhecimento era fruto de revelação divina e, pela franqueza de sua confissão, Cristo prometeu que edificaria sua Igreja sobre ele, a Rocha, e a ele confiaria toda sua administração, ou, em outras palavras: todos seus seguidores, isto é, todos os cristãos. Isto é o que significa o simbolismo das chaves. Pouco depois, Pedro ousou reprovar as idéias do Mestre de se sacrificar e morrer pelos homens, pelo que foi chamado por Cristo de inimigo, porquanto suas idéias de um messias mundano não eram as de Cristo. Presenciou a Transfiguração juntamente com Tiago e João. Na última ceia, protestou quando o Senhor lhe quis lavar os pés e garantiu que iria com Jesus até a morte; Jesus, porém, lhe predisse a tríplice negação naquela noite mesma. Predisse também sua penitência e sua posição de sustentáculo da fé de seus súditos. No Jardim das Oliveiras, tentou defender Jesus à espada mas, no átrio de Caifás, negou conhecer Jesus e o fez com juramento e maldições. Quando porém, o galo cantou pela segunda vez, o olhar de Jesus operou em Pedro um arrependimento sincero e duradouro. Ao saber da ressurreição de Cristo por Madalena e pelas santas mulheres, saiu com João para o sepulcro. Mais tarde, no lago de Genesaré, Pedro atirou-se à água para chegar mais depressa junto de Jesus; ali mesmo, Cristo lhe conferiu plena autoridade sobre seu rebanho e o primado sobre os demais pastores e lhe predisse o modo como morreria. Após a Ascensão, exerceu o ofício de chefe, convocando uma eleição a fim de preencher o lugar de Judas. Tendo recebido o Espírito Santo, no Pentecostes, pregou sobre a morte redentora de Cristo, conseguindo a conversão e o batismo de 3 000 pessoas. Preso, defendeu intimorato sua crença. Operou vários milagres. Após a visão que recebeu do céu, acolheu o gentio Cornélio dentro da Igreja e decretou que os ritos da Antiga Lei não mais deviam onerar as consciências dos homens. Herodes novamente o atirou numa prisão da qual foi miraculosamente libertado, viajando, em seguida, provavelmente, para Antioquia e Roma. Recebeu, em Jerusalém, a visita de São Paulo recém-convertido e presidiu o con-

cílio que deliberou sobre a não-obrigatoriedade da circuncisão aos gentios convertidos. Escreveu duas cartas aos fiéis da Ásia Menor. Uma tradição unânime e ininterrupta, afirma que São Pedro morreu crucificado em Roma, onde foi sepultado após ter regido, durante muitos anos, a cristandade. Tem-se como verdadeiro o relato de que Pedro foi crucificado, provavelmente no ano 67, por ordem de Nero, na colina do Vaticano, de cabeça para baixo, segundo sua vontade, pois se considerava indigno de morrer como seu mestre. Enterrado no cemitério dos pagãos, sobre seu túmulo construiu-se a primeira basílica do Vaticano, que durante a Renascença foi substituída pela atual Basílica de São Pedro. O resultado das últimas escavações feitas sob a Basílica de São Pedro publicado em 1950, veio autenticar a tradição por demonstrar arqueologicamente a existência do sepulcro de São Pedro naquele local. Sua festa é celebrada juntamente com a de São Paulo, decapitado no mesmo dia, 29 de junho. No seu dia comemora-se, ainda, o *Dia do Pescador* (pois ele era capturador de peixes) e o *Dia do Papa* (por ser considerado o primeiro Papa do catolicismo).

REFERÊNCIAS BÍBLICAS

Mateus: 4, 18; 10, 1-4; 14, 23-31; 15, 15; 16, 17-19/21-23; 17, 1-9; 26, 32-35/51-53/69-75 // *Marcos*: 1, 16; 3, 13-19; 8, 32-34; 9, 1-8; 10, 28; 14, 29-30/66-72; 16, 7 // *Lucas*: 5, 1-11; 6, 12-16; 9, 21/28-36; 22, 32/55-62; 24, 12-34 // *João*: 1, 42-44; 6, 8/69; 13, 6-10; 18, 10; 20, 2-9; 21, 15-17 // *Atos*: 1, 13-22; 2, 3; 5, 15-29/32-43; 10, 1-48; 11, 5-17; 12, 3-19 // *Gálatas*: 1, 18; 2, 15 // *I Coríntios*: 15, 5 // *I Pedro*: 1, 1 // *II Pedro*: 3, 1.

BIBLIOGRAFIA

- Bíblia Sagrada, tradução do Padre Pereira de Figueiredo, Edição Barsa, 1968.
- Dicionário Prático (de cultura católica, bíblica e geral) do Monsenhor José Alberto L. de Castro Pinto, anexo à Bíblia da Edição Barsa.

A FAMÍLIA DE SÃO PEDRO

O primeiro parente de que se tem notícia é André, seu irmão, também chamado por Jesus para o Apostolado. De seus pais nada se sabe. Somente o nome do pai, segundo o evangelista João, capítulo I, versículo 42, onde se lê: "Tu és Simão, filho de João; tu serás chamado Cefas, que quer dizer Pedro." Certo, no entanto, é que Pedro, quando Jesus o chamou, já era casado, pois o evangelista Mateus nos fala da cura milagrosa da sogra de Pedro. Da mulher de Pedro, nenhuma referência dos evangelistas.

PEDRO — A PEDRA

Pelos textos bíblicos, percebemos que São Pedro tinha um coração inquieto, arrebatado, capaz de amar com violência, capaz de negar e ofender, mas capaz de chorar e arrepender-se. Capaz de ferir quando acuado, mas de guardar a espada diante do comando do Mestre. Homem forte de físico e forte nas explosões, meio teimoso, meio obstinado. Alguém que não se contenta com meias palavras, não aceita meias verdades; um homem enfim, capaz de assumir a liderança de uma igreja incipiente e perseguida,

uma sociedade feita de homens fracos e vacilantes, que necessitavam, além da fé em Cristo ressuscitado, de um líder de fé, gritão e amoroso.

Seu gênio violento muitas vezes o colocava em situações difíceis. Teimoso como era, facilmente elevava a voz, transformava uma simples conversa numa acirrada discussão.¹

DEPOIS DA MORTE E RESSURREIÇÃO DE CRISTO

“Num certo ano, até agora indeterminado, um judeu chamado Simão, filho de Jonas, deixava a Palestina em direção a Roma. Naquele momento, a história da divulgação do cristianismo atravessava seu marco decisivo. Na realidade, Simão não era mais Simão, pois Jesus havia lhe dito: “Tu est Petrus et super hanc petram edificabo ecclesiam meam” = Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja. E era Pedro, o apóstolo, que ia enfrentar o mundo para levar-lhe a fé.

Não se podia divulgá-la de Jerusalém, pois, para o espírito pagão, Deus vitorioso dificilmente poderia surgir de uma cidade derrotada e destruída. A divulgação deveria partir da cidade que dominava o mundo: Roma.

Por isso, para lá seguiu Simão bar Jonas (isto é, em hebraico, filho de Jonas) — Pedro, o apóstolo — enfrentando os perigos da viagem. Maiores perigos, porém, o esperariam na capital do Império: acusados de ateus (pois recusavam-se a louvar as divindades romanas), tachados de judeus (pois confundia-se ainda, naqueles tempos, a prática do cristianismo com o judaísmo, que engendrara a nova religião), e apontados como subversivos (pois dizia-se que atentavam, com suas pregações, contra a estabilidade social do Império), os cristãos eram cruelmente perseguidos, sob os mais variados pretextos. Assim morreram Pedro e Paulo. A Pedro foi aplicada a pena usada pelos romanos contra judeus e escravos: foi crucificado. Paulo, como cidadão romano, recebeu a morte considerada mais honrosa: foi decapitado.

Mas as perseguições não podiam matar a idéia de dignidade humana que o cristianismo propunha. E, 312 anos depois do nascimento de Cristo, o imperador Constantino, num edito proclamado em Milão, concedeu liberdade de culto aos cristãos. Passados mais setenta anos, o cristianismo se tornou a religião oficial do império romano.”²

INFLUÊNCIA DO NOME PEDRO EM NOSSO PAÍS

Destacamos esta curiosa nota sobre a influência do nome *Pedro* na História do Brasil:

Pedro Álvares Cabral — descobre o Brasil em 1500.

Pero (*Pedro*) Vaz de Caminha — dá as primeiras notícias do Brasil.

Pedro Lopes de Sousa, primeiro navegante português que por parte de Portugal põe padrão no Rio da Prata.

Pedro Lopo, primeiro chefe de Bandeira que entra pelos sertões do Brasil.

Pedro de Campos Tourinho, primeiro donatário de Porto Seguro.

Pedro Correa — primeiro missionário jesuíta que morre mártir do Brasil, em 1552.

Pedro Viana — primeiro comissário e fundador da Ordem do Carmo no Brasil, em 1588.

Pedro Teixeira — primeiro explorador português no Amazonas, em 1607.

Pedro da Costa Távila — primeiro explorador do Rio Negro, 1639.

Pedro Aia — primeiro almirante holandês que invade o porto da Bahia, iniciando nessa costa a conquista do Brasil pela sua nação — 1642.

Pedro Jaques Magalhães — primeiro almirante português que opõe seus recursos estratégicos contra os holandeses estabelecidos no Recife, obrigando-os a capitular — 1654.

Pedro Carlos, o primeiro príncipe imperial, que viveu em terra brasileira — 1812.

Pedro de Alcântara Francisco Antônio João Carlos Xavier de Paula Miguel Rafael Joaquim José Gonzaga Pascoal Cipriano Serafim de Bragança e Burbom — *Pedro I* — Primeiro Imperador do Brasil — 1822.

Pedro de Alcântara João Carlos Leopoldo Salvador Bibiano Francisco Xavier de Paula Leocádio Miguel Gabriel Rafael Gonzaga — *Pedro II* — último monarca do Brasil — 1889.³

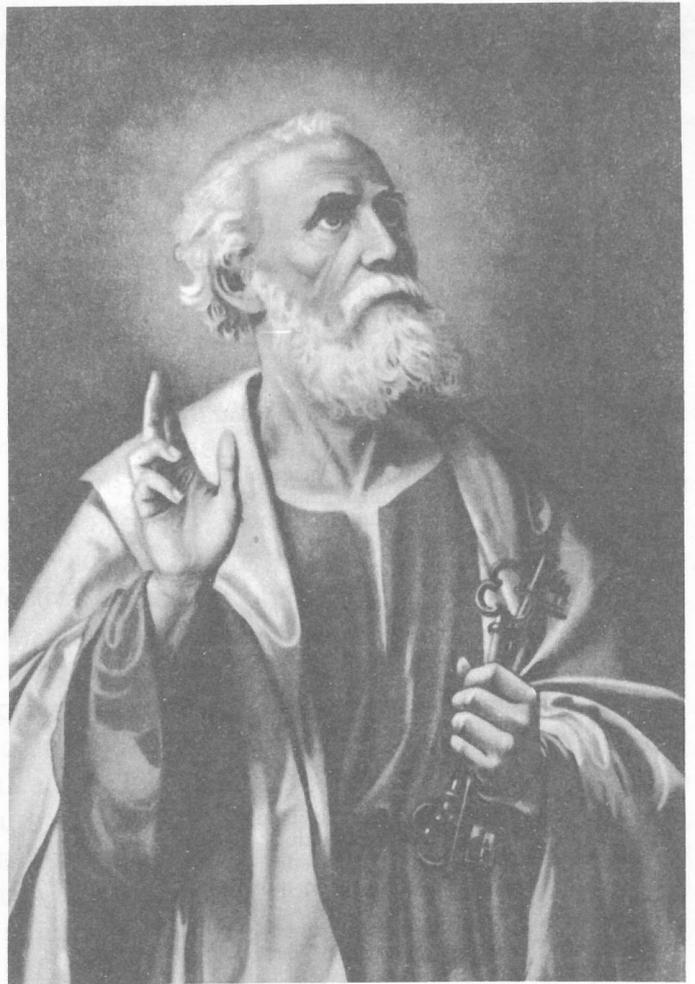
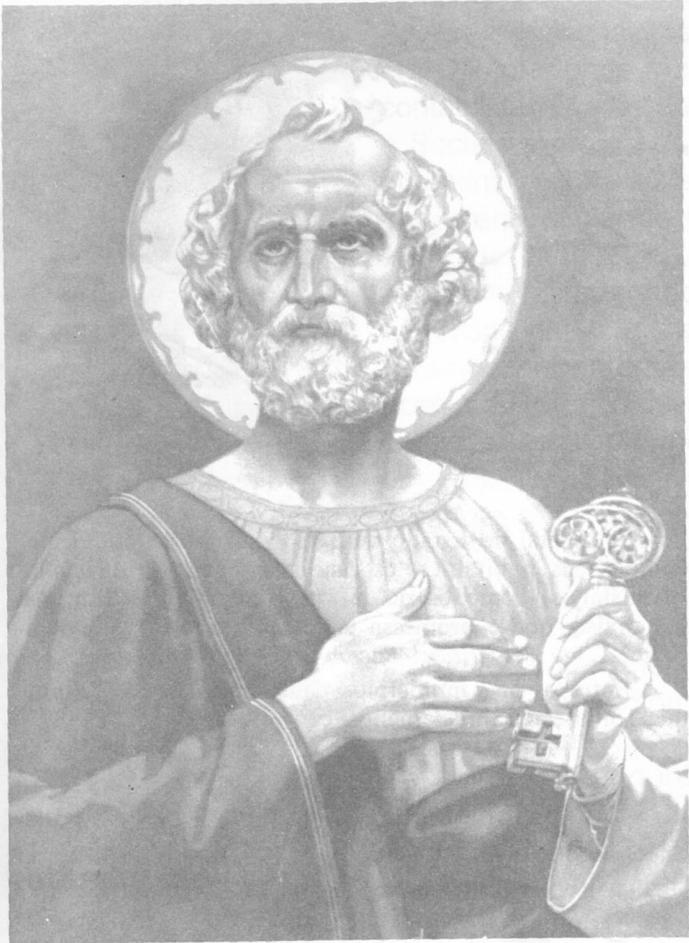
ESTAMPAS DE SÃO PEDRO



1. Pedro, a Pedra — Pe. Isac Lorena, 1987, 2.^a edição, Editora Santuário, Aparecida — SP.

2. “Conhecer” — Enciclopédia Semanal Ilustrada, n.º 7, pág. 118, Abril Cultural — São Paulo — SP.

3. “Memórias de Um Cavalcânti”, Tico-Tico n.º 1974, maio de 1950, pág. 33, mensário infantil, S.A. “O Malho”, Rio de Janeiro — RJ.



São Pedro é simbolizado como velho, mas mesmo assim não recebe o devido respeito de alguns fiéis. As cores predominantes de sua vestimenta são a verde e a amarela (caracterizando-o como brasileiro adotivo), empregadas na maioria das estampas coloridas e nas imagens pintadas. Meio calvo, sua barba e cabelos são longos e brancos.

Por ser o claviculário-santo, o porteiro do céu na tradição religiosa, aparece com duas chaves nas mãos, ora à direita, ora à esquerda, porque é ele quem guarda as chaves e preside a entrada dos escolhidos para o reino do céu. A outra mão quase sempre está em atitude de louvação, ou ostentando uma Bíblia, ou não aparece na fotografia.

Seu retrato impõe muito respeito, mas em torno do santo correm centenas de contos e um anedotário, às vezes inocentes, ou irreverentes.

Ignoramos a idade com que São Pedro morreu. Deveria contar, mais ou menos, com seus setenta anos. É como o representam as imagens e pinturas.

MÊS DE JUNHO

JUNHO é o mês das festas dos santos caipiras: *festas juninas*. Neste ciclo festivo estão as *festas antoninas* celebradas no dia 13, em louvor a Santo Antônio de Lisboa (ou de Pádua); as *festas joaninas* cultuadas no dia 24, em homenagem a São João Batista e, por último no dia 29, as *festas pedrinhas*, em honra a São Pedro. As festas dedicadas a Santo Antônio e São Pedro rememoram o dia da morte destes santos. Quanto a de São João, o dia relembra o seu nascimento. Aliás, no calendário religioso só de São João é comemorada a data natalícia.

Estas três festas têm início nas respectivas vésperas, no período noturno. Para muitos devotos, o dia consagrado a estes santos é motivo de respeito e guarda. Não trabalham.

O povo, enaltecendo as virtudes dos padroeiros, recitam quadrinhas (trovas) que andam de boca em boca, por ocasião dessas festividades:

São João a vinte e quatro,
São Pedro a vinte e nove,
Santo Antônio a treze,
Por ser o santo mais nobre.

O sol é de São João,
De São Pedro, o estreleiro,
A lua de Santo Antônio
Por ser bom casamenteiro.

São João é o segundo,
Por fim, São Pedro, o portento,
Santo Antônio vem primeiro,
Porque arranja casamento.

Santo Antônio é meu pai,
São João é meu irmão,
São Pedro, querido primo,
Que sagrada geração!

São João faz batizado,
Santo Antônio, casamento,
São Pedro é quem abre o céu
Pra quem tem merecimento.

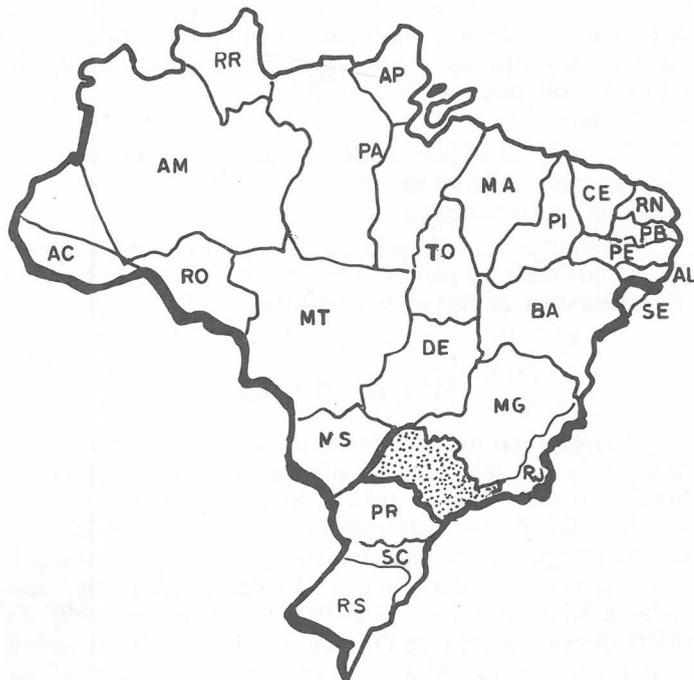
São João governa o sol,
Antônio é casamenteiro,
São Pedro manda no céu,
Porque é grande porteiro.

Santo Antônio, o primeiro,
São João é o segundo,
O terceiro é São Pedro
Que tem a chave do mundo.

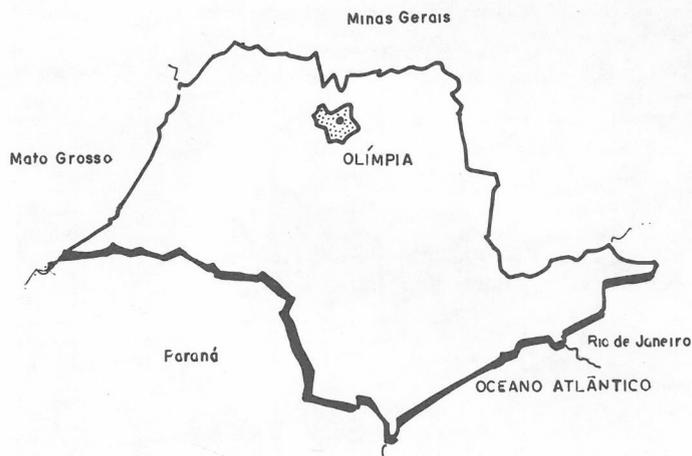
As festas do mês junho
São mais para São João,
Mas Santo Antônio e São Pedro
Não ficam sem chumbo não.

Quando chega o mês de junho
Vejo muita animação,
Mês do grande Santo Antônio,
De São Pedro e São João.

OLÍMPIA — ESTADO DE SÃO PAULO Ligeiras Informações



Situado na Região Sudeste do país, o Estado de São Paulo ocupa uma área de 247 892 km², pouco superior ao território da Grã-Bretanha, e é considerado o mais desenvolvido da nação.



A Capital do Estado de São Paulo é a cidade de São Paulo. Seus habitantes, os paulistas, tanto os da capital (paulistanos) como os do interior, entendem e cumprem sua divisa, que é promessa e oração: "Pro Brasilia Fiant Eximia" — *Pelo Brasil Façam-se Grandes Coisas*.

Entre os 582 municípios paulistas está o de Olímpiã que conta, aproximadamente, com 60 mil habitantes.



Situado na Mesorregião da Alta e Média Araraquense e na Microrregião de Divisor Turvo-Grande, Olímpiã, com cerca de 785 quilômetros quadrados, é limitada ao norte pelos municípios de Altair e Guaraci; ao sul pelos de Tabapuã e Cajobi; a leste, pelos de Barretos e Severínia; a oeste pelos de Guapiaçu e Uchoa. A Sede Municipal a 506 metros de altitude, tem sua posição geográfica determinada pelo paralelo de 20°45'15" de latitude sul em sua interseção com o meridiano de 48°54'38" de longitude oeste.

O Município situa-se numa área onde predomina um relevo suave de amplas e médias colunas, cuja altitude média está em torno de 500 metros.

Os principais rios são o Turvo, que limita a oeste e seu afluente Cachoeira que atravessa o território no sentido sudeste-noroeste.

O Município se dispõe dos distritos de Olímpiã (sede), Baguaçu e Ribeiro dos Santos.

Olímpiã fica a 448 quilômetros da Capital e, para chegar nela, por via rodoviária, utiliza-se a rodovia estadual SP-425.

No listel do brasão de armas do Município, a divisa "Sanguinem Pro Patria Dedi": *Eu Dei O Sangue Para A Pátria*, completa o simbolismo, afirmando que Olímpiã derramou seu nobre sangue quando o exigiram os interesses da Pátria e o chamado da honra.

ASPECTOS HISTÓRICOS

“Olímpia é um dos muitos centros urbanos do interior paulista cuja fundação data de 2 de março de 1903.

À margem do Córrego Olhos D’Água erguiam-se, desde meados do século passado, construções e outras benfeitorias de vasta gleba de terras, de propriedade de Antônio Joaquim dos Santos. Mineiro de Caldas, teria vindo, com sua família de seis membros, com a esposa e quatro filhos varões e cerca de 60 escravos, abrir fazendas em terras indevassadas do sertão de São Paulo.

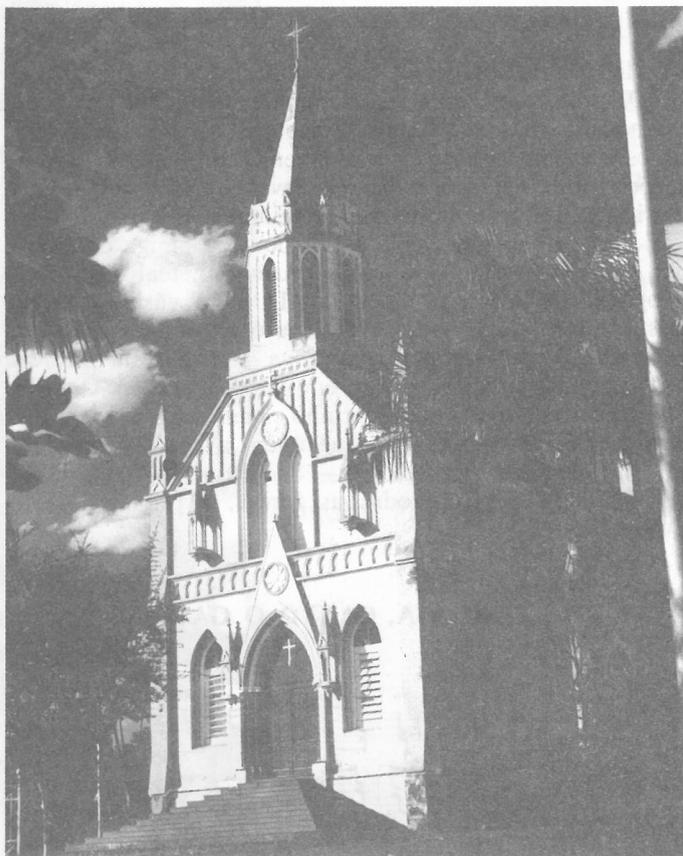
Junto àquele córrego construiu uma grande casa de pau-a-pique, coberta de telha canal, que mais tarde tornou-se conhecida como taperão e, não longe, um cemitério, onde hoje está a Praça Nossa Senhora Aparecida.

Com a abertura de caminhos para tropas ou carros de bois, ligando a região às vilas e cidades mais próximas, várias fazendas se formaram, por iniciativa dos descendentes de Antônio Joaquim dos Santos e adventícios.

Por esse tempo, a chamado de Jesuíno da Silva Melo, chegaram a Barretos os engenheiros Robert John Reid (escocês) e William Leatherbarrow (inglês) cabendo-lhes, inicialmente, a tarefa de concluir a divisão da fazenda Palmeiras.

Mais tarde, Robert John Reid, convidado pelos posseiros dos Sertões dos Olhos D’Água, para proceder à divisão de suas terras, viria a tomar parte ativa na fundação do Município. Assim é que, vendo as vicissitudes da população, entregue a sua própria sorte, aquele homem culto e progressista empregou toda a força de persuasão de que era capaz, para convencer os condôminos, da fazenda Olhos D’Água, da conveniência e das vantagens da criação de um núcleo de comércio. O primeiro a fornecer parte de suas terras para a construção do patrimônio, foi Joaquim Miguel dos Santos.

Reuniram-se os fazendeiros interessados, quase todos descendentes do desbravador Antônio Joaquim dos Santos e, mediante doação de pequenas porções de terras, iniciaram a formação do patrimônio de São João Batista dos Olhos D’Água, com área de 100 alqueires, que passou a ser administrado pelo Bispado de São Carlos. A 3 de maio



Igreja Nossa Senhora Aparecida

de 1902, ergueu-se um cruzeiro — marco da fundação da cidade — e, em 1905, inaugurou-se a primeira igreja.

São João Batista dos Olhos D’Água continuou com esta denominação até 20 de março de 1904, quando passou a ser chamado de Vila Olímpia, em homenagem a Maria Olímpia, filha do Dr. Antônio Olímpio e afilhada do Dr. Robert Reid. Entretanto foi assim chamado oficialmente, em 18 de dezembro de 1906.⁴

Olímpia tem o seu cheiro próprio. Cheiro de flor de laranjeira, mais forte onde os laranjais ladeiam as estradas do Município. Mesmo na época em que não há uma só flor à vista, o cheiro doce de laranjeiras permanece nos ares da cidade.

Hoje o Município chama a atenção de seus visitantes pela beleza natural e capacidade de trabalho de seu povo.

Olímpia é cognominada a Capital do Folclore. Anualmente, no mês de agosto, do segundo ao terceiro domingo, oito dias portanto, realiza-se o Festival do Folclore, conhecido por todos pela sigla FEFOL. Durante esse período são apresentados danças e folguedos folclóricos de todo o território nacional. O Festival, considerado o maior no gênero em todo o país, serve de estímulo a qualquer brasileiro para o estudo da nossa cultura folclórica. O interessado no estudo da Folclorística terá em Olímpia uma agradável oportunidade para indagar, examinar, compreender e analisar a cultura do nosso povo. Não foi em vão que o brasileiro Renato Almeida assim se manifestou: “Abandonar o folclore é contribuir para desnacionalizar: é cometer o mesmo crime que desflorestar as nossas terras. Como as árvores protegem o solo, a tradição protege a alma do povo, evitando que as reservas do passado se dissolvam ao embate das transformações cotidianas da existência”.

Realizam-se, em Olímpia, durante o ano, muitas festas religioso-folclóricas, como as de Santos Reis, São Gonçalo, São Sebastião, Santo Amaro, São Benedito, Santo Antônio, São João e *São Pedro*. Existem diversos grupos de danças e folguedos folclóricos.

AS FESTAS DE SÃO PEDRO EM OLÍMPIA

As festas de São Pedro em Olímpia, em relação aos seus antecessores juninos, ocorrem em menor número, mas com a mesma dose de entusiasmo, amor e fé, conservando as mais puras tradições religiosas. Mas São Pedro não é santo ciumento nem invejoso. Ele se contenta com as poucas festas que lhe dedicam. A maioria de seus festeiros são seus homônimos, devotos que não medem esforços para realizar as festas e nem pensam em abandonar a tradição.

Embora o povo tenha participado das festas em louvor a Santo Antônio e São João, nem por isso se sente cansado ou saturado delas. A animação é a mesma. Além do mais, o papel dos convidados é participar das festividades, pois a tarefa de organização, esta sim, pesada, está a cargo dos festeiros. E quem não gosta de participar de festa? Basta estar com saúde.

No Município de Olímpia houve, em 1987, cerca de trinta e cinco festas de São Pedro, sendo 20 na zona urbana e 15 na zona rural, todas celebradas com fogos, fogueiras, terços e outras manifestações.

São Pedro, o Padroeiro dos Pescadores, dos Porteiros e dos Serralheiros, recebe muitas homenagens do povo olimpiense. É nome de casas comerciais, de logradouros públicos, de propriedades agrícolas e de acidentes geográficos. Mas é pouco homenageado com templos religiosos. Apenas duas capelas de fazendas, particulares, foram erigidas em seu louvor.

4. Informações colhidas de “Olímpia”, Rothschild Mathias Netto, Anuário do Folclore — Olímpia — SP (1985).

A festa principal do ciclo junino é a festa joanina em relação ao antecessor Santo Antônio e ao sucessor, no calendário, São Pedro. O rito e as manifestações espontâneas são por demais semelhantes, variando apenas em alguns aspectos relativos a cada um dos santos. É festa da família e de seus amigos.

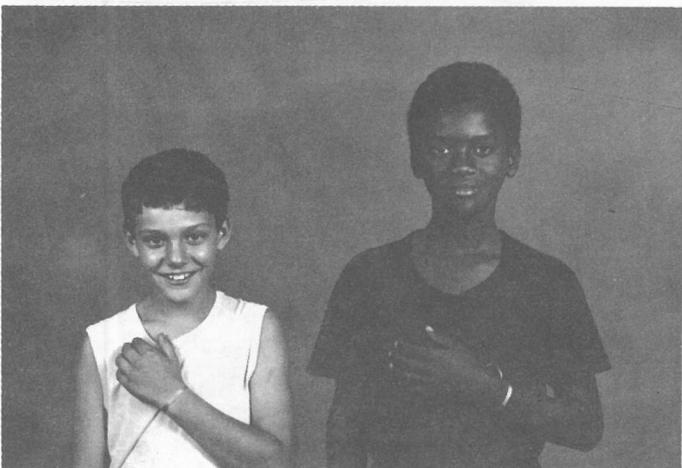
TERÇO A SÃO PEDRO

O terço a São Pedro tem início por volta das oito horas da noite. É costume realizá-lo na sala da casa, quando esta é espaçosa; no alpendre, no quintal ou ainda ao pé de um cruzeiro, se este se acha instalado perto da casa do festeiro.

O altar é adornado com folhas de coqueiro, galhos de primavera, flores naturais ou de papel crepom, depositadas em vasos (até latas vazias de óleo servem para substituí-los) e muitas bandeirolas de papel de seda de variadas cores. O altar é improvisado sobre uma mesa ou outras peças que a ele se prestem, coberto com toalha branca. As velas são dispostas em castiçais ou pires; acensas no início do terço e, se não consumidas durante sua realização, colocadas ao pé do mastro. No altar é obrigatório um quadro ou imagem de São Pedro ou de outros Santos, além de sua bandeira que irá para o mastro.



O terço é tirado pela capeloia e se caracteriza com rezas da igreja e coisas do folclore. Apesar de ser considerado a parte mais importante da festa, dele participam mais mulheres e crianças, sendo pequeno o número de homens. É longo e até cansativo em alguns aspectos: muitos Pai-nossos, muitas Ave-marias, Glórias ao Pai, hinos e ladainhas. Sobre o altar, durante o terço, permanece uma boa quantidade de fitinhas verdes de cetim, de 30 centímetros, as prestigiosas fitinhas-de-são-pedro que, após a celebração do terço, são entregues aos fiéis para serem amarradas nos braços ou guardadas entre seus pertences. Trazem saúde e felicidade aos que as recebem.



Terminando o terço, há o beijamento da bandeira do santo que depois será conduzida, em procissão, para ser instalada no mastro.

BEIJAMENTO DA BANDEIRA

Um por um, em fila, se aproxima do altar, fazendo, antes, o sinal da cruz para beijar a estampa de São Pedro. No transcorrer do rito, os fiéis cantam o Beijamento, até que todos tenham a oportunidade do beijo sagrado.



Santo Antônio diz a missa,
São João benze o altar,
São Pedro está chamando
Pecador venha beijar.

Chega, chega, pecador,
Com amor e alegria
Chega pra beijar São Pedro
Festejar seu grande dia
Que os anjos lá no céu
Cantam co'a Virgem Maria.

Santo Antônio assiste o terço,
São João vigia o altar,
São Pedro está dizendo:
Quem quiser venha beijar.

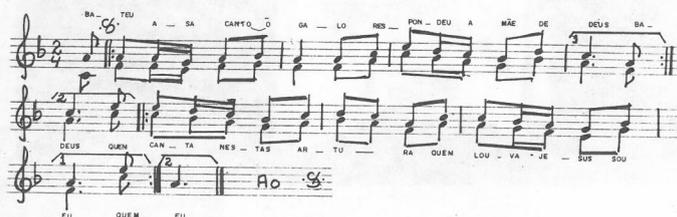
Chega, chega, pecador,
Etc.

HINOS DEDICADOS A SÃO PEDRO

Durante as pesquisas nas comunidades urbana e rural de Olímpia, tivemos a oportunidade de gravar os hinos cantados a São Pedro nos momentos da realização dos terços e das procissões e levantamentos do mastro. As gravações foram no local onde realizavam os fatos. A recolta musical revestiu-se de máxima fidelidade.

É oportuno mencionar a colaboração amiga do maestro Antônio Possato que, com entusiasmo, realizou a musicografia do material recolhido. Durante vários dias do mês de junho de 1989, ficava entre o gravador e a flauta, dedicado à sua tarefa, montando a organografia musical — a pentagramatização — enquanto a Prof.^a Cidinha Manzoli trabalhava com carinho, passando a limpo as pautas musicais dos cantos que unem a gente olimpiense ao “Príncipe dos Apóstolos” — São Pedro — o apóstolo que se dedicou, com todas as forças, à propagação do Evangelho.

BATEU ASA, CANTÔ O GALO



Bateu asa, cantô o galo
 Respondeu a mãe de Deus: (bis)
 Quem canta nestas artura
 Quem lova Jesus sou eu. (bis)

Deus quando andô pr'o mundo
 Falô pra São Pedro assim: (bis)
 Quem não qué pobre na porta
 Também não querais a mim. (bis)

Recolhido na Fazenda "Nossa Senhora Aparecida",
 Olímpia — 1979.

CANTEMOS DE CORAÇÃO



Cantemos de coração
 Ao nosso bondoso santo,
 Que no céu está ouvindo
 Este nosso belo canto.

São Pedro, ó bom São Pedro,
 Nosso grande padroeiro,
 Lá no céu está sentado,
 Segurando o seu chaveiro.

Recolhido no Jardim Cisoto, Olímpia — 1981.

SÃO PEDRO NOS GUIE SEMPRE



São Pedro nos guie sempre
 Nos dê sua proteção
 Também o reino da glória
 Para a nossa salvação. (bis)

Recolhido no Bairro de São José, Olímpia — 1983.

SÃO PEDRO, O PRIMEIRO PAPA



São Pedro, o primeiro papa
 De Cristo, apóstolo amado,
 Padeceu como seu Mestre
 Ao morrer crucificado.

Neste dia festejamos
 Com muita fé e louvor
 O bom porteiro do céu
 Junto com Nosso Senhor.

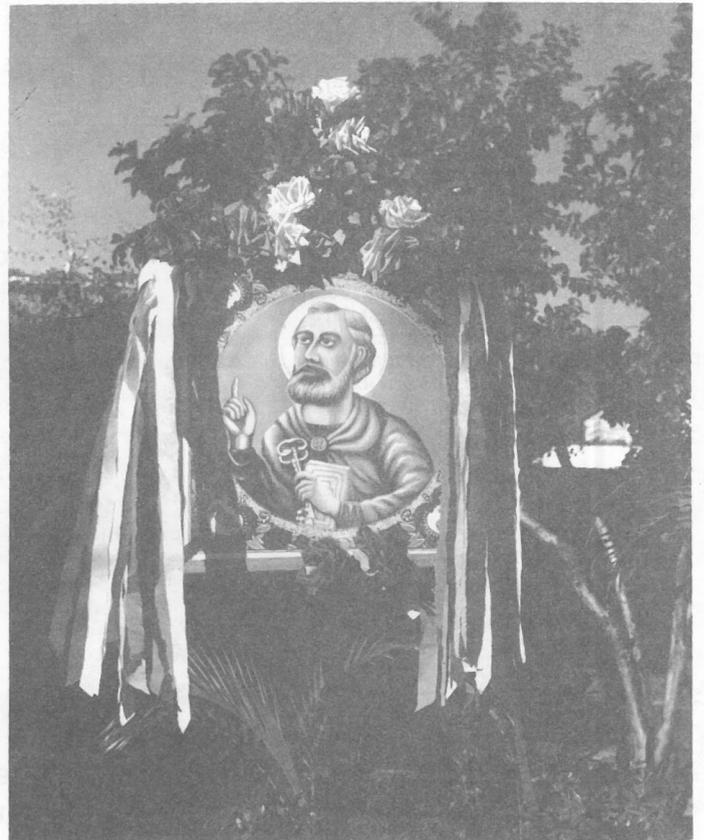
Recolhido no Patrimônio de São João Batista, Olímpia — 1983.

MASTRO DE SÃO PEDRO

O mastro é feito de madeira resistente: peroba, jacarandá, eucalipto ou bambu grosso. O corte da madeira obedece a um rito especial. É cortado por pessoas designadas pelo festeiro, sendo que o principal responsável recebe o nome de *padrinho do corte* e seus coadjutores

se tratam, a partir do ato, de *compadres*. É escolhida e cortada com certa antecedência, na fase Quarto Minguante da Lua, para o mastro não carunchar. Antes de ser dada a primeira machadada na árvore, fazem o Sinal da Cruz e rezam uma Ave-Maria. Depois de tê-la derrubada, descascam a madeira e a transportam para a casa do festeiro, onde a deixam secando por alguns dias. A tarefa de escolher o lugar onde será instalado o mastro é de responsabilidade do festeiro, que é o *capitão do mastro*, o qual nomeia a pessoa que ficará encarregada para enfeitá-lo. Há muitas maneiras de enfeitar o mastro, ora pintando-o com tinta a óleo ou encapando-o com largas fitas de papel crepom. A pessoa que enfeita a bandeira de São Pedro é também a responsável de transportá-la, em procissão, do altar onde foi celebrado o terço até o mastro, onde ficará, durante um ano, colocada em seu topo. Essa pessoa é distinguida com o nome de *porta-bandeira* (alferes da bandeira). A procissão, antes de dirigir-se ao mastro, dará três voltas ao redor da casa do festeiro.

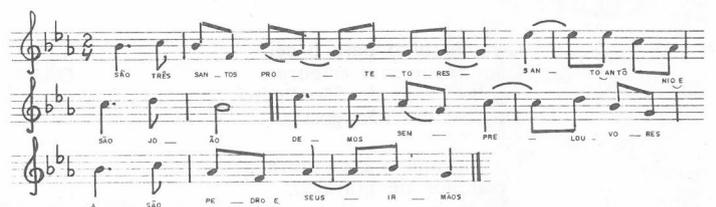
Quando se usa somente a estampa de São Pedro, que geralmente é desenhada ou impressa em pano de algodão ou plástico, esta tem o formato de um quadrado.



Quando aparecem os três santos juninos, a armação tem o formato de triângulo com três faces.

Para erguer o mastro, fazem um buraco bem fundo e, depois de colocado, tampam-no com os pés, fixando-o à terra com mão-de-pilão; todos querem socar, pois, segundo a crença, quem assim agir prolongará sua vida.

À hora da cerimônia soltam muitos fogos e dão vivas ao padroeiro. Se a bandeira é tríplice, as vozes dos fiéis se entrelaçam, cantando:



- 1 — São três santos protetores
Santo Antônio e São João.
Damos sempre louvores
A São Pedro e seus irmãos.
- 2 — Santo Antônio tão zeloso,
Sendo nosso patriarca,
Foste sempre amoroso
À humanidade fraca.
- 3 — Se nosso São João soubesse,
Quando era o seu dia,
Do céu ele desceria
Com prazer e alegria.
- 4 — São Pedro, tão grande guia,
De nós pobres pecadores,
E nos dá santa alegria,
Te louvemos com ardores.

Recolhida em 1984, Festa de São Pedro, Fazenda Santa Romilda, Olímpia.

Mas se a bandeira é somente de São Pedro, o hino preferido é este:



- Que bandera é essa
Que vai levantá?
- É a de São Pedro
Pra nós festejá,
Pra nós festejá,
Com muita alegria,
Levanta a bandera
Neste belo dia.

Recolhida em 1985, Festa de São Pedro, Vila Raia, Olímpia.

Há muitas superstições e crendices relacionadas ao erguimento do mastro, uma réplica do que se faz a Santo Antônio e a São João.

FOGOS DE ARTIFÍCIO

Soltar fogos significa manifestar alegria. Mas nas festas de São Pedro o sentido de soltar fogos é mais amplo. Trata-se de uma saudação à Natureza, uma manifestação de gratidão ao Santo e tem, ainda, a finalidade de afastar as influências diabólicas. Nas festas realizadas até 1960, os fogos explodidos eram quase todos de fabricação caseira. A partir desta data, os fogos artificiais consumidos são de fabricação industrial. Os mais comuns queimados nas festas de São Pedro são busca-pés, bombinhas, chviscos, estrelinhas, foguetes. As crianças têm preferência pelos fósforos-de-cor. Nas festas que eram organizadas pelo Sr. Arlindo Ribeiro da Silveira, não eram permitidos fogos de ar, porque, ainda menino, na escola, ele aprendeu estrofes e através delas passou a saber que São Pedro não gosta de muito barulho. Diz assim o poemeto:

Quando olho para o céu
Com foguetes a estourar,
Tenho medo de São Pedro
Do barulho não gostar.

Então canto cá na terra
Versinhos de gratidão,
São Pedro que já é velho
Prefere ouvir canção.

Quanto aos balões, não obstante sua proibição, há festeiros que persistem em confeccioná-los para a noite de São Pedro. São de papel de seda ou de papel impermeável, predominando as cores verde e amarela.

Existem muitas formas de balões e uma técnica toda especial para sua fabricação e soltura. Quando um balão sobe é momento de muita emoção para todos que o observam até seu desaparecimento ou sua queda, sob terrível gritaria.

O balão tornou-se um símbolo das festas juninas. Nas ilustrações de cenas, nos convites, nos enfeites de salão das festas de junho, ele está sempre presente.

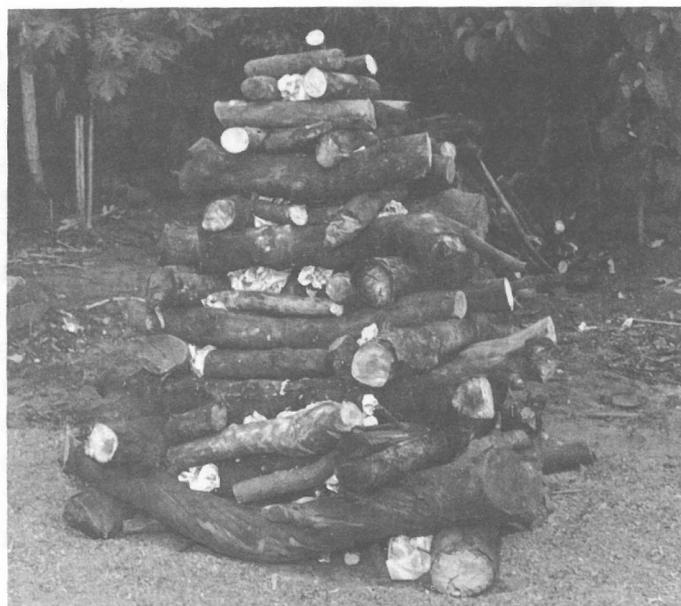
FOGUEIRA A SÃO PEDRO

Segundo uma lenda contada, que envolve as primas Santa Isabel (mãe de São João) e Santa Maria (mãe de Jesus), que moravam um pouco distante, seria acesa uma fogueira, no alto de um monte, pela primeira, para comunicar o nascimento de seu filho. Nasceu São João e a fogueira foi acesa como aviso. Foi então que nasceu a idéia de acender fogueira no dia de São João. Mas não ficou somente para São João o acendimento de fogueira. Elas estão presentes, no Brasil, nas festas dos três santos caipiras juninos.

Logo, São Pedro é também merecedor de uma fogueira, que alegra muito a sua noite, revestindo-a de um ritual que chega a impor respeito e emoção.

Quase toda madeira serve para armar uma fogueira, mas é preciso alguma lenha que produza boas brasas. Segundo a tradição, somente o cedro e a uveira não podem ser queimados na fogueira, dado o sentido religioso que essas madeiras têm: de cedro se fez a cruz de Cristo e de uveira, o vinho que é elemento representativo do sangue de Jesus.

A fogueira tem a forma de uma pirâmide. Sua base é formada por quatro grossos troncos, seguindo-se madeira menor e estreitando-se até terminar a armação. No seu interior são colocados sabugos e palhas de milho, papel, capim e gravetos, para ajudar a pegar fogo mais depressa.



Assim que termina o terço, à hora da procissão do mastro, acende-se a fogueira. Quem a acende é sempre uma pessoa de responsabilidade, o fogueista, devidamente autorizado pelo festeiro. Se há dificuldade em formar labaredas, costuma-se atirar-lhe um pouco de álcool ou querosene.

Logo que se acende a fogueira, as chamas crepitam, estalam; o clarão das labaredas iluminam grande parte do

espaço onde está localizada, aquecendo o ambiente frio-ento de junho. De todas as fisionomias, uma alegria irradiante.

Observa-se um ritual específico relativo à fogueira e variado número de crendices e superstições a ela ligado:

— Atira-se na fogueira uma moeda de pequeno valor, para que nunca falte dinheiro.

— Deve-se atirar na fogueira qualquer produto agrícola, em pequena quantidade, para que a lavoura produza bastante.

— É aconselhável lançar-lhe folhas verdes de árvores frutíferas, para que estas não sejam atingidas pelas pragas.

— Para livrar-se de malfeito, deve-se jogar na fogueira um punhadinho de sal.

— A fim de evitar mau-olhado, deve-se jogar na fogueira um raminho de alecrim, de arruda ou palha da réstia de alho.

— É bom guardar um tição da fogueira para ser atirado no quintal no dia de tempestade, a fim de aplacá-la.

— Os carvões recolhidos da fogueira devem ser distribuídos aos parentes e amigos, para serem guardados, a fim de terem boa saúde e vida longa.

— Quem espalhar cinza da fogueira no roçado, afugentará as pragas.

Quando a fogueira se abaixa, tendo-se queimado para mais da metade, é o momento de assarem batata, mandioca e gomo de cana-de-açúcar. O ambiente é acolhedor e confortável. Todos parecem felizes. Ninguém com aspecto valetudinário.

As mães é que se mostram preocupadas e exercem constante vigilância sobre os filhos para não se queimarem na fogueira e nem com fogos de artifício.

BENZIMENTOS E REMÉDIOS CASEIROS CONTRA QUEIMADURA

Pode acontecer de alguém se queimar na véspera do dia de São Pedro, na noite da festa, pois muitas pessoas lidam com o fogo. São cozinheiras ou cozinheiros juntos ao fogão a lenha, ao forno de lenha, com ingredientes quentes demais: chocolate, chá, café, quentão, quitandas, etc. No cerimonial do fogo: fogueira, soltura de fogos de artifício, tudo pode acontecer não só às crianças travessas e desobedientes bem como aos adultos, queimando-se nas brasas da fogueira ou sendo atingidos pelas bombas e foguetes. São lesões produzidas pelo fogo ou qualquer corpo quente sobre o organismo vivo. Até que a pessoa possa ser medicada, poderá ser benzida, às pressas, por alguém, para minorar o sofrimento, ou ser-lhe aplicado algum lenitivo caseiro. Eis o que ouvimos:

- 1 — Passar, várias vezes ao dia, rodela de tomate, sobre a parte queimada.
- 2 — Aplicar sobre a queimadura folhas macetadas de abóbora.
- 3 — Passar sobre a queimadura clara de ovo.
- 4 — Passar um creme preparado com duas colheres de azeite de oliveira e uma clara de ovo.
- 5 — Untar a parte afetada com manteiga de leite sem sal.
- 6 — Aplicar na parte afetada nata de leite.
- 7 — Cataplasmas frios de batatinha esmagada.
- 8 — Untar a parte queimada com gordura de porco sem sal.
- 9 — Passar sobre a queimadura um creme produzido com gordura de porco sem sal e sumo de pepino.
- 10 — Tirar as pétalas de algumas margaridas do campo e pôr em infusão no álcool. Quando alguém se queimar, passar o líquido sobre a queimadura.
- 11 — Com um barbante, tirar o tamanho da pessoa queimada e o enterrar, sem que a pessoa saiba, di-

zendo: Eu te enterro para que não fique no corpo de (diz o nome da pessoa).

- 12 — Fazer o benzimento de São Pedro.
- 13 — Fazer a oração de Santa Cecília.
- 14 — Fazer a oração de Santa Joana D'Arc.
- 15 — Fazer a oração de São Lourenço.
- 16 — Fazer a oração de Nossa Senhora do Desterro.
- 17 — Para aliviar as dores da queimadura, fazer esta oração:

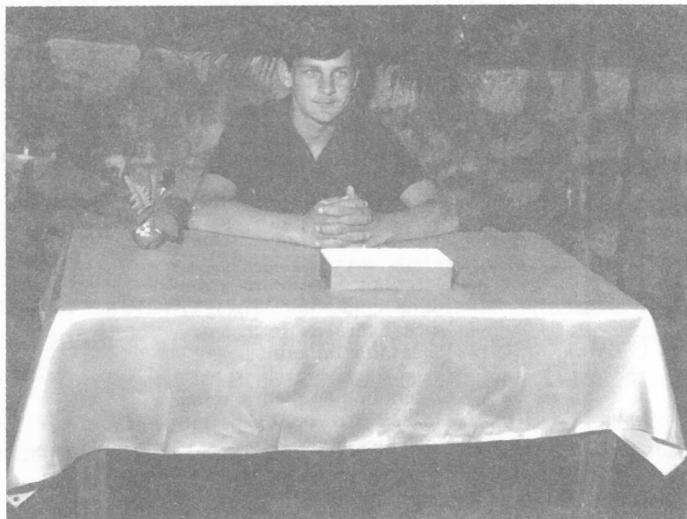
“São Cristóvão, São Pedro, São Miguel, São João, Santo Amaro, Santa Catarina, Santa Adélia, Santa Ana, Santa Rita, todos os santos e santas que povoam as regiões celestiais, intercedei junto ao Senhor para que se digne amainar os males que o fogo, causando queimaduras, faz esta pobre criatura sofrer. Ela é digna da compaixão do Senhor, porque saberá reconhecer o incomensurável poder do criador dos céus e de todas as coisas que nele existe, rendendo-lhe graças, louvando e glorificando o seu Santo Nome. Pai, Filho e Espírito Santo. Amém.”

Informantes: Diversos.

CAIXA DA REVELAÇÃO DE SÃO PEDRO

O SENHOR SÃO PEDRO REINA

Em algumas festas pedrinhas é costume fazerem a brincadeira da Caixinha de Revelação de São Pedro. Trata-se de uma caixinha de madeira, de papelão ou de plástico, contendo diversos cartões com mensagens escritas, em quadrinhas rimadas, nas quais trovam o 2.º e o 4.º versos, e versam sobre a acolhida ou não das pessoas, por São Pedro, no reino de Deus.



Dado ao teor do assunto, as criaturas supersticiosas não têm coragem de participar da brincadeira, para retirar a mensagem. Há uma disciplina nessa retirada. As pessoas se colocam em fila e a caixinha é fiscalizada pelo coordenador da brincadeira, que acompanha o sorteio de cada cartão.

Algumas pessoas lêem em voz alta, outras preferem lê-las silenciosamente. Porém, depois de conhecida a mensagem, o cartãozinho volta para a caixa de revelação.

Na caixa há várias centenas de cartões misturados. A metade diz: “Você, sim, ficará dentro” e o outro tanto: “Você ficará de fora”, mas todas justificam, na chave de cada quadra, o porquê de a pessoa ter entrada livre ou de ser impedida a galgar o reino do céu.

Selecionamos dez quadras de cada grupo.

I — Você, sim, ficará dentro:

- 1 — O senhor São Pedro reina,
Reina com capacidade;
Você, sim, ficará dentro
Pela sua honestidade.
- 2 — O senhor São Pedro reina,
Reina com sabedoria;
Você, sim, ficará dentro
Pois cultiva a harmonia.
- 3 — O senhor São Pedro reina
Com muita felicidade;
Você, sim, ficará dentro
Por sua simplicidade.
- 4 — O senhor São Pedro reina
Com amor e devoção;
Você, sim, ficará dentro
Sempre foi um bom cristão.
- 5 — O senhor São Pedro reina
Com respeito e lealdade;
Você, sim, ficará dentro
Devido a sua bondade.
- 6 — O senhor São Pedro reina,
Reina com sinceridade;
Você, sim, ficará dentro
Pela sua humildade.
- 7 — O senhor São Pedro reina,
É um santo caprichoso;
Você, sim, ficará dentro
Por ser muito caridoso.
- 8 — O senhor São Pedro reina,
Com carinho paternal;
Você, sim, ficará dentro
Devido a sua moral.
- 9 — O senhor São Pedro reina,
São Pedro é otimista;
Você, sim, ficará dentro
Por não ser nada egoísta.
- 10 — O senhor São Pedro reina,
É um santo rigoroso;
Você, sim, ficará dentro
Nunca foi um preguiçoso.

II — Você ficará de fora:

- 1 — O senhor São Pedro reina
No comando lá do céu,
Você ficará de fora
Pelo excesso de escarcéu.
- 2 — O senhor São Pedro reina,
Reina com muito rigor,
Você ficará de fora
Pela falta de pudor.
- 3 — O senhor São Pedro reina,
Do céu é o grande porteiro,
Você ficará de fora
Por seu apego ao dinheiro.
- 4 — O senhor São Pedro reina
Com muita dose de amor,
Você ficará de fora
Por ser caluniador.
- 5 — O senhor São Pedro reina
Com palavra e com gesto,
Você ficará de fora
Pois é muito desonesto.
- 6 — O senhor São Pedro reina
Com amor na santa sé,
Você ficará de fora
Pela ausência de fé.
- 7 — O senhor São Pedro reina
Com muita fé e constância,
Você ficará de fora
Dada a sua arrogância.
- 8 — O senhor São Pedro reina
Com amor e devoção,
Você ficará de fora
Pela sua ingratidão.

9 — O senhor São Pedro reina
Confiante na razão,
Você ficará de fora
Por não ter religião.

10 — O senhor São Pedro reina
Reina com dignidade,
Você ficará de fora
Por sua perversidade.

Brincadeira realizada no Sítio Nossa Senhora Aparecida, do Sr. Joaquim Ribeiro de Sá, distrito de Ribeiro dos Santos, Olímpia, 29 de junho de 1967.

BRINCADEIRA SÉRIA JUNTO À FOGUEIRA

Quando duas pessoas têm grande amizade, para que ela se alicerce ainda mais, é costume, junto à fogueira de *São Pedro*, quando esta já está queimada para mais da metade, realizar um estranho ritual. É o momento propício para firmar, ainda mais, essa aproximação de amizade. Para algumas pessoas o ato chega a gerar laços de parentesco.

E tudo é muito simples. Retira-se um tição aceso da fogueira, apagando-se-lhe as labaredas. Uma pessoa coloca-se ao lado direito e a outra ao lado esquerdo do tição; ambas com os pés calçados, colocados sobre ele, com as mãos dadas, direita com a esquerda. Recitam uma quadrinha (ensaiada, logicamente), através da qual expressam o grau de parentesco familiar ou religioso que desejam ter, mudando de posição, sem separar as mãos. A quadrinha é repetida três vezes. No final trocam-se abraços e até beijos, se for o caso, para selar o compromisso assumido.

Duas mulheres:

Santo Antônio já dormiu,
Mas São João acordou,
Você é minha comadre
Porque *São Pedro* mandou.

Dois homens ou um casal:

Santo Antônio é que quer
Porque São João aprovou,
Para nós sermos compadres
Porque *São Pedro* mandou.

Duas mulheres:

Santo Antônio desejou
E São João confirmou:
Você é minha afilhada,
Porque *São Pedro* mandou.

Nota: Uma diz madrinha, a outra, afilhada.

Dois homens ou um casal:

Santo Antônio consentiu
E São João concordou
Para ser o meu padrinho,
Porque *São Pedro* aceitou.

Nota: Uma pessoa diz padrinho; a outra, afilhado ou afilhada.

Dois homens ou um casal:

Santo Antônio é que pede
E São João bota fé
Pra você ser meu sobrinho
Que o senhor *São Pedro* quer.

Nota: Uma pessoa diz sobrinho; a outra, tio ou tia.

Dois homens ou um casal:

Santo Antônio indicou
E São João consentiu
Para o senhor ser meu tio
Porque *São Pedro* ungiu.

Nota: Uma pessoa diz tio; a outra, sobrinho ou sobrinha.

Dois homens ou um casal:

Santo Antônio consentiu
E São João confirmou
Para nós dois sermos primos
Porque *São Pedro* mandou.

Após o ato, as pessoas passam a respeitar o juramento realizado sobre um elemento da fogueira (o tição) e a considerar o grau de parentesco estabelecido. Parentesco adquirido (escolhido) através de uma tradição respeitada pelo povo. Por isso que é comum ouvir de alguém, esta expressão: "Nois é cumpade de fogueira".

Nota importante: O espectador dessa prática considera uma simples brincadeira, passatempo das festas juninas. Os agentes não. Para eles é coisa séria, para valer. Um casal vivia junto há 13 anos. Tinha dificuldade em realizar o casamento. Aproveitou a Festa de São Pedro, na Fazenda Sapé, no município de Olímpia e celebrou o casamento, sem cartório e sem igreja, simplesmente pulando um tição da fogueira e jurando a indissolubilidade do ato, através destas palavras, repetidas três vezes:

Por São Pedro e por São Paulo,
Pelos santos que tiver,
Pelo resto desta vida
Somos marido e mulher.

Recolhidas em diversas festas de São Pedro, no Município de Olímpia.

COMIDAS E BEBIDAS DA NOITE DE SÃO PEDRO

O povo assiste ao terço, beija a bandeira do santo, reza, canta, dá vivas, olha a sorte, diverte-se com as danças, emociona-se com fogos e fogueira, mas aguarda, com ansiedade, a hora em que serão servidos os doces, quitandas e bebidas, próprios da noite do Santo que foi pescador de homens — o velho São Pedro.

Esse é o momento muito esperado da festa, hora em que os amigos se reúnem no pátio da casa do festeiro, ao lado da fogueira, para a comezaina. É, sem dúvida, um grande privilégio dos convidados, ligado ao sentimento religioso da festa de Pedro, infelizmente em declínio nas grandes cidades.

O costume olimpiense é servir muitas guloseimas, preparadas com capricho e grande fartura. São quitandas e doces típicos que agradam o paladar de todos, comidas especiais que marcam estas festas do ciclo junino: bolos, roscas, broas, sequilhos, sonhos e mais. Doces das mais estimadas tradições olimpienses, consumidos numa festa de congraçamento cristão: abóbora, cidra, mamão, laranja, queijo, coco, leite, batata, amendoim, feitos em grande quantidade, dando para servir um número avantajado de pessoas. Sobram até para os convidados levarem para casa. Para isto, os festeiros preparam-nos de vésperas. Pipoca e amendoim torrado são distribuídos em grande quantidade.

São servidos licores de fabricação doméstica, ao lado dos quais não se pode omitir a danada pinga e o quentão de laranja, que desentristece muita saudade. Café, chocolateada e chás de ervas aromáticas são servidos à vontade, ao calor da hospitalidade dos festeiros.



A comida é a alma do nosso agasalho. Assim, os festeiros querem ver agasalhados todos os seus convidados nessa reunião de confraternização cristã.

Para os que ainda não assistiram à festa de São Pedro, não experimentaram as quitandas e doces servidos, recolhemos as receitas de algumas guloseimas, que podem ser feitas a qualquer momento, por aqueles que querem sentir o sabor nacional de uma festa a São Pedro, na cidade de Olímpia.

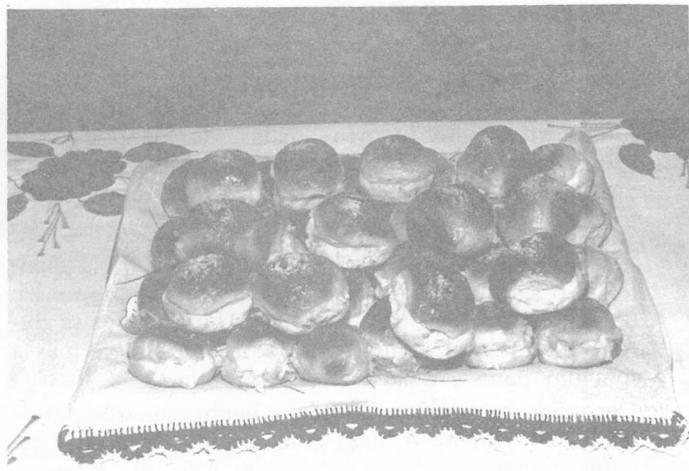
BOLO DE SÃO PEDRO

Ingredientes: 4 (quatro) ovos / 3 (três) xícaras (chá) de açúcar / 3 (três) xícaras (chá) de fubá / 1 (uma) xícara (chá) de farinha de trigo / 1 e 1/2 (uma e meia) xícaras (chá) de amendoim torrado e moído / 2 (duas) colheres (sopa) de manteiga / 3 (três) colheres (sopa), bem cheias, de chocolate em pó / 2 (duas) xícaras (chá) de leite / 1 (uma) colher (sopa) de fermento em pó.

Modo de fazer: Bater primeiramente os ovos. Acrescentar os outros ingredientes. Bater bem. Por último, adicionar o fermento em pó. Assar em forma untada.

Cedida por Alzira Sant'Ana de Oliveira, que a recolheu na Festa de São Pedro, na Vila Santa Teresinha, 1966, Olímpia.

BOMBAS-DE-SÃO-PEDRO



Ingredientes: 1/2 meio litro de leite / 2 (duas) colheres (sopa), bem cheias, de manteiga / farinha de trigo o necessário / ovos em quantidade suficiente.

Modo de preparar: Leva-se ao fogo o leite com a manteiga. Quando levantar fervura, vai-se juntando, pouco a pouco, a farinha de trigo peneirada, mexendo-se com uma pá, até ficar uma massa consistente, que se despegue da panela. Tira-se, então, a massa do fogo e a coloque numa tigela para esfriar. Depois de fria, amoleça-a com ovos, até ficar bem lisa. Deve ficar de boa consistência, que não esparrame.

Modo de assar: Tira-se a massa com uma colher e dispõe em assadeira ligeiramente untada com manteiga e pinta-se com gema de ovo batida. Assa-se em forno quente. Quando estiverem assadas, abre-se um dos lados com uma faca de ponta e recheie as bombas com um *creme*. Polvilha-se com açúcar cristal.

Creme para recheio:

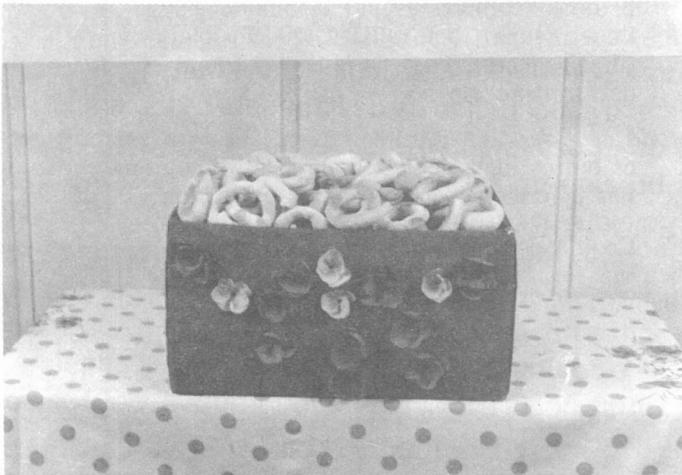
Ingredientes: 1/2 (meio) quilo de açúcar / 1 (uma) xícara (chá), rasa, de farinha de trigo / 12 (doze) gemas / 1 (um) litro de leite / 1 (uma) colher (café) de baunilha.

Modo de preparar: Põem-se todos os ingredientes numa panela, mistura-se tudo muito bem. Leva-se ao fogo moderado, mexendo-se sempre para não pegar no fundo. Deixa-se levantar fervura para engrossar bem. Tira-se do fogo e deixa esfriar.

Nota: É preciso que sejam feitas muitas receitas, pois se trata de uma quitanda recheada, muito gostosa e, por isso mesmo, muito apreciada. A sorte do festeiro, é que pode ser preparada com alguns dias de antecedência.

Receita cedida por Alzira Sant'Ana de Oliveira, que a recolheu na Festa de São Pedro, no Bairro de São José, 1969, Olímpia.

LUMINÁRIA-DE-SÃO-PEDRO



Ingredientes: 1/2 (meio) quilo de farinha de trigo / 2 (duas) xícaras (chá), bem cheias, de manteiga / 2 (duas) gemas / 1 (uma) colherinha de sal / água o suficiente / 1 e 1/2 (uma e meia) xícaras (chá) de banha.

Modo de preparar: Peneire a farinha, junta-se-lhe a manteiga, o sal e a água suficiente para fazer uma massa de consistência regular. Amassa-se bem e sova-se durante 20 (vinte) minutos. Depois cobre-se a massa com um pano e deixe-a descansar uma hora.

Decorrido este tempo, divide a banha em três partes iguais. Polvilha-se a mesa com farinha de trigo e estende a massa sobre ela, com um rolo, até ficar na grossura de 1 (um) centímetro. Aí, passe sobre a massa uma das porções da banha, de maneira que a massa fique untada por igual. Depois, dobra-se a massa em três partes iguais, tomando, primeiramente, uma das extremidades, dobrando para o centro e sobrepondo a outra extremidade. Em seguida, estende-se novamente a massa até ficar na grossura de 1 (um) centímetro. Passa-se a outra porção de banha. Repete-se mais uma vez, o mesmo trabalho, para que a massa fique pronta.

Cortam-se rodela de dessa massa folhada e com elas formam-se as forminhas.

Põe-se *cocada* só no meio da forminha de massa e leva-se ao forno quente para assar.

Cocada para o recheio:

Ingredientes: 700 g de açúcar / 2 (dois) copos de leite / 1 (um) coco ralado mais ou menos de 300 g / 9 (nove) gemas.

Modo de preparar: Faz-se com o açúcar e a água, uma calda e em seguida, põe-se o coco ralado e deixa ferver. Retira-se do fogo, juntam-se as gemas, misturando-se muito bem. Volta-se ao fogo brando, mexendo-se sempre, até que esteja cozida. Retira-se do fogo para esfriar.

Nota: E é só rechear as forminhas para assar, colocando a cocada somente no centro delas, formando, assim, uma deliciosa quitanda, chamada luminária-de-são-pedro, própria para servir na noite de 28 para 29 de junho. Faz-se a quantidade de receitas de acordo com o número de convidados.

Receita cedida por Alzira Sant'Ana de Oliveira, que a recolheu na Festa de São Pedro, na Fazenda Bela Vista, 1967, Olímpia.

BISCOITINHOS DE SÃO PEDRO



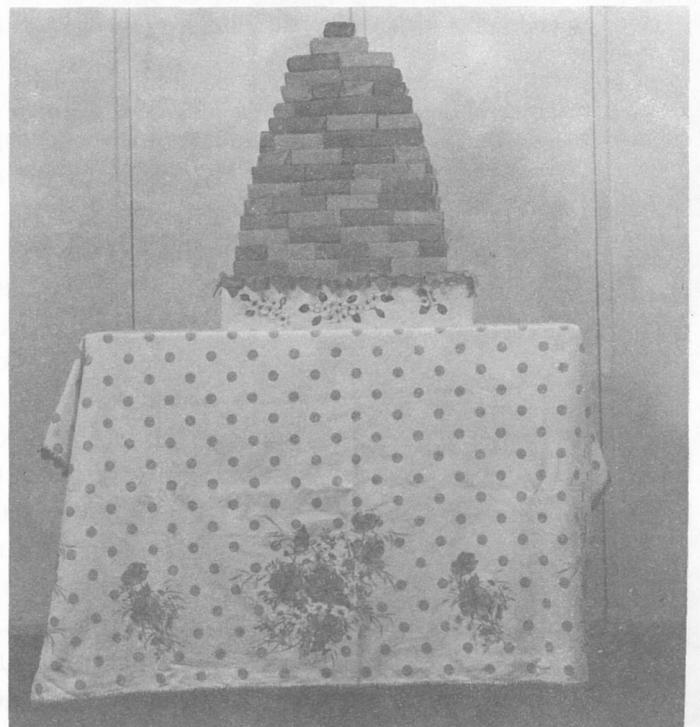
Ingredientes: 1 (um) prato fundo de polvilho doce, coado / 5 (cinco) colheres (sopa) de açúcar refinado / 1 (uma) colher (café) de sal / 1 (uma) xícara (chá) de gordura de porco / 7 (sete) ovos.

Modo de preparar: Juntar o polvilho, o açúcar e o sal, misturando bem. Juntar a gordura quente, para esquentar. Amolecer com os ovos, quebrando um por um. Bater bem a massa com a mão. Fazer as argolas e colocar numa panela de água fervente, como se fosse nhoque. Quando levantar fervura, retirar com uma espumadeira e colocar em forma untada. Forno quente.

Nota: Esses biscoitinhos são muitos gostosos. E também um pouco trabalhosos. Portanto, preparar tantas receitas quantas necessárias, para atender ao número de pessoas convidadas para a festa.

Receita cedida por D. Sebastiana Narciso, festeira de São Pedro, 1960, Vila Mouco, Olímpia.

TIJOLINHOS-DE-SÃO-PEDRO



Ingredientes: 1 (um) Kg de massa de mandioca / 5 (cinco) ovos / 3 (três) xícaras (sopa) de açúcar refinado / 1 (um) copo de leite de coco / 3 (três) colheres (sopa) bem cheias de manteiga / 2 (duas) colheres (sopa) de fermento em pó / 1 (uma) pitada de sal.

Modo de preparar: Bater a manteiga com o açúcar, acrescentar as gemas bem batidas, juntar a massa de mandioca, o leite de coco, o fermento e o sal. Bater tudo muito bem e acrescentar as claras em neve. Forma untada. Forno quente.

Nota: Depois de assado, retirar do forno e deixar esfriar. Cortar em pedaços regulares, embrulhar em papel de seda verde ou amarelo, para servir. A escolha das cores, diz Dona Teresinha, é para satisfazer a São Pedro que tinha preferência por elas.

Receita cedida por D. Teresinha Batista de Sá, festeira de São Pedro, Olímpia, 1981.

QUERO-MAIS

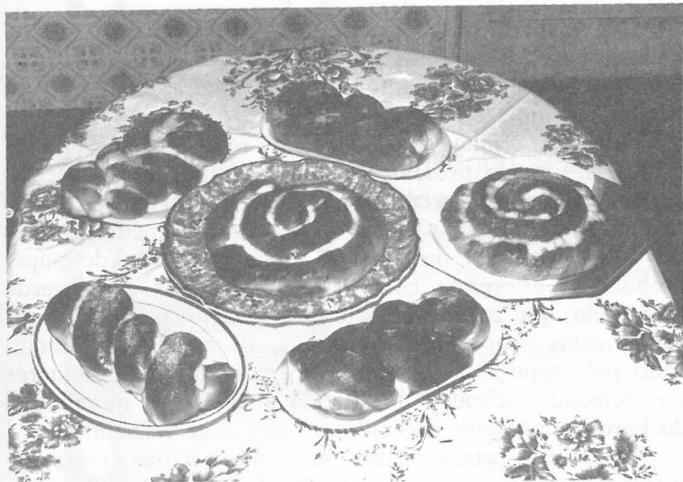
Ingredientes: 1 (um) Kg de massa de batatinhas cozidas / 2 (duas) colheres (sopa) de manteiga de leite / 3 (três) gemas de ovos / 1 (um) copo de leite de coco / açúcar à vontade / um pouco de canela em pó / casca de um limão, cortada bem fininha.

Modo de preparar: Misturar todos os ingredientes, na ordem acima, batendo muito bem. Levar para assar em forma untada com manteiga. Forno quente.

Nota: Depois de assado, deixar esfriar e cortar em quadradinhos, para servir.

Receita recolhida por Maria Jesus de Miranda, 1983, Festa de São Pedro, Sítio Santo Antônio, Olímpia.

PÃO DOCE DE ABÓBORA



Ingredientes: 1 (um) Kg de massa cozida de abóbora madura bem enxuta / 2 (dois) copos de óleo / 2 (dois) copos de leite / 6 (seis) xícaras (chá) de açúcar / 6 (seis) ovos / 2 (duas) colheres (sopa) bem cheias de manteiga de leite / 1 (uma) colher (café) de sal / 8 (oito) colheres (sopa) bem cheias de fermento em pó / Farinha de trigo.

Modo de fazer: Descascar a abóbora, cortar em pedaços, cozinhar. Tirar do fogo e deixar esfriar. Coar em peneira, ou bater no liquidificador, com o auxílio do leite. Colocar a massa numa vasilha de louça ou de madeira. Misturar todos os outros ingredientes e bater bem. Acrescentar farinha de trigo até dar o ponto de enrolar. Deixar crescer durante 2 horas ou mais, isto é, até ficar bem crescida. Enrolar a massa em formato de pães. Assar em assadeira untada. Forno quente.

Nota: Depois de assado, passar um mingauzinho de leite e açúcar sobre os pães. Voltar ao forno, mais um pouco, para dourar. Servir com chá ou chocolatada.

Receita cedida por D. Maria da Conceição Basso, recolhida na Festa de São Pedro, 1975, Bairro Campo Alegre, Olímpia.

QUENTÃO DE LARANJA

Ingredientes: 1 (um) litro de pinga / 1/2 (meio) litro de água / 2 (duas) laranjas: caldo e casca / 5 (cinco) cravos-da-índia / 2 (dois) paus de canela / 1/2 (meia) colher (sopa) de erva-doce / 2 (duas) colheres (sopa) de gengibre picado / açúcar a gosto.

Modo de preparar: Ferver a erva-doce com a água. Queimar 3 (três) colheres (sopa) de açúcar, tomando o cuidado para não deixá-lo amargar. Coar o chá de erva-doce e juntar ao açúcar queimado. Acrescentar o cravo, a canela, o gengibre, o caldo e a casca picadinha das laranjas e a pinga. Ferver em fogo brando. Se for necessário, pôr mais açúcar. Servir em xícaras de barro.

Receita cedida pela Prof.^a Lourice Arutin Sgorlon, Olímpia.

Nota: As informantes das receitas recolhidas nas festas de São Pedro prepararam todas as quitandas para serem fotografadas, da mesma forma como são servidas nas festividades do Santo.

PEIXADA DE SÃO PEDRO

É tradição, já muito antiga em Olímpia, a realização da *Peixada de São Pedro*. Essa festa acontece na passagem do dia do santo, de 28 para 29 de junho, à meia-noite.

Dela participam, na maioria, homens chamados "Pedro" e seus convidados. Entre eles, muitos pescadores, principalmente os donos de canoas batizadas com o nome de São Pedro ou com expressões relativas a este santo. Convites são enviados pelos membros da Comissão aos "Pedros" e amigos, noticiando o local da festa.

Este encontro festivo é preparado com muita antecedência. A uns compete a tarefa de pescar e, se porventura a pesca está difícil, serão os responsáveis pela compra dos peixes exigidos para o ágape. Para outros, a responsabilidade é providenciar os demais ingredientes, incluindo vinho, cerveja e pinga.

Para tudo isso, corre-se uma lista para angariar o dinheiro necessário aos gastos da reunião pedrina.

Os peixes aparecem nos diferentes modos: fritos, assados e cozidos, acompanhados de um pirão apimentado, servido com arroz, batata frita e pão.

A festa é de uma animação extraordinária. Muita música. Muito peixe. Muita bebedeira. Muitos foguetes.

De espaço a espaço, ouve-se o elogio ao padroeiro, seguido de Viva São Pedro!

Na festa de confraternização dos homônimos de São Pedro, a grande preocupação dos partícipes é a de comer, beber, cantar e dar vivas, mas nunca a de rezar ao santo.

A festa é farta, animada e só termina na manhã do dia seguinte.

Dela só não participam os "Pedros" não-católicos e os que não comem peixe.

E a "Pedrada", entre os intervalos da comezaina, aproveita a oportunidade para declamar a chistosa quadrinha:

Se o porteiro pudesse
Com todos nós estaria,
Comendo muito e bebendo,
Do céu se esqueceria.

E assim, todo ano, se repete a festa dos xarás, ora na casa de um, ora na casa de outro Pedro.

BRINQUEDOS FOLCLÓRICOS DE CRIANÇAS

O Sr. Joaquim Ribeiro de Sá, já falecido, festeiro tradicional das festas juninas no Município de Olímpia, organizava um campeonato entre as crianças participantes dos festejos, somente para descobrir os meninos mais esportivos, os vitoriosos. Mas o importante de tudo é que, depois de feita a seleção dos melhores, ele premiava todos, sem distinção, com prêmios iguais.

Os brinquedos se iniciavam às 14 e terminavam às 18 horas, portanto, antes da celebração da parte religiosa, à véspera do dia dos santos festejados. Raramente as brincadeiras aconteciam à noite, depois da realização do terço. Entre os brinquedos, ele escolhia: boi-de-pau, briga-do-sabugo, corrida-no-saco, égua-de-pau, jogo da rolha, ovo-na-colher, pau-de-sebo e quebra-pote. Os mais demorados eram a briga-do-sabugo e o pau-de-sebo, mas o resultado da disputa se conseguia dentro do tempo aprazado. Quanto ao pau-de-sebo, se ninguém conseguisse retirar a bandeirinha do prêmio, era considerado campeão quem se aproximasse mais dela, ou seja, o que subisse mais alto.

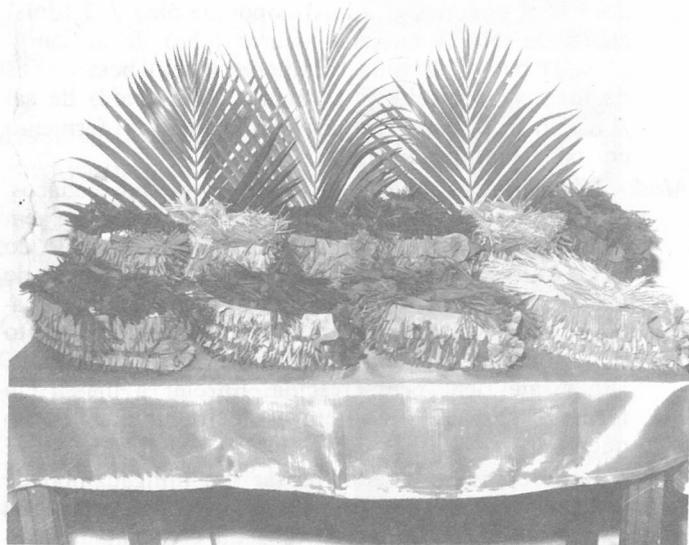


Na véspera do dia de São Pedro, 28 de junho, distribuía a todos os meninos que ao campeonato comparecessem, quer como integrantes da brincadeira ou meros espectadores, uma *barquinha-de-são-pedro*.

E qual a criança que não deseja receber uma das barquinhas? Era um presente fora do comum, muito especial para a criança. Recepção de grande importância.

A *barquinha-de-são-pedro*, de tamanho médio, é feita de papel cartolina ou papelão, toda enfeitada de papel crepom de diferentes cores, não faltando as cores verde e amarela, que certamente alegram o santo padroeiro, por serem estas suas cores preferidas. É trabalho artesanal, feito pela esposa do festeiro com o auxílio das mulheres da sociedade vicinal. É produzida uma grande quantidade de barquinhas, para não frustrar nenhuma criança.

Às vezes, certos adultos se enciumam das crianças e querem, também, um exemplar da barquinha.



Pudera! O que contém em cada uma é o regalo da meninada e dos adultos também. É uma barquinha cheia de docinhos delicados e apetitosos de: abóbora, amendoim, batata, cidra, leite, etc., sendo a última camada, a que tampa a barquinha, de deliciosas balas de café e de coco, embrulhadas com papel de seda. A barca faz lembrar a profissão de Pedro, o pescador.

Esta tradição é, ainda, mantida pelos familiares do Sr. Joaquim Ribeiro de Sá, nas festas em homenagem a São Pedro.

BRINQUEDO INFANTIL CANTADO

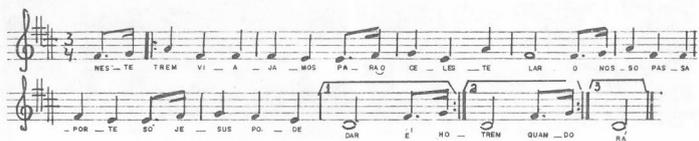
Nas horas de lazer, à entrada da noite, meninos e meninas se reúnem para seus passatempos de lazer: brinquedos de roda, de correr, de esconder e outros.

Recolhemos da coletividade infantil do Jardim Silva Melo, de Olímpia, um brinquedo cantado, do qual participam meninos e meninas: *Trenzinho do Céu*. Parece tratar-se de uma herança religiosa católica ou quicá evangélica.

Sob a liderança de um dos meninos, organiza-se, facilmente, a brincadeira.

O líder é a máquina do trenzinho e os demais componentes, os vagões. Forma-se uma fila em linha reta. O líder fica com as mãos soltas e os demais colocam-nas sobre os ombros do companheiro da frente.

Começam a brincadeira, cantando esta melodia:



- 1 — Neste trem viajamos
Para o celeste lar,
O nosso passaporte
Só Jesus pode dar.
- 2 — É hora da partida
Aquele que quer vem,
Qualquer interessado
Tem passagem no trem.
- 3 — Quando no céu chegarmos,
São Pedro avisará:
Quem é bom, aqui fica;
Quem é mau, voltará.

Aí, a máquina dá um apito: piuí, piuí! e todos dizem: chique-chique, chique-chique!, enquanto se deslocam.

O líder caminha em linha reta, apressa os passos, dobra à direita, à esquerda e faz movimentos circulares, sinuosos.



Durante a evolução, muitos participantes perdem o equilíbrio, caem; perdem o controle das mãos sobre o ombro do companheiro.

À medida que erram, vão-se retirando do Trenzinho. Mesmo que as pessoas fiquem sozinhas, desapoiasadas, continuam correndo, acompanhando os movimentos do líder. Se o líder errar, caindo ou tropeçando, é substituído pelo segundo da fila e assim por diante.

Terminada a brincadeira, a ordem é dada pelo líder, somente os que permaneceram firmes, ou seja, os que em nada erraram, são considerados os passageiros do céu. E quase todos os integrantes do brinquedo esmeram-se para assim serem classificados. Brincadeira séria, para valer.

Recolhida no pátio (hora da recreação) da E.E.P.G. "Silva Melo", do Jardim Silva Melo, de Olímpia, em março de 1989.

DANÇAS FOLCLÓRICAS NAS FESTAS DE SÃO PEDRO

Festa junina sem dança faz quebrar muito sua simetria. As danças divertem todos e agradam até os que não sabem dançar.

São danças das festas juninas: Quadrilha, Catira, Caninha-Verde, Mané Joaquim. Ultimamente o povo vem introduzindo uma outra dança, a dança do Bambu, de coreografia rápida e perigosa, a qual é dançada por homens e mulheres, os mais jovens, entre bambus, ao som de acordeão executando uma chula paulista ou gaúcha. Os bambus, batidos, funcionam como instrumentos musicais.

QUADRILHA

A dança característica do período das festas juninas é a Quadrilha. Os grupos de dançadores podem ser ensaiados ou formados de improviso. Trajes bem confeccionados e bonitos. As mulheres usam vestidos longos de estampas alegres, adornados de renda e passamanaria, flores naturais, de pano ou de papel como enfeite, na cabeça.

Os homens usam terno de brim, botina, gravata e chapéu de palha. Não há cantoria, só música executada numa sanfona, violão, cavaquinho e pandeiro. Organizam-se duas fileiras, com o mesmo número de pares, uma de frente à outra, a uns 10 metros de distância. À frente vai o marcador e sua dama. Ele dá suas ordens em português com mesclas de língua francesa, conservadas desde o seu aparecimento: Balancer, vis-a-vis, en avant, tout, en arrière, autrefois, tour, etc. E assim prossegue a quadrilha, muito animada, cheia de idas e vindas, troca de pares, muitas evoluções, até que o marcador a dê por terminada.



CATIRA

Nas festas juninas não pode faltar o catira. Em Olímpia há diversos grupos, predominando a maioria na zona rural.

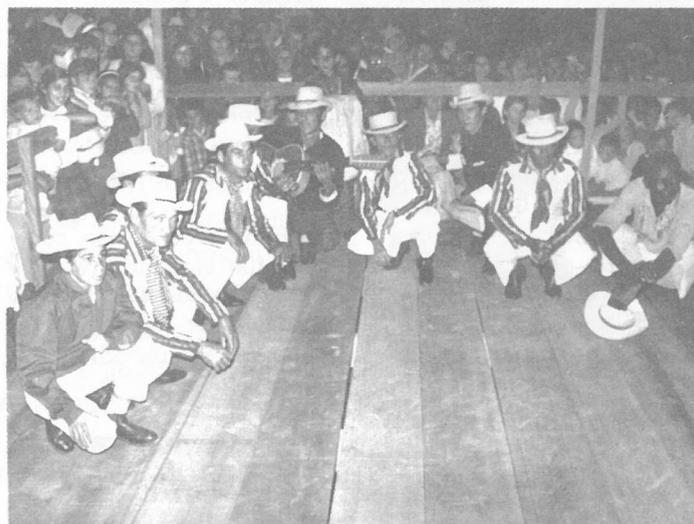
Na Festa de São Pedro realizada no bairro Água Parada, em 1985, gravamos os versos cantados pelo Esquadrão de Cateretê "Dois de Março", e achamos interessante a moda interpretada pelos violeiros, cujas estrofes representam a soma de duas quadrinhas e versam sobre diferentes assuntos:



- 1 — O senhor me dá licença
Pra cantá neste salão
Com meu chapéu na cabeça,
Minha viola na mão.
- 2 — Passei perto de *São Pedro*
E tirei o meu chapéu,
Viva o sagrado São Pedro
Que tem as chaves do céu.
- 3 — Na fogueira de São Pedro
Pé na brasa, chave em mão,
Não me queimo, tenho fé,
São Pedro é a proteção.
- 4 — Eu já trabaiei bastante
Para guardar um vintém,
No céu só entra quem pode,
Na terra vale quem tem.
- 5 — Meu amor quando se foi,
Eu fiquei triste a chorá,
Coitadinha é muito boba,
Tenho outra em seu lugá.
- 6 — Eu prantei meu pé de cravo
De a par co'a manjeroma,
Eu só tomo amor dos otro
Só o meu ninguém num toma.
- 7 — A perdiz pia no campo
E o anu no formiguero,
Quem ama muié casada,
Zóio vivo e pé ligero.
- 8 — Quem ama muié casada
Num tem a vida segura,
Traz a catinga da vela
E o risco da seputura.

- 9 — Amanhã eu vô-m'embora
Que me dão para levá?
Eu levo sodade sua
No camim eu vô chorá.
- 10 — Sodade é um parafuso
Que quando na rosca cai,
Só entra se fô troceno
Pruquê bateno num vai.
- 11 — Se a sodade matasse
Quanta gente morreria,
Eu seria uma pessoa
Que a morte levaria.
- 12 — Eu num quero nem brincano
Dizê adeus pra ninguém:
Quem parte, leva sodade,
Quem fica, sodade tem.

Recolhida na Festa de São Pedro, 1985, no Sítio São Francisco, Água Parada, Olímpia.



Notas

Os catireiros costumam improvisar modas referentes às celebrações das quais participam. Quando há mais de um grupo, o entusiasmo dos participantes é tão grande que se transforma em briga, felizmente uma briga que não excede a um palavreado sem maiores conseqüências. Por isso, quando há música que traz como referência o motivo da festa, os cantadores lançam mão do seu conhecimento.

É o caso dos catireiros da Família Miranda, por exemplo, cujos violeiros, nas festas pedrinhas, interpretam modas-de-viola que fazem menção a São Pedro. Dessas melodias selecionamos apenas uma estrofe de cada música. São, portanto, fragmentos das modas-de-viola, onde São Pedro aparece.

I — Da moda "Avião de Paia" (folclórica)



Estrofe 4:

Eu cheguei, peguei na viola
Logo peguei a cantá
São Miguel dexó a balança
Vei pra perto pra escutá
São Pedro esqueceu a chave
Dexó a porta sem tranca,
Quem morreu naquela noite
Entrô no céu sem pesá.

bis

II — Da moda “Repentista Famoso” (folclórica)

UM DI - A EU FUI CAN - TAR MEUS RE - PEN - TES LÁ NO
 CÉU - SÃO PE - DRO SE A - LE - GROU TIM - TO FEZ DAS CHA - VES MEU TRO.
 FÉU OS SAN - TOS SE RE - VOL - TA - RAM FI - ZE - RAM GRAN - DE ES - CAR -
 CÉU OS SAN - TOS SE RE - VOL - TA - RAM FI - ZE - RAM GRAN - DE ES - CAR -
 CÉU OI AI VI - ROU UM TEN - DÉU

Estrofe 1:

Um dia eu fui cantar
 Meus repentés, lá no céu,
 São Pedro se alegrou tanto
 Fez das chaves meu troféu
 Os santos se revoltaram bis
 Fizeram grande escarcéu.
 Oi, ai... Virou um tendéu.

III — Da moda “Brasil Descontrolado” (folclórica)

SÃO PE - DRO VI - RÁ DO CÉU EN - PU - NHAN - DO SU - A ES
 PA - DA PRA A - CA - BAN - CO 'A VI - O - LÊN - CIA DES - SA - GÊN - TE DES - OHA
 SA - DA SÉO MI - QUEL VEM CO 'A BA - LAN - ÇA PE - SAR AL
 MA AS - BAS - SI - NA - DA SÓ AS - SIB - NOS - SO BRA - SIL TE - RA
 GEM - TE E - DU - CA - DA

Estrofe 5:

São Pedro virá do céu
 Empunhando sua espada
 Pra acabar co'a violência
 Dessa gente desgraçada.
 São Miguel vem co'a balança
 Pesar alma assassinada.
 Só assim nosso Brasil
 Terá gente educada.

IV — Da moda “Cateretê” (autoria atribuída a R. de Sousa e Raul Torres)

U - MA VEZ FUI JO - GÁ CAR - TA POR DE - TRÁS DA SA - CRIS - TIA
 U - MA VEZ FUI JO - GÁ CAR - TA PO - DE - TRÁS DA SA - CRIS - TIA
 SÃO PE - DRO S'AD - MI - RA - VA DAS PA - RA - DA QUE EU FA - ZIA AI,
 AI

Estrofe 3:

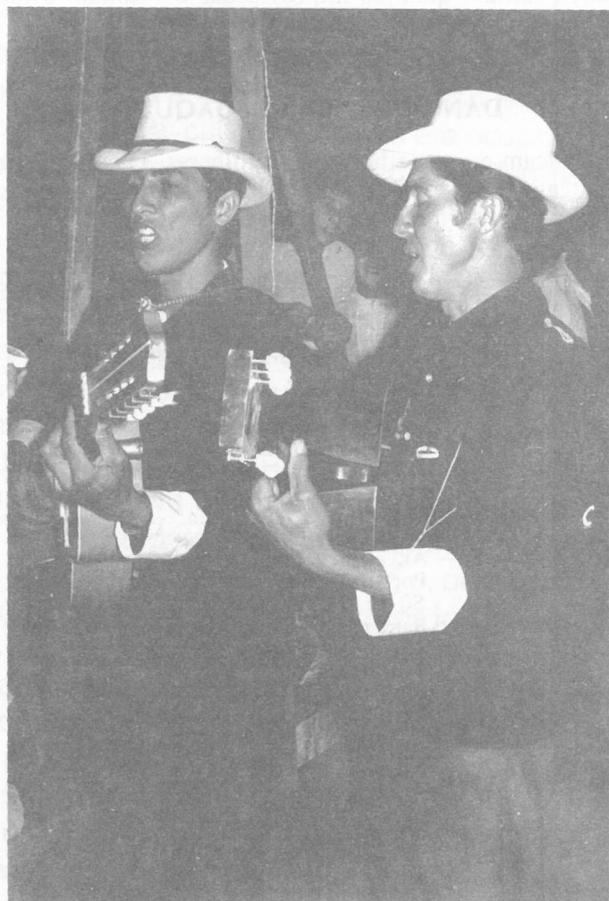
Uma vez fui jogá carta
 Por detrás da sacristia,
 Uma vez fui jogá carta
 Por detrás da sacristia,
 São Pedro s'admirava
 Das parada que eu fazia
 Ai, ai.

V — Do cururu “Festa no Céu” (autoria atribuída a Faísca e Labareda)

EU CHE - QUEI LÁ NO CÉU A - CHEI - EN - GRA - FA - DO TA - VA TO - DO SAN - TO NUM
 FO - BO DA - NA - DO SÃO PE - DRO DOR - MIN - DO NA POR - TA SEN - TA - DO, SÃO
 JU - DAS QUE - RI - A - MA - TÁ SÃO SE - RAR - DO POR CAU - SA DE UM LI - TRO QUE
 TI - NHA QUE - BRA - DO DI - ZI - A QUE O - TRO QUE E - RA OUR - PA - DO

Estrofe 2:

Eu cheguei lá no céu,
 Achei engraçado
 Tava todo santo
 Num fogo danado.
 São Pedro dormindo,
 Na porta sentado
 São Judas queria
 Matá São Gerardo
 Por causa de um litro
 Que tinha quebrado
 Dizia que o outro
 Que era curpado.



Nota: *Catira* ou *cateretê* é dança rural, e é preservada no Município de Olímpia. Dançam em pares, geralmente homens, ao som de duas violas. Batem palmas e sapateiam. Sua origem é contraditória. Após a dança do catira, os catireiros costumam apresentar o recortado, corta-jaca, chula paulista e xaxado.

CANINHA-VERDE

Dança em roda, de homens e mulheres. Batem palmas no final de cada verso.

EU PRAN - TEI A CA - NA VER - DE DE VER - DE DE FI - CÔ MA - DU - RA EU PRAN.
 TEI A CA - NA VER - DE DE VER - DE DE FI - CÔ MA - DU - RA O - LÊ O
 LÁ DE VER - DE DE FI - CÔ MA - DU - RA DE MA - DU - RA DEU - GA - RA - PA DE GA -
 RA - PA RA - PA - DU - RA

- 1 — Eu prantei a cana verde
De verde ficô madura. bis
Olê, olá!
De verde ficô madura.
De madura deu garapa.
De garapa, a rapadura.
- 2 — Eu prantei a cana verde
Debaxo do pau arcado. bis
Olê, olá!
Debaxo do pau arcado.
Quem panhá a cana verde,
Morre seco, arreganhado.
- 3 — Eu prantei a cana verde
Sete parmo de fundura. bis
Olê, olá!
Sete parmo de fundura.
Quando foi no otro dia
A cana tava madura.

Recolhida na Fazenda Olhos D'Água, Olímpia, Festa de São Pedro de 1988.

Nota: Durante a dança se posicionam em círculo. O acompanhamento instrumental é feito com duas violas. Os violeiros cantam quadras improvisadas ou cantam a melodia tradicional desta dança rural.

DANÇA DO MANÉ JOAQUIM

Dançam em roda homens e mulheres, batendo palmas e sapateando, ao som de viola e bumbo. Durante sua execução canta-se a moda do Mané Joaquim.



- 1 — Ai, ai, Seu Mané Joaquim bis
Por que é que você faz assim?
Sô eu, sô eu, sô eu, bis
Bato o pé e faço assim. (Sapateiam)
- 2 — Ai, ai, Seu Mané Joaquim bis
Por que é que você faz assim?
Sô eu, sô eu, sô eu, bis
Bato parma e faço assim. (Palmas)
- 3 — Ai, ai, Seu Mané Joaquim bis
Por que é que ocê faz esquento?
Falá de mim pr'os otro, bis
Pr'os otros falá da gente.
- 4 — Ai, ai, Seu Mané Joaquim bis
Por que é que você faz assim?
Falá de mim pr'os otro, bis
Pr'os otro falá de mim.

Nota: esquento = esquecido.

Recolhida na Festa de São Pedro, 1978, Fazenda Bom Retiro, Olímpia.

FORRÓ DE SÃO PEDRO

Se na fazenda, geralmente o forró é na tulha. Se não há tulha, faz-se uma barraca bem feita de bambu, coberta de encerado de lona ou com plástico, para evitar o sereno. Os rapazes e moças se encarregam da ornamentação do recinto, tornando-o por demais agradável. Chão varrido, folhas de coqueiro, ramos de primavera, galhos de bico-de-papagaio, flores e fitas de crepom, balõesinhos de papel manteiga e lanterninhas de papel de seda dão um destaque especialíssimo ao ambiente. A esposa do festeiro sempre tem a preocupação de colocar junto aos adornos alguns ramos de alecrim, para evitar desentendimentos e brigas entre os convidados. Gente de toda a redondeza toma parte na função. Lá perto da fogueira estão cessando, aos poucos, as atividades programadas e o povo quer começar a dança.

Um conjunto de músicos: sanfoneiro, violonista e pandeiroiro, ninguém mais, dá conta de executar seus instrumentos até o sol raiar. É baile de família e amigos, por isso não há proibição de idade. Todos podem participar. De quando em vez espoucam no ar alguns foguetes e a cachaça e licores correm livremente, de mão em mão.

O festeiro preocupado com os convidados, sobe sobre uma mesa e pede às moças que não dêem "tábua" nos rapazes, ou seja, se convidadas aceitem a contradança.

Garotas novas e risonhas, de roupa nova, todas perfumadas, andam de um lado para o outro, conversando, dizendo brejeirices, piscando os olhos cheios de malícia, cochichando aos ouvidos das colegas e indo de vez em quando ao conjunto musical para escolherem a música que querem dançar.

Moças casadoiras, com seus laçarotes de fitas, riem num canto da barraca para chamarem atenção de alguns rapazes mais ousados.

Depois de uma hora mais ou menos do início do baileco, aparece alguém com a *brincadeira do chapéu*, o que para uns serve de alívio e para outros, uma decepção. Ou a *brincadeira da vassoura*, com a mesma finalidade.

O cavalheiro que entrega a vassoura a outro cavalheiro, sai dançando com a sua dama e este se vê obrigado a tirar a dama de um outro e assim por diante.

E o baile continua. Os participantes irradiam felicidade e uma alegria contagiante.

Lá pelas quatro horas, nota-se um ligeiro cansaço na face dos dançarinos e um pouco de mal-estar nas pessoas que se excederam nas doses de cachaça.

Na cozinha, algumas pessoas andam num reboiço, dando a última demão numa iguaria especial, que aí está sendo condimentada. Sobre um fogão a lenha, inflamado, um caldeirão enorme com caldo de feijão, ferve estrepitosamente, sacudindo a grande tampa. Uns lavam uma grande quantidade de copos de barro. O último alimento da festança está pronto para ser servido.

Finalmente, exclama o festeiro, é hora de calçar o estômago e todos irem descansar. Venha, gente. É hora do caldo-de-feijão.

Forçosamente o forró terá o seu fim. É, então, o momento propício para tomar o saboroso caldo-de-feijão, chamado, na ocasião, de *caldo-de-são-pedro*, que reanima o organismo e cura certos probleminhas causados pelo consumo da malvada pinga e seus derivados.

Para os que nunca tomaram o caldo-de-são-pedro, sempre haverá uma oportunidade: ou compareçam à Festa de São Pedro ou o preparem, em casa, obedecendo a esta receita:

CALDO-DE-SÃO-PEDRO

(sem medidas)

Ingredientes: feijão, sal, cebola de cabeça, óleo e pimenta-do-reino.

Modo de fazer: Põe-se o feijão, de molho, de um dia para o outro. Cozinha-o com sal. Numa panela, à parte, põe-se o óleo e a cebola picados, refogando-os e, adicionando a pimenta-do-reino. Acrescente duas ou três conchas do feijão, bem cozidinho, ao tempero, esmagando-o muito bem. Depois, misture esse tempero na panela onde está sendo cozido o feijão e deixe cozinhar até os grãos se desfazerem.

Notas:

1 — Servir, quente, em copo de barro.

2 — Esta receita deve ser preparada de acordo com o número de pessoas convidadas. O feijão deve ser de boa qualidade, para não ser preciso coar e nem bater no liquidificador.

Nota: Receita do caldo servido na Festa de São Pedro, ano de 1988, na Fazenda São Pedro, em Olímpia.

FESTA DE SÃO PEDRO NAS ESCOLAS

São poucas as escolas que homenageiam um só dos três santos de junho. Sob a denominação de festa junina, a Escola celebra a festa dos santos Antônio, João e Pedro. Às vezes pode ocorrer que a festa ultrapasse o mês de junho e aconteça nos primeiros dias do mês de julho. Mas não se distancia muito do seu ciclo.

Os escolares demonstram grande entusiasmo pelo acontecimento e se predispõem a ajudar, com dedicação, na sua organização, para que tudo corra a contento.

Quando a escola orienta devidamente seu alunado, é assaz agradável assistir a uma festa junina estudantil. O objetivo dessa festa escolar é duplo:

1.º) Projetar a festa do povo, descobrindo sua importância cultural a caminho da construção da identidade dos verdadeiros brasileiros.

2.º) Angariar fundos financeiros à Associação de Pais e Mestres para aplicação nas pequenas despesas da Escola.

Olímpia pode orgulhar-se das Escolas que possui. Todas são corretas e sadiamente orientadas. Sabem distinguir, e com sabedoria, uma festa folclórica de uma festa parafolclórica. Esta retrata o aproveitamento ou projeção folclórica. A outra faz parte integrante da nossa cultura espontânea.

Por esse motivo numa festa escolar não pode haver um falso aproveitamento, irônico, ridicularizador.

Em 1986, a E.E.P.G. "Silva Melo", do Jardim Silva Melo, de Olímpia, da qual participei profissionalmente, organizou a festa junina em homenagem a São Pedro, com aproveitamento na música, poesia, comida, dança, inclusive no casamento caipira e tudo foi tão bem projetado que mereceu registro especial. A orientação e organização da festa foram excelentes, a partir dos convites expedidos, sob a coordenação da Prof.^a Ivete Fernandes.



Chegou-se, finalmente, o dia da festança na E.E.P.G. "Silva Melo", do Jardim Silva Melo, em homenagem a São Pedro.

O traje é o de festa caipira, para dançar quadrilha o tempo todo.

Bebidas: Guaraná, Licor, Quentão e Vinho Quente.

Comidas: Pipoca, Pinhão, Amendoim, Cáfitas, Lingüiça, Churrasco, Frango Assado, Farofa e Doces.

Atrações: Cantos, Poesias, Danças, Teatrinho, Caipiras e Casamento.

Pra festança de São Pedro,
Com pipoca e quentão,
Você está convidado;
Por favor, não falte não.

Você é convidado especial.

Rua Eleasar de Meneses, n.º 60 — Telefone: 81-1129

Dia: 29 de junho de 1986 (domingo)

Horário: 20 horas

A Comissão

FESTA DE QUARTEIRÃO — REUNIÃO DE VIZINHOS

As pessoas da cidade, os vizinhos, residentes no centro ou nos bairros, desejando festejar São Pedro e, na impossibilidade de cada qual realizar a festa em sua casa, associam-se e a realizam no leito do quarteirão onde residem. É a festa mais trabalhosa, pois além de seu planejamento, é preciso de licença da prefeitura e alvará da delegacia de polícia.

Através de pesquisa encontramos, em 1989, durante o ciclo junino, nada menos que 45 solicitações junto à Prefeitura de Olímpia. Isso sem falar das muitas outras que foram realizadas sem qualquer autorização. São festas essencialmente familiares, moradores do quarteirão e alguns convidados, o que obriga os festeiros a exercerem uma fiscalização severa nos dois extremos da rua. Arcadas de bambu, recobertas de flores naturais e folhas de palmeira, deixam exíguo espaço para que o fiscal exerça sua ingrata atividade, impedindo o ingresso de estranhos ou de arruaceiros contumazes. A fogueira, montada sobre folhas-de-flandres ou material semelhante, impedindo avarias no asfalto, com suas altas chamas, o cheiro do quentão e da pipoca, o som da sanfona, tudo atrai os de fora. Não entram sem convite. É festa do povo daquele recanto, de ninguém mais.

A boa vontade e o entusiasmo vicinal não vêm óbices na concretização dos planos. E a festa de São Pedro transcorre tranqüila, num ambiente de animação e religiosidade. Querer é poder. É verdade. A união faz a força.

Fotos da Festa de São Pedro, 1986, realizada na Rua Joaquim Miguel dos Santos, no Quarteirão situado entre as Ruas Nove de Julho e Américo Brasiliense, Olímpia.





MÚSICA FOLCLÓRICA

ACALANTOS DE SÃO PEDRO

A hora do dia em que a criança precisa dormir e à noite, geralmente após a refeição, a mãe, com o filho no regaço, aconchega-o ao seu corpo e canta uma canção de ninar. É sempre uma canção dolente, monótona, que faz a criança cerrar os olhinhos.

Também conhecida por cantiga de berço, de nanar ou de adormecer, é entoada pela voz amorosa da mãe, canto tradicional que passa de geração a geração.

Estudando essa canção carinhosa, recolhemos, em nosso Município, três delas, nas quais figuram São Pedro como motivo inspirador de afeto e ternura.

SÃO PEDRO DO CÉU

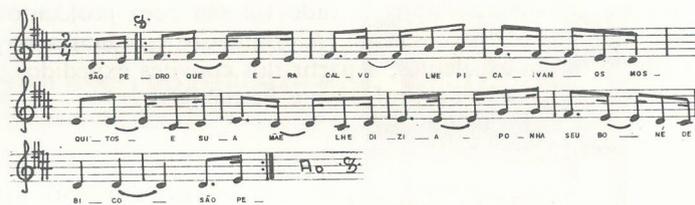


São Pedro do céu
Traga aqui um lindo anjinho
Pra fazer dormir
O meu querido filhinho.

Dorme, meu menino,
Que a mamãe vai trabalhar,
Dorme, ó pequenino,
Co'este anjo a velar.

Cantado por D. Isolina Carlos Ferraud, 72 anos (1987), residente no Patrimônio de São João Batista, Olímpia.

BONÉ DE BICO



São Pedro, que era calvo,
Lhe picavam os mosquitos
E sua mãe lhe dizia
Ponha seu boné de bico. bis

Informante: D. Maria Baltazar, 45 anos (1980), residente no Bairro de São José, Olímpia.

LEVANTEI BEM DE MANHÃ



Levantei bem de manhã
Fui varrer a Surreição,
Encontrei Nossa Senhora
Com dois livrinhos na mão.

Eu pedi um para ela,
Ela me disse que não,
Eu tornei a lhe pedir
Ela deu o seu cordão.

Numa ponta era São Pedro,
Noutra ponta São João
Com um leteiro no meio
Da Virgem da Conceição.

Cantado por Dr. Teresinha de Miranda Vidoti, 47 anos (1989), Patrimônio de São João Batista — Olímpia.

Variante I

Levantei de madrugada
E peguei o meu bastão
Encontrei Nossa Senhora
Com um raminho na mão.

Eu lhe pedi o raminho
Ela me disse que não,
Eu tornei a lhe pedir
Ela me deu o seu cordão.

O cordão era tão grande
Que arrastava pelo chão
Sete voltas ele dava
Ao redor do coração.

São Francisco e *São Pedro*
Desatai esse cordão
Que amarrou Nossa Senhora
Sexta-feira da Paixão.

Estou cantando esses versos
Pra Virgem da Conceição
Pra fazer dormir meu filho
Ouvindo essa oração.

Cantado por Dr. Lídia de Almeida Santos, 40 anos (1989), residente no Patrimônio de São João Batista, Olímpia.

Variante II

Levantei de madrugada
Fui varrer a Conceição
Encontrei Nossa Senhora
Com seu raminho na mão.

Eu pedi-lhe um galhinho
Ela me disse que não
Eu tornei a lhe pedir
Ela me deu o seu cordão.

O cordão de sete voltas
Que traspasa o coração
Numa ponta tem *São Pedro*
Noutra ponta São João.

Santo Antônio, São Francisco
Desatai este cordão
Que me deu Nossa Senhora
Com a sua santa mão.

Cantado por D. Célia Maria Bisnardi, 52 anos (1989), residente no Jardim Glória, Olímpia.

Variante III

Acordei de madrugada
Fui varrer a Surreição
Encontrei Nossa Senhora
Com seu raminho na mão.

Eu pedi uma foia pr'ela
Ela me disse que não
Eu tornei a repeti
Ela me deu seu cordão.

Era de tamanho grande
Este sagrado cordão
Que dava sete laçada
Em vorta do coração.

Numa ponta era *São Pedro*,
E na outra São João,
No meio tava um letrero
Da Virge da Conceição.

Cantado por D. Ângela de Castro Amorim, 38 anos (1979), residente no Jardim Silva Melo, Olímpia.

Variante IV

Eu saí de madrugada
Pra fazer a devoção,
Encontrei Nossa Senhora
Com seu rosário na mão.

Eu pedi o rosário a ela
Ela me disse que não,
Rosário de sete voltas
Em forma de um coração.

Numa ponta, Santo Antônio
Noutra ponta São João,
E no meio tem *São Pedro*,
Padroeiro da oração.

Meu São Pedro, padroeiro,
Padroeiro da oração,
Benze este meu filhinho
Co'a Virgem da Conceição.

Cantado por D. Marina Cândida Serafim, 54 anos (1980), residente no Jardim Miessa, Olímpia.

LINGUAGEM FOLCLÓRICA

Frases e Locuções Interjetivas que envolvem São Pedro em alguns fenômenos meteorológicos.

Expressões perpetuadas na tradição oral, em forma comparativa, que revelam o espírito de observação do povo. São manifestações espontâneas, genuínas, de uma cultura autêntica.

Algumas dessas expressões do pensamento popular chegam a ser irreverentes. Assim diz a gente olimpiense:

Relâmpago:

São Pedro está muito nervoso.

São Pedro está amolando o facão.

São Pedro está brigando com São Miguel.

São Pedro está lavando o espelho.

São Pedro está bravo, porque quer acender o cachimbo, mas a binga só dá prisco, não acende.

São Pedro está riscando o fósforo para acender as velas.

Trovão:

A barriga de São Pedro está roncando.

São Pedro está mudando os móveis de lugar.

São Pedro está tocando seu tambor.

São Pedro está rolando as pedras.

São Pedro comeu muita batata.

Tá bravo, hein, Pedrão!

Hoje São Pedro tá revoltado!

A bateria do carro de São Pedro não tá quereno pegá.

São Pedro está arrastando a mesa da ceia.

São Pedro está arrastando o guarda-roupa.

São Pedro está dançando catira com seus parceiros.

As tripas grossas de São Pedro estão engolindo as tripas finas.

As tripas de São Pedro estão roncando de fome.

Falta de Chuva:

São Pedro está castigando nós.

Pedrão, manda chuva em goteira pra apagá a poeira.

Manda chuva, São Pedro, se não vamos morrer secos e arreganhados.

Sinal de Chuva, Armando Chuva (Pedindo Chuva)

Eh! São Pedro, manda chuva pra nós.

Eh! São Pedro, manda uma chuva mansinha pra nós, pra molhar bem a terra.

Ó Pedrão, manda chuva grossa que da fina o papai não gosta.

Ó São Pedro, manda chuva da fina e da grossa pra nós podê saí da roça.

Pouca Chuva:

Eh, São Pedro, essa chuva controlada não dá pra nada.

A torneira de São Pedro está enguiçada.

Eh, Pedrão, manda mais chuva hoje que a de ontem foi pouca.

Muita Chuva:

São Pedro está lavando o céu!
São Pedro está mijando muito.
São Pedro deixou a torneira do céu aberta.
São Pedro se esqueceu de fechar a torneira do céu.

Tempestade, Chuva de Pedra (Granizo):

São Pedro arregaça as carças e vem vindo com tudo.
Não sei o que deu na idéia de São Pedro. Esse pé d'água vai acabar com o mundo.

Viche! São Pedro tá quebrano as gelera do céu!
São Pedro, manera a barra aí, que nós é fraco e num güenta essas pedra de água gelada.

Parar de Chover:

Eh! São Pedro, fecha essa torneira!
São Pedro quer outro dilúvio.
Pára, São Pedro, que já tamo mofando.
Tem dó, São Pedro! Tá querendo matá nós afogado?

Adivinha:

Por que São Pedro negou a Jesus por três vezes?
— Por vingança. Jesus curou a sogra dele.

Frases Feitas:

Fulana é ridica(miserável) como a mãe de São Pedro.
Fulano está como a mãe de São Pedro, nem com Deus nem com o Diabo.

Fórmula de Vender Fiado:

Não vou lhe vender fiado
Pra não cair na miséria,
Sou qual a mãe de São Pedro,
Não posso perder a féria.

Recolhida no Bar "A Seleta" (extinto) — Olímpia — 1959.

LITERATURA FOLCLÓRICA

A Literatura Folclórica de São Pedro é constituída por poesias (quadrinhas e sextilhas) e muitas estórias.

QUADRINHAS A SÃO PEDRO

São Pedro é o responsável pelas chaves do céu e comanda, segundo o povo, a escolha de quem deve entrar no reino de Deus. Era homem pobre, pescador e de pouca cultura. Tornou-se apóstolo de Cristo e marco inicial de sua igreja.

Poucas são as quadras folclóricas que se referem a São Pedro e, na maior parte delas, o cristão procura arranjar um meio de galgar o céu, depois de sua partida.

- 1 — *São Pedro* abre o céu
Para aqueles que têm fé,
Eu confio em São Pedro,
Jesus, Maria e José.
- 2 — *São Pedro* perdeu as chaves
Não por falta de juízo,
Santo Antônio as guardou
Eram as do Paraíso.
- 3 — *São Pedro* vive afirmando
Que pr'o céu ser habitado
É preciso que na morte
O cristão seja casado.
- 4 — *São Pedro* é rigoroso
E no céu só dá entrada
Ao que traz na mão esquerda
Uma aliança dourada.
- 5 — *São Pedro* disse a missa
Jesus benzeu o altar
Assim benzo minha cama,
Que nela vou-me deitar.

- 6 — *São Pedro* é muito sério
Com sua chave na mão,
Fica olhando lá do alto,
Mas na terra não vem não.
- 7 — *São Pedro* é rigoroso
No controle lá do céu
Só recebe gente honesta
E afugenta qualquer réu.
- 8 — *São Pedro* a ti imploro,
Imploro por piedade,
Um lugarzinho no céu
Te peço por caridade.
- 9 — *São Pedro* se festejado
Fica co'a orelha alerta
Mas não pode vir à terra,
Pois não deixa a porta aberta.
- 10 — *São Pedro* comanda o céu
É da porta, o chaveiro,
Aos bons permite a entrada,
Aos maus faz voltar ligeiro.
- 11 — Meu *São Pedro* é rigoroso
Velho, brabo e valentão;
É santo desconfiado,
Pois traz a chave na mão.
- 12 — Meu *São Pedro* adorado,
Meu santo e protetor:
Abri-me a porta do céu,
Levai-me a Nosso Senhor.
- 13 — Nós escolhemos *São Pedro*
Por um singular patrão,
Alcançai de Deus eterno
Por nossa culpa, o perdão.
- 14 — Para o bom velho *São Pedro*
Eu tiro o meu chapéu,
Pois além de ser um santo,
Ele é porteiro do céu.
- 15 — Eu tenho fé em *São Pedro*
Por ser um santo bem certo,
No dia em que eu morrer
Deixará o céu aberto.
- 16 — O velho santo *São Pedro*,
Santo de bom coração,
Não deixa entrar no céu
Quem não foi um bom cristão.
- 17 — A festança de *São Pedro*
É de pouca animação,
Mas tudo, tudo se explica
Porque é santo ancião.
- 18 — Vem meu bondoso *São Pedro*
Vem lá do reino do céu
Vem buscar almas perdidas
Que vivem vagando ao léu.
- 19 — As chaves do bom *São Pedro*
Carrego com devoção
Para trazer trancadinho
Seu ingrato coração.
- 20 — Nós pedimos a *São Pedro*
E ao Santo Padre Eterno
Pra abrir a porta do céu
E fechar a do Inferno.
- 21 — Eu vou convencer *São Pedro*
Para que no céu me aceite
Vou levar-lhe uma cestada
De muito peixe e azeite.
- 22 — No dia em que eu morrer
São Pedro estará dormindo,
Vou entrar no céu quietinho
E lá ficar residindo.
- 23 — Quando Deus andou no mundo
Disse pra *São Pedro* assim:
Quem não quer pobre na porta
Também não quereis a mim.
- 24 — De morrer não tenho medo
Meu medo é ao ser julgado,
São Pedro é rigoroso
E eu sempre ando errado.

- 25 — Depois de muito pecar
Vem o arrependimento
O povo pede a *São Pedro*
Que lhe dê acolhimento.
- 26 — Pra entrar direto ao céu
Vou construir um barquinho.
Dar de presente a *São Pedro*
Pra ele dar um jeitinho.
- 27 — Enquanto a gente vive
Faz coisa certa, mas erra.
Depois roga a *São Pedro*
Perdão pr'os erros na terra.
- 28 — Quando a morte me vier
Morrerei sem ter temor,
Sou devoto de *São Pedro*,
Meu divino protetor.
- 29 — Reza o forte, reza o fraco.
Reza quem vive ao léu
Pedindo chuva a *São Pedro*
Do grande poço do céu.
- 30 — Eu não temo tempestade
E nem ronco de trovão;
O meu coração é limpo,
São Pedro é meu guardião.
- 31 — Esta noite eu sonhei
Que eu tinha falecido,
Por anjos eu fui levado,
Por *São Pedro* recebido.
- 32 — Levo a vida a pescar
Sempre fui bom pescador;
Confio no meu trabalho
E em *São Pedro*, o protetor.

Ainda no período das Festas Pedrinhas:

Para Ficarem Compadres
(pulando o tição da fogueira)

Santo Antônio falou
E São João confirmou
Para nós sermos compadres
Porque *São Pedro* mandou.

Quadras recolhidas com a colaboração de alunos do
então CENE "Capitão Narciso Bertolino", de Olímpia,
1969, hoje E.E.P.S.G. "Capitão Narciso Bertolino".

SEPTILHAS — LITERATURA DE CORDEL
PROEZAS DE PEDRO

ACEDILO NOVAES
Olímpia, junho de 1989

- 1 — Vou contar-lhe uma estória
Que pra ninguém é segredo
O ator é conhecido,
Irei falar de *São Pedro*
Sobre as suas traquinagens
Também de suas coragens
Pois era um homem sem medo.
- 2 — Na vida de pescador
Não temia as tempestades
Morava sempre nos matos
Pouco ia nas cidades
Procurava andar direito
Se lhe sobrava defeito
Eram problemas da idade.
- 3 — Pedro, um homem barbudo,
Honesto, grande e tão forte,
Sempre lutando com tudo
Não tinha medo da morte
Se preciso, ele brigava
E até quem apartava,
Arriscava a sua morte.
- 4 — Se gritava no deserto
Era igual leão urrando
O eco ia tão longe
Que acabava voltando

Quem estava nas montanhas
Dava carreiras tamanhas,
Julgava o mundo acabando.

- 5 — A velha mãe de *São Pedro*
Não pode ficar de fora
Por ser muito miserenta
Pra ninguém dava esmola
Quem batesse em sua porta
Saía de cara torta,
Corria mais de uma hora.
- 6 — Não dava um ovo a ninguém
Quanto mais uma galinha
Pra todos que lhe pediam
Só falava que não tinha
Lhe pedir, perdia tempo
Negava até em pensamento
Mesmo estando sozinha.
- 7 — Mas todos têm nesta vida
O seu dia de bondade,
Passou por lá outra velha
Com muitos anos de idade,
Estendendo-lhe a mão
Recebeu tão boa ação
Que marcou pra eternidade.
- 8 — No dia em que ela morreu
Foi aquele corre-corre,
Apareceu o Diabo
Que vem junto ao ruim que morre
Para levá-la consigo,
Mal a velha entra em perigo
Chega a outra e lhe socorre.
- 9 — Eu passei em sua casa,
Pra matar a fome minha
Deu três folhas de cebola
Das mais bonitas que tinha,
Deus que por nós tem amor
Diante deste bom favor
Perdoou essa velhinha.
- 10 — Sem graça, o Diabo saiu
Porque perdeu a demanda,
Pra receber outro ruim
Que morria em outra banda,
Deixou a velha esquecida
Mas quem é ruim na vida
É sempre pra trás que anda.
- 11 — Deus ordenou que subisse
Diretamente pr'o céu
Quando chegou no espaço
A velha se arrependeu
Da caridade que fez.
Agora conto a vocês
O que foi que aconteceu.
- 12 — Foi direto pr'o Inferno
Para pagar seus pecados
Mas, aí, *São Pedro* entrou
Como seu advogado:
Quero minha mãe de volta
Antes que faço revolta
E bato até no Diabo.
- 13 — Então disse um capeta
Que sabia a vida dela
Pegue as folhas de cebola
Encoste, ali, na janela,
Se não fizer mais besteira
É a única maneira
Para o senhor salvar ela.
- 14 — *São Pedro* ficou contente
E de esperança flutua
Co'as três folhas de cebola
Da horta, perto da rua,
Foi na porta do Inferno
E em nome do Pai Eterno
Salvar a pobre mãe sua.
- 15 — Fez das folhas uma corda
E subiu num paredão
O Diabo entristecido
Numa grande confusão
A velha vinha saindo,
Ouvindo uma alma pedindo
Para ela dar-lhe a mão.

- 16 — Ela disse: eu não sou anjo
Para eu salvar alguém,
Fique, aí, no Inferno
Até que seu filho vem
Como apareceu o meu
Há de vir também o seu,
Eu não vou salvar ninguém.
- 17 — Nisto a folha se quebrou
Ela caiu outra vez,
Foi, de novo, condenada
Por não saber ser cortês,
Deus ainda teve pena,
Mas nem missa, nem novena
Pagava o que ela fez.
- 18 — Só pra não salvar a outra
Perdeu a oportunidade
De ir direto pr'o céu
E viver na Eternidade;
Quem não ajuda ninguém,
Quando precisa não tem
Quem lhe faça uma bondade.
- 19 — São Pedro, então, ficou triste
E muito desanimado
Tinha a velha nas mãos
Mesmo assim foi derrotado,
Emendou essa cebola
Pôs, por dentro, na ceroula
Com novos planos traçados.
- 20 — Chegou outra vez no Inferno
Era meia-noite e meia
Todos os capetas jogando
Sobre um monte de areia
Com o portão meio aberto,
Não tinha ninguém por perto
E a noite escura e feia.
- 21 — São Pedro era jeitoso
Eu vou contar pra vocês
Tornou emendar as folhas
Já pela segunda vez
Pra salvar a mãe teimosa
Levou todos, em boa prosa,
Muito educado e cortês.
- 22 — Senhores, me dão licença
Falar com mamãe, lá fora,
Eu trago ela de volta
No prazo de poucas horas.
Puxou a mãe pela mão
Até passar o portão
Pensando em ir embora.
- 23 — Conversou com os capetas
Que estavam ali de fora
Para que fossem pra dentro
Falou em Nossa Senhora,
Tornou a fazer cilada
Com a velha pendurada
Como sabiá na amora.
- 24 — Mas a velha miserenta
Ninguém houve igual a ela,
Depois que já estava salva
Teimou, buscar a chinela
A coisa, então, ficou preta
Porque correu um capeta
Fechou, depressa, a cancela.
- 25 — Sobre a mãe de São Pedro
A minha estória encerra
Ela não chegou no céu
Nem ficou aqui na terra
É bom você estar lendo
Porque acaba aprendendo
Que ser ruim a gente erra.
- 26 — Deus que pode negar tudo
Não nega nada a ninguém
Mesmo para os revoltados
Paga o mal com o bem
Manda a todos fruta e chuva
E o sustento pr'as viúvas
E para os órfãos também.
- 27 — Agora vamos falar
De Pedro, o apostolado
De um rude pescador
- Ficou querido e afamado
O companheiro de Cristo,
É por isto que eu insisto
Em contar o seu passado.
- 28 — Jesus disse para Pedro
Quando percorria a terra
Ande sempre em meus conselhos
Pra que você nunca erra
Eu digo sempre a verdade
Cedo, meio-dia e a tarde
Até quando o dia encerra.
- 29 — Mal chegaram numa casa
Tava uma mulher cantando
Estava tão entretida
Que nem viu eles passando
Bem na sombra da parede,
Balançando em sua rede
Jesus foi lhe abençoando.
- 30 — Um pouco adiante estava
Outra mulher trabalhando
Descontente com a vida
Enraivecida e xingando
O mestre não disse nada
Pedro já deu uma olhada
Ficou confuso e pensando.
- 31 — Então já replicou Pedro:
O senhor está muito errado
Abençoando a mulher
Que estava do outro lado,
Curtindo a vida na rede
Enquanto aquela com sede
E de suor, toda molhada.
- 32 — Não mereceu sua bênção
E nem ao menos atenção
Só para os de boa vida
É que o senhor é bom
Pedro, Pedro, não discuta
No final desta disputa
Você vai me dar razão.
- 33 — Jesus disse aos seus discípulos
Apanhem um pau comprido
E carregá-lo nas costas
Para serem bem servidos
Pedro pegou um pequeno
E pensou: ninguém tá vendo
Veja, agora, o acontecido.
- 34 — Chegaram em um penhasco
Cada um fez sua ponte
O de Pedro era pequeno
Caiu lá embaixo, na fonte,
Enquanto todos passaram
Bem de longe avistaram
Pedro subindo o monte.
- 35 — Caminhou a tarde inteira
Pra alcançar os companheiros,
Dormiram e descansaram,
Mas Pedro chegou moiteiro
Seguiram sua viagem
Cada um com a bagagem
Para o destino certo.
- 36 — Chegaram numa colina
Avistaram a cidade
Todos comendo e bebendo
Na maior sinceridade
Deus puniu os habitantes
A morrer num só instante
Sem a menor piedade.
- 37 — Pedro disse: ó bom Mestre
Aí tem os inocentes
Como o senhor desce fogo
Para matar toda gente
Deste jeito não está certo
Mande os bons para o deserto
Antes que o fogo esquente.
- 38 — Está bem, disse Jesus
Vou fazer o seu pedido
Vá lá e separe os bons
Daqueles que estão perdidos
Mostre-lhes o amor de Deus
Se ouvirem os conselhos seus
O caso está resolvido.

- 39 — Pedro foi falar com eles
Fizeram só galhofada
Chamando ele de velho
Que não entendia nada
Viú que Jesus tinha razão
Não adianta ser bom
À vida desenfreada.
- 40 — Enquanto o povo estava
Esbaldando-se em festa
Veio de lá um maribondo
Deu-lhe uma picada na testa
São Pedro ficou enfezado
Sapateou todos lados
Volta a Jesus e protesta.
- 41 — Eu vou pôr fogo na caixa
E mato todos lá dentro
Então Jesus retrucou-lhe:
Pedro, esteja atento
Foi um só que lhe mordeu
E você se esqueceu
Que o resto está isento?
- 42 — Eu não quero nem saber
Desta raça tão ruim
Por que este maribondo
Veio ferroar em mim?
A forra do meu protesto
É acabar com o resto
Do começo até o fim.
- 43 — Não foste tu que pediste
Não condenar a cidade
E que matar os maribondos
Só por pirraça e maldade
Deixe o seu ódio de lado
Por que os outros coitados
Têm que pagar crueldade?
- 44 — São Pedro ficou calado
Ganhou mais uma lição
Não demorou muito tempo
Pra haver outra confusão
Vivia sempre teimando
Acabou até ganhando
Por sua contravenção.
- 45 — Chegaram numa fazenda
E pediram uma pousada
Puseram Pedro e o Mestre
Numa sala separada
Jesus já tinha previsto
Que iria acontecer isto
Estavam numa cilada.
- 46 — E disse: Pedro, você deite
Aí do lado da porta
Se vierem nos prender
O meu poder já nos solta
Pedro disse: deite primeiro
No segundo travesseiro
Não atingem a revolta.
- 47 — Mal ali eles deitaram
Cansados, veio o sono
Junto com mais três carrascos
Acaba de chegar o dono:
No segundo de chicote!
O Pedro dava pinote
Ficou na cama rolando.
- 48 — Depois que ele levou
A maior surra do mundo
Trocou de lado com Cristo,
Dentro de poucos segundos
Já começaram falar
Vamos bater no de cá,
Já batemos no do fundo.
- 49 — E o coitadinho do Pedro
Tornou a levar chibata
Por causa de suas teimas
Teve esta sorte ingrata
Passou a noite em pé,
Fique aqui quem quiser,
Prefiro dormir nas matas.
- 50 — Quando Pedro foi pra fora
Foi mordido por cachorro
Tornou a entrar em casa,
Gritando por um socorro

Vé o apuro por que passa,
Falta um pedaço da calça
Bem onde não tinha forro.

- 51 — As estórias de São Pedro
São verdadeiras, compridas,
Não falei nem a metade
Que ele passou na vida
Foi amigo de Jesus
Até à hora da cruz
Com constantes mãos erguidas.
- 52 — No vaguear deste mundo
Ele andou de déu em déu,
Mas depois foi promovido
Como porteiro do céu
Onde está em nossos dias
Junto da Virgem Maria
E o bendito filho seu.
- 53 — A chave do céu está
Segura na sua mão
Só vai destrancar a porta
Pr'aqueles que foram bons
É fácil fazer o bem
É só não matar ninguém
E nunca negar o pão.
- 54 — Se temos respeito aos santos
São Pedro é o primeiro
Há uma entrada pr'o céu
E ele é o porteiro
Não precisa outro puxar
Pois ele não deixa entrar
Nem dando muito dinheiro.
- 55 — Se achou que falei pouco
Me procure, falo mais
Sou criado em Olímpia,
Meu sobrenome é Novais
As estórias que invento
É somente um passatempo
Que qualquer poeta faz.
- 56 — Sempre fui um curioso,
Usando lápis, papel,
Registrando qualquer caso,
Bancando um bacharel,
Pra que não desapareça
E não fuja da cabeça
Porque não sou coronel.
- 57 — Desde o tempo de menino
O meu lema é fazer verso,
Agradecendo a todos
Bem feliz eu me despeço
Quem leu estes contos meus
Peço-lhe as bênçãos de Deus
E que tenha bom sucesso.

Acedilo Novaes, nascido em 1938, cursou somente as três primeiras séries do curso de primeiro grau.

Começou a escrever sua produção de cordel ainda jovem. Antes, nunca ouvira falar neste tipo de literatura, pois não tivera nenhum mestre no assunto. Porém, é muito criativo e possui ouvido musical. Sua profissão é a de calceiro. Quando se cansa do trabalho, apanha papel e lápis e, num átimo, produz um poema, uma estória. Apanha o rascunho, para o qual aproveita qualquer tipo de papel e nos diz: "Leia. Se gostar, publique. Em caso contrário, amasse isto e jogue no lixo."

Acedilo é da vivência folclórica e gosta de escrever sobre os acontecimentos do dia-a-dia da cidade, sobre a vida no campo (ele viveu muito tempo na roça), de escrever as estórias que o povo conta acerca dos santos católicos e também a respeito das festas populares.

Cada poema que escreve, lê em voz alta aos amigos, disferindo gostosas gargalhadas.

Apesar de membro do culto protestante (metodista) sabe dar destaque e cor àquilo que escreve sobre o culto religioso popular.

Já escreveu muitos livretos de cordel. No ano de 1989, rabiscou (como diz ele) *As Proezas de São Pedro*, poesia composta de 57 estrofes (septilhas) heptassílabas e as declamou num programa radiofônico de violeiros, no mês

de junho. Os ouvintes gostaram. Por isso solicitamos a autorização do autor para incluir o poema neste nosso trabalho sobre *São Pedro*.

ESTÓRIAS DE SÃO PEDRO

Nosso trabalho de recuperação da memória do povo resultou de uma pesquisa demorada, feita com muita paciência. Ouvimos pessoas idosas, de meia idade e jovens também. As estórias foram gravadas e, posteriormente, transcritas "ipsis litteris" para o papel. Um trabalho que vem sendo realizado desde 1970 com o recolhimento de cem casos. Alguns contos são verdadeiras aulas de moral e religião. Outros, até irreverentes, revestidos de uma tola ingenuidade. Nestes, o pensamento se inquieta, viaja pelas veredas da imaginação e são criadas idéias estranhas à sua essência, para dar ares de ilegitimidade aos preconceitos e tabus da sociedade. Coisa séria vira brincadeira. As idéias partem do real para o imaginário.

O brasileiro é humorista nato. Transforma até o sagrado em sátira e, por esta razão, o anedotário brasileiro é um dos maiores do mundo. Anedotas fortes, espirituosas, finas, satíricas, faceiras, chistes, enfim, todas as gamas da fábrica de risos. Anedotas que nada mais são que meras brincadeiras. Tudo isso para fazer rir, o que é uma arte difícil, principalmente quando se pretende fazer rir de modo sadio.

São Pedro, o humilde pescador da Galiléia, figura nos contos folclóricos como companheiro inseparável de Cristo, quando palmilham terras do planeta. Essas são narrativas maravilhosas.

No anedotário, porém, observa-se uma certa intimidade com o Santo, talvez pelo excesso de amor ou de temor. Quem sabe? Mas São Pedro é compreensivo e não se zangará com essas brincadeiras inocentes, irrefletidas.

Agora, "ipsis verbis", a palavra é passada aos contadores.

VANTAGENS DE SÃO PEDRO

1 — SÃO PEDRO DERROTA O DIABO

"Diz que São Pedro e o Diabo morava na terra, eles era vizinho. São Pedro tinha chácara e gostava de prantá de tudo.

Um dia o Diabo foi visitá São Pedro e ficô encantado de vê o capricho que o Santo tinha pra cuidá das prantação.

São Pedro aproveitô e convidô o Diabo pra sê meiero dele em tudo que fosse prantá dali pra frente. O Diabo topô o convite. Dali pra frente eles ia trabalhá junto.

Prepararo a terra e prantaro três arquerô de mandioca. Um mandiocá que dava gosto de vê. No tempo de coiê as mandioca, de arrancá as mandioca, São Pedro perguntô pr'o Diabo:

— Você qué a parte de cima ou a parte de baxo dos pés de mandioca?

Mais que depressa, o Diabo respondeu que queria a parte de cima. Cortô as rama com foia e levô pra casa dele.

São Pedro vendeu as raiz pra fábrica de farinha e guardô umas mandioca muito bonita pra fazê um bom armaço e convidô seu sócio pra i armaçá co'ele.

Fez mandioca cozida, assada, frita, mingau de mandioca com carne, bolo de mandioca, doce de mandioca. Tudo que era possive fazê, doce e sargado, cum mandioca, São Pedro mandô fazê.

Comero tanto até passá male. Mas o Diabo tava sentino uma inveja danada de São Pedro.

Depois combinaro fazê otra prantação. Trataro prantá um arquerô de cove. Os cantero ficaro uma beleza. Não

faiô nem uma muda. Na hora da repartição das cove, São Pedro perguntô pr'o Diabo qual era a parte que ele queria. O Diabo nem pensô pra respondê. Falô: Eu quero a parte de baxo.

Mais uma vez São Pedro saiu lucrano. E assim, hoje pranta uma, amanhã otra coisa, São Pedro foi ficano rico pra chuchu. E o Diabo nunca levô uma vantagem. Por fim, o Diabo muito desanimado desistiu de sê meiero de São Pedro, porque ele só tava levano manta."

Contada pela *Sra. Sebastiana Narciso (D. Nenê)*, 70 anos (1981) residente na Vila Mouco, Olímpia.

2 — SÃO PEDRO VENCE O DIABO

"Jesus Cristo autorizô São Pedro a ficá de um a dois ano na terra pra formá um bão roçado.

São Pedro, saíno, pra cumpri as orde de Deus, chegô na terra e encontrô um home, com cara de muito esperto e de muito poder. Esse home que era o Coisa Ruim, logo percebeu que Pedro tinha proteção divina. Então o home disse: Eu vô co'a minha força e meu corpo e você vai levá o trabaio e o estilingue. Com o meu poder eu espanto o que fô, sem fazê nada e você leva o teu estilingue pra espantá os passarim que fô atrevê no nosso roçado.

Pedro concordô, mas na ocasião, como era época da seca, plantaro uma horta grande de verdura, muitos cantero de alface. Pedro cuidava da horta, manejanô seu estilingue, atirano grossas bola de barro seco. Qualqué ave que aparecia, o homem dizia: Atira, Pedro!

Depois que a roça tava bonita, os dois tiraro par ou ímpar pra vê quem ficava com as foias e quem ficava com as raiz. Pedro ficô com as foias e o sócio com a raiz.

Saíro os dois pra feira, pra vendê as hortaliça. Pedro conseguiu vendê tudo, apesar de malandrão. Seu sócio não conseguiu vendê nada e levô as raiz de volta, pra esterco.

O home derrotado, disse: Pedro me tapeô na primeira vez, mas na segunda quem vai tapeá ele só eu.

Fizero novo acordo: plantá um grande roçado de amendoim.

O amendoim cresceu viçoso, muito bonito. Chegô a época da coeita. O home disse: Da primeira vez, você ficô com as foia, agora quem vai ficá com as foia só eu. Pedro concordô e disse: Não tem importância! Desta vez eu fico com as raiz.

Pedro levô as vage de amendoim para sua mãe, uma muié que apesar de muito teimosa, assô elas pra ele vendê.

Saíro os dois novamente, para i vendê na fera.

São Pedro gritava: Olha o amendoim torrado! E o home dizia: Olha as foia de amendoim!

São Pedro vendeu tudo, não sobrô nada. E o outro não conseguiu vendê uma foia sequer.

Então o home, furioso, voltô pra Pedro e disse:

— Nem a força do corpo, nem esticando como o vento nada consegui. Pedro co'a proteção divina e seu estilingue venceu as duas bataia. E não quis mais trabaia com São Pedro."

Contada pelo *Sr. Roberto José de Carvalho (Bel)*, 45 anos (1989), residente no Patrimônio de São João Batista, Olímpia.

3 — DE SÃO PEDRO OU DE SANTO ANTÔNIO?

"Quando Deus fez o mundo, todos os homens bom ainda tava aqui na terra. Quando ia morrendo, eles se tornava santo e um por um, foi entrando no céu, um Paraíso muito bonito.

O lugá de Porteiro era de São Pedro. Mas ele teve que vortá na terra pra ajudá Cristo a ensiná os home. Quem ficô no lugar de Portero foi Santo Antônio. Mas São Pedro não chegou na data certa que Cristo marcô pra ele vortá. Ele demorô muito.

Quando São Pedro vortô pra sentá na cadera de Portero, Jesus deu uma bronca muito grande com ele, dizen-

do: Ó Pedro, aqui você só entra se me trazê três mil arma pr'o céu. Se não trazê, você pode vortá só no dia do Juízo. Ele aceitô a proposta e vortô pra terra, pra vê se conseguia a quantidade de arma que Cristo queria.

Como ainda não tinha hospital, ele, então, saiu visitando as pessoas mais velha, as que estava com doença incurave, as que tinha sofrido desastre e fazia o convite pra elas i pro céu. Mas aí que São Pedro se enganô: ninguém queria morrê. Ninguém tava preocupado em i pro céu.

Uns e otros respondia: Não! Eu ainda tenho esperança de sará e vivê muitos anos. Eu vô sará e espero vivê muito ainda. Eu ainda acho que tá cedo. Deus vai me dá um bom prazo. Eu mesmo que não vô sará, quero ficá muito tempo aqui na terra. Eu sei que o céu é bão, mas quero ficá um tempão ainda, por aqui. Eu acho que o céu é bão, mas a terra ainda é mió. E o São Pedro só ovia. Não! Não! Não! Não! Não!

São Pedro tava quase desacorçoado, mas como não queria perdê o trono de portero do céu, teve uma idéia, dizendo: Eu vô batê na porta do Inferno, pra vê se consigo enganá o Diabo e pegá uma parte das arma que ele tem lá.

Bateu na porta e foi atendido pelo Capetão-chefe:

— O que o senhor quer aqui, perguntô o Capeta?

— Eu vim convidá o senhor pra jogá truco comigo. Mas só que tem uma condição. Se eu perdê, eu perco a minha arma pr'o senhor. Mas se eu ganhá, cada partida eu quero uma arma pra mim.

— Tá bem, disse o Capeta.

Aí, São Pedro perguntô:

— Quantas arma tão aqui no Inferno?

— Agora aqui só tem cinco mil.

Começaro o jogo numa quarta-feira e jogaro até na sexta-feira, à meia-noite.

Pedro só dizia: Truco!, Truco!, Truco!, Seis!, Seis!, Doze!, Doze! No fim do jogo tinha ganho três mil e cem arma.

Agradeceu o Capeta e pediu pr'as arma acompanhá ele. Foi, então, direto, pr'o céu.

Chegando lá, Nosso Senhor disse:

— Você pode entrá, junto com as arma, e sentá na sua cadera de portero. Só que essas arma não vão ficá aqui. Primero elas vão ficá no Purgatório pra se limpá. Depois eu recolho elas no céu. Santo Antônio, que tava gostano de sê portero, recramô, falano:

— Pedro, esse lugá deveria sê meu pra sempre. Eu toda vida fui direito. Rezei muitas missa lá na terra e merecia ficá aqui, porque você sempre foi desobediente e não andô cumprino as orde de Deus. Tá sempre errano. São Pedro respondeu:

— Calminha, Antônio. O que manda é sê um bom jogadô de baraio e colegão do Chefe."

Contada pelo Sr. Roberto José de Carvalho (Bel), 45 anos (1989), residente no Patrimônio de São João Batista, Olímpia.

4 — ESPERTEZA DE SÃO PEDRO

"Diz que quando Nosso Senhor e São Pedro andavam no mundo, um dia São Pedro fez um pedido a Nosso Senhor. Pediu que no lugar onde ele sentasse era para Jesus não mandar ele levantar. Nosso Senhor concordou. Este pedido foi feito aqui na terra e São Miguel também estava junto com eles.

Não demorou muito tempo os três foram para o céu.

Jesus chefiando o Paraíso, São Pedro cuidando das chaves e São Miguel da balança.

Depois de um certo tempo, Jesus falou pra São Pedro: Pedro, você volte lá na terra e fica três dias.

São Pedro obedeceu. Quando chegou aqui na terra, gostou tanto, que se esqueceu de voltar para o céu. Já tinha passado três meses.

Quando voltou pr'o céu, Jesus falou: Não falei pra você ficar só três dias?

São Pedro explicou que na terra tudo era bom demais, tinha muita coisa boa para se alimentar e foi por isso que ele tinha se esquecido do prazo. Jesus perdoou.

Decorrido outro tempo, Nosso Senhor tornou a falar para Pedro: Volte na terra e fique lá três meses.

Mais que depressa São Pedro desce pra cá. Quando fez três dias que tinha chegado, ele voltou pr'o céu.

Jesus, zangado disse: Pedro eu não falei pra você ficar três meses na terra? Você é desobediente demais. Da outra vez era pra ficar três dias, você ficou três meses. Desta vez era pra ficar três meses, você ficou três dias. São Pedro explicou pra Jesus: Senhor, tenha dó daquela gente. Lá não tem mais nada para comer. Todo mundo está morrendo de fome. E a seca, Senhor, está acabando com tudo. Jesus falou bravo com o Santo: Pedro, eu estou cansado de dizer pra você que quem governa o mundo é Deus e você está querendo ocupar o meu lugar. E expulsou São Pedro do céu. Que ele fosse para o Inferno. Mas no Inferno não havia mais lugar, de tão cheio que estava e São Pedro teve que voltar para a terra.

Chegando aqui, comprou um baralho e voltou no Inferno para jogar. Ele apostou com o Diabo que cada partida jogada se ganhasse, ele ganharia uma alma perdida. E se perdesse uma partida, ele perderia a alma para o Diabo. E ferraram no jogo. No final do jogo, São Pedro ganhou trezentas almas. E saiu, todo alegrão, pra levar todas pr'o céu.

Chegando no céu, Nosso Senhor falou para São Miguel abrir a porta e deixou entrar as almas uma por uma. São Pedro era o último da fila.

Quando ele foi entrando, São Miguel fechou a porta e ele ficou com o braço espremido. Então começou a gritar e pedir socorro. Jesus, então, mandou São Miguel abrir a porta só mais um pouquinho. São Miguel atendeu, e São Pedro conseguiu ficar com a metade do corpo para o lado de dentro. Jesus disse, outra vez, a São Miguel: Abre mais um pouquinho esta porta. Aí São Pedro deu um pulo e foi imediatamente sentar na cadeira de São Miguel. Venceu a parada, porque quando eles estavam juntos na terra, Pedro pediu a Jesus que no lugar onde ele sentasse, era para Jesus não mandar levantar. E sua palavra é de Deus, não volta atrás."

Contada pelo Sr. Antônio Miranda (Toim), 50 anos (1985), residente no Distrito de Ribeiro dos Santos, Olímpia.

5 — SOPA DE PEDRA

"Era uma vez uma velha muito rica, mas que era muito muxibenta. Tinha muito medo de gastar dinheiro e cair na pobreza. Comia muito mal. Só não comia as unhas, porque doía.

Numa tarde, São Pedro, que viajava muito, passou na fazenda da velha e pediu autorização para poder fazer uma sopa, porque ele estava muito cansado, precisava dormir um pouco, mas estava com muita fome.

Sabendo que a velha era munheca demais, já foi dizendo que carregava panela e que só queria usar os pedaços de tijolos para fazer o fogão. E, dando uma explicação à velha ridica, disse que ia fazer uma sopa de pedra.

A velha arregalou os dois olhos: Como é possível fazer sopa de pedra? E fica gostosa?

— A senhora vai ver que deliciosa.

Então a velha se entusiasmou demais e não saiu de perto de São Pedro, para aprender a fazer a sopa, que devia ser muito boa. E além disso não daria quase gastos. E, assim, ela poderia guardar mais dinheiro.

O velho santo, pacientemente, fez o fogãozinho, lavou a panela, encheu de água e pôs para ferver. Tirou da mochila uma pedra de tamanho médio, lavou bem, colocou dentro da panela e tampou.

A velha estava ansiada para ver o resultado daquilo. Mal a água começou a ferver, São Pedro perguntou pra velha: A senhora não teria um pouquinho de sal, para melhorar o gosto da sopa?

Na mesma hora, a velha deu ordem para a empregada trazer o sal. E ficava entusiasmada, quando São Pedro destampava a panela e ela via aquela pedra fervendo.

Então, o velho santo, aproveitando o entusiasmo da velha, dizia: Ficaré muito mais gostosa, se colocar dois dentinhos de alho.

A velha providenciou na hora o pedido. Ela estava curiosa para ver a sopa pronta. São Pedro novamente fez outro pedido:

Para que fique mais cheirosa, bom mesmo é colocar umas folhas rasgadas de couve e um feixinho de cebola verde que a senhora tem ali na horta!

A velha já foi pedindo para a empregada providenciar o pedido.

São Pedro acrescentou a cebola e a couve e o cheiro da sopa já estava dando um apetite muito grande na velha.

Então, São Pedro, falou: A sopa vai ficar mais saborosa, se a senhora me arrumasse dois ovos, uns pedacinhos de lingüiça seca e um pedaço de toucinho que está dependurado ali na varanda.

Não demorou um minuto, São Pedro contou com tudo o que tinha pedido. Pôs os pedacinhos de lingüiça, os pedacinhos de toucinho e, por último quebrou os dois ovos. Deu uma mexidinha na panela. Tampou mais um pouquinho.

Destampou outra vez, retirou a pedra e serviu a sopa. Estava tão gostosa que São Pedro e a velha esvaziaram a panela.

Mas quem ficou mais contente mesmo foi a própria velha. Aprendeu a fazer uma sopa de pedra, muito gostosa e muito econômica. Daí para frente, ela iria comer bem e sempre gastando menos dinheiro."

Contada pela *Sra. Sônia Maria de Jesus Zacarias*, 28 anos (1986) residente na Vila Nova, Olímpia.

6 — SÃO PEDRO NO INFERNO

"Quando Jesus ressuscitou e foi para o céu, despediu-se de São Pedro e disse:

— Pedro, pode pedir três coisas que eu as concederei.

Pedro pensou e disse:

Quero um baralho que nunca me deixe perder o jogo. Quero um chapéu onde caiba tudo o que quiser pôr dentro. Quero também um banco em que, quando eu sentar, ninguém mais possa me tirar dele, nem o Senhor, que é todo Poderoso.

E assim, sentiu-se dono do mundo e foi fazer reinação no Inferno. Lá vendo muitas almas sofrendo, teve pena.

O Diabo então lhe disse: O que é que você quer aqui no Inferno?

Pedro respondeu: Eu já estou cansado de viver no meio de Santos e Anjos e vim aqui para jogar truco.

O Diabo lambeu os beiços de gosto, já pensando em agarrar Pedro pelas pernas, de ponta cabeça.

— Brincadeira eu não jogo!

— Joguemos dinheiro, respondeu Pedro.

— Dinheiro eu não quero, não me serve para nada. Quero sua alma e o banco que Deus lhe deu! E você o que vai querer?

— Duas coisas: jogar com o meu baralho, que é novo, e uma alma por mão que eu ganhar.

— Certo, disse o Diabo.

Pedro ganhava sempre e ia pondo as almas no chapéu, até que conseguiu todas as almas do Inferno. O Diabo deu um berro, deu um coice e saiu zunindo pr'o mundo afora. Pedro pensou que já estava na hora de ir para o céu e foi com aquela carga e tudo. Quando chegou, Jesus

veio ver quem era e, sentindo o mau cheiro que saiu do chapéu, disse:

— Aqui é que você não entra com essas imundices!

Pedro aproveitou a porta aberta e jogou o chapéu lá pra dentro, perto do banco que já era seu.

Jesus mandou um anjo jogar aquelas coisas esquisitas, mas Pedro disse:

— Pode deixar que eu mesmo as jogo. Pegou o chapéu, sentou-se no banco e disse: Lembra de sua promessa?

Cristo lembrou e para castigar Pedro disse:

— Pode ficar e nunca mais sairá daí. Todos os Santos e Anjos podem andar, de lá pra cá, mas você, não.

Por esta razão é que até hoje São Pedro é o Porteiro do Céu."

Contada pelo *Sr. Joaquim Francisco de Sousa*, 55 anos (1977), residente no Jardim Silva Melo, Olímpia.

O COMEÇO DAS COISAS

7 — COMO NASCERAM AS PULGAS

"Quando Nosso Senhor andava pelo mundo, *São Pedro* seguiu-o arrastando os pés e sempre reclamando.

Um dia estava fazendo um calor terrível e as mutucas perseguiram o coitado do santo, mordendo-o demais.

Então, *São Pedro* disse a Jesus:

— Senhor, vamos parar debaixo deste pé de ipê, para descansarmos um pouco. Eu não estou agüentando mais.

Nosso Senhor ficou com muita pena do velho e parou. Sentaram-se debaixo do pé de ipê e conversaram algum tempo. Quando se levantaram, para irem embora, avistaram uma moça muito bonita, deitada sobre um capinzal abundante e bem novinho. Estava muito bem vestida e parecia pertencer a uma família muito rica. Dormia sossegadamente e se mostrava cheia de preguiça.

Nosso Senhor olhou bem para a dorminhoca, com um pouco de pena e um olhar de punição. Por perto corria um riozinho e Nosso Senhor teve uma idéia. Apanhou um bom punhado de barro e atirou sobre a moça, acordando-a num segundo. A moça olhou, espantada, para os dois homens, e Jesus aproveitou a oportunidade para dizer-lhe:

— Moça, a preguiça é a mãe de todos os males. Para você não ficar assim, dei-lhe um pequeno trabalho para se distrair.

Então, a moça começou a coçar-se e tirar as pulgas, que mordiam o corpo dela inteirinho."

Contada pela *Sra. Alzira Sant'Ana de Oliveira*, 50 anos (1978), residente no Patrimônio de São João Batista, Olímpia.

8 — COMO NASCEU A PINGA

"Ia Jesus e *São Pedro* por um caminho, conversano, falano das coisas deste mundo, reparando como as pessoas era tão diferente: umas boa até demais e outras até marvada. De vez em quando, eles dava uma paradinha pra descansá e pra comê os bolinhos que eles levava como matula. Depois seguia viagem.

São Pedro é que carregava uma capanga nas costas, com a troca de ropa dele e de Jesus.

Andaro, andaro, andaro, até que chegaro na bera de um rio. Pra travessá esse rio, a única saída era passá em cima de uma pinguela, feita com um pau véio e muito estreito.

São Pedro teve medo de travessá e disse: Senhor, eu não passo pra banda de lá. Acho muito perigoso. Mas Jesus falava: Você tem que passá. E você é o primero que vai travessá. Aqui nós não pode ficá. E o único re-

curso é essa pinguela. Temaro muito tempo. Pedro nunca queria atendê e pra que a discussão não continuasse, Jesus teve uma idéia. Fez nascer ali perto deles uma moita de cana. Depois arrancô uma cana, torceu muito bem torcida e deu uma canequinha de cardo pra São Pedro, dizem: Bebe um poquinho dessa água.

São Pedro gostô. Passado um pouquinho, Jesus torceu outra cana e pediu outra vez pra São Pedro bebê. E dali a pouco, São Pedro já tava animado e disse: Senhor, agora eu tenho corage de passá a pinguela. Ele já tava alegrão e corajoso. Aquele cardo de cana era a pinga que Jesus inventô.

E foi assim que Jesus conseguiu fazê São Pedro passá, com ele, pr'o otro lado do rio, sem tê que pará a viagem."

Contada pelo Sr. *Benedito Batista de Carvalho* (Ditinho), 43 anos (1989), residente na Vila Raia, Olímpia.

9 — POR QUE PESCADOR CONTA MENTIRA

"Antigamente os homens tinham muita dificuldade para pescar. Pedro, que vivia da pesca, antes de seguir Nosso Senhor, demorava muito para pescar a quantidade de peixes para vender.

Um dia, Pedro e outros amigos estavam pescando e apareceu à beira do mar um senhor, ainda novo, que tinha a barba e os cabelos compridos e, vendo que Pedro e seus amigos não estavam fazendo a pescaria certa, ensinou:

— Vocês não estão fazendo o certo. O pescador deve jogar a rede de dentro do mar para fora. E não da terra para o mar. E deu tudo certo. Pescavam peixes que nem água.

Pedro, querendo agradar o homem que ensinou a nova lição, falou:

— O senhor espera aí que vou dar os peixes mais bonitos que pesquei, para o senhor, pelo ensinamento que recebemos.

O homem que ali estava era Jesus, mas nenhum deles ainda conhecia ele.

Aí, São Pedro foi no jacá de peixes, escolheu os menores, a miudeza, e trouxe para Jesus.

Jesus agradeceu. Fingiu que estava recebendo os peixes maiores, os mais bonitos. Mas a partir desse dia, os pescadores ficaram com fama de mentirosos."

Contada pelo Sr. *Gumerindo Moreira da Silva* (Seu Nego), 56 anos (1981), residente na Vila Di Marco, Olímpia.

10 — COMO NASCEU A MANDIOCA

"Jesus quando andô no mundo escoieiu São Pedro para seu secretário. Mas quando Jesus abriu o Mar Vermelho, Jesus foi passar nele toda a humanidade sagrada, mas São Pedro não se conteve quando Jesus andô por cima da água, como andava por cima da terra. Jesus disse a Pedro: Você fica em cima da barsa e não saía.

Aí, Pedro ficô quieto na barsa. E Jesus atravessô os apóstolo e todas as família que acompanhava. Mas os judeus estavam perseguindo eles e entrô na entrada do Mar Vermelho, para matar todo mundo. Nessa ocasião, as águas se fecharam e não sobrô nem um judeus sequer.

E Pedro dando uma de sabichão, pulô na água também e se atrapalhô todo. Jesus, como pai, por natureza fez ventá e com isso a barsa se encostô onde estava Pedro.

Foi aí que Pedro se sarvô e Jesus deu-lhe uma lição de mestre, para que não fosse tão convencido de querê tê o mesmo poder de Jesus. Então seguiram o caminho. Pedro chorava de fome e dizia: Eu quero comê!

Jesus pegô uma vela e disse:

— Pedro, vai lá e enterre essa vela no chão.

Pedro falou a Jesus:

— Pra que isso, Deus?

Jesus respondeu a ele:

— Guarda o que você sabe e faz o que eu mando, Pedro.

Aí, Pedro tornô a dizê:

— Jesus, eu tô com fome!

Aí Jesus mandô ele lá tirá a vela que ele tinha enterrado. Pedro, então, teve grande surpresa. Já não era mais a vela, mas sim um pé de mandioca, com muitas raízes.

Pedro, com muita fome, assô e comeu as mandiocas e nunca mais teimô com Jesus."

Contada pelo Sr. *Osório Batista Rodrigues* (Osório Baiano), 59 anos (1989), residente no Jardim Cisoto, Olímpia.

11 — MANDIOCAS E PEIXES

"Num dia Jesus e seus companheiros caminhavam por uma estrada muito comprida.

Andaram, andaram, andaram até chegar na beira de um rio e ali se abrigaram. Nisto chegaram mais quatro pescadores e pediram ordem para Jesus, para participar do grupo de companheiros.

Jesus consultou os velhos companheiros e aceitaram os novos seguidores. Mas São Pedro não quis aceitar os novos amigos.

Então Jesus lhe respondeu: Pedro, quem não aceitar seus irmãos, não entra no reino do céu. São Pedro, com medo de ficar de fora, acabou concordando.

Passado pouco tempo, São Pedro perguntou:

— Senhor, nós vamos dormir com fome?

Jesus lhe respondeu: Não. Eu mandei Antônio ir pescar.

Agora, você planta esta vela na areia. Antes que amanheça vou arrancar muitas mandiocas que esta vela vai produzir. Pedro duvidou e começou fazer caçoadá.

Jesus, então, retrucou:

— Pedro, não abuse do nosso pai celestial.

Quando Antônio chegou da pescaria, trouxe somente três lambaris. Jesus cortou cada lambari em quatro partes. Pedro, outra vez, começou a caçoar, dizendo que aqueles pedacinhos de peixes era a mesma história da vela que daria muitas mandiocas.

Jesus, para desabugar Pedro, ordenou que ele fosse arrancar o pé de mandioca.

São Pedro obedeceu. Mas logo voltou para trás, dizendo para Jesus que, sozinho, ele não conseguia carregar tantas mandiocas. E levou um companheiro para ajudar.

Jesus ordenou a São Pedro para ir descascando as mandiocas e ir colocando num caldeirão, para cozinhar junto com os pedacinhos de peixes.

Num átimo Jesus disse: A comida está pronta!

Pedro pensou: como é possível um caldeirão tão grande, cheio de água, cozinhar tão depressa?

Pedro destampou o caldeirão e viu que estava tudo bem cozido e que os pedaços de peixes ficaram muito grandes.

Todos comeram muito e ainda sobrou muita comida. São Pedro foi o que mais comeu, apesar de estar cheio de vergonha."

Contada pelo Sr. *Jocelino Cipriano Leal* (Joce), 63 anos (1988), residente no distrito de Ribeiro dos Santos, Olímpia.

12 — COMO NASCERAM O BRANCO E O PRETO

"Uma vez diz que Deus quando fez o mundo então sugeriu que seu filho Jesus viesse pra governá o mundo. Quando Jesus veio, escolheu São Pedro pra acompanhá ele nas caminhadas que ele tinha que fazê.

Um dia Jesus teve que expulsá o Anjo do Paraíso, porque ele queria sê mais poderoso que Jesus.

Mas o Anjo Mau resorveu acompanhá Jesus e São Pedro. Jesus e São Pedro não se entendia bem com o Anjo Mau, mas suportava tolerá ele na companhia.

Um dia Jesus falô pra São Pedro: Eu vô dá uma lição nesse Anjo.

Mandô São Pedro chamá o Anjo Mau e trataro os dois de fazê, cada um, um home de barro.

Jesus fez um boneco muito bem trabalhado, pôs secá no sol, dexô ele bem corado e, quando o barro já tava pronto, viu que tinha feito um boneco muito bonito. Então Jesus disse pr'o boneco: Levante! O boneco se transformô num home branco, muito bonito. Jesus passô, levemente, as mão no cabelo dele e o cabelo ficô liso, sedoso.

O Anjo Mau, ajudado por São Pedro, fez também um boneco de barro, com muita pressa, e pôs pra secá no sol. Dexaro o boneco lá e foro jogá baráio. Esquecero o boneco no sol por alguns dias e ferraro o tempo todo, no jogo.

Depois de alguns dia se lembraro do boneco. Foro vê ele e encontraro ele preto, de tanto tomá sol. Aí, o Anjo Mau falô pr'o boneco: Levanta-te!

O boneco se transformô num home e depois que viu o otro home feito, logo perguntô: Por que eu fiquei preto e o otro que Jesus fez ficô branco?

Os dois, São Pedro e o Anjo Mau, respondero: É porque você tomô muito sol. E esfregaro o cabelo dele com tanta força, que o cabelo ficô enroladinho.

É por isso que tem gente branca e gente preta."

Contada pelo Sr. Roberto José Carvalho (Bel), 45 anos (1989), residente no Patrimônio de São João Batista, Olímpia.

SÃO PEDRO SEMPRE PRESENTE

13 — ONDE COMEM DOIS, COMEM TRÊS

"Quando Nosso Senhor andava no mundo com seus apóstolos, numa noite, juntamente com São Pedro, bateu numa casa de um roceiro, homem pobre, de família muito grande. Era uma noite chuvosa e muito fria. Eles estavam cansados e com muita fome.

O pobre roceiro abriu a porta e viu que eram dois mendigos. Os dois queriam comida e pouso. Ficou com pena deles, porque um era bem velho, embora o outro não aparentasse muita idade.

Mandou fazer a comida para os dois. Comeram até se regalarem.

Não demorou muito tempo, bate à porta outro mendigo. A comida já era pouca e ele não tinha mais nada para mandar fazer ao hóspede. Mas com muito boa vontade, disse: Pode entrar. Aí São Pedro interferiu, dizendo:

— Onde comem dois, comem três.

Mandou o hóspede sentar-se e, como por milagre, a comida se multiplicou nas vasilhas.

Pouco tempo depois, bateu à porta outro mendigo. Depois mais outro, mais outro, mais outro... E a comida se multiplicou e deu para todos eles. Logo o roceiro percebeu que se tratava de Jesus e seus doze apóstolos, todos disfarçados em pessoas muito pobres.

No dia seguinte, bem de manhã, despediram-se do roceiro e agradeceram a gentileza. E São Pedro para agradecer o roceiro, disse-lhe: O senhor pode pedir qualquer coisa para Nosso Senhor que ele lhe atenderá.

O roceiro que era viciado em jogo, pediu para que nunca perdesse no jogo. Então Jesus, misteriosamente, fez aparecer um baralho que com ele o roceiro nunca perderia.

Para o roceiro foi um prato cheio. Naquele dia mesmo ele desafiou seus companheiros de jogo e ganhou todas as partidas. E ficou famoso em toda a região.

Passados alguns anos, o roceiro faleceu. Na travessia para o outro lado, ele se encontrou com o Diabo que ia

levando a alma de um ladrão, espetada num grande garfo de três dentes.

Ficou com tanto dó da alma do infeliz, que era conhecido dele, que fez uma proposta ao Diabo, dizendo-lhe: Deixa esta alma para eu cuidar dela. O Diabo ficou furioso e lhe respondeu: Eu estou querendo espetar você aqui neste garfo e levá-lo também para o Inferno.

Aí, o roceiro lhe disse: Vamos disputar no baralho. Se eu ganhar, esta alma me pertence. Se eu perder, você fica com ela e ainda ganha a minha.

O Diabo aceitou. O roceiro puxou o baralho do bolso e, carta pra cá, carta pra lá, soco na mesa, xingamento de um e de outro, e acabou ganhando a parada.

Pediu para a alma do ladrão acompanhá-lo em direção ao céu. Bateu à porta e foi atendido pelo velho São Pedro.

— O que o senhor quer?

— Quero entrar no céu.

— Pode entrar.

— E meu companheiro?

— Este não!

— Não, por quê?

— Mas homem de Deus, você já viu ladrão entrar no céu?

— Então este será o primeiro. Você não se lembra de mim? Eu sou o roceiro que hospedou Nosso Senhor e os apóstolos naquela noite de chuva e frio. Dei-lhes comida e pouso. E Jesus me deu um baralho. Está recordado?

— E daí? O que tem uma coisa com a outra?

— O que tem uma coisa com a outra? Não foi o senhor mesmo que disse que onde comem dois, comem três?

São Pedro não teve outra escapatória. Esfregou as mãos, coçou o nariz e deu ordem para os dois entrarem no céu."

Contada pela Sra. Evanilde Domingues Trindade do Nascimento, 45 anos (1989), residente no Patrimônio de São João Batista, Olímpia.

14 — O BEM COM O BEM SE PAGA

"Uma vez, quando Nosso Senhor andava pelo mundo, foi na casa de um véio viúvo, um lavradô, chamado Seu Juca, que tinha doze fia, todas muito caipira, acanhada. Elas nunca tinha saído de casa. A mais véia já era quarentona e a caçula tinha uns vinte ano. Se chegava visita na casa delas, elas se trancava no quarto.

Já era na boquinha da noite, e na mesa tinha treze pratos de sopa, com um pedacim de pão pra cada um, pra janta deles. A famia deitava muito cedo.

Nosso Senhor bateu na porta. Seu Juca foi abri. As moças mais que depressa correram pra se trancá no quarto e de lá ficaro espiano pelo buraco da fechadura.

Entrô um home loiro, de olhos azul, cabelo e barba comprida e pediu poso e comida. Seu Juca era muito bão de coração, mandô o home sentá e deu um prato de sopa pra ele. Quando ia pegá o seu prato, otro bateu na porta. Seu Juca levantô pra atendê. Era um véio barbudo, de cabelo comprido. E disse pr'o véio:

— Pode entrá, senhor.

Nessa hora, o home loiro falô pra Seu Juca:

— Esse é meu companheiro. Mas onde come um, come dois.

O véio sentô e já pegou o seu prato de sopa. De novo batero na porta. Era um moço. Seu Juca disse:

— Entra, moço!

O home loiro, sentado na cabecera da mesa, disse pra Seu Juca, sorrino:

— Onde come dois, come três.

E assim foro chegando otro, mais otro, mais otro. Já era nove. Até parecia um exército. Quando Seu Juca tinha distribuído todos pratos de sopa, mais um bate na

porta. Seu Juca foi abri, era um moço que parecia um sordado.

O home loiro, da cabecera, disse:

— Sarve, amigo!

O sordado foi pendurá o seu boné num cabido, mas nem lugá tinha pra ele na mesa. Então, Seu Juca deu o seu lugá pra ele e ficô sem o prato de sopa dele. Ficô em pé conversano com os hospe, enquanto eles comia. Quando eles acabaro de comê, Seu Juca, que já tava cansado, disse pra eles:

— Vamo dormi.

Todos concordou. Seu Juca foi no quarto e falô pr'as menina pulá a janela e i dormi no paió, embruiada nos sacos de estopa. Abriu a porta e mostrô as doze cama onde eles ia dormi.

O home loiro falô pr'o Seu Juca:

— Onde dorme doze, dorme treze.

Depois que eles deitaro, Seu Juca foi também lá pr'o paió, ficá junto c'as fia. Naquela tarde nem ele e nem as moça pudero comê nada. Ficô tudo pr'os hospe.

No otro dia, de manhã, aquele povo despediu do Seu Juca, agradeceu, coisa e tal e foro-s'embora.

Aí começô os comentário das moça. A mais véia falô:

— Cruz credo, que gente feia. Tinha uns que até parecia bicho. A maió parte era tudo véio.

A mais nova falô:

— Nós é doze. Eles tamém era doze. Bem que podia tê arrumado casamento pra nós todas.

A do meio, mais desconfiada, oiando pr'um quadro pregado na parede disse:

— Deus me perdoe o que vô falá, mas eles tava pareceno Jesus e os doze aposto, como tá nesse quadro da Santa Ceia.

E assim todas fez seus comentário.

O tempo foi passano e, depois de sete ano, teve uma peste de maleita braba que acabô matano, num só tempo, o Seu Juca e as suas doze fia.

A arma do véio lavradô, acompanhada pelas arma das doze moça, caminharo pr'o céu. Quando chegaro na porta, São Pedro recebeu aquela procissão de armas. As moças já foro dizem:

— Óia, aí, o mais véio deles!

Logo Seu Juca compreendeu tudo. Era o home que passô por lá.

Seu Juca falô pra São Pedro assim:

— Antes de nós entrá, eu quero falá com Nosso Senhor.

São Pedro reconheceno que era o véio que hospedô eles, foi logo chamá Nosso Senhor.

Óia o home loiro!, falaro as moça.

Seu Juca falô:

— Aquí tô eu c'as minha fia.

Jesus, sorrino, respondeu:

— Pode entrá você e as duas fia mais nova. As otra, cinco vai pr'o Purgatório e cinco pr'o Inferno.

— De jeito nenhum, Senhor. Lá em casa você não falô assim. Só falava:

— Onde come doze, come treze; onde dorme doze, dorme treze. Agora mudô o jeito? Eu não posso aceitá. Ou entra eu co'as menina ou vô embora com todas elas. Até sordado você levô pra casa e eu arrecebi. Na casa dos otro, onde come dez, come onze; onde dorme doze; dorme treze, mas na sua casa, onde entra três não pode entrá treze? Muito agradecido, até logo!

— Espera aí, Seu Juca, falô Jesus.

E oiando pra São Pedro disse:

— Ele tem razão. Abre a porta pr'as treze arma.”

Contada pelo Sr. Ezequiel Batista de Carvalho, 71 anos (1983) residente no Patrimônio de São João Batista, Olímpia.

15 — A VELHA E A MOÇA

“Certa vez Nosso Senhor saiu com São Pedro e Pedro Malasarte, dando uma volta pelo mundo e conhecerem melhor as pessoas. Era um domingo.

Depois que caminharam bastante, passaram diante da casa de uma senhora, já bem velha, que rezava em voz alta. Rezava sem parar, uma oração atrás da outra. Jesus fez uma pequena parada e disse: Esta está amaldiçoada.

Caminharam, caminharam e passaram diante de uma casa, de belo alpendre, e nele uma moça cantando, enquanto se balançava numa rede de dormir.

Jesus fez também uma parada e disse: Esta está abençoada.

Malasarte ficou acabrunhado. Como era possível aquilo: A que rezava foi destinada ao Inferno e a que se divertia, ao Céu. Deveria ter alguma coisa errada neste julgamento.

Andaram, andaram muito e, à hora que foram descansar, Pedro Malasarte pediu a São Pedro para pedir explicações a Jesus sobre os dois casos.

Jesus, calmamente, assim explicou: A moça que estava cantando, estava alegre e sem pecados. A velha que rezava, era falsa, rezava só da boca para fora, o coração dela estava cheio de pecados, de ódio.

Pedro Malasarte não entendeu bem o que Jesus quis dizer e pensou consigo mesmo: O melhor, então, é largar de rezar. Ele era de gênio inquieto.

Pediu a Jesus para dar virtude à carapuça dele e saiu pelo mundo, sozinho, aprontando uma pior que a outra, criando confusões e deixando as pessoas atrapalhadas.”

Contada pelo Sr. Antônio Miranda (Toim), 50 anos (1985), residente no distrito de Ribeiro dos Santos, Olímpia.

16 — A INDIGNAÇÃO DE SÃO PEDRO

“Num dia de domingo, Nosso Senhor e São Pedro, disfarçados em pessoas pobres, saíram para conhecer, de perto, o povo de uma vila que não ficava muito longe de onde eles moravam.

Quando eles passaram perto de uma casa, avistaram uma mulher lavando roupa, num batedouro, rente a uma cisterna.

Essa mulher tinha uma porção de filhos, quase todos chorando e infernando a vida dela. A mulher puxava um balde d'água, batia uma peça de roupa, enxaguava e estendia numa cerca de arame, perto da casa. Mas não parava um minuto de lamentar a vida e xingar os filhos.

Nosso Senhor falou pra São Pedro: Esta mulher está condenada. Quando morrer vai pr'o Inferno.

Continuaram andando, observando aqui e ali e, lá numa outra rua, eles viram uma moça sentada debaixo de uma árvore de sombra, numa cadeira bem confortável, tocando violão e cantando, muito alegre, feliz.

Nosso Senhor falou pra São Pedro: Esta moça se salvará. Quando morrer vai para o Céu.

São Pedro pensou com seus botões: Nosso Senhor é injusto. Está errado este julgamento.

E seguiram andando pela vila, até conhecer tudo.

Quando Nosso Senhor parou para descansar e comer a merenda que tinha levado, São Pedro aproveitou para pedir uma explicação sobre os dois julgamentos.

Nosso Senhor explicou a São Pedro:

— Aquela mulher que trabalhava, no dia de domingo, estava com o coração cheio de ódio, muito revoltada. O que adianta, então, o trabalho dela?

Aquela moça, não podendo ir à igreja, porque nesta vila não há nenhuma, estava com o coração feliz, amando a vida que Deus lhe deu.

É assim, Pedro. Nem todas as pessoas que trabalham todos os dias estão cumprindo a lei de Deus. Lembra-se,

Pedro, que Deus fez o mundo em seis dias, mas mandou que se descansasse no sétimo. Compreendeu?

São Pedro compreendeu tudo e achou que Nosso Senhor estava cheio de razão.”

Contada pelo Sr. *Gumerindo Moreira da Silva (Seu Nego)*, 56 anos, (1981), residente na Vila Di Marco, Olímpia.

17 — OS DOIS CARRINHEIROS

“Nosso Senhor e os Aposto saíro numa manhã de chuva, andano por uma estrada muito comprida. Depois que eles andaro bastante, encontraro um carrim, puxado por dois burro, atolado num brejo. O carrocerero tava num desespero loco: Rezava, pedia pra Deus e até chorava de nervoso. Quando viu Nosso Senhor e os Aposto, ele gritô, até com raiva: Ô seus vagabundo, ocês não vêm me ajudá?

E falava, sem pará: Me ajuda Deus, Pai Poderoso. Nosso Senhor não quis que os aposto ajudasse.

Nosso Senhor oiô pra ele e disse: Esse vai pr’o Inferno! E dexô ele lá sofrendo.

Caminharo mais um poco. Lá na frente encontro otro carrim, também puxado por dois burro, que tava atolado no brejo, na mesma situação do otro. O carrocerero xingava tudo quanto é nome feio. Batia nos animal sem piedade. E gritava: Carrim do Diabo! Burros do Diabo! E dava lambada nos animal de fazê dó.

Nosso Senhor falô: Esse vai pr’o Céu! E abençoô ele pra tirá o carrim do atolero.

Desatolô na hora. Eles seguíro. São Pedro ficô admirado com a ação de Nosso Senhor e falô pra ele, com voz meio arta:

— O Senhor tá errado! Onde já se viu amardiçoá o que pedia ajuda de Deus e abençoá o que falava em nome do Diabo!

Nosso Senhor, com carma, explicô pra São Pedro:

— Pedro, aquele que falava em nome de Deus, queria que nós fosse puxá o carrim pra ele. Não tinha fé no que tava pedindo. O que espancava os burro, queria que os burros tirasse o carrim. Tinha confiança até nos animal.

O primeiro queria que nós fizesse o papel de burro. Foi por isso que eu agi assim.”

Contada pelo Sr. *Jesus Francisco de Miranda (Chico Vato)*, 72 anos (1984), residente no Bairro de São José, Olímpia.

18 — SÃO PEDRO E OS DOIS HOMENS

“Um dia Nosso Senhor e São Pedro saíro andano pelo mundo. Passano por um lugarejo, encontraro um home que tava lidando com o gado. Mas era um home muito grossero e tratava muito mal as criação e ainda, por cima, blasfemava demais. São Pedro ficou revoltado com a atitude do home e não se conformano com aquilo, pediu para Jesus i falá com ele, para lhe dá uns conselho.

Nosso Senhor, de pronto, atendeu o pedido, mas ao chegá perto daquele xingadô, abençoou ele. São Pedro reprovô a atitude de Jesus.

Seguindo pela mesma estrada, encontraro outro home que tava rezano, no pé de uma cruz.

São Pedro disse:

— Este home sim, Mestre, é um bom crente, um devoto da religião.

Mas Jesus aproximô do home e amaldiçoô ele.

São Pedro, novamente, criticô a atitude de Jesus, achano que mais uma vez havia agido de modo errado.

Então, Jesus fez um acordo com São Pedro para prová que não tava errado, dizem:

— Você vorte onde tão aqueles dois home pra falá co’eles. Pr’o primeiro home, o que tá cuidano do gado, você convida pra praticá um crime junto com você. Depois você convida aquele rezadô.

São Pedro obedeceu. Chegô nos ouvido do home e convidô pra participá de um crime.

O home, de pronto, respondeu pra São Pedro:

— Você está ficando loco? Fazê crime é pecado. E Deus não permite que a pessoa entra no reino do céu. E ainda o criminoso pode passá muitos anos na prisão. E tem mais: Suma daqui, seu ordinário.

Mal São Pedro recebeu a resposta, deu nos pés.

Foi, depois, procurá o segundo home, aquele que tava rezano, propô a mesma idéia.

O home falô pra São Pedro:

— Eu topo ajudá você. Vamo fazê esse crime. Mas só que tem uma coisa: ninguém pode ficá sabeno. Tudo tem que sê feito em segredo.

São Pedro não contô nada a Jesus a respeito das resposta, mas Nosso Senhor já sabia o pensamento de cada um. E, chamano São Pedro, deu uns conselho:

Pedro, a parti de agora, você deve segui estas regra de vida: não deitá tarde, levantá cedo, não teimá com os mais velhos e nem comê azedo.”

Contada pelo Sr. *Roberto José de Carvalho (Bel)*, 45 anos (1989), residente no Patrimônio de São João Batista, Olímpia.

19 — AS APARÊNCIAS ENGANAM

“Jesus e São Pedro andando no mundo encontraram três ou quatro homens muito alegres, tocando violão, viola e cantando.

Jesus falou pra São Pedro: Vamos embora!

Andaram mais um pouco e encontraram um home tombando terra com um arado puxado por dois bois. O homem estava nervoso e xingava demais, porque os bois empacavam e não queriam trabalhar.

Jesus olhou para trás e abençoou o trabalho daquele homem.

São Pedro, não aceitando o gesto de Jesus, ficou muito nervoso e falou:

— Mestre, desta vez o senhor está muito errado.

Jesus então lhe perguntou:

— Por que, Pedro?

— Aqueles homens que estavam cantando, muito alegres, sem nenhuma maldade, o senhor não deu a menor importância. E o homem que blasfemava, o senhor abençoou.

Jesus, com muita paciência, explicou:

— Aqueles homens que estavam cantando, além de vagabundos, são ladrões. Nunca gostaram de trabalhar. Levam vida fácil.

Aquele outro que xingava, todo suado, cansado, é bom trabalhador. Quer vencer a vida pelo trabalho, para tratar da família e também daqueles vagabundos que estavam cantando.

São Pedro, desapontado, disse pra Jesus:

— Está certo Mestre. O Senhor tem toda a razão.”

Contada pelo Sr. *Liberato Jacomassi*, 66 anos (1989), residente no Patrimônio de São João Batista, Olímpia.

20 — SÃO PEDRO É MUITO RICO

“São Pedro estava cansado de trabalhar no céu e pediu pra Nosso Senhor deixar ele passar uns dias na terra, aqui no Brasil. Nosso Senhor consentiu. Então, mais que depressa, São Pedro desceu para a terra. Veio meio disfarçado para que ninguém ficasse sabendo quem era ele.

Fez muita amizade e conheceu muitos lugares desse imenso Brasil. E, em cada lugar conhecia muitas propriedades com o nome dele: Igreja de São Pedro, Armazém São Pedro, Açougue São Pedro, Cidade de São Pedro, Córrego São Pedro, Cinema São Pedro, Colégio São Pedro, Fazenda São Pedro, Águas de São Pedro, Bar São Pedro, Sítio São Pedro, etc., etc. Encontrou também muitas propriedades de outros santos. Mas também por todos

os lugares por onde passava ouviu muitas pessoas dizendo para outras: Deus, Nosso Senhor, lhe pague. Ficou muito impressionado com as dívidas que Nosso Senhor tinha que pagar às pessoas do Brasil. Depois de conhecer bem o Brasil, resolveu telefonar para o Céu e falar com Nosso Senhor.

Quando Jesus atendeu, ele foi logo dizendo:

— Senhor, aqui nas terras brasileiras tudo é muito bom. Há de tudo por aqui. Eu, por exemplo, sou um milionário. Tenho muitas propriedades e nunca serei um homem pobre.

Outros colegas meus: Santo Antônio, São João, São Benedito, Nossa Senhora Aparecida também estão muito ricos. Mas o Senhor precisa tomar muito cuidado e nunca aparecer por aqui. É até perigoso. O Senhor está tão cheio de dívidas, que nunca vai conseguir pagar o que deve.”

Contada pelo Sr. Valdemar de Oliveira (Umarajá), 36 anos, (1989), residente no Jardim São Francisco, Olímpia.

21 — DEUS TEM MUITAS DÍVIDAS

“Era mês de junho. Lá no céu, Santo Antônio e São Pedro confabulavam:

— Chi! Lá na terra está havendo uma festa sem fim. Parece que o mundo vai acabar. O foguetório é tanto que parece que vão botar fogo no mundo. E o mais importante é que falam muito em nosso nome: Santo Antônio! São Pedro! Daqui do alto dá para ouvirmos muito bem.

Santo Antônio, muito curioso em descobrir o acontecimento, diz para o amigo São Pedro:

— Eu não agüento mais de curiosidade. Vou descer à terra para saber o que está se passando.

E veio. Não se identificou a ninguém. E presenciou muita gente festejando o seu dia, com muita festa: comidas, músicas, danças e fogos. E se admirava de ver como estava bem conceituado como o santo casamenteiro deste mundo.

Andando pelas ruas, sua alegria foi ainda maior, encontrava tanta coisa em seu nome: igrejas, casas comerciais e até cemitérios. Encontrou também rios, fazendas, hospitais, escolas.

Muito contente, subiu, de volta ao céu e contou tudo para São Pedro.

São Pedro, não resistindo a curiosidade, disse a Santo Antônio:

— Eu também vou dar uma voltinha lá na terra, para ver como anda meu prestígio.

E desceu. Chegou aqui na terra justamente na véspera em que o povo comemorava o seu dia.

Andou disfarçado, de um lugar para o outro, e assistiu a toda a beleza da festa. Ele era mesmo muito querido do povo. Diziam todos que era preciso alegrar São Pedro, porque ele é comandante do céu. Ele é quem decide sobre a entrada ou não de uma alma, no reino de Deus.

Passeando por lugares diversos, encontrou muita coisa em seu nome. Ele dava nome a ruas, avenidas, praças, igrejas, bares, lojas, açougues, colégios, padarias, livrarias, hospitais e até cemitérios. Ficou muito feliz.

Ao chegar, de volta, comentou muito com o companheiro Santo Antônio sobre o prestígio que tinha com os terrestres.

Enquanto os dois conversavam, Nosso Senhor se aproximou deles, e aí, então, passaram a falar baixinho, isto é, cochichavam, para que Jesus não ouvisse o restante da conversa.

Jesus, indignado com o segredo dos dois, falou-lhes:

— O que vocês dois cochicham tanto? Eu quero saber do que se trata!

Eles persistiram em fazer segredo, mas Jesus insistiu em saber tudo.

Por fim, acabaram contando ao Mestre o que tinham descoberto na terra sobre os dois.

Jesus encheu-se de entusiasmo e perguntou-lhes:

— E eu, que sou o Salvador? Como anda o meu prestígio na terra? Eu também vou fazer uma visita, como vocês fizeram.

Os dois responderam:

— Nós achamos melhor o senhor não ir. O senhor poderá não gostar do passeio.

Mas Jesus não lhes deu ouvido. Veio à terra, também disfarçado numa pessoa muito pobre.

Do momento em que aqui chegou, só ouvia expressões como estas: Deus lhe pague. Eu não posso lhe pagar, mas Deus pagará por mim. Só Deus poderá pagar-lhe. Deus te ajude. Espero em Deus receber esta dívida. Esta dívida entrego nas mãos de Deus. E muitas outras expressões com o mesmo sentido.

Jesus apressou-se em voltar para o céu. Santo Antônio e São Pedro o aguardavam com ansiedade.

Assim que chegou, os dois santos interrogaram:

— E daí, Mestre, como pensam as pessoas na terra sobre o senhor?

— Quê!, respondeu Jesus. A minha situação por lá é tão perigosa que não dá gosto de ficar nem um minuto entre eles. Tudo quanto é dívida que as pessoas não podem pagar, passam para o meu nome. Eu nunca vou poder pagar o que estou devendo. O melhor mesmo é nunca mais aparecer por lá. Só assim é que me libertarei de tantas dívidas.

Os dois, que já sabiam da história, disseram-lhe:

— Não foi por falta de aviso, Senhor. Nós bem que lhe dissemos que não aparecesse por lá.”

Contada pela Prof.^a Lourice Arutin Sgorlon, 50 anos (1970), residente no Patrimônio de São João Batista.

22 — O FAZENDEIRO TRANSFORMADO EM BURRO

“Quando Nosso Senhor andava pelo mundo, fingiu-se um dia de mendigo e foi bater à porta de um fazendeiro para pedir-lhe uma esmola. O fazendeiro escurraçou o mendigo e pôs-lhe os cachorros atrás. A sorte foi que São Pedro, que acompanhava Jesus, defendeu-o com seu bastão.

Nosso Senhor estendeu a mão direita em direção ao fazendeiro e transformou-o num burro. São Pedro amarrou-lhe a corda no pescoço.

Quando a mulher do fazendeiro e a filha chegaram ao alpendre, depois do escândalo promovido pelos cachorros, viram dois mendigos que iam embora montados num burro. Por serem muito religiosas, a moça correu atrás dos mendigos para dar-lhes uma esmola.

Andaram muito e, ao anoitecer, pediram pouso numa tapera, em ruína, à beira de uma estrada. Foram atendidos por uma velha pobrezinha, mas muito hospitaleira. Preparou uma comida muito simples aos dois e ajeitou-lhes uma cama com alguns sacos de estopa. Conversaram um bom tempo e a velha lhes contou sua vida desde quando seu marido morreu. Ela estava vivendo na miséria. Possuía uma roda de ralar mandioca, que há muito não funcionava, por falta de um animal que a puxasse. Por isso nem farinha de mandioca ela podia fazer, apesar de ter um pequeno mandioccal.

Nosso Senhor, então, deu-lhe aquele burro para fazer o serviço, dizendo-lhe que o fizesse trabalhar bastante. Se ele tretasse, que ela não lhe poupasse relho no lombo. E disse também para não lhe dar muita comida e, que no fim de sete anos, ele e São Pedro voltariam para buscar o burro.

Passados os sete anos, Nosso Senhor e São Pedro voltaram à casa da velha que já havia prosperado muito, graças aos serviços do burro. Montaram no animal e foram à fazenda do fazendeiro rico. Quando chegaram na casa da fazenda, foram recebidos pela proprietária, que dizia ser viúva, e por sua filha.

Nosso Senhor, exibindo o burro, disse à pressuposta viúva:

— Este é o seu marido.

E voltando-se à filha:

— Este é o seu pai.

Ele mereceu ser castigado. Já cumpriu a pena e está perdoado. E, estendendo a mão, novamente, sobre o animal, transformou-o em homem, tal como era no dia em que os maltratou.”

Contada pela *Sra. Maria Sant'Ana Irâni*, 39 anos (1979), residente no Patrimônio de São João Batista, Olímpia.

23 — O MENINO-DEUS NAS ÁGUAS

“Quando Nosso Senhor andou no mundo, São Pedro lhe disse que as mulheres do bairro de Campo Alto eram muito más e as de Campo Baixo eram caridosas.

Nosso Senhor quis tirar a prova, para ver se São Pedro estava com a razão.

As mulheres de Campo Alto estavam lavando roupas à beira de um rio e havia chovido demais. As águas tinham subido. E, no leito do rio, deitado num cestinho muito bem protegido, flutuava uma criança novinha, chorosa, que agitava as mãozinhas, descendo a correnteza. Ninguém pensou em salvar a criança. Tiveram medo, pensando que isso pudesse trazer-lhes alguma complicação. E, com um pedaço de pau, empurraram o cestinho para o meio do rio, para ser levado para longe.

Mais abaixo, um grupo de mulheres de Campo Baixo, também lavavam suas roupas à margem do rio. Uma delas avistou o cestinho e já o mostrou às outras mulheres. E todas elas, sofrendo risco de vida, entraram nas águas e com o auxílio de um pedaço de pau, puxaram o cestinho, com muita alegria, para salvar o menino, já discutindo quem iria ficar com ele. Todas queriam criá-lo.

Assim que tinham o menino nas mãos, este desapareceu misteriosamente. Nesse momento ouviram uma voz, sob uma luz maravilhosa, que disse estas belas palavras:

— Para sempre seja abençoado o Bairro de Campo Baixo.

Dizem que desde aquele dia nunca mais morreu uma criança em Campo Baixo.”

Contada pela *Prof.^a Meire Irâni*, 21 anos (1980), residente no Patrimônio de São João Batista, Olímpia.

24 — O FAZENDEIRO E A EMPREGADA

“Havia um senhor muito rico, proprietário de uma fazenda enorme, além de muitas casas de aluguel, mas era uma pessoa avarenta. Não dava sequer esmolas. Morava num belo palácio e tinha uma empregada muito trabalhadeira e que gostava de praticar boas ações. Essa empregada chamava-se Maria.

Um dia ela morreu e o fazendeiro ficou muito aborrecido, porque Maria era quem mais o auxiliava nos trabalhos, tanto nos de casa como nos da administração de seus bens. Maria, apesar de tantas atividades, arrumava um tempinho para ir à igreja, visitar os doentes e socorrer os pobres.

O fazendeiro, depois de alguns meses que Maria morreu, passou a sofrer muito e acabou sendo hospitalizado. Mas não recuperou mais a saúde. Percebendo que não havia mais recursos para curar-se, ele, então, pensou: Eu nunca dei nada a ninguém. Eu vou dar uma contribuição a um hospital que trata de pessoas pobres. E deu.

Não demorou muito tempo, ele morreu. E foi à procura do céu. Ao bater a aldrava da porta, São Pedro veio atendê-lo. E o deixou entrar. Ele logo falou ao Santo: Aqui no céu é muito bonito. Eu quero ir direto para a casa que está reservada para mim. E seguiram os dois pelos caminhos do céu.

Nisto, ele vê, no alpendre de uma linda mansão, uma mulher acenando-lhe a mão e logo reconheceu que era

Maria, sua ex-empregada, quem ele queria muito bem. Conversaram durante alguns minutos. E, durante a conversa, Maria perguntou se ele também ficaria no céu. São Pedro interferiu com uma piscada e fazendo um gesto com a mão direito, querendo dizer que ainda não era certeza. Mas o fazendeiro nada entendeu e, voltando-se para São Pedro, falou:

— Maria tem uma casa maravilhosa. Imagine, então, como será a minha. Se ela que era minha empregada tem uma casa dessas, eu, que fui seu patrão, devo ter uma casa dez vezes mais bonita.

E prosseguiram a caminhada.

Quando estavam quase no último lote do céu, já não havia mais nem uma casa. Então, o fazendeiro, meio preocupado, perguntou a São Pedro.

— E minha casa, onde está?

São Pedro, apontando um terreninho, com duas estacas levantadas, disse-lhe:

— É esta aqui.

— Mas por que esta injustiça?, indagou o fazendeiro. Ela, a Maria, mulher pobre, minha empregada tem um belo palácio e eu, homem rico, patrão dela, só tenho duas estacas plantadas, sem nenhum abrigo. Não está certo!

São Pedro, com um leve sorriso, esclareceu tudo:

— Maria, apesar de pobre, praticou muitas ações de bondade, de religião, durante sua vida lá na terra. Para cada boa ação praticada, era reservado um tijolinho para a construção de sua casa no reino celestial. Foram tantos os tijolinhos reservados, que deu para construir aquela linda casa.

Você, meu amigo, muito apegado às coisas materiais, passou sua vida só pensando na sua riqueza e se esqueceu de contribuir para a construção de sua casa junto ao reino de Deus.

Quando você pensou nisso, já era tarde demais, e através da sua única caridade feita, já no fim de sua vida terrestre, deu para ceder-lhe apenas um tijolinho, que sustém estas duas estacas. Se você quiser aceitar, fique. Se não quiser, tome o outro rumo.”

Contada pela *Prof.^a Lourice Arutin Sgorlon*, 50 anos (1970), residente no Patrimônio de São João Batista, Olímpia.

25 — POR QUE NÃO CHOVE EM TODOS OS MESES

“Diz que antigamente chovia todos os dias na terra. O povo, com desculpa de não podê trabalhar, passava o dia e a noite inteira só na bagunça: dançano, comeno, bebano, jogano, robano e até se matano uns aos outros. Jesus tomô conhecimento disso e mandô São Pedro na terra pra vê se ele controlava a situação.

São Pedro desceu cá pra baixo e não quis sabê de mais nada. Gostô da atitude do povo. Entrô na bagunça também e nada de vortá pr'o céu pra dá notícia pra Nosso Senhor.

Nosso Senhor, preocupado, mandô São Miguel descê pra fazê vortá São Pedro. São Pedro vortô na marra e, chegado no céu, levô uma boa lição.

Passado uns dias, Jesus mandô São Pedro vortá na terra e dizê pra pessoa que pra evitá tanta bagunça, num mês chovia e no outro não. Assim o povo ia trabalhar e largá de tanta loucura.

São Pedro desceu outra vez na terra, mas quando foi dá o recado de Nosso Senhor pra o povo, ele disse assim:

— Nosso Senhor mandô falá pra vocês que é pra largá de tanta bagunça e pra isso num mês chove e em nove não.

É por isso que durante o ano tem uma época de seca. Foi mais uma confusão que São Pedro fez.”

Contada pelo *Sr. Jesus Francisco de Miranda (Chico Vato)*, 72 anos (1984), residente no Bairro de São José, Olímpia.

“Quando Nosso Senhor andava pelo mundo, foi almoçar um dia com *São Pedro*, na casa de um vigário de um vilarejo. Esse vigário era daqueles que não seguia, a rigor, as normas da igreja e tinha três filhos, meninos sadios e muito danados. Quando chegavam visitas, o vigário trancava os garotos num quartinho, rente à sala de jantar. Mas as crianças, muito saudáveis, nunca ficavam em silêncio. Aprontavam um barulho terrível.

Nosso Senhor, impressionado com a barulheira, perguntou ao vigário:

— Seu vigário, quem está nesse quartinho ao lado?

Meio desconcertado, o vigário lhe respondeu:

— Meu Senhor, são três porquinhos que estou engordando.

Nosso Senhor deu um cutucãozinho na perna de *São Pedro* e continuou a comer.

Depois que os visitantes se despediram, o vigário foi soltar os filhinhos aflitos que estavam na prisão e quase caiu desfalecido, quando viu, não os filhos, mas três porquinhos cevados.

Desesperou-se. Desconfiou dos hóspedes, que naturalmente eram misteriosos. Saiu, a todo galope, e ainda teve a oportunidade de encontrá-los saindo do vilarejo.

O vigário gritava, olhando para Jesus:

— Senhor, piedoso Senhor, perdoe os meus erros, meus pecados, e me dê, de volta, os meus filhos.

Nosso Senhor ficou com muito dó dele, e pondo-lhe suas mãos sobre a cabeça, disse:

— Volte, senhor vigário e encontrará seus filhos como eles eram. Não peque mais e nunca minta a ninguém.”

Contada pela *Prof.^a Ivete Fernandes*, 40 anos (1977), residente no Patrimônio de *São João Batista*, *Olímpia*.

27 — AS MOEDAS DE OURO

“Quando Nosso Senhor andava no mundo, passou, numa tarde, num lugar quase deserto: pouca gente, pouca vegetação. *São Pedro* o acompanhava a pé.

Tinham descido do céu naquele dia, estavam cansados e resolveram parar, um pouco, debaixo de uma árvore.

São Pedro, muito prosa, logo começou a falar das pessoas deste mundo, que os homens eram maus e sacrificavam os que são justos.

Nosso Senhor, percebendo o desinteresse de *São Pedro* pela caminhada e também a sua má vontade, lhe perguntou:

— Pedro, você trouxe algum dinheiro?

De pronto, o santo lhe respondeu:

— Nem um tostão, Senhor.

Nosso Senhor completou:

— Eu também não trouxe nada. Esqueci minha carteira, ao sair do céu.

Então, *São Pedro* propôs a Jesus:

— Senhor, vamos voltar, depressa, pr'o céu. Sem dinheiro não se consegue nada por aqui. Vamos até passar fome.

Jesus balançou a cabeça e sorriu.

Já era noite e eles estavam ao lado de um pé de imburana, carregadinho de frutos maduros. Nosso Senhor, sobre o cavalo, puxou um dos galhos da árvore e agitou-o fortemente. Nessa hora ocorreu um milagre: as sementes da imburaneira caíram e forraram o chão de moedas de ouro.”

Contada pela *Dr.^a Sueli Aparecida Ruiz*, 34 anos (1988), residente no Patrimônio de *São João Batista*, *Olímpia*.

“Era uma vez um homem que trabalhava dia e noite e não conseguia sair da pobreza. Era ferreiro. E quanto mais trabalhava, mais pobre ficava.

Um dia ele encontrou um compadre que tinha parte com o Diabo que perguntou o que estava acontecendo que ele andava muito triste. O ferreiro explicou tudo pra ele.

O compadre falou que se ele quisesse resolver o problema era muito fácil. Era só fazer um pacto com o Diabo. Nisso, o Diabo apareceu e disse pr'o ferreiro: Se você me vender sua alma, todo o dia que você precisar de dinheiro é só enfiar a mão no bolso, que encontrará uma nota de muito valor.

O ferreiro concordou e pediu prazo de um ano pra ir pr'o Inferno. E fez três outros pedidos pr'o Diabo.

O primeiro foi este: O ferreiro tinha em casa um grande banco e que se nele sentasse alguém, só podia levantar se ele desse ordem.

O segundo pedido foi este: Ele tinha no quintal da casa uma jabuticabeira muito grande e ela tinha que dar jabuticaba o ano inteirinho. Se alguém subisse na jabuticabeira, só podia descer se ele desse consentimento.

O terceiro pedido foi: Na sua oficina de trabalho tinha um enorme saco de lona e quando mandasse entrar nesse saco, todos tinham que obedecer.

O Diabo concordou também com os três pedidos. Vencido um ano, apareceram três capetas para levar o ferreiro pr'o Inferno. Ele estava terminando um serviço na oficina e pediu pr'os capetas que sentassem no banco. Eles sentaram. O homem terminou o serviço e os capetas foram levantar, mas não conseguiram. Aí, o ferreiro pediu o prazo de mais um ano para ficar por aqui, para deixar eles se levantar. Eles concordaram. Quando venceu o prazo, voltaram os três capetas pra levarem o ferreiro, mas tinham ordem que não sentassem no banco. O fazendeiro pediu pra eles subirem na jabuticabeira e que chupassem jabuticaba à vontade. Os capetas gostaram. Chuparam muitas jabuticabas, mas descer de lá não conseguiram. Então, para deixar eles descerem, o ferreiro pediu prazo de mais um ano pra ficar na terra. O prazo foi concedido. Passado mais um ano, voltaram os três capetas para levar o fazendeiro pr'o Inferno, mas que não sentassem no banco e nem subissem na jabuticabeira. O ferreiro pediu aos três que entrassem no saco de lona. Eles entraram e o ferreiro amarrou o saco com uma correia bem forte e jogou o saco de lona num tacho de água quente e começou a bater neles com uma picareta, até que ficassem bem queimados e machucados. Depois desta, os capetas não voltaram mais pra buscar o ferreiro.

Passado muito tempo, o ferreiro morreu e foi bater na porta do céu pra entrar. *São Pedro* recebeu, mas não deixou entrar, porque ele tinha vendido a alma pr'o Diabo. Então ele foi bater na porta do Inferno, mas os capetas reconheceram que era o ferreiro e não deixaram ele entrar, porque estavam com muito medo dele. Então, o que o ferreiro fez? Foi novamente à porta do céu e convenceu *São Pedro* pra ele entrar no céu, porque ele não foi aceito no Inferno. *São Pedro*, então, recebeu o ferreiro para ficar pra sempre no céu.”

Contada pelo *Sr. Jocelino Cipriano Leal (Joce)*, 63 anos (1988), residente no distrito de *Ribeiro dos Santos*, *Olímpia*.

29 — SÃO ROQUE

“Havia um fazendeiro muito rico, mas também muito muxiba. Era um avaro que não gostava de ajudar a ninguém. Não dava esmolas aos pobres e nem ajudava nas campanhas da igreja.

E explicava o porquê de não ajudar a paróquia, dizendo que os santos não comiam e nem bebiam e que o

dinheiro ofertado era para encher a barriga de preguiçosos.

Assim, a riqueza desse fazendeiro unha-de-fome foi cada vez mais se multiplicando.

A indiferença dele com as coisas da igreja chegou a tal ponto que um dia os parentes e até mesmo os empregados o aconselharam a dar um adjutório para reformar a igreja, pois ele era muito rico e precisava agradar a Deus e aos santos.

O ricaço pão-duro pensou muito sobre o assunto e decidiu ir à igreja para assistir à missa. E falou consigo mesmo:

— Vou fazer uma promessa de ir à missa. Cada vez que o padre falar o meu nome, eu dou um conto de réis para ajudar a igreja.

Este fazendeiro se chamava Roque.

Num dia qualquer ele se vestiu muito bem, apanhou um pacote de dinheiro de notas de um conto de réis, reuniu a família e foram todos assistir à missa.

Os amigos ao verem o mão-fechada dirigir-se para a igreja, ficaram tão surpresos que até diziam:

— Hoje vai sair uma alma do Purgatório! Olhem só, o fazendeiro munheca está indo para a igreja com toda a família.

A igreja era um prédio velho que necessitava de completar a pintura já iniciada, mas paralisada por falta de dinheiro.

Ao chegar na igreja, o fazendeiro fez questão de sentar-se no primeiro banco para ouvir melhor as palavras do sacerdote.

O padre iniciou a missa, anunciando:

— Meus queridos irmãos! Hoje a Santa Igreja celebra, pelo seu calendário, o dia de São Roque...

O fazendeiro olhou para a esposa, botou a mão no bolso do paletó, tirou o pacote de dinheiro e dele separou uma nota de um conto de réis e a colocou sobre o banco.

No decorrer da missa, à hora da explicação da segunda leitura do ritual, o padre comentou:

— *São Pedro* quando estava no mundo convidou *São Roque* para ajudá-lo nos momentos difíceis. Andaram muitos dias em missão religiosa até que chegaram à beira de um rio que não dava passagem, por falta de uma ponte.

São Pedro disse:

— *São Roque*, e agora?

Em seguida, *São Roque*, deu uma sugestão:

— Vamos arrumar um machado e um traçador. Derubemos esta árvore grande daqui e com o tronco dela faremos uma pinguela para atravessarmos este rio.

Derrubaram a árvore e, ficando um de cada lado, puseram-se a serrar o enorme tronco. Enquanto estavam serrando, o serrote fazia um barulhinho: roque-roque, roque-roque, roque-roque...

O fazendeiro, atônito, que já havia separado quatro contos de réis, pagou o pacote de notas e à medida que o serrote ia e voltava, acabou depositando sobre o banco toda a quantia de dinheiro que havia levado na igreja.

E foi com a oferta especial do fazendeiro mão-de-finado que o vigário pôde terminar a pintura da igreja.

Graças à promessa que ele fez e, principalmente, graças a *São Roque*."

Contada pelo Sr. Leocrécio Papâni, 41 anos (1983), residente no Patrimônio de São João Batista, Olímpia.

30 — O DESEJO DE DONA CHICA

"Quando Nosso Senhor andava com *São Pedro* no mundo, eles gostavam sempre de hospedar na casa de dona Chica, uma mulher pobre, mas cheia de bondade e de muita educação. Tratava os dois velhos santos com muita atenção. Servia sempre uma comidinha gostosa, feita na hora e nunca deixava de servir água fresquinha e cafezinho em canequinhas de barro.

Conversava muito com os dois velhinhos sobre os assuntos do mundo, sobre religião, e também sobre a pobreza. A casinha dela, muito pobre, feita de pau-apique e coberta de sapé, era tão limpa que dava gosto ficar horas ou até dias em companhia de dona Chica. O quintal não era muito grande, mas tinha uns pés de fruta, verduras e flores. Criava umas galinhas e sempre tinha ovos e uns franguinhos para comer. Cuidava ainda de criar uns porquinhos para o gasto.

Trabalhava, fazendo algumas peças de roupa num velho tear e nunca lhe faltava dinheiro para viver. Apesar de pobre, era muito caridosa. Sabia dividir o pouco que tinha com os que eram mais sofridos do que ela.

Quando Nosso Senhor e *São Pedro* necessitavam de pouso, dava gosto dormir nas camas limpinhas que ela ajeitava. De manhã, servia boas quitandas com chá e cafezinho.

A casa de dona Chica ficava um pouco distante do povoado, mas todas as pessoas gostavam dela e estavam fazendo visitas pra ela, levando algum presentinho e também recebendo alguns favores.

Mas dona Chica tinha um grande sonho. Queria ser uma mulher muito rica, dona de uma grande fazenda de criação, para poder ajudar toda a pobreza de seu povoado.

Todas as vezes que Nosso Senhor e *São Pedro* procuravam ela em busca de comida e de um pouso, ela sempre dava a entender que queria ser rica. Nosso Senhor ouvia o pedido dela, com muita atenção, mas tinha medo que depois de rica, ela mudasse de idéia e agisse diferente, com egoísmo. Mas dona Chica não se cansava de fazer sempre o mesmo pedido: ser rica para ajudar os necessitados.

Um dia dona Chica se levantou e quase morreu de alegria. Estava dentro de uma fazenda enorme, numa casa que parecia um palácio. O curral era muito grande com muitas vacas leiteiras. Tinha árvores de frutas de todas as qualidades. Muitos paióis de milho. Enfim, tinha de tudo. Era, na verdade, uma fazenda muito bela e muito rica. Logo, de manhã, depois de ter conhecido tudo quanto ela havia recebido, por milagre de Nosso Senhor, ela ajustou alguns criados para ajudar a administrar os seus negócios. Estava muito feliz com aquela grande fortuna.

Naquele mesmo dia, à boca da noite, dois mendigos bateram palma na casa, que era a sede da fazenda.

Foram atendidos por um empregado. Eles queriam um prato de comida e um pernoite. Estavam muito cansados.

O empregado conversou com a proprietária e ela nem quis conhecer os dois. Disse apenas isso: vai à cozinha e arrume um prato de comida para cada um, aquele resto que sobrou dos camaradas. Agora, para dormir, eles vão para o paiol e, para pagar o pouso, descasquem uma boa quantidade de espigas de milho.

O empregado levou a comida para os dois e depois foi com eles até o paiol onde eles iam dormir e deu as ordens que recebeu da patroa.

Nosso Senhor, então, teve uma idéia e cochichou nos ouvidos de *São Pedro*. Voltou-se para o empregado e perguntou se ele tinha um isqueiro. O empregado respondeu que sim.

Então, Nosso Senhor acendeu o isqueiro e ateou fogo nas espigas de milho. O empregado, nessa hora, quase morreu de medo. Não demorou um minuto, não havia nem uma espiga com palha. As espigas estavam todas descascadas e os milhos tão perfeitos grudados no sabugo que nem parecia que o fogo tinha passado por eles. O empregado ficou maravilhado.

No outro dia de manhã, os dois mendigos partiram.

O empregado, então, né, foi contar para a patroa o que tinha acontecido:

— Senhora Chica, a senhora precisa ver que maravilha. Um dos mendigos, em menos de um minuto, descascou todas as espigas de milho. Acendeu o isqueiro e as

palhas se queimaram, sem deixar estragado um grão de milho.

A velha milionária saiu correndo para o paiol e ficou encantada com o acontecimento. Achou tão fácil descascar o milho daquele jeito e, dali mesmo foi para o outro paiol e fez a mesma coisa que o mendigo tinha feito. E, assim, com os outros paióis.

Não levou muito tempo, tinha iniciado um grande incêndio na fazenda inteira, transformando tudo em cinza.

A proprietária, muito desesperada, ainda teve um momento para pensar, dizendo: aqueles dois mendigos, que passaram por aqui, era Nosso Senhor e São Pedro. Eu devia ter recebido e, assim, não teria acontecido o que aconteceu. Agora vai ser pior. Vou perder tudo e não ter nem onde morar.

Nosso Senhor e São Pedro já tinham caminhado um bom trecho, mas resolveram sentar um pouco debaixo de uma árvore, para descansar.

Dona Chica, muito desesperada, muito arrependida, saiu correndo, feita uma louca, pela estrada por onde os mendigos foram embora. Depois que andou muito, ela avistou os dois sentados numa pedra e eles também avistaram ela.

São Pedro foi logo dizendo a Nosso Senhor: não perdoe ela não. Ela foi muito má para nós.

Nosso Senhor, respondeu: cale a boca, Pedro. Fique quieto, eu resolvo tudo.

Assim que a velha chegou, triste, suada, inconformada, já foi contando o acontecido para Nosso Senhor. A velha gritava:

— Tenha pena de mim, Senhor. A essa altura já não existe nem a casa da fazenda. Está tudo torrado como pó de carvão. Eu não tenho nem onde passar a noite. Sou a mulher mais infeliz deste mundo. Tenha dó, Senhor!

Nosso Senhor só lhe respondeu: Não, dona Chica, a casa que era sua está lá, do jeitinho que era. Volte, que a senhora vai ver, se é verdade ou não.

A velha, muito nervosa ainda, duvidava:

Mas como, Nosso Senhor! Nessa hora está tudo queimado. Fui eu mesma que pus o fogo. O que eu faço agora?

Nosso Senhor acalmou a velhinha e mais uma vez lhe falou: Volte, que a senhora vai encontrar a sua propriedade do jeitinho que ela era.

A velha, meio crendo meio descrendo, voltou. E assim que foi chegando, percebeu que não havia mais nada daquela enorme fazenda, mas sim a sua velha casinha, humilde, hospitaleira onde, por diversas vezes, ela recebeu Nosso Senhor e São Pedro. E que continuaria recebendo.

Ela seguiu pelo caminho estreito de seu feliz casebre, lembrando a fortuna de um dia que quase a levou pr'ó Inferno. Conformou-se em voltar ao estado de pobreza, que lhe dava muita felicidade e que um dia a levaria para o céu."

Contada pelo Sr. *Jocelino Cipriano Leal (Joce)*, 63 anos (1988), residente no distrito de Ribeiro dos Santos, Olímpia.

31 — O FERRADOR DE ANIMAIS

"Quando Nosso Senhor andava no mundo, um dia atravessô uma rua duma corritela, em companhia de *São Pedro*, e viu na porta duma oficina, um ferradô de animal tentano ferrá uma mula muito braba.

A mula pulava e dava coice que nem uma loca. O ferrado, tinino de raiva, gritava feito um doido:

— Vai pr'ó Inferno, mula capeta, sua desgraçada, fia do Diabo!

Nosso Senhor ovino tanto palavrão, chegô perto do ferradô e, com muito jeito, disse pra ele:

— Ferradô, dexa eu ferrá essa mula pr'ocê?

O home, muito zangado, respondeu:

— Suma daqui, seu Diabo. Dexa eu em paz!

Apesar da estupidez do ferradô, Nosso Senhor tornô a insistir co'ele:

— Ferradô, dexa eu ferrá essa mula?

Aí, o ferradô, meio desconfiado, dexô ele ferrá o animal. Nosso Senhor pegô um facão e cortô três perna da mula. Virô as perna dela pra cima, pregô as ferradura e grudô, de novo, as perna na mula. O ferradô ficô de boca aberta.

Daí, Nosso Senhor e São Pedro foi-se embora.

Mal eles saíro, o ferradô pegô o facão e, pam!, cortô a otra perna da mula que fartava sê ferrada. Quando foi pra colocá a ferradura, ele viu que a mula ia morrê de tanto sangue que ela tava perdeno. Muito afrito, saiu correno, desesperado, atrás de Nosso Senhor, pedino pra ele vortá pra sarvá o animal. Nosso Senhor e São Pedro vortô pra trás. Aí, Nosso Senhor pregô a ferradura no casco e grudô a perna no lugá. E, sorrino, falô com muita educação pr'ó ferradô:

— Que isso te serve de lição. Nunca mais chame tantas vez pelo nome do Chifrudo."

Contada pelo Sr. *Roberto José de Carvalho (Bel)*, 45 anos (1989), residente no Patrimônio de São João Batista, Olímpia.

32 — O BEZERRO

"São Pedro e Jesus estava viajando. Quando já era de noite, sentiro muita fome e cansaço. Aí, avistaro uma casinha muito pobrezinha e foro batê na porta, para pedi comida e poso.

Naquela casa morava um casal de véio, mas naquela hora só tava lá a muié.

Ela recebeu, com muita alegria os dois home, já véio, que parecia dois peregrino e tava com a ropa suja de tanto viajá a pé.

A muié foi cuidá de fazê a comida, mas na casa dela só tinha arroz. Enquanto o arroz cozinhava, ela teve uma idéia. No curralzinho, perto da cozinha, tinha uma vaca e seu bezerrinho. Então, ela pensô: esses dois home deve tá com tanta fome e eu tenho vergonha de dá arroz puro pra eles comê. Foi depressa, no curral, e matô o bezerrinho, que já tava apartado da vaca, pra tirá o leite no otro dia. E fez a carne do bezerro como mistura. Nisso, chegô o marido dela e ela contô o que tinha feito. O marido respondeu: Você fez muito bem. Deus vai ajudá nós e o bezerrinho não fai fazê farta.

Comero bastante, o casal e os dois veinhos. Depois conversaro argum tempo e foro dormi.

De madrugada, o dono da casa escutô o bezerro berrano e a vaca também. Levantô pra tirá o leite e percebeu que tinha acontecido um milagre. Bebero o leite e dero também para os dois hóspede. Eles agradecerô muito e foro embora, seguino viage.

O casal ficô muito contente, porque pelo acontecido, eles tinha hospedado dois santo na casa deles.

Daquele dia em diante, nunca mais fartô comida pr'ó casal."

Contada pelo Sr. *Benedito Batista de Carvalho (Ditinho)*, 43 anos (1989), residente na Vila Raia, Olímpia.

33 — AS DUAS FOLHAS DE CEBOLA

"Tinha uma véia muito ridica que não dava nada pra ninguém. Quando ela já tava no fim da vida, ela fez a primeira caridade. Deu, de presente, pr'um afilhado, uma troca de ropa, que ela mesma fez, usando a fazenda de uma saia muito véia que ela tinha.

Numa otra vez ela deu, pra vizinha, duas foinha de cebola. E nada mais ela fez de caridade.

Passado muito tempo de quando tinha dado as foia de cebola, ela morreu. Então ela foi batê na porta do céu e chamô São Pedro que atendeu ela. Ela disse que queria entrá no céu. Então São Pedro falô, antes, nós tem que

oiá o que a senhora fez de bão na terra pra vê se a senhora pode ficá aqui.

Ela já foi falano: Eu dei um apareio de ropa pr'ô meu afilhado. Aí, São Pedro pegô a ropa, mas como tava muito fraca, não conseguiu fazê com que ela entrasse no céu, porque ela segurava a ropa e a ropa ia se rasgano toda, de tão rota que tava.

Então ela teve que vortá! Mas, logo alembro que tinha dado duas foia de cebola pr'uma vizinha. Vortô e falô isso pra São Pedro. São Pedro foi vê e de fato achô as foia. Deu a primera, a véia segurô, mas quando tava pra entrá, a foia partiu. Deu a segunda e, com muito trabalho e jeito, ela conseguiu entrá no céu. Aí, então, ela pôde percebê que Deus era tão bão que por poca obra feita na terra, ainda ele deu pra ela a sarvação."

Contada pelo Sr. *Benedito Batista de Carvalho (Ditinho)*, 43 anos (1989), residente na Vila Raia, Olímpia.

PARTICIPAÇÃO DE PEDRO MALASARTES

34 — O MESTRE DOS MESTRES

"Diz que quando Nosso Senhor e São Pedro, né, andô no mundo, eles encontraro Pedro Malasarte que também saiu andano co'eles. Um dia eles passaro perto dum barraco dum ferrero e lero na porta: Mestre dos Mestre. Pararo e entraro. A oficina do home era mesmo uma beleza. Tinha de tudo: fole, forja, bigorna e um engenho puxado por cavalo. Num instantinho o homem fazia um martelo, uma foice, um enxadão e outras peça. Mostrava as peças pr'os visitante e perguntava: Sô o num sô o mestre dos mestre ferreiro? Nosso Senhor não falava nada. Ficô quetinho. Pedro Malasarte achô tudo uma beleza, uma coisa perfeita.

Então Nosso Senhor chamô São Pedro e o Pedro Malasarte e foro batê parma na casa duma vizinha do ferreiro. Quando o dono da casa abriu a porta, Nosso Senhor viu, sentada numa cadera, uma véia muito acabadinha, muito enrugada, que parecia tê mais de cem ano. Nosso Senhor perguntô pr'ô dono da casa o que a véia era dele. O home respondeu: É minha mãe.

Então, né, Nosso Senhor perguntô pra ele: O senhor qué que eu dexô ela novinha, como se fosse uma mocinha, como se fosse uma mocinha de uns quinze ano? Uma mocinha novinha, bonitinha? A idade dela num diminói, mas o corpinho vai ficá novinho em foia. O home aceitô. Então, né, os três levarô a veinha pr'ô barraco do ferrero.

Daí, né, Nosso Senhor mandô São Pedro botá ela na forja e cobriu ela com bastante carvão. São Pedro cumpriu as orde. Aí, né, Nosso Senhor pediu pra São Pedro puxá o fole. Pegô fogo no corpo da veinha e saiu aquela fumacera danada. O corpo foi diminuino até ficá uma massa preta, de dois quilo, pareceno massa de pão.

O ferrero ficô tão assustado que garrô a tremê. Ficô até meio bobo. Nosso Senhor, então, falô pra São Pedro: Co'esse pegadô aí pega essa massa e bota ela na bigorna. E falô pr'ô Pedro Malasarte: Pega a marreta e bate nessa massa c'a força que ocê tem.

Pedro Malasarte num gostô nada da história. Tava morreno de medo. Achô ruim, mas obedeceu a orde. E Nosso Senhor falava pr'ele: Vamo! Bate a marreta cum força! Bate mais! Mais! Vamo!

E Pedro Malasarte dava o que tinha: uma pancada em cima da outra. Já tava c'os braço até doeno de tanta pancada. Só escutava: pam, pam, pam! Por fim, Nosso Senhor pegô o pegadô e jogô a massa num tanque d'água. Foi o mesmo que jogá uma lata d'água numa fogueira. Uma fumacera medonha. O ferrero, nessa artura, tava c'os óio arregalado, nem piscava. Mais umas três vez aquela massa vortô pra bigorna e São Pedro puxava o fole, conforme Nosso Senhor mandava. Depois Nosso Se-

nhor botô a massa no tanque d'água e aquela massa se transformô numa linda moça: novinha, bonitinha, perfeitinha. Saiu do tanque e agradeceu muito Nosso Senhor. O fio dela quase morreu de felicidade. Chegô a perdê a fala. O ferrero e Pedro Malasarte quase morrerô de susto. São Pedro ria de muita satisfação.

Então, né, Nosso Senhor perguntô pr'ô ferrero quanto ele devia pagá por ter usado a oficina. O ferrero não quis nada em troca. Tava admirado que chamô Nosso Senhor de feiticeiro.

Daí, os três se despediro e foro-s'embora. Mal os três saíro, o ferrero teve uma idéia. A mãe dele também era uma véia todinha enrugada, um caquinho de muié. E pensô: Vô dexá minha mãe bem nova, mais nova ainda do que a minha vizinha. Entrô lá pra dentro e vortô co'a véia nos braço. Jogô a coitadinha no fole, pediu pr'ô empregado dele jogá carvão por cima e puxá o fole. Levantô aquela lavareda comprida e um chero miserave de carne queimada. Ele procurava a massa, mas só viu um restinho de osso, poca coisa.

O infeliz ficô desesperado. Corria feito um doido dentro da oficina, sem sabê o que fazê e gritava: Coitada da minha mãe! Eu matei minha mãe! Sô um fio desnaturado. E chorava como uma criança, pedindo socorro em voz muito arta.

Nisso ele se lembro daquelas visitas e saiu correno atrás delas e ainda deu pra arcançá. Pedro Malasarte falava pra São Pedro: o ferrero tá loco. Ele se arrependeu por não ter cobrado nada e agora vem correno pedi o dinheiro pra Nosso Senhor. Mas o coitado tava era arrependido pela burrice que fez. Foi direto nos pés de Nosso Senhor e de joeio contô o que tinha feito: Sabe, eu matei minha mãe. E contô tudo o que tinha feito.

Nosso Senhor perguntô pra ele: Ocê não é o mestre dos mestre? Então! Sarve sua mãe, agora!

O ferrero, com desespero, gritava: Eu num sô mestre de nada. Eu sô é um desgraçado!

Nosso Senhor ficô com muita pena do infeliz e vortô no barraco junto com São Pedro e Pedro Malasarte. Nosso Senhor pediu pr'ô Pedro Malasarte lê o letrado em voz arta. Ele leu: Mestre dos mestre.

Nosso Senhor falô pra ele: Se ocê num tinha feito esse letrado, ocê num tinha sido o assassino da sua mãe. Isto é pr'ocê largá de sê convencido.

O ferrero caiu de joeio, otra vez, nos pés de Nosso Senhor, pedino o perdão. E arrancô o letrado da sua oficina. Daí, né, Nosso Senhor entrô, benzeu os ossinho quemado da mãe dele, e da forja saiu uma mocinha muito linda, mais do que a vizinha, como ele queria.

Aí, o ferrero chorô de alegria. Compreendeu que o mestre dos mestre era Nosso Senhor, um fazedô de milagre. O Deus do céu. Agradeceu muito Nosso Senhor e sempre pedino perdão. Nosso Senhor, São Pedro e o Pedro Malasarte despediro otra vez e seguio viagem."

Contada pelo Sr. *Emílio Luison*, 54 anos (1989), residente no Conjunto Habitacional "Hélio Casarini", Olímpia.

35 — MALASARTE ENGANADOR

"Certa vez Nosso Senhor, São Pedro e Malasarte saíro junto pr'ô mundo. Visitano cidade, sitio e outros lugar. Passando numa fazenda que criava carnero, Nosso Senhor pediu pr'ô Malasarte pegá dois carnero pra eles: um branco e o outro preto. E que matasse os carneiro, comesse o coração do carnero branco e que levasse pra ele, Nosso Senhor, o coração do carnero preto. Malasarte obedeceu, mas cumo gostô muito de comê coração, acabô comeno o dos dois carnero.

Quando Nosso Senhor pediu o coração do carnero preto, Malasarte respondeu cum cara lambida: Senhor, o carnero preto num tinha coração. Nosso Senhor fingiu que aquerditô. E seguio caminho. Mais pra frente encontraro uma casa onde tinha um defunto em cima duma

mesa. A família chorava de fazer dó. Nosso Senhor mandou buscar uns paus de lenha e uma vara verde. Fez uma fogueira, jogou o defunto dentro dela, mandou São Pedro dar umas boas varadas nele. De repente, o defunto se tornou vivo novamente e se levantou agradecendo a Nosso Senhor o que ele fez. E a família nem sabia como agradecer.

Depois Nosso Senhor, São Pedro e Malasarte seguiram viagem. Viajaram bastante e Malasarte quis se separar dos dois, mas pediu para Nosso Senhor conceder dois poderes para ele. Um era que ninguém pudesse tirar o boné dele e, o segundo, que nunca perdesse no jogo de barão.

Nosso Senhor atendeu os pedidos dele e ele se separou dos amigos, com o boné na cabeça e o barão no bolso. Andou muito e na boca da noite ele encontrou uma fazenda. Querendo arrumar um companheiro para jogar barão, bateu palma. O dono da casa atendeu ele, mas disse que não podia jogar, porque a mulher dele estava doente, de cama, para morrer.

Então, Malasarte já foi falar ao homem: Eu curo a sua mulher. O senhor vai mandar pegar muitos paus de lenha e umas três varas verdes. O homem atendeu.

Então, Malasarte mandou fazer uma fogueira no quintal. Pediu ao homem ir buscar a mulher dele e jogar dentro da fogueira. Foi só jogar e o fogo em pouco tempo acabou com o corpo da mulher. Ele batia com uma vara, com a outra e com a outra e o fogo estava destruindo o corpo da mulher. Quando ele percebeu que num tava dando certo aquilo, ele começou a ficar desesperado. Pensava em Nosso Senhor e São Pedro para salvar ele.

As pessoas da família desconfiadas de que ele tinha matado a mulher doente, pegaram ele e amarraram numa lasca da cerca. Foram buscar mais lenha para fazer outra fogueira. E dizia para ele: Assassino, você vai morrer do mesmo jeito que você matou essa pessoa. Vai morrer queimado também. Malasarte pensava: Se eu sentar em cima do meu boné, eles não conseguem me tirar daqui, mas num adianta de nada. Eles podem fazer a fogueira em volta de mim e eu morro do mesmo jeito. E pediu para fazer Nosso Senhor aparecer por lá. Mas a família num parava de xingar ele: bandido, miserável, assassino, filho do Diabo. Você vai morrer queimado também, para num enganar mais ninguém.

Nessa hora aparece Nosso Senhor e São Pedro, e o Malasarte respirou de alívio. Conversaram com a família e pediu para tê-los. E caminhou Nosso Senhor para o lado de Malasarte e perguntou outra vez: O carneiro preto tinha o num tinha coração? Malasarte tornou a responder que num tinha. Nosso Senhor viu que o sujeito era mesmo mentiroso, sem qualidade. E falou: Este num tem mais conserto. Nasceu torto e vai morrer torto.

E dali foi para perto da fogueira, apanhou dois pedacinhos de osso da mulher, o que tinha sobrado. Soprou, fez o sinal da cruz, e da fogueira levantou uma mulher perfeita, todinha curada. E ela beijou a mão de Nosso Senhor e São Pedro. A família, então, estava de alegria. Nosso Senhor pediu para sortear Malasarte, que saiu numa disparada, com o boné e o barão no bolso, prometendo nunca mais querer fazer milagre."

Contada pelo Sr. *Jesus Francisco de Miranda (Chico Vato)*, 72 anos (1984), residente no Bairro de São José, Olímpia.

36 — MALASARTE NO CÉU

"Quando Nosso Senhor e São Pedro caminhavam juntos, um dia eles encontraram Pedro Malasarte que pediu para se juntar a eles. Foi aceito.

Depois de andar muito tempo juntos, Malasarte quis separar dos amigos, mas pediu duas coisas para Nosso Senhor.

A primeira era que ele nunca perdesse no jogo. A segunda era que ninguém poderia tirar a carapuça dele do lugar. Jesus atendeu.

Dali para frente, Pedro Malasarte fez cada arte de arrebolar os cabelos. Enganava todo mundo. Só fartava dá

o doura no capeta. Mas um dia ele foi procurar o Capeta lá no Inferno.

O Capeta não quis recebê-lo, mas quando ele falou que era jogador de barão, ficou mansinho que nem um carneiro e mandou ele entrar, porque estava doidinho para jogar umas partidas de truque. E se metero num jogo arrachado. Mas o Capeta não tinha dinheiro e apostou que cada partida que ele perdia, ele dava uma arma do Inferno.

Depois de tê jogado muito tempo, Pedro Malasarte rapelou todas as armas do Inferno.

Então Malasarte quis parar de jogar. O Capeta não quis aceitar.

Malasarte falou: O que você tem para perdê agora?

O Capeta respondeu: Eu. Se eu perdê, você fica com a minha arma.

Malasarte falou: O que eu vou fazer com você? Quem te quer?

E Malasarte não quis saber de mais nada. Convidou todas as armas do Inferno e saiu numa procissão para o Céu.

São Pedro não esperava todo aquele pessoal, mas não teve outro jeito. Teve que deixar todo mundo entrar.

Mas quando todos entraram, Pedro Malasarte também quis entrar. São Pedro esbarrou, dizem que ele não podia, porque não tinha morrido ainda. E bateu a porta na cara dele.

Do lado de fora, Pedro Malasarte ficou agradando São Pedro, pedindo para ele entrar. Fazia um elogio atrás do outro. Então, São Pedro abriu a porta para explicar melhor, porque ele não podia entrar. Foi só São Pedro abrir um poquinho a porta, Malasarte jogou a carapuça dele lá para dentro. São Pedro foi buscar ela, mas quem diz que ela saía do lugar.

Voltou e falou para Malasarte: Você entra, pega sua carapuça e sai.

Malasarte riu por dentro. Era o que ele queria. Entrou e sentou em cima da carapuça. E quem haveria de tirá-lo. Pelejo, pelejo, pelejo e não conseguiu nada. Saiu desesperado e foi levar o caso para Nosso Senhor resolver.

Nosso Senhor falou para São Pedro: Agora não tem por onde não deixá-lo ficar. Trato com quem se cumprido. Mas por outro lado, se ficou sorto aqui, ele vai botar essas armas tudo a perdê, porque ele é levado à breca. Mas logo teve uma ideia. Falou para São Pedro assim: Pedro, você enche uma panela com arroz e feijão, mas põe bastante mesmo e dá para ele ficar sentado no banco, separando grão por grão. Ele só pode andar depois de separar tudo.

Malasarte ficou furo da vida, mas teve que fazer o serviço. Quando já tinha separado a metade, deu um sono nele, a panela caiu e ele teve que começar tudo de novo. Começava de novo e acontecia, de novo, a mesma coisa. E nesse serviço ele tá até hoje.

Entrou no céu com vida, mas tá sentado num banco com uma panela de arroz e feijão, separando um do outro, sem parar.

Se Nosso Senhor não tivesse dado este castigo para ele, já tinha botado fogo no céu."

Contada pelo Sr. *Roberto José de Carvalho (Bel)*, 45 anos (1989), residente no Patrimônio de São João Batista, Olímpia.

37 — A MATULINHA DE VIRADO

"Diz que um dia andava pelo mundo Nosso Senhor, São Pedro e Pedro Malasarte. Nosso Senhor pediu para Pedro Malasarte levar o embornzinho de virado, para o armoço deles. Malasarte, que era guloso, caminhou o tempo todo preocupado, porque o virado que estava naquele emborná mal dava para encher o buraco do dente dele. Eles eram três. Todos, então, iam passar fome.

Caminharo muito tempo, e quando foi depois de meio-dia, eles já estavam com fome, porque já era hora do armoço. Pararam perto de um corgo onde tinha uma mina

de água fresquinha e umas pedra grande onde eles podia sentá.

Então Jesus falô pr'o Pedro Malasarte:

— Abre esse embornazinho ali, em cima daquela pedrona, para cada um se servi.

Pedro Malasarte ficô com muita vontade de ri. Aquilo até parecia caçoada. O que eles ia fazê co'aquela miserinha de virado? Num dava nem três cuié. Mas fez o que Jesus mandô.

Quando ele desatô a boca do emborná, em cima da pedra caiu uma toaia branca, arvinha que só vendo. A hora que ele despejô aquele punhadinho de farinha com umas asinha de frango, em cima da toaia apareceu as comida mais gostosa: frango assado, leitoa assada, farofa, arroz, muita coisa boa. Comero tanto até ficá co'a barriga estufada. E ainda sobrô tanta comida que dava pra mais de cem pessoa comê.

Depois Jesus falô pr'o dois: Vamo bebê água fresquinha ali naquela mina, descansá um poco sobre essas pedra, pra nós podê continuá viajando. Então, Pedro Malasarte vortô depressa naquela pedra, onde tava aquela comida, encheu bem cheinho o emborná, pra garanti a viagem e não passá fome.

Depois que ele abarrotô o emborná, a toaia e as comida desapareceu como por mistério.

Jesus viu tudo, mas não deu demonstração. Descansaro um bom pedaço e depois seguiro viagem. Pedro Malasarte pegô, com muita força, a matula da comida, mas de repente ele sentiu que tudo ficô levinho, como era. Ficô muito admirado co'aquilo e perguntô pra São Pedro por que aquela comida aparecia e desaparecia assim, tão facinho.

São Pedro falô pr'o Pedro Malasarte que era pelos poder de Jesus. Jesus é milagroso.

Naquele mesmo dia, Pedro Malasarte separô do grupo, pra fazê esse tipo de milagre e pra vê se ganhava argum dinheiro com isto. Ele era muito invejoso.

Levô o embornazinho co'aquilo poquinho de virado, arrumô dois companheiro pra vê os poder que ele tinha. Andaro, andaro, andaro e depois procuraro um lugá onde tinha uma pedra pra ele mostrá o milagre.

Abriu o emborná e de dentro só saiu largato, cobra, sapo e perereca. Ficô nervoso e envergonhado perto dos novo amigo. E se separô.

Os dia foi passando e Pedro Malasarte tava muito fraco de tanta fome que passô.

Saiu procurano Nosso Senhor e São Pedro pra pedi perdão e continuá andano co'eles."

Contada pela Sr.^a Sebastiana Narciso (D. Nenê), 70 anos (1981), residente na Vila Mouco, Olímpia.

ENSINANDO A CURAR

38 — O ESPINHO DE PEIXE

"Quando Nosso Senhor andava no mundo com São Pedro, chegaro numa noite na casa de um home que ia viajá. O home já tava montado no cavalo pra segui viagem. São Pedro disse pra ele: Nós tamo muito cansado e queremos uma posada.

O home respondeu: Eu tô de viagem, mas ocês pode falá co'a minha muié que ela ajeta a posada.

A muié quando viu aqueles dois que mais parecia mendigo sofrido, não recebeu eles bem.

São Pedro perguntô: A senhora tem argum resto de comida? Nós tamo com muita fome.

Ela logo respondeu: Não tem comida nenhuma. O que sobrô eu joguei na lavage dos porco.

— E uma cama pra nós descansá?

— Tem sim, mas lá no chiquero dos porco.

— E um cobertô véio pra nós forrá o chão?

A muié, muito braba, respondeu:

— Lá no chiquero tem um baxero véio. Pode usá ele.

São Pedro e Nosso Senhor estendero o baxero véio sobre a lama daquele chiquero fedido e passaro a noite.

No otro dia, os dois véio agradecero o poso e foros'embora.

A muié logo fez o armoço e tinha fritado um peixe como mistura. Comeu um pedaço do peixe, mas foi castigada. Engoliu um espinho que foi pará na garganta, dexano a muié loquinha de dor. Num demorô muito, o marido chegô da viagem e encontrô a muié engasgada com o espinho. Ele fez de tudo pra livrá a muié daquele sofrimento, mas não havia nenhum remédio. Então se alembrô daqueles dois que tinha dormido na casa dele.

Montô otra vez no cavalo e saiu correno atrás deles. Nosso Senhor que já sabia da história, falô pr'o home: Vorta pra sua casa e fala essas palavra pra sua muié:

O home foi muito bão,
A muié num foi assim,
Um baxero no chiquero,
Mau chero, lugá ruim.

O home chegô em casa e falô como Nosso Senhor mandô. Na mesma hora o espinho saiu e ela ficô boa. Foi daí que o marido ficô sabeno o lugá que ela tinha mandado aqueles dois santo i dormi. A muié se arrepenheu demais da má ação que fez."

Contada pelo Sr. Ezequiel Batista de Carvalho, 71 anos (1983), residente no Patrimônio de São João Batista, Olímpia.

39 — MAMA INFLAMADA

"Num dia Jesus e São Pedro, cansados de muito viajá a pé, já tavam com muito sono e batero na casa de um casal, para pedi uma posada. O home recebeu muito bem os dois véio, a muié não foi nada agradável.

Na hora de dormi, ela estendeu dois sacos de estopa em cima de uma lamera, onde tinha até pé de caruru, perto de um chiquero, e mandô os dois véio i dormi lá, alegando não tê cama pra eles deitá. Os dois véio, obediente, e com muito sono, foro deitá aonde a muié mandô.

No otro dia, bem de manhã, eles se levantô, agradecero o casal e seguiro viagem. Mal eles se retiraro, a muié garrô a senti uma dor insuportáve no seio, que ela num tava güentando. O marido fez de tudo pra ela miorá, mas nada resorvia. Então ele pensô naqueles dois que dormiro lá e saiu, correndo, atrás deles, pra vê se eles sabia argum remédio para curá a muié dele.

Andô muito depressa e arcançô os home e contô pra eles o que tava acontecendo. Então, Jesus, expricô pra ele o que ele devia fazê:

— Ocê esfrega o dedão da mão direita na lama onde nós dormimo. Vai fazendo o sinal da cruz, com o dedo enlameado, sobre a mama doente e vai dizendo essas palavras, que tua muié fica curada na hora:

Jesus quando andô pr'o mundo
Encontrô home bão e muié má,
Home bão deu a posada,
Muié má fez a cama,
Entre o espinho e a lama,
Sara peito, sara mama."

Nota: Este é um conto que serve de benzimento para curar dor nos seios da mulher, leite empedrado, inflamação das mamas (principalmente quando a criança arrota na teta da mãe, ao mamar, como diz povo). Uma mulher molhará o dedo polegar direito no barro e, fazendo cruzeiros sobre a mama arruinada, recitará a estrofe que fecha esta estória. Os depoimentos dizem tratar-se de uma benzeção da maior eficácia contra esses males."

Contada pela Sra. Narcisa Batista de Miranda, 69 anos (1989), residente no Bairro de São José, Olímpia.

“Quando Nosso Senhor e São Pedro andaram pelo mundo, chegaram depois de longa jornada numa casa e ali pediram comida e pouso.

A mulher, dona da casa, sendo ruim de coração, não quis dar nem comida e nem pouso aos dois pedintes, dizendo que não tinha lugar e nem comida. Agradeceram a mulher e saíram os dois pelo caminho, tristes, e continuaram a caminhada. Já tinham percorrido uma centena de passos pelo caminho sinuoso, quando encontraram um homem que vinha em sentido oposto (era ele marido da mulher) e perguntaram:

— Ó bom homem, poderia nos informar se é possível algum pouso aqui por perto?

Respondeu o homem para Jesus e Pedro:

— Pousar aqui por perto é muito difícil, tudo está muito longe. É difícil chegar lá. Se quiserem voltar comigo, ficarão em minha casa e amanhã, descansados, poderão continuar a viagem.

Qual não foi a surpresa dos dois quando se viram conduzidos para a casa daquela mulher que não os quisera receber. E também a surpresa dela quando viu seu marido trazendo os maltrapilhos para casa. Bastante mal humorada, foi logo discutindo com o marido, dizendo: Por que trouxe estes dois sujeitos para casa?

Ele procurou acalmá-la, dizendo que é preciso fazer caridade e ter dó dos mais pobres. Por isso os trouxe para casa.

Chegando a noite, o marido mandou a mulher preparar a cama para os dois. Ela, então, jogou um balaio de palha de milho debaixo do jirau onde lavava as louças e panelas, num canto da cozinha, sobre aquele barreiro mal cheiroso. Os dois ali se acomodaram e passaram a noite, sem nada dizer. De manhã, bem cedinho, depois do café servido com má vontade, se despediram os dois, depois de agradecerem. Partiram, seguindo sua viagem.

A mulher começou, então, a sentir fortes dores no peito e aos gritos pediu que o marido chamasse os dois mendigos para ver se sabiam benzer. Foi o marido ao encalço dos dois, que já se haviam distanciado bastante. Encontrando-os, pediu o homem que tivessem compaixão dele e se soubessem benzer, que voltassem com ele, para curar sua mulher. Jesus e Pedro se olharam e voltaram com o homem. Chegando à casa, Jesus se adiantou, tomou uma bolinha daquele barro, em cima do qual haviam dormido, e sujando o dedo indicador no mesmo, começou a fazer cruzeiros sobre o seio da mulher que logo ficou curada.

A mulher caiu de joelhos, beijando as vestes de Jesus e se desdobrando em agradecimentos, arrependida de tudo quanto havia feito. Prometeu emendar-se e pediu a Jesus que lhe ensinasse aquele benzimento para curar toda mulher que, como ela, sentisse dores nos peitos.

Assim surgiu esta oração, segundo a crença popular. Deve a benzedeira pegar uma bolinha de barro e, com ele, sujar o dedo indicador, fazendo cruzeiros sobre a inflamação, dizendo, em voz baixa:

Homem bom deu pousada,
Mulher ruim deu a cama,
Entre a palha e a lama,
Cura o peito e sara a mama.

Reza, em seguida, um Padre-Nosso e Ave-Maria a Nossa Senhora Aparecida e São Bom Jesus, para o benzimento valer. Deve repetir três dias, sem interrupção.”

Nota: Conforme explicação dada pela informante, o peito inflama quando a criança arrota nele. O leite volta. Ou quando a mulher tem muito leite, este empedra, ocasionando a inflamação e não sai, provocando febre e dores. Então é preciso benzer para tirar todo o mal.”

Contada pela *Sra. Carlina Unguera (D. Carola)*, 60 anos (1966), residente em Olímpia. Recolhida pelo Prof. Victório Sgorlon, de Olímpia.

“Quando Nosso Senhor andou no mundo junto com São Pedro, chegaram numa casa debaixo de forte chuva, onde a mulher estava fazendo o jantar. Bateram, pedindo pousada. A mulher sendo má, tendo o coração duro, não quis recebê-los, mandando que fossem dormir com os carneiros, no curral sujo de barro, misturados aos estrumes. Indo para o curral, São Pedro encontrou uma enxada e com ela raspou o chão em um dos cantos, afastando a lama fétida e preparou, carinhosamente, com palha e capim seco, uma cama para Jesus e para ele. Já bem mais tarde, o marido da mulher, ao regressar do trabalho, ia passando pela cocheira e viu os dois estranhos que ali dormiam. Entrando em casa, foi logo perguntando à mulher quem eram aqueles dois e por que ali dormiam, no meio daquela sujeira toda. Ela lhe respondeu, dizendo que para lá os havia mandado se quisessem escapar da chuva e dormir. Dentro de casa é que não entrariam, que a comida não fora feita para eles, que também não seria suficiente e que não estava disposta a fazer outra. Se quisessem, que fossem comer e dormir noutro lugar, porque a casa dela não era pensão de maltrapilhos. Se não estivessem satisfeitos que continuassem o caminho.

Logo mais, acalmados os ânimos, pôs a mesa. Vendo o marido que a comida era mais que suficiente para todos e não querendo contrariar a mulher, pôs-se a comer. Logo, a mulher a ele se juntou e calados comiam, quando, de repente, ela começou a sentir dores no peito (a Cuca), não podendo continuar a refeição.

O marido, preocupado, se levanta e acode a mulher que foi para a cama, passando mal toda aquela noite, não deixando ninguém descansar devido seus gemidos.

De manhãzinha, São Pedro e Nosso Senhor que tudo sabiam, levantaram-se e saíram, continuando sua caminhada, depois de agradecerem a pousada.

A mulher disse: Por que você não perguntou aos dois estranhos se conheciam algum remédio, ou benzeção, para me aliviar desta dor? O marido, que estava aflito, deixou a mulher falando ainda, saiu a correr estrada afora, em busca dos dois que já se haviam distanciado bastante.

Ouvindo gritos atrás de si, Nosso Senhor parou e viu, ao longe, o homem que vinha ofegante de cansaço. Parou e ficou esperando aquele coitado. O homem explicou toda a situação. Nosso Senhor já a conhecia, mas o deixou narrá-la inteirinha. Quando terminou sua explicação, Nosso Senhor lhe disse:

— Volte, bom homem, e não se preocupe. Pegue um “poco” daquele barro sobre o qual eu dormi e “faz cruz sobre o peito da tua muié”, falando:

Quando Nosso Sinhô andô no mundo,
Encontrô um home bão e muié má;
Entre tijuco e a lama, fez a cama,
Sarai peito, sarai mama.

(Depois reza-se um Pai-nosso, Ave-maria e Glória à Sagrada Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo. “Repeti três dia seguido, pra morde se compretá e valê”. Foi assim que surgiu esta oração “pra tirá as dor do peito da muié que amamenta.”

Contada pela *Sra. Maria Marcolina de Jesus (Tia Marcolina)*, 90 anos (1967), residente no Patrimônio de São João Batista, Olímpia. Recolhida pelo Prof. Victório Sgorlon, de Olímpia.

DESVANTAGENS DE SÃO PEDRO

42 — O GOVERNO DE SÃO PEDRO

“Quando Nosso Senhor andou no mundo, um dia saiu com *São Pedro* admirando a beleza dos rios, das matas, das flores, das frutas, das crianças e dos animais.

São Pedro, entusiasmado com as paisagens, disse a Nosso Senhor:

— Mestre, eu gostaria de governar o mundo ao meu modo, do jeitinho que eu estou planejando.

Nosso Senhor lhe respondeu:

— Pedro, você está dizendo uma grande tolice.

Mas o velho São Pedro, cheio de vaidades e desejos, confirmou a vontade de ser o governo do mundo.

Quando ele acabou de reafirmar o desejo, Nosso Senhor fez descer do céu um trono de ouro e pediu a São Pedro que se assentasse nele, dizendo que ele governaria o mundo por um dia e se retirou dali, por alguns minutos.

Mal Nosso Senhor foi-se embora, apareceu um velho puxando uma vaca e seu bezerrinho, para soltá-los no pasto e voltar à casa, para cuidar de outros afazeres.

Então São Pedro lhe perguntou:

— Meu amigo, quem vai cuidar desses animais?

— Quem vai cuidar deles? É claro que é Deus, Nosso Senhor. Até outro dia, eu preciso retirar-me.

Jesus já estava de volta e disse ao novo governo:

— Ele está certo, Pedro. Agora que você é Deus, deve vigiar a vaca e o bezerro deste pobre velho.

O dia estava muito quente e os mosquitos atacavam demais o bezerrinho e ele, impaciente, saiu, desesperado, para o meio de uma quicença. A vaca, mãe zelosa, também saiu em disparada atrás do atormentado bezerrinho.

E o deus São Pedro, responsável pela vigia dos animais, teve que sair, desnorteado, atrás dos dois fugitivos. Procurou-os feito um doido, enroscou-se entre os cipós, machucando-se todo e, só à noite, conseguiu trazer de volta, a muito custo, os dois foragidos.

Com muita pena de São Pedro, Nosso Senhor lhe disse:

— Viu, Pedro, eu não lhe disse que não é fácil governar o mundo? Você não deu conta de vigiar uma vaca e seu bezerro. Imagine o restante das coisas!”

Contada pela *Sra. Lúcia Aidar*, 31 anos (1980), Patrimônio de São João Batista, Olímpia.

43 — SÃO PEDRO GOVERNANDO O MUNDO

“Na terminação da caminhada de Jesus, Pedro quis mandá como Jesus mandava. Pedro disse a Jesus que queria mandá um pouquinho aqui no mundo. Mas o Senhor disse: Pedro, ocê não pode.

Pedro disse: Jesus, eu tenho certeza que vô mandá lá, e vai dá certo. Teimô bastante até que Jesus deu a ele o direito de mandá.

Então Pedro passô a mandá e veio avisá o povão dele. Aí, Pedro chegô e disse: Agora, meu povo, o que ocês quisé ocês pede.

Aí, o primeiro cristão disse ao Pedro: Eu preciso de chuva. Pedro mandô a chuva.

O otro pediu sol. Pedro mandô o sol.

Aí, já começô a confusão: um queria, otro queria, todos queria.

Todo mundo se sentiu satisfeito com a decisão de Pedro. Mas não conseguio colhê uma semente.

Aí, o povo gritô: Desce aqui, Pedro, que nós qué te cortá no reio. Aí, Pedro disse a Jesus: Jesus, por que o povo qué me batê?

Jesus disse: Qué te batê, porque ocê quis mandá e não deu conta.

Aí Pedro desceu à terra e perguntô por que que eles queria batê nele.

O povão disse: As prantação tá tudo aí, mas nós não conseguio colhê nada, porque não deu fruto.

Aí, Pedro vortô e falô com Deus, que não tinha mais condição de mandá em nada e pediu: Senhor, podia me dizê o que fartô pra dá mantimento?

Aí, ele falô: Ó Pedro, eu falei pr'ocê não teimá comigo, porque ocê não me pediu nada de orientação. O que fartô pra eles todo foi o vento. Agora eu vô mandá o vento e daí, então, tudo vai produzi seus fruto.

E completô: Ocê precisa largá de teimá, porque ocê não é Deus. Deus é que sabe tudo. Desta vez eu te livre de apanhá de reio, mas de otra fica por tua conta.”

Contada pelo *Sr. Osório Batista Rodrigues (Osório Baiano)*, 59 anos (1989), residente no Jardim Cisoto, Olímpia.

44 — A RENÚNCIA DE SÃO PEDRO

“São Pedro que gostava de imitar Jesus, tinha o desejo de governar o mundo nem que fosse por um só dia. Jesus que conhecia bem os desejos de Pedro, lhe disse:

— Pedro, eu estou muito cansado e vou passar o meu bastão para você governar o mundo por alguns dias. São Pedro encheu-se de vaidade. Apanhou o bastão e foi dar uma volta pelos campos.

Enquanto admirava as belezas naturais, apareceu uma senhora puxando uma cabrita pela corda, para comer um pouco de capim. Era uma mulher muito pobre e tinha que trabalhar. Por isso, ela não podia ficar ali, tomando conta da cabrita. Amarrou a cabrita numa lasca da cerca e disse: Eu vou-me embora. Tenho muito que fazer. Deus que tome conta da cabrita. E saiu.

São Pedro, que estava no lugar de Deus, ouviu muito bem aquelas palavras. Mas foi dar uma voltinha em outros lugares, para ver o que estava se passando. E se distraiu muito.

À noitinha, ao passar por aquele lugar onde estava a cabrita, encontrou a mulher chorando desesperadamente, porque a cabrita tinha sumido.

São Pedro fingiu que não estava ouvindo nada. Saiu de mansinho à procura de Jesus. Encontrando Nosso Senhor, ele foi logo dizendo.

— Mestre, toma, de volta, o seu bastão. Eu não quero tomar conta do mundo nem mais um minuto. Acredita o senhor que não dei conta nem de vigiar uma cabrita. Imagina, então, tomar conta dessa humanidade tão maldosa.”

Contada pelo *Sr. Liberato Jacomassi*, 66 anos (1989), residente no Patrimônio de São João Batista, Olímpia.

45 — MULTIPLICAÇÃO DO FEIJÃO

“Quando Jesus e São Pedro andavam no mundo, um dia chegaram num sítio onde um roceiro estava secando feijão no terreiro.

Era um ano de pouca colheita. Jesus, então, perguntou ao homem.

— O senhor crê em Deus?

O homem respondeu que sim e que ele tinha muita fé em Deus.

Continuou Jesus perguntando se ele acreditava no poder de Deus para aumentar a quantidade de feijão que ele estava colhendo, de dobrar a produção.

O homem respondeu:

— Pra Deus nada é impossível.

Então, Jesus pediu pra ele fechar os olhos e só abrir quando ele mandasse. Nesse instante caiu uma enorme chuva de feijões, redobrando a colheita.

O homem quando abriu os olhos, ficou muito feliz por ter recebido o milagre e disse: Deus seja louvado!

São Pedro que a tudo assistia, ficou enciumado por Jesus ter realizado aquele milagre e falou ao Mestre que o próximo milagre era ele quem realizaria.

Jesus aconselhou que não fizesse isso, porque ele ainda não tinha esse poder. Que era preciso, primeiramente, ter um entendimento com Deus, nosso Pai, e ainda disse:

— Eu realizo milagre porque sou filho escolhido de Deus.

Continuaram a viagem. Mais adiante, num sítio, outro plantador de feijão realizava o mesmo serviço, num terreiro.

São Pedro, desobedecendo às ordens de Nosso Senhor, chegou ao roceiro e disse:

— O senhor acredita que Deus poderá aumentar a quantidade de feijão deste terreiro?

O homem, com cara de incrédulo, respondeu: Sei lá! São Pedro afirmou:

— Pois eu vou fazer aumentar o seu feijão.

Pediu ao homem para fechar os olhos e só abrir quando ele mandasse. Nessa hora São Pedro recebeu um castigo. Deu um redemoinho e levou quase todo o feijão embora.

O roceiro quando abriu os olhos, ficou muito decepcionado e disse:

— O senhor é um mentiroso! Veja o que aconteceu! Meu feijão já era pouco e o senhor reduziu para menos da metade.

Jesus, penalizado com a situação do homem e também para dar uma boa lição a Pedro, entrou na conversa, dizendo:

— Escuta, meu Senhor, eu também lhe faço uma pergunta e quero que o senhor seja muito sincero. O senhor crê, realmente, em Deus? O senhor crê que é possível fazer que esse feijão possa ser aumentado, muitas vezes, nesse terreiro?

O roceiro, desta vez, respondeu que sim, que em Deus ele sempre confiou.

Jesus pediu ao homem para fechar os olhos e nesse momento caiu uma forte chuva de feijões, aumentando muitas vezes mais o que havia.

O homem, quando abriu os olhos, respondeu:

Louvado seja Deus!

Aí, Jesus e São Pedro seguiram a caminhada e Jesus aproveitou a oportunidade para chamar a atenção de Pedro, para que ele não caísse mais no ridículo.”

Contada pela *Sra. Teresinha Batista Henrique Teixeira (D. Nina)*, 53 anos (1988), residente no Bairro de São José, Olímpia.

46 — SÃO PEDRO DESATENCIOSO

“Quando Nosso Senhor andou no mundo, hospedou-se uma noite com *São Pedro* e *São João* na pensão de dona Mariana, uma cozinheira muito famosa, num lugarejo pouco povoado.

Após o jantar, foram para o alpendre da casa conversar um pouco e apreciar a beleza do lugar. E se encantavam com o cheiro agradável das flores do jardim e o grito grosseiro de um bando de quero-queros.

São Pedro valeu-se da oportunidade para comentar sobre o desinteresse do povo pelas coisas da religião. São João o contrariava, defendendo o mesmo povo.

Nisto Jesus interferiu, dizendo:

— Pedro, você parece macaco. Fala de todo mundo, mas não olha o seu rabo.

Você é muito distraído, desatencioso. Aposto o meu cavalo alazão como você não é capaz de rezar o Pai-nosso sem um erro ou distração.

São Pedro, que tinha loucura pelo cavalo alazão, aceitou a aposta e começou a rezar:

— Pai-nosso que estais no céu...

E lembrou-se do cavalo, interrompeu a oração e perguntou:

— Senhor, a aposta vale o cavalo selado ou não?

São João interferiu:

— Pedro, você perdeu a aposta.

Confirmou Jesus:

— Perdeu sim.”

Contada pelo *Sr. Siegibert Fernandes (Siê)*, 44 anos (1983), residente no Patrimônio de São João Batista, Olímpia.

47 — A FAZEDEIRA DE VELAS

“Quando Nosso Senhor andou no mundo, se hospedou com São Pedro e São João, na casa de uma velha fazendeira de velas de cera de carnaúba, num vilarejo.

Era uma mulher pobre, mesquinha e perversa. Chovia muito, quando os três chegaram à sua porta. E ela somente os recebeu, depois que prometeram trabalhar para ela, de manhã, no fabrico das velas.

Não lhes deu comida e, para dormirem, pôs um colchão velho, com percevejos a valer, sobre grande catre num quarto escuro e abafado.

As cinco horas da manhã, foi acordá-los para o trabalho prometido. Todos risonavam. São Pedro estava na beira, Jesus no meio e São João do lado da parede. Ela berrou por eles muito tempo e não conseguiu despertá-los. Então foi buscar um cabo de vassoura, de peroba, e aplicou boas lambadas a São Pedro que continuou a fingir que dormia. Deu-lhe até quebrar a madeira.

Logo que ela dali saiu furiosa, maliciosamente Jesus disse a São Pedro:

— Meu velho, ela foi buscar um pau mais forte para nos bater. E, como você está aí à beira da cama, vai levar outra surra. Vem para o meio e eu vou para seu lugar, que ainda não apanhei e sou mais moço.

São Pedro aceitou e fez a troca. A velha entrou com uma vara de arueira em punho. Considerou os dorminhocos e disse:

— O da ponta já levou a sua conta. Vamos ao do meio.

E meteu a madeira no velho santo até a vara partir-se. Saiu ainda mais furiosa. São João falou a São Pedro, moído de pancadas:

— Meu velho, ela foi buscar um pau mais forte. Eu ainda não apanhei e sou mais moço. Agora ela vai de novo bater aí, que é mais perto de onde pode ficar do que onde estou. Vamos trocar depressa de lugar?

São Pedro aceitou e fez-se a troca. A velha entrou logo, armada de um cacete de angico e disse:

— Dois já levaram o seu quinhão. Falta o terceiro dorminhoco, o encostado à parede. Toma, Diabo!

E marrou-lhe o cacete. Mas ao nome do Diabo, ele se apresentou e agarrou-a pelos cabelos, esperando as ordens de Deus. Os três levantaram-se da cama, e Jesus ordenou-lhe:

— Satanás, leva esta fazendeira de velas com você, em corpo e alma. Se até o portão do Inferno ela não se arrepender, atira-a numa caldeira de cera de água fervente para o resto da vida. São João concordou.

São Pedro, torcendo-se ainda de dor das três surras levadas, acrescentou:

— Satanás, dá-lhe antes três boas tundas com um cacete de jequitibá.

Jesus repreendeu-o com o olhar e falou-lhe:

— Pedro, tu és pedra!

Então, São Pedro compreendeu e murmurou.

— Perdoai-lhe, Senhor. Ela não sabia o que estava fazendo.”

Contada pelo *Sr. João Joaquim de Sant’Ana (Seu Nenê)*, 54 anos (1957), residente no Patrimônio de São João Batista, Olímpia.

48 — AS DUAS SURRAS

“Depois de tê caminhado um dia intero, sem pará, Nosso Senhor e *São Pedro* tava muito cansado. São Pedro, então, reclamou:

— Senhor, precisamos comê e dormi um pouco, se não nós não agüentamo.

Eles ia passano perto de uma Casa de Oração e São Pedro falou pra Nosso Senhor:

— Vamo pedi uma posada aí mesmo. Nós vamo dormi lá na sacristia.

Jesus respondeu pra ele:

— Não, Pedro. Esse lugar aqui é perigoso. Eles tão tudo rezano, mas aí ninguém presta. Aí tem só jogadô, cachacero, caluniadô, mentiroso, ladrão e assassino. Só gente que não vale nada.

São Pedro, encabulado, falô pra Jesus: Cruz em credo! O Senhor tem cada uma, hein?

Andaro mais um pouco e passaro diante de uma casa aonde tava uns home jogano baraião.

Jesus falô pra São Pedro:

— Vamo pedi um poso aqui?

Aí, São Pedro deu a bronca:

— Mas aqui, Senhor, só tem jogadô de baraião. O Senhor sabe muito bem como é jogadô! Quando ferra no jogo não dá atenção pra ninguém.

Jesus respondeu:

— Não faz mal. É aqui mesmo que nós vamo pedi poso.

Pedi pr'o dono da casa a posada e ele foi logo respondendo:

— Tem poso, sim. Pode ficá nesse quartinho aqui do lado.

Chamô a muiê dele pra arrumá a cama e pra dá um prato de comida pr'os dois home. Os dois comero a comida, ajuntaro os badulaque e foro pr'o quarto dormi. São Pedro deitô na berada da cama e Jesus foi para o canto. E começaro a rezá. Era uma rezação sem fim.

Depois que aqueles dois deitaro ali, o dono da casa começô a perdê o jogo. E não ganhava mais.

Então, né, o dono da casa disse pra um dos camarada dele:

— Pega um bom pedaço de pau e vai ali naquele quarto pra dá uma surra bem dada num deles.

O camarada foi e deu uma surra daquelas de dexá saudade, em São Pedro.

O Santo, muito machucado e cheio de dor, falô pra Jesus:

— Vamo trocá de lugar! Eu apanhei muito e não agüento levá otra surra.

Insistiu tanto, que Jesus acabô trocano de luga co'ele. Foi pra berada e São Pedro, pr'o canto da cama.

O dono da casa continuava perdendo o jogo.

Mais nervoso, ainda, ele falô pr'o camarada:

— Vorta lá e dá mais uma surra nesses home azarento.

O camarada pegô o mesmo pedaço de pau e foi, com tudo, pr'o quarto.

Chegano lá, disse:

— O primero já levô a dele e caiu de pancadaria no segundo, que ficô moído de tanta bordoada.

Então São Pedro, mais morto do que vivo, disse:

— Vamo-s'embora, Senhor. Aqui não é lugar pra nós ficá. Antes nós tivesse dormido lá naquela sacristia.

Jesus, com muita pena de Pedro, disse:

— Eh! Pedro, eu sempre lhe disse: Você precisa deixá de sê temoso e largá de insisti tanto.”

Contada pelo Sr. *Jesus Francisco de Miranda (Chico Vato)*, 72 anos (1984), residente no Bairro de São José, Olímpia.

49 — PEDRAS TRANSFORMADAS EM PÃES

“São Pedro vivia numa pequena cidade. Depois de velho, passou a andar pelo mundo e aprendeu a profissão de pescador, até que em certo dia ele encontrou Jesus. Jesus convidou Pedro para ser companheiro de jornada. E disse que ele seria, a partir dali, um pescador de homem. Andaram muitos anos juntos, mas São Pedro era muito arteiro. Reuniram oito companheiros e Jesus sempre ensinando como é que cada um deveria ser neste mundo.

Um dia, andando juntos, Pedro sentiu muita fome.

Então Jesus disse: Cada um de vocês pegue uma pedra que vocês possam carregar.

Todos pegaram uma pedra, puseram sobre o ombro e seguiram viagem.

Logo depois, Jesus disse: Quando nós chegarmos de baixo daquela árvore, nós vamos descansar e lá vamos comer o pão que cada um está carregando.

Sentaram debaixo da árvore e Jesus disse: Cada um coma do pão que carregou sobre o ombro. E as pedras todas se transformaram em pão.

São Pedro, apressado, disse: Senhor, minha pedra é maior, logo o meu pão será maior também.

Mas na hora da transformação, o pão de Pedro era o menor de todos e os dos companheiros, do tamanho que dava para alimentar.

Jesus fingiu não ouvir a reclamação.

Todos comeram e ficaram satisfeitos, mas São Pedro comeu e continuou com fome.

Então, né, São Pedro se queixou para Jesus para ele corrigir a injustiça.

Jesus, imediatamente, lhe respondeu:

— Isto é para você deixar de ser egoísta. Não é bom o homem ter os olhos maior do que a barriga. São Pedro foi castigado pela ambição.”

Contada pelo Sr. *Jocelino Cipriano Leal (Joce)*, 63 anos (1988), residente no distrito de Ribeiro dos Santos, Olímpia.

50 — A MALANDRICE DE SÃO PEDRO

“Uma vez Jesus saiu com os discipulos para dar um passeio pelos campos. Quando passou no pé de um morro muito alto, tinha umas pedras grandes com outras bem pequeninhas.

Jesus pediu que cada um pegasse uma pedra grande e subisse o morro com ele.

São Pedro, muito esperto, pegou a pedra menor que tinha, pensando que Nosso Senhor não tava percebendo.

Demoraram algumas horas pra chegar lá em cima do morro. Todos estavam cansados, com os pés doendo, suados e com muita fome.

Aí, Jesus virou pr'os discipulos e falou: põe essas pedras no chão.

Eles obedeceram. Jesus, então, abençoou as pedras e elas viraram pão.

Todos comeram até não querer mais. São Pedro, coitado, por ter levado uma pedra muito pequena, de vergonha, não reclamou nada. Sentiu uma fome louca.

No dia seguinte, quando passaram perto de outro morro, Jesus deu a mesma orde.

Desta vez, São Pedro, que apesar de estar fraquinho de fome, escolheu a maior pedra que avistou. E subiram, subiram. Quando chegou lá em cima, Jesus disse pr'os discipulos: Põe essas pedra no chão e deem sobre elas, porque já está tarde e nós vamos passar a noite aqui mesmo.

O pobrezinho de São Pedro passou mal a noite inteirinha. Virava, de lá pra cá, sobre a pedra. Além de estar muito cansado, não pregou os olhos de tanta fome. Que lição que Nosso Senhor deu nele!”

Contada pelo Sr. *Gumercindo Moreira da Silva (Seu Nego)*, 56 anos (1981), residente na Vila Di Marco, Olímpia.

51 — OS CASTIGOS DE SÃO PEDRO

“Quando Nosso Senhor andava pelo mundo, um dia ele convidou os apóstolos para ajudar num trabalho que ele pretendia fazer. O sol estava muito quente, então ele pediu para os apóstolos pegarem uma pedra e acompanharem ele, que ele queria construir uma igreja no alto de uma montanha.

Os apóstolos apanharam, cada um, a sua pedra, e São Pedro, com cara de preguiçoso, pegou uma pedrinha tão pequena que dava pra ser levada, facilmente, na palma da mão.

Quando subiram a montanha, Jesus percebeu que estavam todos cansados e com fome e resolveu mudar de idéia. E disse: Essas pedras vão transformar em pão para matar a fome que vocês estão sentindo. São Pedro ficou tão decepcionado, porque a pedrinha dele se transformou num pão tão pequeno que podia ser engolido sem mastigar. O coitado passou fome.

Num outro dia, Nosso Senhor inventou a mesma história da construção da igreja. Os apóstolos pegaram a pedra do mesmo tamanho que da outra vez, mas São Pedro pegou uma pedra tão grande que quase nem podia carregá-la. Chegando no alto da montanha. Nosso Senhor falou: Joguem as pedras fora. Eu fiz isto só para que vocês provassem a fé que têm em mim. Mais uma vez São Pedro ficou muito envergonhado.”

Contada pelo Sr. Antônio Miranda (Toim), 50 anos (1985), residente no distrito de Ribeiro dos Santos, Olímpia.

52 — SÃO PEDRO E AS PEDRAS

“Num dia seguiro caminho Jesus, São Pedro e os outros apóstolos.

Aí, quando tava chegado meio-dia, passaro por um rio e Jesus disse: Cada um apanhe uma pedra.

Todos apanharo uma pedra de tamanho regular, mas São Pedro, muito preguiçoso, apanhô uma pedra bem pequena.

Andaro mais um poco e Jesus disse: Vamo descansá debaixo daquela arve, perto daquela mina d’água. Por sê hora do almoço, Jesus fez a transformação das pedras em pão. Cada um comeu à vontade, mas o coitado do São Pedro, por tê levado uma pedra pequena, o pão dele foi pequeno também. Ele, então, ficô com muita fome, mas pensô com os botão: Da próxima vez, Ele não me engana.

Seguiro caminhada e à tarde, na hora do sol se escondê, Jesus deu novamente orde pr’os apóstolo: Cada um pegue uma pedra.

Todos pegaro uma pedra de tamanho normal, mas São Pedro, desconfiado, pegô uma pedra tão grande que foi preciso os amigo ajudá a pô ela no ombro dele.

Caminharo mais um bom pedaço. Todos tava cansado e São Pedro ainda mais. Além de tá com fome e pedra dele era muito pesada.

Ao chegá perto de um rio, Jesus disse:

Como aqui não tem ponte, todos junte uma pedra co’a otra pra podê passá pro otro lado.

São Pedro, otra vez, caiu do cavalo e disse, muito zangado: Mais uma vez fui enganado pelo Mestre. Sofri demais carregano uma pedra pra fazê bonito pr’os otro. Eu tô morrendo de fome.”

Contada pelo Sr. Roberto José de Carvalho (Bel), 45 anos (1989), residente no Patrimônio de São João Batista, Olímpia.

53 — UMA LIÇÃO PARA PEDRO

“Uma vez Jesus estava andando com seus apóstolos, quando parou bem debaixo de uma montanha. Ali, ele disse aos apóstolos: Quero que todos peguem uma pedra e subam a montanha. São Pedro, que quis ser o mais esperto, pegou uma pedrinha pequenina e subiu tranqüilo, enquanto os outros pelevavam com suas pedras grandes.

Quando chegaram lá em cima, todos cansados (menos Pedro), Jesus disse: Que essas pedras se transformem em pão. Então, todos comeram e ficaram saciados. Pedro, por sua vez, pensou consigo mesmo. Da próxima vez eu te pego. Mas Cristo, sabendo das intenções de Pedro, não disse nada. Na próxima vez que chegou ao pé da mesma montanha, Jesus disse. Cada um pegue uma pedra e suba até lá em cima. Pedro, desta vez, pegou uma enorme pedra. Os outros pegaram pedras iguais as de sempre. Chegando no alto da montanha, Jesus disse: Cada um senta em cima da pedra que trouxe.

Mais uma vez Pedro, que queria ser esperto, saiu-se mal com Jesus.”

Contada pelo juvenil Hermes Rogério do Nascimento (Gerinho), 13 anos (1989), residente no Patrimônio de São João Batista, Olímpia.

54 — SÃO PEDRO E SÃO LONGUINHO

“Nosso Senhor deu a São Pedro o direito de escolher um santo para vir ao mundo tomar conhecimento como o povo estava vivendo, se estava contente ou aborrecido com a vida.

São Pedro, então, né, chegou pra São Longuinho e deu essa missão pra ele. Explicou que ele devia chegar no mundo, não dizer pra ninguém quem ele era. Se alguém perguntasse o nome, ele tinha que inventar um apelido qualquer. Deveria conversar com muitas pessoas, falar sobre o que o povo achava do céu. Pediu, também, para não ficar muito tempo e voltar logo lá pra cima.

São Longuinho, então, arrumou a malinha de viagem e logo chegou aqui na terra.

Mas, deü certo dele chegar no primeiro dia de Carnaval. O povo estava muito alegre. Todo mundo muito alegre. Ninguém pensava em tristeza. Só queria festar. Quase todo mundo estava fantasiado. Muita música. Muita dança. Muita bebedeira.

São Longuinho achou a terra muito melhor que o céu e, para não ficar diferente das outras pessoas, comprou uma fantasia e caiu no samba. Dançou, dançou até falar chega. Não dormiu nem um minuto. Só queria participar dos festejos. Dançou até na quarta-feira de cinzas.

Quando o Carnaval acabou, ele estava tão cansado que caiu na cama e dormiu sete dias, sem sair do quarto nem pra comer.

São Pedro ficou muito preocupado com a demora do amigo, mas não encontrava nem um meio de se comunicar com ele. São Longuinho só acordou na quarta-feira seguinte e foi depressa para o céu.

São Pedro estava ansioso pra saber notícias da terra. E São Longuinho fez aquele elogio que deixou São Pedro com água na boca. Contou tintim por tintim do que viu e ouviu e do que ele fez.

São Pedro, maravilhado com a notícia, nem estava mais dando importância pra porta do céu.

Passado umas cinco semanas da volta de São Longuinho, São Pedro inventou uma desculpa qualquer e falou pra Jesus que era preciso ele vir à terra, para saber melhor da situação, coisas que São Longuinho não tinha cuidado. Mas o que ele queria mesmo era vir para entrar na bagunça. Jesus, fingindo acreditar, deu permissão para ele vir pra cá.

Chegou, na noite de Sexta-feira da Paixão. Só viu tristeza. Gente muito séria, pouca conversa. O povo só rezava. O ambiente era muito mais rigoroso e mais triste que o do céu.

Ele pensou bem: Acho que São Longuinho mentiu pra mim. Falou tudo ao contrário. E foi dormir.

No outro dia, Sábado da Aleluia, ele levantou às dez horas e saiu pelas ruas. Encontrou outro ambiente.

O sino da igreja batia muito forte. Muitos foguetes explodiam no ar. Muita animação.

Ele se alegrou e disse: Eu estou enganado. Acho que só ontem à noite é que o povo estava sério, para rezar. Mas hoje todo mundo entra na festa que o São Longuinho entrou.

Ficou entusiasmado e procurou chegar perto de uma multidão que estava malhando um boneco de pano. Quis também bater no boneco, porque percebeu que todo mundo queria fazer farra, desmanchando aquele boneco só com tiro, faca, pancadaria, etc. Era a malhação do Judas.

Chegou bem pertinho, com um pedaço de pau na mão e, quando foi para malhar também, o povo estranhou a presença dele: muito forte, barbudo, meio careca na frente da cabeça, mas com o restante do cabelo longo.

Um homem diferente, estranho para a época. Então, né, a coisa mudou. Começaram todos a atirar nele ovos chocos, tomates podres e a dar pauladas. Sem mais e sem menos, levou uma surra daquelas que nem podia se locomover. Quando melhorou um pouquinho, que pôde dar uns passos, saiu nervoso, desesperado e foi direto para o céu. Não quis ficar um minuto a mais entre o povo, que para ele era gente muito má, desordeira, que agredia.

Chegando, de volta ao céu, foi tirar satisfação com São Longuinho. Discutiram tanto, brigaram tanto, que foi preciso Jesus entrar na conversa e dizer que se os dois não parassem, ficariam expulsos do Paraíso até o dia do Juízo Final. Só assim os dois santos fizeram as pazes.

Mas uma coisa ficou na cabeça de cada um dos santos. Para São Longuinho, o povo é bacana demais. Para São Pedro, o povo é maldoso. Cruz em credo!”

Contada pelo Sr. José Ferreira Macedo (Seu Juca), 77 anos (1989), residente na Fazenda Cachoeirinha, Olímpia.

55 — A ALMA DO ESCRIVÃO

“Era uma vez um escrivão muito esperto, que aprontava cada malandragem de arrepiar os cabelos. Trabalhava sempre em causa própria, mas nunca para beneficiar ninguém. Roubava de seus clientes até o último vintém que possuía.

Dizem até que um dia foi contratado seu trabalho por um casal de velhos, que embora analfabeto, era proprietário de muitos alqueires de terra. E que ao lavrar a escritura de compra de uma fazenda de cem alqueires de terra, a lavrou como bem quis. Leu, em voz alta, a escritura, como se tudo estivesse correto. Colheu as impressões digitais, recebeu o pagamento pelo trabalho e ainda desejou felicidades aos clientes. Tempos depois, com a morte do velho, descobriu-se que a escritura foi lavrada em seu próprio nome. Não houve mais jeito. A viúva ficou na miséria. Ele era, pela lei, o legítimo proprietário dos bens. Um falso proprietário, que passou a ser o verdadeiro. Agia sempre assim e acabou ficando um homem muito rico. Não pensava em nada, além de enriquecer ilícitamente. Sabia que perante Deus ele era um pecador, mas o dinheiro lhe fazia muitas cócegas.

Em vida também pensou um truque para, quando morresse, ir para o céu. E viveu o tempo todo, com muito conforto e riqueza, mas tudo de um modo irregular.

Como tudo tem o seu fim, um dia ele morreu e foi procurar seu lugarzinho no céu, pois tinha pavor de ser lançado no Inferno. Bateu, insistentemente, à porta do céu. São Pedro demorou muito para abri-la. Quando reconheceu que era a alma do injusto escrivão, bateu a porta com tanta força que quase arreventou o portal. Mas o escrivão persistia para que ele a abrisse e viesse ouvir o que ele deveria dizer.

São Pedro, volta, nervoso, a abrir a porta e expulsá-lo com dois quentes e um fervendo.

Assim que a porta foi aberta, o escrivão começou a chorar e a lamentar sua sina. São Pedro não estava interessado em ouvir, por isso nem lhe dava a menor atenção, mas ficou com a porta semi-aberta. O escrivão por ser velhaco, atirou pelo vão da porta, para dentro do céu, a sua caneta de ouro.

Depois rogava ao Santo para ir apanhá-la. São Pedro lhe respondeu que não, que não iria sujar suas mãos com um objeto que pertencia a um homem tão injusto, falso, um endemoniado.

Então, o escrivão pediu permissão para ele mesmo ir buscar a caneta que, além de ser de muito valor, era ainda um objeto de muita estimação. Tanto insistiu que São Pedro permitiu que ele mesmo fosse apanhá-la, mas que saísse imediatamente do Paraíso. Ele foi e não quis mais sair.

E no céu travou uma terrível discussão com o porteiro São Pedro.

São Pedro lhe dizia: Sai daqui, imundo!

E o escrivão lhe respondia: Nunca mais!

E essa briga levou horas. Quando São Pedro se pareceu cansado de tanto discutir, o escrivão acrescentou:

Senhor São Pedro, meu amigo, está ou não está escrito nas Sagradas Escrituras que quem entra no céu não sai mais? Já que entrei, tenho o direito garantido para nunca mais sair.

São Pedro, depois dessa, nada mais teve a explicar. E disse: Já que você entrou, então fique.”

Contada pelo jovem Sidney Carlos Schalch (Carlinhos), 18 anos (1980), residente na Vila Rodrigues, Olímpia.

56 — ADVOGADO NÃO ENTRA NO CÉU

“Era uma vez um advogado, esperto que só ele, que fazia o maior rolo co’as pessoa. Até sonhando, ele era desonesto. Quando ele morreu, saiu que nem pé-de-vento pra vê se conseguia entrá no céu.

São Pedro foi atendê à porta e logo viu que era o tal home, perigoso e muito veiaço. Falô pra ele assim:

— Não é aqui o teu lugá. Você errô o teu camim. Tua morada é nos quintos dos Inferno. E tem otra: Advogado não pode entrá no céu. E começô a peleja. O home queria entrá e São Pedro não queria dexá. Mas o advogado, pra conquistá São Pedro, agradô ele de todo jeito. Dizia que tava arrependido dos erro. Que São Pedro era um santo de bom coração e que ia dexá ele ficá no céu.

Depois de muito entro, num entra; fico, num fica; daquela bateção de boca, sem fim, São Pedro, pra se livrá duma vez por toda dele, falô: Você só fica no céu, se fô capaz de achá no meio de todas as arma daqui, e que são muitas e muitas, a arma de Adão, o primero home da terra. Se consegui achá, traz ela pra mim. Só desse jeito você pode entrá no céu, pra ficá.

São Pedro, fazeno isso, sabia que ia ficá livre dele, porque ele num ia descobri nunca.

Num demorô quase nada, vorta o advogado trazeno a arma que ele foi pricurá.

São Pedro de cara fechada, perguntô: Como foi que você achô a arma de Adão?

O advogado, sorrino, disse:

— São Pedro, eu sô muito inteligente. Nunca deixei de lê a Bíblia e sei que Adão foi feito de barro. Então, porque ele num nasceu, ele num podia tê imbigo. Então eu aparpei uma arma, otra, otra e logo achei uma sem imbigo e falei: É essa mesmo.

E foi assim que ele entrô no céu.

Diz que é a única arma de advogado que entrô no céu até hoje. Num tem mais nenhuma.”

Contada pelo Sr. Jesus Francisco de Miranda (Chico Vato), 72 anos (1984), Bairro de São José, Olímpia.

57 — OS MARIBONDOS

“Quando Nosso Senhor andava pelo mundo, num dia ele viu São Pedro, muito nervoso, encostado no tronco duma arve. É que São Pedro tava muito cansado e sentô, na bera de um corgo, perto de uma moita, onde tinha uma grande caixa de marimbondo, e levô uma ferroada de doê o coração. O home tava tão brabo que queria acabá c’o mundo. Ficô c’a boca interinha inchada. E queria acabá c’a caixa dos coitadinho.

Nosso Senhor, muito carmo, chegô e perguntô por que ele tava tão nervoso daquele jeito.

São Pedro respondeu, com grosseria:

— O Senhor num tá vendo. Fui ferroado por um marimbondo miserave.

Então Nosso Senhor falô pra ele:

— Por que é que você qué acabá com todos eles, se foi um só que te ferroô. Mata só o que te picô.

São Pedro falô pra Nosso Senhor:

— Mas, Senhor, como eu vô sabê quem me ferroô se os marimbondo são tudo igual.

Aí Jesus, com muita carma, falou:

— Pedro, se você fosse Deus, você era capaz de fazê pr'os home o que você tá fazeno pr'esses coitado marimbondo? Se um só home te ofendesse, você matava todos eles?

São Pedro baxô a cabeça, deu um suspiro, e falou:

— O Senhor tá certo."

Contada pelo Sr. *Jesus Francisco de Miranda (Chico Vato)*, 72 anos (1984), residente no Bairro de São José, Olímpia.

58 — SÃO PEDRO E O COQUEIRO

"Ia São Pedro e Jesus pelo mundo, peregrinando. E São Pedro ia analisando o mundo pra ver o que Nosso Senhor havia feito de certo e de errado. E começou a observar que no meio de tantas coisas tinha também muita coisa errada. Depois de cansados, eles pararam debaixo de um coqueiro. Aí, São Pedro olhou pra cima e viu um cacho com cocos tão pequeninos, grudado naquele coqueiro tão forte. E, no chão, uma abobreira, ramas fracas, carregada de frutos tão enormes.

Aí, tomou a palavra e falou para Nosso Senhor: Mestre, veja como o Senhor errou na construção do mundo. Olha este coqueiro tão forte, com frutas tão pequenas e esta abobreira tão fraca com frutos enormes.

Jesus respondeu: um dia você compreenderá.

Não levou muito tempo, um dos coquinhos caiu certo na testa de Pedro, fazendo uma machucadura que doeu demais.

Jesus, interferiu: Viu, Pedro! Imagine que se no lugar do coquinho estivesse uma abóbora e essa viesse a cair sobre tua cabeça!

Foi assim que Pedro compreendeu que o Senhor era perfeito em tudo quanto fez neste mundo."

Contada pelo Sr. *Valdemar de Oliveira (Umarajá)*, 36 anos (1989), residente no Jardim São Francisco, Olímpia.

FACÉCIAS

59 — JESUS, SÃO PEDRO E OUTRO

"Andavam sobre as águas Jesus, São Pedro e um outro seguidor. Depois de percorrido um bom trecho do mar, o seguidor dizia para Pedro:

— Pedro, estou afundando.

São Pedro respondia:

— Tenha fé, que nada lhe acontecerá.

O seguidor, pela segunda vez, dizia a São Pedro:

— Estou afundando. Vou morrer afogado!

São Pedro, com toda a calma, o encorajava, dizendo-lhe:

— Um pouco de fé e você estará salvo.

O homem, em desespero, grita, nervosamente, pela terceira vez:

— Pedro, agora vou afundar. Já não me controlo mais. Dê-me sua mão, por amor dos céus.

Aí, Jesus, que seguia à frente dos dois, falou severamente com Pedro:

— Pedro, deixe de ser ruim. Mostre-lhe o caminho das pedras!"

Contada pelo Sr. *Antônio Miranda (Toim)*, 50 anos (1985), residente no distrito de Ribeirão dos Santos, Olímpia.

60 — OS TRÊS RAPAZES

"Certa vez houve um desastre e morreram três rapazes, dois bem fortes e um bem fraco. Morreram e foram direto pr'o céu.

São Pedro ao ver os três no céu, foi interrogá-los pra saber a vida de cada um.

Os moços, ao serem interrogados, apelavam ao santo que ainda não era a hora da morte deles. E continuavam: Ó meu São Pedro, não queremos ficar aqui. Deixa-nos, por favor, voltar à terra para vivermos mais alguns anos.

São Pedro lhes dizia:

— Não é possível. Depois que as pessoas vêm para cá, não podem mais sair.

Os rapazes inconformados com a decisão de São Pedro, insistiam, com muita firmeza, para voltarem ao mundo.

São Pedro, depois da lamentação dos rapazes, condeu-se da situação deles e fez uma proposta, dizendo-lhes.

— Só há uma possibilidade de vocês voltarem à terra.

Entusiasmados, todos perguntaram ao mesmo tempo:

— Qual a possibilidade, São Pedro?

— Vocês podem voltar, mas em forma de irracionais.

Todos os três responderam:

— Não tem importância, São Pedro. O que queremos mesmo é sair daqui.

Então São Pedro, olhando para o mais forte deles, disse:

— Você voltará em forma de elefante.

Voltando-se para o segundo, que também era fortão, disse-lhe:

— Você voltará como leão.

E dirigindo-se para o terceiro, que era bem franzino, disse-lhe:

— Você, por ser mais fraquinho, voltará como veadinho.

O rapaz, fazendo trejeitos especiais, disse ao Santo:

— Credo, São Pedro! Outra vez?"

Contada pelo juvenil *Hermes Rogério do Nascimento (Gerinho)*, 13 anos (1989), residente no Patrimônio de São João Batista, Olímpia.

61 — O RICO E O POBRE

"Havia dois homens, um rico e outro pobre que viviam em constante rivalidade. O papel do rico era só o de diminuir o coitado do pobre. Só sabia dizer coisas assim:

— Você, que é pobre, não tem condições para fazer isto e nem aquilo.

E contava uma série de vantagens, nas quais era vencedor, é claro.

O pobre, muito aborrecido com a diminuição que lhe era feita, só respondia ao rico, dizendo:

— Um dia eu ganho de você, custe o que custar. É só você dar tempo ao tempo. Se eu não ganhar na terra, ganho nem que seja lá no céu.

O rico ria, gostosamente, e afirmava ao pobre:

— Pode tirar o seu cavalo da chuva. Este gostinho você não terá aqui nem lá no céu e nem em outra parte. Você em nada me vencerá.

E essa disputa continuou por muito e muito tempo.

Num dia os dois morreram e foram parar no céu. Encontraram-se com São Pedro que já começou o julgamento dos dois, dando uma tarefa para cada um deles:

— Vocês estão vendo aqueles dois tambores ali? Pois bem, no de cá entra você, apontando para o rico e, no outro, você, indicando para o pobre. Os dois obedeceram às ordens. Os tambores estavam bem perto um ao outro. O tambor destinado ao rico estava cheio de mel e o do pobre, repleto de fezes. Somente a cabeça deles é que ficava de fora. Então o rico dizia:

— Não lhe falei, amigo, que até no céu eu ganharia de você!

O pobre, entristecido, respondia:

— Não faz mal. Mas mesmo aqui eu ainda vou ganhar de você, seja no que for.

E esta discussão demorou por muitas horas.

Decorrido o prazo que deveriam permanecer dentro dos tambores, São Pedro lhes disse:

— O tempo se completou. Agora saiam daí de dentro.

Obedecendo ao Santo, os dois saíram.

Então, São Pedro, com muita delicadeza, disse:

— Agora, um lambe o outro até deixar o corpo limpo como estava antes de entrar.”

Contada pelo Sr. *Luís de Miranda (Luisinho)*, 38 anos (1988), residente na Vila Nova, Olímpia.

62 — SÃO PEDRO E A MOÇA

“Havia uma moça loira, muito elegante, que sempre se trajava escandalosamente e apreciava a vida fácil. Era bonita demais, mas não tinha nenhum apego à religião e prevaricava contra a lei de Deus.

Ainda muito nova, ela faleceu e foi direto bater à porta do céu.

São Pedro a atendeu, perguntando-lhe:

— O que você quer aqui?

— Eu vim para pertencer ao rebanho do céu, disse a moça.

— Mas como?, perguntou São Pedro. Pode voltar. O seu lugar não é este. Você bateu em porta errada.

A moça, muito elegante, insistia com o santo porteiro, para ficar no céu.

São Pedro, novamente, lhe respondeu: Você, dê o fora, porque sua vida lá na terra só foi de maus exemplos. Só soube viver na perdição. O céu está reservado somente aos bons. Logo, procure entender-se com Satanás, que é quem ganhou sua alma. Vá, depressa, para ele.

A moça, teimosa, permanecia firme no diálogo com São Pedro, para convencê-lo de que era o Céu, não o Inferno, o lugar dela.

São Pedro, não suportando mais o atrevimento da linda loira, disse-lhe:

— Já que você insiste em permanecer aqui, acho melhor submetê-la a um teste. Aqui no céu há um lugar terrível, um abismo, o qual só pode ser atravessado sobre uma pinguela muito estreita. Se você conseguir a travessia, sem ter um momento sequer de mau pensamento, você poderá ficar aqui. Mas se numa fração de segundo, tiver pensamento ruim, daqui mesmo cairá no abismo e de lá será conduzida ao Inferno.

A moça respondeu-lhe: Está bem, meu chefe. Eu me submeto ao teste.

Então, São Pedro pediu que ela fosse a primeira a seguir e ele a acompanharia sobre a pinguela.

A moça, corpo muito elegante, traje extravagante, e muito dengosa, iniciou a travessia. E São Pedro a ia seguindo. Quando já havia atravessado a metade do caminho, São Pedro caiu.”

Contada pela Prof.^a *Lourice Arutin Sgorlon*, 50 anos (1970), residente no Patrimônio de São João Batista, Olímpia.

63 — SÃO PEDRO “HIPPIES”

“São Pedro desceu do céu a fim de conquistar novos fiéis. Então, ao chegar na terra, viu que havia um grupo de pessoas falando na gíria. Eram os “hippies”. Embora tivesse prazo para voltar pr’o céu, ele resolveu ficar e se integrou no meio dos “ripes”. Esqueceu-se da missão que tinha para fazer, assim como também se esqueceu de voltar para o céu.

Passando muito tempo aqui na terra, um dia se lembrou de que havia esquecido dos deveres e resolveu fazer uma ligação telefônica para o céu. Quem atendeu a chamada telefônica foi Nossa Senhora Aparecida.

São Pedro perguntou:

— Quem fala?

Respondeu ela:

— É Nossa Senhora Aparecida.

Então, São Pedro falou:

— Oi, Cidinha! Tudo legal por aí? Aqui quem fala é o Pedrão. Fala pr’o Jésu que a boca por aqui não é mole, não. Não sei quando vou pintar aí. Morô?

E desligou o telefone.”

Contada pelo Sr. *Valdemar de Oliveira (Umarajá)*, 36 anos (1989), residente no Jardim São Francisco, Olímpia.

64 — O BILHETINHO

São Pedro, em visita à terra, ficou muito entristecido com a situação reinante entre o povo. Ficou muito decepcionado, porque já não havia mais respeito entre as pessoas. Ninguém dava importância aos ensinamentos de Cristo, ao amor ao próximo. O povo estava perdido mesmo. Filhos não respeitavam os pais, pais não respeitavam os filhos, as autoridades perdendo o domínio, muita luxúria, excessos de bebedeiras. Maridos e mulheres infiéis. A mulherada, perdendo, por completo, a noção de moral e da ética. Depois que permaneceu aqui, durante uma semana, São Pedro retorna ao céu e narrou a Jesus tudo quanto reinava na terra.

Jesus ficou muito aborrecido. Pensou muito e resolveu tomar uma decisão. Resolveu escrever um bilhetezinho a todas as mulheres honestas da terra. E os enviou através do correio do céu.

O que Jesus escreveu no bilhetezinho?”

(Este conto, próprio para pregar peças, é especial para as mulheres. Depois de narrado, o contador pergunta. Você é capaz de dizer-me o que Jesus escreveu no bilhete?)

Faz-se uma pausa. Aguarda-se a resposta. Naturalmente, todas, ou pelo menos a maioria delas, dirão: Não sei. Não sou capaz de saber. Como vou saber? Aí, o narrador dirá: Então você não recebeu o bilhetezinho!

Contada pelo jovem *Antônio Clemêncio da Silva (Toninho)*, 18 anos (1976), residente no Patrimônio de São João Batista, Olímpia.

65 — AS TRÊS AMIGAS

“Eram três mulheres muito amigas. Uma era cabeleireira, uma manicure e a outra prostituta. Quando morreram foram à busca do céu. São Pedro, antes de deixá-las entrar, fez um interrogatório da vida de cada uma.

Perguntou à primeira:

— O que a senhora fazia na terra?

— Eu era cabeleireira.

São Pedro respondeu:

— Então não vai entrar no céu, porque Deus nunca aceitou que mulheres cortassem os cabelos. O cabelo é o véu da mulher.

Voltando-se para a segunda, perguntou:

— E a senhora, o que fazia?

— Minha profissão era cortar e pintar unhas das mulheres.

— São Pedro respondeu:

— A senhora também não pode entrar no céu, porque pintar unha só serve para agradar o Capeta.

E falando com a terceira, esta respondeu:

— Eu era prostituta.

Então São Pedro disse:

Pode entrar e, à noite, depois do expediente, eu converso melhor com a senhora.”

Contada pelo juvenil *Hermes Rogério do Nascimento (Gerinho)*, 13 anos (1989), residente no Patrimônio de São João Batista, Olímpia.

66 — AS TRÊS MULHERES

“Morreram três mulheres. As três foram pr’o céu e encontraram São Pedro, na porta. Ele perguntou o que as três faziam na terra.

Uma falou que era cozinheira. São Pedro falou pr'o ajudante dele para dar a chave da cozinha para ela.

A outra era farmacêutica. São Pedro mandou dar a chave da farmácia para ela.

A outra era prostituta. São Pedro mandou que o seu assistente desse a chave do quarto para ela."

Contada pelo juvenil *Hermes Rogério do Nascimento (Gerinho)*, 13 anos (1989), residente no Patrimônio de São João Batista, Olímpia.

67 — O MENDIGO E AS MOÇAS

"Diz que quando morreu um mendigo, um pedidô de esmola que padeceu muito neste mundo, ele ajuntô sua troxinha e foi batê na porta do céu.

São Pedro abriu a porta e perguntô para ele:

— Quem é você?

Ele respondeu:

— Sô um pobre coitado que vivi sofrendo no mundo e agora que eu morri, vim pra morá no céu.

São Pedro tava muito nervoso naquela hora e falô pra ele assim:

— Pode vortá. Aqui não tem mais lugá pra mendigo. Se eu dexá você entrá não tem aonde ficá. E bateu a porta.

Mas o mendigo não arredô pé. Ficô do lado de fora, bem pertinho da porta.

Passado um tempinho, apareceu uma moça muito chique e bateu na porta: pam! pam! pam!

Aparece São Pedro, abre a porta e pergunta:

— Quem é você? O que você fazia lá na terra?

Ela, muito sorridente, respondeu:

— Ah! amigão Pedro, eu levei uma vida muito errada. Eu era meretriz.

São Pedro, então, respondeu pra ela: Pode entrá!

O mendigo, do lado de fora, recramô, mas de nada valeu. Mas ele não saiu dali do seu lugarzinho, perto da porta.

Não levô muito tempo, apareceu outra moça, toda assanhada e bate na porta: pá! pá! pá!

Aparece, outra vez, São Pedro e pergunta:

— O que você fazia na terra?

— Eu, meu Santo, levei uma vida muito à toa. Eu fui meretriz.

São Pedro disse:

— Pode entrá.

No que ela ia entrano, o mendigo aproveitô a dextra e entrô tamém.

São Pedro muito zangado, xingô bastante e quis pô o mendigo pra fora.

O mendigo respondeu:

— Não saio, não saio e não saio. Pode i tratano de fechá a porta e ficá bonzinho. E continuô: Sabe, Pedrão, agora vai dá certinho: Você fica c'uma e eu fico c'a outra. Tá resorvido o pobrema."

Contada pelo Sr. *Jorge Alves de Figueiredo (Jorginho)*, 56 anos (1979), residente no Conjunto Habitacional "Antônio José Trindade", Olímpia.

68 — AS TRÊS VIRGENS

"Num dia, São Pedro estava muito preocupado com a atitude das pessoas da terra que só badernavam e ficou com muita pena do que estava se passando. Tudo só era perdição. Então, ele teve uma idéia: convocou três virgens do céu para virem à terra ensinar moral e religião.

Enviou a virgem Joana para orientar a Europa, na Itália; a virgem Josefa para a África, em Angola e a virgem Antônia para a América do Sul, no Brasil; recomendando a todas que voltassem quinze dias depois, mas que não passassem da meia-noite, para entrarem no céu.

No dia marcado, quando faltavam quinze para meia-noite, batem à porta do céu. São Pedro, antes de abrir a porta, perguntou: Quem é?

— É a virgem Joana.

Muito nervosa, ela explicou que de nada adiantava qualquer trabalho de evangelização. O povo era mesmo um perigo. Naufragava na imoralidade, salvo poucas exceções.

Quando faltavam cinco para meia-noite, batem, novamente à porta. São Pedro perguntou: Quem é?

— É a virgem Josefa.

Também muito desanimada, explicou que foi inútil o trabalho dela, pois quase tudo já estava perdido. Poucos os que cuidavam da moral.

Passaram algumas horas. Já eram cinco horas da manhã, e alguém bate à porta. São Pedro, então, perguntou: Quem é?

— É a Tonha.

E não disse mais nada."

Contada pelo Sr. *Antônio Miranda (Toim)*, 50 anos (1985), residente no distrito de Ribeiro dos Santos, Olímpia.

69 — O VENDEDOR DE SANTOS

"Tinha um homem que levava sua vida trocando imagens ou quadros de santos para viver. Um dia, arrumou um grande estoque de imagens de São Jorge e de São Pedro e saiu para negociar em algumas colônias das fazendas da redondeza.

Chegava numa casa, gritando: Olha o Santo!

A pessoa que queria o santo ia logo dizendo:

— Eu quero a imagem de São Jorge.

Assim, de casa em casa, logo fez a venda de todas as imagens de São Jorge, mas sobraram todas as de São Pedro.

Não querendo voltar com São Pedro para casa, passou, então, a anunciar a venda assim: Olha a imagem de São Jorge!

A primeira senhora que apareceu para adquirir a imagem foi logo lhe dizendo:

— Este não é São Jorge. É São Pedro!

Mas como a senhora me diz que este é São Pedro e não São Jorge?

— É que São Jorge tem cavalo e este não!

— Mas acontece, minha senhora, que São Pedro vendeu o cavalo para comprar um automóvel. Repare bem que agora ele não está no cavalo, mas carrega as chaves do carro na mão."

Contada pelo Sr. *Alcimar Calvo Canhada (Silmar)*, 45 anos (1989), residente no Patrimônio de São João Batista, Olímpia.

70 — O MASCATE

"Um mascate, homem muito nervoso, no fim do mês de junho saiu a vender algumas imagens de São Pedro. Oferecia a todas as famílias, de casa em casa. Naquele dia o negócio não andava muito bom e ninguém queria comprar as imagens.

Cansado, bateu palmas numa casa. Não foi atendido por ninguém, mas em compensação, foi agredido por um enorme cachorro que queria cravar-lhe os dentes. Em desespero, o mascate gritou forte com o cachorro, dizendo:

— Sai daqui, maldito, se não eu te jogo um diabo desses na tua cabeça."

Contada pelo Sr. *Alcimar Calvo Canhada (Silmar)*, 45 anos (1989), residente no Patrimônio de São João Batista, Olímpia.

A MÃE DE SÃO PEDRO

71 — A SINA DA MÃE DE SÃO PEDRO

"Dizem que a mãe de São Pedro era mulher muito maldosa. Era muito segura e até para o filho ela negava

favor. Não tinha amigos. Preferia viver isolada. Se lhe pediam esmola, dizia que não tinha nada para dar. A fama da velha era ruim em toda a região. Tinha uma grande horta de verduras, muito bonita. Deixava a verdura estragar, mas não dava uma folhinha de cebola a ninguém.

Um dia foi lavar uma touceira de cebolinha verde, num riozinho, que corria no fundo do quintal de sua casa. Por descuido dela, uma folha desprende-se da touceira e foi levada pela correnteza. Ela fez de tudo para apanhá-la. Não conseguindo, conformou-se, dizendo: Deus dará outra em seu lugar. Foi a primeira vez que a miserenta falou no nome de Deus. Era pão-dura a mais não poder.

O dia que ela morreu, procurou o céu para ver se ajeitava um lugarzinho para ela. São Miguel ao pesá-la, quase quebrou o prato da balança que registrava os pecados, de tantos que eram. E o remédio foi encaminhá-la para o Inferno.

Pedro, nessa ocasião, vivia na terra cumprindo a missão que lhe foi dada por Jesus. Ele se sentia muito envergonhado, quando os amigos mais chegados lembravam das maldades feitas pela mãe dele. Embora reconhecesse, não gostava nem de ouvir os comentários.

Quando Pedro morreu, ele foi recebido no céu como santo e com a incumbência de ser porteiro. Percebendo que sua mãe não estava entre as almas do reino de Deus, foi queixar-se a Jesus e pedir a oportunidade para que ela entrasse no céu, pois afinal das contas, ela era sua mãe.

Jesus, então, respondeu para São Pedro: Procure no livro do céu a página destinada à sua mãe e vê se encontra, pelo menos, uma boa ação por ela praticada. Se encontrar, nós vamos dar um jeito de trazê-la para cá.

São Pedro fez uma consulta rigorosa e encontrou o caso da folhinha de cebola, única vez que ela demonstrou crer em Deus. Encheu-se de alegria e voltou a falar com Jesus. Jesus, por sua vez, lhe disse:

— Pegue a folha de cebolinha e aponte em direção do Inferno e a senhora sua mãe se agarrará a ela. Você puxará a folha. Se sua mãe conseguir chegar até aqui, sem que a folha se parta, então, ela se salvará. São Pedro muito contente, fez o que Jesus mandou.

A velha muxibenta agarrou-se na ponta da folha e as outras almas do Inferno, aproveitando a oportunidade, seguraram na perna da velha, formando aquela corrente enorme de almas, uma segurando às pernas da outra. Assim mesmo a folha subia em direção ao céu. Quando estava quase pra chegar no céu, a velha egoísta, vendo aquela multidão de almas que a seguia, não achou aquilo certo. Deu coices e esperneou-se a valer e as almas foram todas caindo. Nesse mesmo instante a folha de cebola quebrou-se, ficando um pedaço na mão de São Pedro e a outra metade na mão dela. Então ela ficou no espaço. Não podia subir ao Céu e nem voltar ao Inferno, porque tinha a metade da folhinha de cebola na mão.

Dessa forma, ela não está no céu nem no Inferno, nem com Deus nem com o Diabo.”

Contada pelo Sr. Antônio Miranda (Toim), 50 anos (1985), residente no Distrito de Ribeiro dos Santos, Olímpia.

72 — A MÃE DE SÃO PEDRO

“A mãe de São Pedro morreu. Por ela ser uma pessoa muito má, não pôde entrar no céu. Mas por ser mãe de São Pedro, o porteiro do céu, seu filho fez de tudo para que ela não fosse para o Inferno. Daí ela não foi pr’o Céu nem pr’o Inferno. Então, a coitada da velha não teve para onde ir. E não podia voltar para a terra.

Daí, ela foi morar nas nuvens. Mas por ser uma pessoa muito impaciente, ela passou a controlar o vento. Por isso que quando venta muito forte, o povo diz: A mãe de São Pedro está fazendo estripulias.”

Contada pelo juvenil Hermes Rogério do Nascimento (Gerinho), 13 anos (1989), residente no Patrimônio de São João Batista, Olímpia.

73 — NOSSO SENHOR E OS APÓSTOLOS

“Quando Nosso Senhor andava no mundo, num dia saiu com os seus apóstolos. Andaram muito durante o dia e, à noite, foram dormir num acampamento.

No outro dia seguiram viagem. Caminharam, caminharam, caminharam e depois tiveram que atravessar uma mata, mas São Pedro encontrou dentro dessa mata uma caveira de mulher que parecia estar morta há muito tempo e começou a chutá-la pra lá, de lá pra cá, esparramando todos os ossos: plaque, plaque! A caveira falava com voz muito frouxa: Não seja assim, meu filho! E aí que ele a chutava mais.

Os companheiros atravessaram a mata, mas esperaram São Pedro, do outro lado, para que ele não se perdesse do grupo. Mas não demorou tempo, ele chegou onde estavam os outros apóstolos. Jesus, então, perguntou a São Pedro:

— Pedro, por que você ficou para trás, e chutando aquela caveira de mulher? Você sabe de quem era aquela caveira?

— Não, Mestre.

— Pois fique sabendo que era a caveira da sua própria mãe.

São Pedro se aborreceu com a resposta e voltou desesperado, para abrir uma cova e enterrar os restos de sua mãe. Mas não conseguiu mais nem descobrir onde era o lugar em que estava a caveira. Ficou muito magoado pelo que fez com a caveira da mãe insepulta. Ele se arrependeu e chorou demais. Aborrecido, voltou para o grupo.

Andaram mais um pouco e encontraram uma grande pedra. Jesus foi logo dizendo: Ninguém, ninguém sente sobre esta pedra, porque faz cem anos que um lazarento sentou nela. Pedro perguntou:

— Senhor, se faz cem anos o que tem de mal? O sol, a chuva, a lua, as estrelas e o vento já não limpam esta doença? Que perigo tem?

E, teimoso como uma égua, sentou sobre a pedra. Era muito desobediente.

Aí, Jesus disse: Descansem todos vocês.

Depois de descansados, disse Jesus:

Seguem-me os que podem me acompanhar; os que não podem ficam por aqui mesmo.

São Pedro, muito velho, não pôde acompanhar Jesus, mas prometeu seguir sua doutrina.

Por isso mesmo, os inimigos de Cristo decidiram matar São Pedro. Antes perseguiram muito ele. Quando ficou mais velho, foi morto e estrangulado, espedaçado e dependurado nas esquinas das ruas da cidade, durante três dias.

São Pedro desobedeceu, muitas vezes, a autoridade de Deus na terra, mas no céu ele foi tão obediente, que é quem fiscaliza a entrada do cristão, no Paraíso.”

Contada pelo Sr. Jocelino Cipriano Leal (Joce), 63 anos (1988), residente no distrito de Ribeiro dos Santos, Olímpia.

CONTADORES DAS ESTÓRIAS

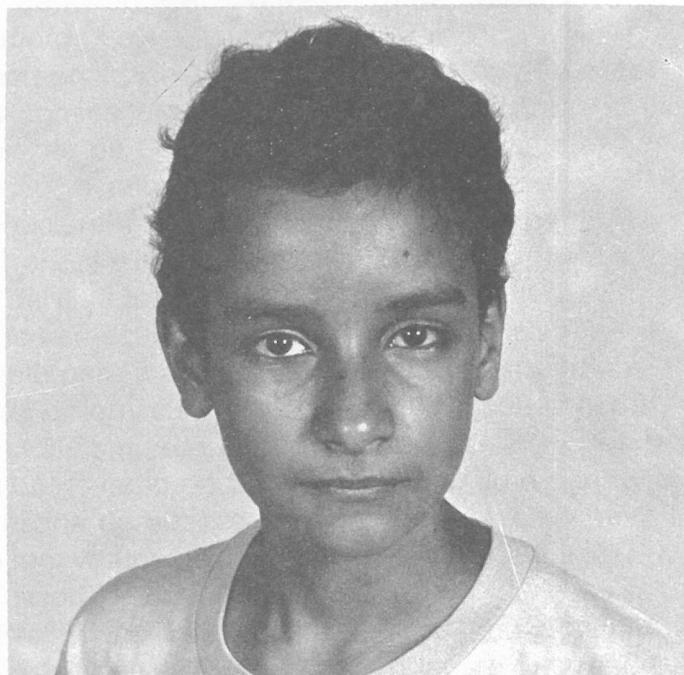
Mais de uma centena de pessoas narraram estórias para o nosso trabalho. Ficamos com 73 estórias, incluindo suas variantes, contadas por 35 narradores: Alcimar Calvo Canhada (69, 70) Alzira Sant’Ana de Oliveira (7), Antônio Clemêncio da Silva (64), Antônio Miranda (4, 15, 51, 59, 68, 71), Benedito Batista de Carvalho (8, 32, 33), Carlina Unguera (40), Emílio Luisson (34), Evanilde Domingues Trindade do Nascimento (13), Ezequiel Batista de Carvalho (14, 38), Gumercindo Moreira da Silva (9, 16, 50), Hermes Rogério do Nascimento (53, 60, 65, 66,

72), Ivete Fernandes (26), Jesus Francisco de Miranda (17, 25, 35, 48, 56, 57), João Joaquim de Sant'Ana (47), Joaquim Francisco de Sousa (6), Jocelino Cipriano Leal (11, 28, 30, 49, 73), Jorge Alves de Figueiredo (67), José Ferreira de Macedo (54), Leocrécio Papâni (29), Liberato Jacomassi (19, 44), Lourice Arutin Sgorlon (21, 24, 62), Lúcia Aidar (42), Luis de Miranda (61), Maria Marcolina de Jesus (41), Maria Sant'Ana Irâni (22), Meire Irâni (23), Narcisa Batista Miranda (39), Osório Batista Rodrigues (10, 43), Roberto José de Carvalho (2, 3, 12, 18, 31, 36, 52), Sebastiana Narciso (1, 37), Sidney Carlos Schalch (55),

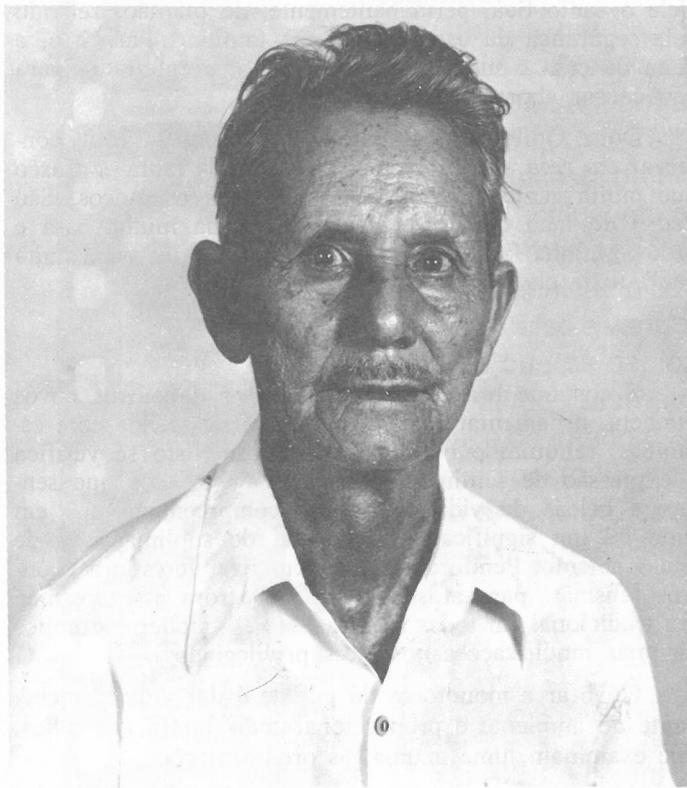


Antônio Miranda (Toim), nascido em Olímpia, no dia 24/10/1935. Cursou até a 4.ª série escolar do 1.º grau. Aprendeu as estórias com seu pai, Job Estêvão de Miranda. Narrou 6 casos. Reside na Rua Manuel Loureiro, s/n.º, no distrito de Ribeiro dos Santos, Olímpia.

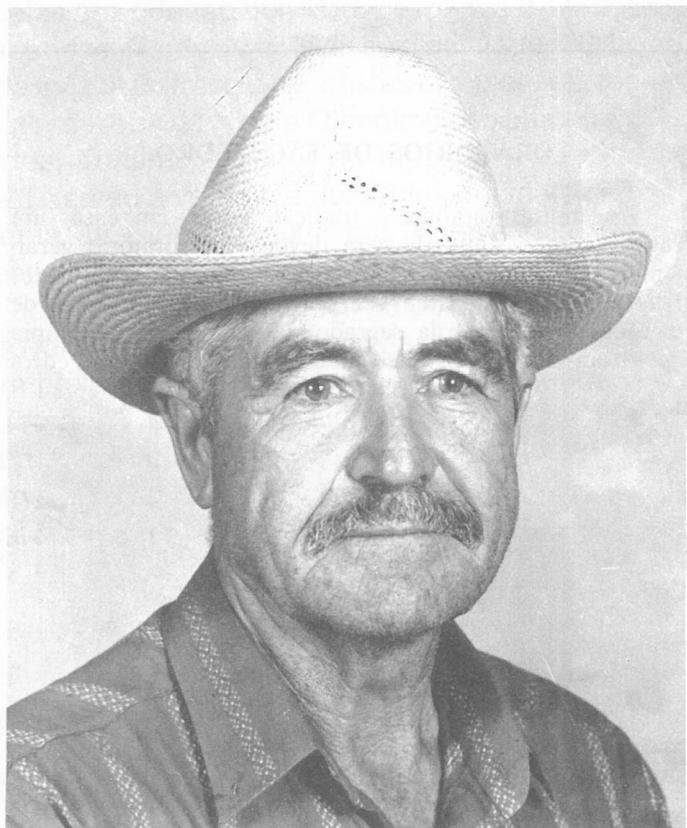
Siegibert Fernandes (46), Sônia Maria de Jesus Zacarias (5), Sueli Aparecida Ruiz (27), Teresinha Batista Henrique Teixeira (45) e Valdemar de Oliveira (20, 58, 63). Todos pertencem ao credo católico e residem no município de Olímpia. São narradores *pedristas*, como convençionamos chamá-los. Os números entre parênteses correspondem aos das estórias narradas. Cinco pessoas, dentre os narradores, se distinguiram pelo número de casos contados: cinco ou mais estórias. Por este motivo, estampamos a fotografia dos que mais conhecem estórias de *São Pedro*.



Hermes Rogério do Nascimento (Gerinho), nascido em São Paulo — SP, no dia 25/4/1976. Cursa a 7.ª série escolar do 1.º grau. Aprendeu as estórias com primos e colegas. Narrou 5 casos. Reside na Rua Marechal Deodoro, n.º 451, Patrimônio de São João Batista, Olímpia.



Jesus Francisco de Miranda (Chico Vato), nascido em Olímpia, no dia 16/1/1912. Cursou somente a 1.ª série escolar do 1.º grau. Aprendeu as estórias com seu pai, José Satiro de Miranda. Narrou 6 casos. Reside na Avenida Júlio Ferrânti, n.º 237, no Bairro de São José, Olímpia.



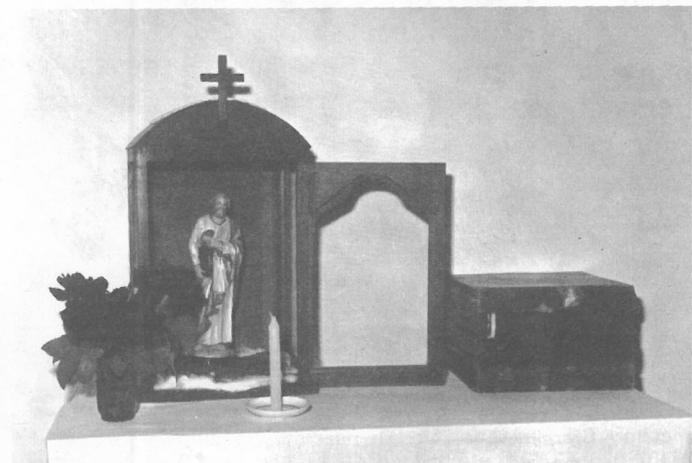
Jocelino Cipriano Leal (Joce), nascido em Ibitu — SP, no dia 8/10/1925. Cursou até a 4.ª série escolar do 1.º grau. Aprendeu as estórias com diversos amigos. Narrou 5 casos. Reside na Rua Manuel Loureiro, n.º 243, no distrito de Ribeiro dos Santos, Olímpia.



Roberto José de Carvalho (Bel), nascido no distrito de Ribeiro dos Santos, Olímpia, no dia 12/2/1944. Cursou até a 4.^a série escolar do 1.^o grau. Aprendeu as estórias com sua mãe, Sebastiana Clara de Miranda. Narrou 7 casos. Reside na Rua Sete de Abril, n.^o 53, no Patrimônio de São João Batista, Olímpia.

ORATÓRIOS DE SÃO PEDRO

Em muitas famílias é tradição ter-se, em casa, um oratório com o santo da vera devoção. O oratório geralmente é de madeira e sempre está enfeitado com flores vivas ou artificiais. Uma vez por semana, uma vela arde em oferenda ao guarda sagrado da família. Em Olímpia encontram-se oratórios que sediam a imagem de São Pedro.



Oratório de Maria de Jesus.



ORATÓRIO DE D. ODÍLIA MONTEIRO MAGALHÃES

O oratório ocupa um espaço na parede da sala ou do quarto de dormir, ou sobre peças: cômodas, mesas, etc. Nele o santo fica, permanentemente, de plantão, zelando pela segurança da casa e pela paz familiar. Para isto, a dona da casa o mantém sempre limpo, e enfeitado, para não causar aborrecimento ao santo.

Dona Odília sempre defendia a necessidade de conservar em casa, um oratório: “No meio de tanta confusão que muita gente anda fazendo, uns com os outros, São Pedro do meu oratório garante a paz na minha casa e protege minha família. E o que eu quero é ter paz, muita paz”, dizia ela.

SANTO DE PAREDE

É costume brasileiro, e cremos ser de outros povos também, ornamentar a parede da sala de visitas com estampas, relíquias e berloques variados. Nisto se verifica a expressão de sentimento dos que amam, dos que sentem a beleza da vida e dos que compreendem que em tudo há um significado de pureza, de sublimação e de encantamento. Penduram-se também figa, ferradura e outros talismãs, para afastar o azar. Outrora esse costume era tradicional em todas as casas. Hoje a modernice impôs algumas modificações nos lares privilegiados.

Quebrar a monotonia da parede é dar vida aconchegante ao ambiente e proporcionar mais tarefa aos olhos, que examinam, uma a uma, as ornamentações.

Assim, em muitos lares é comum vermos quadros de fotografias de pessoas, marcando um acontecimento importante da vida: batizado, primeira comunhão, casamento; políticos, diplomas, calendários, pinturas, etc. Em residências católicas, é muito provável encontrar o qua-

dro de um santo protetor, que também pode estar afixado na parede dos quartos de dormir ou mesmo na cozinha.

Nesta parede que fotografamos está de plantão o quadro de *São Pedro* como vigia perene da família.



Isto demonstra o grau de reconhecimento e de fé que expressa a chefia familiar, gente sensível que sabe dar valor a isto. A fé é remédio falível para os males. É alavanca poderosa, capaz de fortalecer a alma. Nesta casa humilde há esperança, paz e amor e, naturalmente, São Pedro é uma dessas razões.

(Sala de visita de D. Sebastiana Narciso, Rua Antônio Rebelato, n.º 289, Vila Raia, Olímpia).

MEDICINA TEOLÓGICA

A CURA PELOS BENZIMENTOS SOB A ÉGIDE DE SÃO PEDRO

O homem não afasta de sua vida a crença nos poderes divinos. Deposita sua fé em orações e simpatias, às vezes absurdas, que há muito existem e que continuam aparecendo.

São um meio de defesa que encontram na luta ao combate às doenças, aos espíritos do mal.

Muitas dessas orações obedecem a uma forma cuja preocupação é rimar as palavras, facilitando assim, sua recitação. É medicina velha, muito em voga nos séculos passados. Algumas orações Pedro Álvares Cabral trouxe a bordo e continuam sendo o remédio da magia defensiva.

É incumbência do rezador (benzedor) curar pelo poder das orações. O rezador é visto como uma pessoa servida por poderosa força de sugestão, favorecida pela situação de fraqueza ou dor do doente (ou da crença de seus familiares) e pela confiança que lhe sabe infundir. É tão forte essa influência que a pessoa, mesmo com uma formação religiosa mais firme, não deixa de levar seu filhinho ao benzedor para que este seja curado contra as doenças da infância. Mas não somente o filho, assim como todos os membros da sua família.

Nosso Senhor e *São Pedro* (e outros santos) alcançam numerosas citações nas benzeduras milagrosas, umas pronunciadas em voz baixa, outras num tom mais alto.

Quase todas essas orações vivem na tradição oral do nosso povo. Poucas foram as registradas por folcloristas e curiosos. Observamos que uma oração pronunciada por um benzedor é conhecida de outro, que a apresenta quase que com as mesmas palavras, ou com acréscimo ou diminuição de termos, o que comprova terem elas a mesma origem.

Chamaram-nos a atenção as orações que o benzedor faz em voz baixa. Contam com quem as aprendeu, mas não gostam de ensiná-las a ninguém, a não ser ao sucessor do seu trabalho, porque afirmam que quem as ensina

a um qualquer, acaba perdendo as virtudes de benzedor. Mas, pela persistência, conseguimos recolher estes ensalmos que curam muitos males, nas quais São Pedro é invocado como santo protetor. NB — Nossos Benzedores.

PARA CURAR CARNE QUEBRADA

Mialgia, dores musculares, dores no corpo todo.

A benzedeira, em voz baixa, pronuncia:

“*São Pedro* quando andava no mundo curava todos os aleijado. Curava carne magoada com os poder de Deus e da Virge Maria. Amém.”

(Pai-nosso e Ave-maria)

Benzedeira: P.N. (NB-15)

PARA CURAR COBREIRO

Herpes ou micose

I — A benzedeira, com o ramo verde de uma erva qualquer, molhada na água, vai fazendo cruzeiros sobre o cobreiro, pronunciando baixinho:

“— Para onde vai, Pedro?”

— Para Roma, romaria,
Curando cobreiro e cobraria

Curo cobreiro com ramo e água fria,
Com os poder de Deus e da Virge Maria.”

(Pai-nosso e Ave-maria a São Pedro)

Benzedeira: A.A.A. (NB-1)

II — A benzedeira, servindo-se de raminhos verdes, faz cruzeiros várias vezes sobre o cobreiro, dizendo três vezes:

“— Que tem, ó Pedro?”

— Cobreiro, Senhor.

— Com que se corta?

— Água da fonte, ramo do monte

— Assim mesmo eu corto.

Se for de aranha, vai secar.

Se for de lagartixa, vai sarar.

Se for de sapo, vai curar.”

Benzedeira: J.R.J. (NB-10)

III — A benzedeira faz o sinal da cruz e, com três ramos verdes de qualquer planta e um pouco de água colhida num rio ou numa cisterna, molha os raminhos e vai fazendo cruzeiros sobre a parte afetada, repetindo três vezes o benzimento:

— Que tem Pedro?

— Cobreiro, Senhor.

— Eu te curo

Com ramo do monte

E água da fonte.”

(Reza, em seguida, um Pai-nosso, uma Ave-maria e uma Glória ao Pai, oferecendo-os à Sagrada Paixão e Morte de Nosso Senhor, para o mal ficar curado. Se não curar-se com a primeiro benzeção, completá-la durante três dias, sem interrupção).

Benzedeira: R.P.S. (NB-16)

IV — A benzedeira, segurando um copo d'água e um raminho de arruda, fazendo o sinal da cruz, começa o diálogo:

“— Pedro, o que tens?”

— Senhor, cobreiro.

— Pedro, curai;

— Senhor, com o quê?

— Água da fonte,

Erva do monte.”

(Pai-nosso e Ave-maria)

(Neste diálogo-benzimento, o doente faz o papel de São Pedro e a benzedeira, de Nosso Senhor).

Benzedeira: F.R.J. (NB-3)

V — A benzedeira, com ramos de alecrim, vai fazendo cruzeiros na parte afetada, repetindo três vezes:

“— O que tu tens, Pedro?”

— É cobreiro, Senhor.

— Como é que se corta?

— Ramo do monte

E água da fonte.”—

(Reza-se um Pai-nosso e uma Ave-maria à Santíssima Trindade).

Benzedeira: J.C.S. (NB-8)

PARA CURAR DESTRONCAMENTO

Torção, luxação de um membro ou de uma articulação

Ferver, numa panela, 7 carvãozinhos, 3 punhadinhos de sal e três punhadinhos de cinza. Depois passe para um canecão e, passando de um canecão para o outro, a benzedeira pergunta:

“— O que é que eu benzo?

O doente responde:

— Destroncamento.

— Em nome de São Pedro, eu te benzo.”

(Reza-se um Pai-nosso, oferecendo-o a *São Pedro*.)

Repetir o benzimento durante 3 dias, às 4 horas da tarde).

Benzedeira: I.C.N.D. (NB-7)

PARA CURAR DOR DE CABEÇA

Cefaléia

A benzedeira, fazendo cruzeiros sobre a cabeça do doente, diz o seguinte:

“*São Pedro* viajô três dia debaixo do sol, da lua e das estrelas e encontrô com Jesus Cristo que le perguntô:

— Onde vai, Pedro?

— Buscá Nossa Senhora dos Remédios pra curá a dor de cabeça de fulano (diz aqui o nome do doente).”

(Reza-se um Pai-nosso e uma Ave-maria para Nossa Senhora dos Remédios. Este benzimento serve também para curar força de sangue, friagem e calor. Benzer o doente três dias seguidos).

Benzedeira: M.J.S. (NB-13)

PARA CURAR DOR DE DENTE

Odontalgia

I — A benzedeira pede ao doente para colocar o dedo indicador da mão direita na face, mostrando o local do dente arruinado, enquanto ela diz:

“*São Pedro* tava em Roma, sentado sobre uma pedra. Nosso Senhor perguntô:

— O que tens, Pedro? Pedro, eu passei por aqui, em Roma, pra curá a sua dor de dente:

Se for bicho, que morra,

Se for nevralgia, que acabe,

Se for tumor, que seque,

Se for friage, que sare,

Se for ar, que vá para o mar salgado, com os poder de Deus e as três palavras da Virge Maria.”

(A benzedeira rezará 3 Pai-nossos e 3 Ave-marias, oferecendo-as à Paixão e Morte de Nosso Senhor. Termina fazendo o sinal da cruz).

Benzedeira: R.P.S. (NB-16)

II — A benzedeira se benze fazendo o sinal da cruz. E, com o cabo de um garfo aponta, na face, o local do dente doído, enquanto diz:

“— Pedro caminhava com Jesus no mundo. Num dia, Pedro ficô doente, com muita dor, sem nenhuma vontade de caminhar.

Jesus perguntô:

— O que tem, Pedro?

— Dor de dente, meu Senhor.

— Se for dor de dente, que acabe,

Se for sangue, que se quebre

Se for ar, que desapareça.”

(Rezar uma Ave-maria, em voz alta, a benzedeira e o doente).

Benzedeira: J.B.C. (NB-11)

III — A benzedeira faz o sinal da cruz e diz em voz alta:

“Tava *São Pedro* sentado sobre uma pedra com suas mãos sobre o rosto. Santa Pelonha passô e le perguntô:

— Que tens tu, Pedro?

— Dor de dente, Senhora.

Aqui a benzedeira pergunta ao doente:

— Que tens tu, *fulano*?

— Dor de dente.

E, em voz baixa, a benzedeira prossegue:

— Se for dor, que passe.

Se for sangue que espalhe e vai todo esse mal nas areia do mar sagrado e deixa o corpo de (*fulano*) descansado.”

(Rezar um Pai-nosso e uma Ave-maria à Santa Apolônia e a São Pedro).

Benzedeira: M.J.S. (NB-13)

IV — A benzedeira persigna-se e diz lentamente:

“Um dia tava São Pedro no rio Jordão, cobrindo o rosto co'a mão. Então, chegô Nosso Senhor e lhe perguntô:

— O que faz, aqui, Pedro? Por que tá tão triste?

— Senhor, eu tô padeceno uma dor.

Jesus perguntô:

— De que dor, Pedro?

São Pedro respondeu:

— De dor de dente, Senhor.

A benzedeira, fazendo cruzeiros no rosto do doente, do lado em que se encontra o dente doído, diz: Assim como Jesus curô a dor de dente de São Pedro, também vai curá a dor do seu dente.”

Benzedeira: L.B.C. (NB-12)

PARA CURAR DORES NAS COSTAS

Lombalgia. Lombociatalgia, quando irradiada para os membros inferiores

A benzedeira recita as palavras:

“*São Pedro* deitô-se,

São Pedro levantô-se

Com Jesus encontrô-se.

— O que vei fazê, Pedro?

— Vim na sua pricura pra curá dor nas costa”.

(Pai-nosso e Ave-maria)

Se o doente não ficar bom com a primeira benzeção, volta mais dois dias, para completar a cura.

Benzedeira: O.B.M. (NB-14)

PARA CURAR ECZEMA

Dermatite de contato ou alérgica

O benzimento é feito com um galhinho de alecrim ou outra planta odorífera: arruda, guiné, etc.

Molha-se o galhinho da planta num copo d'água e, enquanto se faz cruz sobre a parte afetada, respingando-lhe a água, a benzedeira pergunta:

“— Pedro, de onde vens?

O doente responde:

— Eu venho de Roma, Senhor.

— O que encontrou por lá?

— Eczema e muita doença de pele.

— Como é que a gente cura?

— Com água da fonte e ramo do monte.

— É assim mesmo que eu curo.”

(A benzedeira e o doente, juntos, em voz alta, rezam uma Ave-maria. Faz-se o benzimento durante sete dias).

Benzedeira: L.B.C. (NB-12)

PARA CURAR ERISPELA

Infecção da pele e do tecido subcutâneo, acontecendo mais comumente nos membros inferiores.

I — A benzedeira faz o sinal da cruz, move um pequeno tição aceso, formando cruzeiros sobre a doença, recitando, em voz baixa:

“São Pedro quando andô no mundo, encontrô:
Isipa, isipela, isipelão,
Que em você deu no tutano,
Do tutano deu no osso,
Do osso deu na carne,
Da carne deu no sangue,
Da sangue deu na pele,
Da pele vai para o chão,
Isipa, isipelinha, isipelão”.

(Rezar uma Ave-maria)

Benedeira: E.O.R. (NB-2)

II — A benedeira faz o sinal da cruz e diz:

“Pedro quando veio de Roma se encontrô com Nosso Senhor. Nosso Senhor, então, le perguntô.

— Pedro, de onde vens?

— Eu, Senhor, venho de Roma.

— E o que encontrou por lá?

— Grande doença, Senhor, isipela.

— Volte para lá, Pedro. Volte com três folhas de palma benta.

Aí, a benedeira, diz em voz alta, fazendo cruz sobre a erisipela, com os três pedacinhos de palma benta, um por vez:

Isipela, isipelão, vai para o fundo do mar, porque (diz-se o nome da pessoa) é muito pobre e não agüenta te sustentá.

Home bão, muié braba, Nossa Senhora curava. Amém”.

(Benze-se durante nove dias, jogando as palmas bentas no fogo).

Benedeira: L.B.C. (NB-12)

III — A benedeira, de posse de três raminhos verdes de arruda (ou de qualquer planta) e de um prato de água fria com uns pingos de óleo comestível (de preferência óleo de oliveira), molha o raminho no prato e vai fazendo cruces ao redor da erisipela, dizendo em voz baixa:

“Jesus Cristo pela estrada andô

Pedro e Paulo encontrô

— Onde tu vai, Pedro e Paulo?

— Vô curá zipela e zipelão

— Vorta pra trás, Pedro e Paulo

Vai curá essa gente

Com óleo de olívia,

Água da fonte

E ramo do monte”.

(Depois de benzer com o primeiro raminho, benze-se com este e um outro e, finalmente, os três juntos. Finaliza o benzimento rezando, também em voz baixa, um Pai-nosso, uma Ave-maria e uma Glória ao Pai às almas do Purgatório).

Benedeira: I.F.S. (NB-6)

IV — A benedeira faz o sinal da cruz, molha um pouquinho de lâ de carneiro em azeite de oliveira e passa ao redor da erisipela, dizendo:

“Fulano (o nome do doente)

Pedro e Paulo foi em Roma,

Encontrô por lá muita zipela

Vorta pra trás, Pedro e Paulo

Pra curá esse mal com lâ de carnero e azeite de oliveira

Em nome da Santíssima Trindade

Sai deste cristão, zipela, zipelão”.

(Rezar um Pai-nosso à Santíssima Trindade)

Benedeira: J.C.S. (NB-8)

V — A benedeira faz o sinal da cruz e servindo-se de três folhas de comigo-ninguém-pode, uma por vez, fazendo cruces sobre a inflamação diz o ensalmo:

“São Pedro quando andô no mundo encontrô (diz aqui o nome do doente) sofrendo de isipela.

Isipela que deu no tutano,

Do tutano que deu no osso,

Do osso que deu na carne,

Da carne que deu no sangue,

Do sangue que deu na pele,

Da pele foi para o chão”.

(Rezar uma Ave-maria a São Pedro)

Enterrar as três folhas do comigo-ninguém-pode num canteiro de qualquer jardim.

Benedeira: J.S.F. (NB-9)

VI — O benzedor terá ao seu lado uma xícara com um pouco de óleo de cozinha e três punhadinhos de lâ de carneiro. Embecendo um punhadinho de lâ no óleo, um por um, faz-se uma cruz sobre a erisipela, dizendo:

“Pedro e Paulo foi em Roma

Jesus Cristo foi encontrá

Pedro e Paulo, o que viste lá?

Mal de morte, Senhor.

Isipela má.

Pedro e Paulo, volte lá

E vai curá

Com lâ de carnero

E óleo de olivera

Que logo sarará.

(Rezar um Pai-nosso e uma Ave-maria, oferecendo-os a Nosso Senhor, São Pedro e São Paulo. Joga-se os punhadinhos de lâ sobre o telhado da casa).

Benedor: S.I.P. (NB-17)

VII — A benedeira toma três raminhos e, com os três juntos primeiramente, depois com dois e por último, só um, fazendo cruces sobre o lugar afetado pelo mal, diz:

“Deus quando andô no mundo encontrô São Pedro e São Paulo.

— De onde vêm Pedro e Paulo?

Perguntô o Senhor.

Respondeu Pedro e Paulo:

— De Roma, Senhor.

E existe muito mal por lá?

— De quê? Perguntô o Senhor.

— De zipra e zipela

Disse o Senhor:

— Vorta lá Pedro e Paulo e diz estas palavra:

Te arretira, rosa maldita,

Vai para as onda do mar,

Assim como estas palavra são verdade,

Será desterrado esse mal.

Deus, Todo Poderoso, a Virgem Maria e São Tiago. Amém”.

(Reza-se um Pai-nosso e uma Ave-maria a São Pedro. Benzer durante três dias. Se nesse tempo, não curar, continuar o benzimento até nove dias).

Benedeira: J.B.C. (NB-11)

VIII — A benedeira, com três pêlos de carneiro e um pouco de azeite de oliveira, molha os pêlos no azeite e, tomando um de cada vez, vai contornando a erisipela, dizendo:

“— Pedro e Paulo foi em Roma

Encontrô Nossa Senhora

Pedro e Paulo falô:

— Onde vai Nossa Senhora?

— Vim em Roma, meu senhor,

— Vorte pra trás, Nossa Senhora,

Pega três pêlo de carneiro

Com azeite de oliva

Me benzer esta zipela

Pra ela aqui não vortá”.

(Depois de haver empregado um pêlo de carneiro de cada vez, a benedeira junta os três pêlos e, fazendo cruces sobre a erisipela, reza um Pai-nosso e uma Ave-maria ao Senhor Bom Jesus e à Nossa Senhora Aparecida. Benzer três dias seguidos. Se não der resultado durante esse tempo que a benedeira rezou, procurar, então, um benzedor, porque segundo a sabedoria do povo, existe erisipela macho e também fêmea. Por isso é bom ser a benzedura feita por homem e mulher).

Benedeira: F.B.S. (NB-4)

PARA CURAR ESPINHELA CAÍDA

Expressão com que o povo erroneamente define a dor no esterno, osso oblongo e achatado, situado na parte média e anterior do peito, causada por doença ou fadiga.

I — A benzedeira diz:

“Andava Jesus com São Pedro pelas margens do Rio Jordão, curando ventre virado e espinhela caída.

A seguir, põe as mãos sobre as costas do doente, procurando acertá-las, enquanto faz o pedido:

Levanta espinhela caída, com os poder de Deus e da Virge Maria”.

(1 Pai-nosso e 1 Ave-maria a São Pedro e a Nosso Senhor Jesus Cristo).

Benedeira: E.O.R. (NB-2)

II — A benzedeira faz o sinal da cruz e, procurando ajeitar a espinhela da pessoa, com o auxílio das duas mãos, vai pronunciando, em voz alta:

“Nosso Senhor tava andando no mundo e encontrô *São Pedro* sentado numa pedra muito fria.

Jesus pergunta para Pedro:

— O que você tem, Pedro?

— Tô sentino uma dor na espinha

— Pedro, o ar abaxa, o ar levanta,

O ar abaxano, o ar alevantano,

Levanta espinhela e sara arca caída

Com as sagrada palavra

De nosso Senhor Jesus Cristo

E as pessoa da Santíssima Trindade”.

Benedeira: F.R.J. (NB-3)

PARA CURAR FORMICAÇÃO NO CORPO

Prurido no corpo, sensações de coceira, também confundida com parestesia (adormecimento de um membro ou parte dele). Formigamento.

A benzedeira faz cruces com a mão sobre a parte formigada do corpo, dizendo: “Nosso Senhor Jesus Cristo quando andô no mundo, achô *São Pedro* sentado numa pedra. Jesus falô:

Alevanta-te *Pedro!*

— Não posso, Senhor, com este formiguero!

— Levantaraís, andarais e sararais, com os poder de minha mãe Maria Santíssima. Amém”.

(Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo. Amém)

Benedeira: R.P.S. (NB-16)

PARA CURAR LOMBRIGA ASSUSTADA

Verminose

O benzedor faz cruces, com um pequeno crucifixo, sobre o peito e a cabeça do doente, pronunciando.

“Deus e Pedro quando andô pelo mundo, andô fazendo muitos milagre e caridade, benzeno criança e adulto contra lombriga assustada e contra todos os male”.

(Rezar um Pai-nosso e uma Ave-maria a Jesus e São Pedro. Benzer em três dias seguidos. Essa benzeção pode ser feita para curar quebranto e mau-olhado).

Benedor: F.J.F. (NB-5)

PARA CURAR MAU JEITO

Apanhar um pedaço de pano sem uso e uma agulha com linha. Pôr o pano sobre o machucado e costurando-o diz:

“— O que eu costuro?

O doente repete a pergunta:

— O que eu costuro?

A benzedeira pronuncia mais algumas palavras e à medida que fala, o doente vai repetindo:

— Osso torto, nervo rendido, carne quebrada, veia magoada e junta desconjuntada.

A benzedeira, então, diz:

— *São Pedro*, São Paulo e São Silvestre faça uma cura que preste”.

(Rezar um Pai-nosso, uma Ave-maria e Glória ao Pai).

Benedeira: R.P.S. (NB-16)

PARA CURAR QUEBRANTO

Resultado mórbido que, segundo a superstição popular, o mau olhado de certas pessoas produz noutras. Quebrantamento. Mau-olhado.

O benzedor, com um pequeno crucifixo, começa, dizendo:

“Nosso Senhor tava em Roma

E encontrô com *São Pedro*.

— O que vai fazê, Pedro?

— Vim procurá o senhor pra aprendê a curá quebrante.

Depois olha bem firme nos olhos do doente e acrescenta:

(Nome da pessoa), se você tivé quebrante, com um te pusero e com dois eu tiro. E esse male vai para as água do mar sagrado”.

(Repetir três vezes a benzeção)

Benedor: F.J.F. (NB-5)

PARA CURAR QUEIMADURA

Ferimento ou lesão produzida pelo efeito do fogo.

A benzedeira, segurando três folhas de pimenteira e molhando uma por vez, diz:

“Caminhava Jesus e *São Pedro*.

Jesus perguntô: O que viu em Roma, Pedro?

— Vi muita quemadura de fogo.

— Vorte, Pedro, pra curá com os poder de Deus e da Virge Maria, com três foia de pimenta e um poco de água fria.

— Água não sente frio,

Pimenta não sente calor,

Eu te curo em nome da Virge

E de Nosso Senhor”.

Faz-se a benzeção com três folhas de pimenteira, molhadas na água, uma por vez. Geralmente a pessoa é curada com um só benzimento).

Benedeira: P.N. (NB-15)

PARA TIRAR ARGUEIRO DO OLHO

Corpo estranho no olho

I — A benzedeira esfrega o olho da pessoa com um lenço branco, limpo e diz:

“Passa, passa, cavalero,

Pela estrada de São Pedro,

Avisá Santa Luzia

Que venha em seu cavalinho

Pra retirá este arguero

Co'a ponta do seu lencinho”.

Benedeira: F.B.S. (NB-4)

II — A benzedeira, com o dedo polegar da mão direita faz cruces sobre o olho da pessoa, enquanto diz:

“Corre, corre cavalero

Pela porta de São Pedro,

Montado em seu cavalinho

Dizê pra Santa Luzia

Que mande seu lenço branco

Pra retirá este arguero”.

E termina, soprando, três vezes, no olho ofendido.

Benedeira: J.S.F. (NB-9)

III — A benzedeira sopra o olho da pessoa e, em seguida, recita em voz baixa:

“Passa, passa, cavalero,

Pela porta de São Pedro

Vá dizer a Santa Luzia
Que me tira esse segredo".
(Um Pai-nosso e uma Ave-maria)
Benzedeira: R.P.S. (NB-16)

PARA TIRAR MAU-OLHADO

Qualidades que na credence popular atribui a certas pessoas de causarem malefícios e desgraças àqueles para quem olham. Quebranto.

I — Dá-se um copo de água limpa para a pessoa segurar, enquanto a benzeira diz em voz audível:

"Deus te fez, Deus te criou,
Deus retire todo mal
Que no teu corpo entrô
Em nome de *São Pedro*
Afasto daqui o Diabo
E tiro esse mau-oiado".

Após o benzimento, a benzeira apanha o copo de água na mão do doente e o despeja no pé de uma árvore.
Benzedeira: O.B.C. (NB-14)

II — A benzeira impõe as mãos sobre a pessoa, pronunciando a oração:

"Deus te fez e te criou
Deus corte o mal que no teu corpo entrô.
Em nome de *São Pedro* e *São Paulo*
Que saia este mau-oiado.
Como Deus fez o mar sagrado
Assim ele tire este mau-oiado.
Como Jesus nasceu em Belém
E foi crucificado em Jerusalém,
Assim sai o mal desta criatura
Pra bem longe, pr'as lonjura".
(Reza-se um Pai-nosso e uma Ave-maria).

Benzeira: A.A.A. (NB-1)

III — Com um ramo verde, a benzeira faz cruzeiros sobre o peito da pessoa, dizendo:

"Deus te fez, Deus te criou,
Deus tire este mau-oiado
Que no teu corpo entrô
Em louvor a *São Pedro* e *São Paulo*
Que saia este mau-oiado
Assim como Deus fez o mar sagrado
Assim ele tire este mau-oiado".
(Reza-se o Credo)

Benzeira: J.R.J. (NB-10)

PARA TIRAR SOL DA CABEÇA

Insolação

O benzedor faz o sinal da cruz, coloca a mão direita sobre a cabeça da pessoa que está com o problema e recita baixinho, esta oração:

"São Pedro quando andô no mundo tomô muito sol e calor. Encontrô Nosso Senhor que le disse: Pedro, sairá esse sol com um lenço e um copo de água fria. Como tô falando a verdade, vorta o sol pr'o seu lugar. Vai, Pedro, pelo mar abaxo, com um copo de água fria. O mal que você tem no corpo e na cabeça, quem tira é Deus e a Virge Maria. Amém."

(Reza-se uma Ave-maria e uma Glória ao Pai. Basta um só benzimento).

Benzeira: I.C.N.D. (NB-7)

NOSSOS BENZEDORES

Devotos de São Pedro
1989

Varia muito o procedimento entre os benzedores quanto à maneira de benzer. Para uns, a benzeção deve ser feita estando o doente sentado, diante de um altarcinho instalado num compartimento próprio da casa do benzedor ou no quarto de dormir. Para outros, o benzimento não pode ser realizado dentro de casa, mas do lado de

fora: no alpendre, no quintal, debaixo de uma árvore, para que a doença desapareça mais depressa. Dentro de casa, as paredes servem de obstáculo e a doença poderá transferir-se para o benzedor e seus familiares.

Uma das principais armas que o benzedor deverá ter consigo é o terço de orações, mesmo que o mal tenha que ser benzido com outros elementos: algodão, óleo, água, fogo, etc. O terço ficará sobre o altar, ou na mão esquerda, ou no pescoço, ou no bolso, ou na cintura do benzedor, se não for utilizado na benzeção. É, também, costume acender uma vela que permanecerá acesa durante o benzimento.

Quando são empregados ramos verdes de qualquer planta, algodão, pano, lã ou outros elementos da benzedura, estes deverão ser jogados no telhado da casa, enterrados ou queimados, com a finalidade de fazer com que a doença desapareça mais rapidamente.

O benzimento não pode ser realizado à noite, a não ser num momento de muita aflição do doente, como no caso de uma dor de dente insuportável que aperece momentaneamente. Nesse caso, a maior preocupação do benzedor é rezar, primeiramente, para a fuga do Demônio, que anda à solta, no período noturno.

O melhor horário para benzer é o do nascimento ao pôr-do-sol, ou seja, das 6 às 18 horas, mesmo que o dia esteja nebuloso. Também o domingo é dia impróprio para a benzeção. No domingo, dizem os benzedores, a gente só deve agradecer a Deus pelas coisas recebidas, mas não fazer pedidos para a cura. Quando uma benzedura se completa em 3, 5, 7 ou 9 dias, o domingo é abolido da contagem.

Há uma disciplina severa a ser respeitada pelo benzedor:

— O benzedor não pode benzer logo após às refeições principais, pois corre o perigo de sentir-se mal, uma vez que todo doente transfere parte do seu mal a quem o benze. Deve-se dar um espaço de tempo de, pelo menos uma hora, para que não venha a prejudicar-se.

— Também o doente não pode ser benzido estando com a barriga muito cheia, o que é difícil ocorrer, pois o doente é sempre inapetente, para evitar que a doença agrave-se ainda mais.

— Se o benzedor estiver doente, é recomendável não benzer ninguém. Acredita-se que durante a doença cessam as virtudes do benzedor em curar os males. É o único período de férias em que, forçosamente, ele descansa do seu atribulado mister.

É costume o doente ir à casa do benzedor para ser benzido. Somente nos casos em que o doente não possa locomover-se é que o benzedor vai à casa dele, para benzê-lo.

Há uma perceptível rivalidade entre os benzedores. É comum ouvirmos de um e de outro: Fulano (ou fulana), não benze direito. Ou: Não sabe benzer bem.

Os adeptos do benzimento também fazem sua escolha: Fulano (ou fulana) é o melhor benzedor. E, no final de tudo, todos os benzedores recebem excelente votação popular. Todos têm a preferência de muitos.

A missão dos benzedores é a de fazer caridade. Não recebem nada pelo trabalho prestado e nem gostam que as pessoas os agradeçam por isso. Mas nada impede que os beneficiados dêem presente ou os gratifiquem com dinheiro, desde que espontaneamente.

O lema do benzedor é: "De graça recebi o dom de benzer, de graça benzo os que precisam do benzimento. Não se pode vender a palavra de Deus".

Ouvimos quase todos os benzedores de Olímpia, mas registramos somente as orações e simpatias dos que invocam ou relacionam suas benzeduras a São Pedro, que é o objeto deste trabalho.

Constatamos ainda que as benzeções são atividades mais exercidas pela mulher que pelo homem.

Os benzedores entrevistados são, na totalidade, católicos, mas três dizem ser também simpatizantes do espiritismo. A quase totalidade não tem instrução escolar e os dois que sabem ler e escrever muito pouco, mal receberam os primeiros ensinamentos. São pessoas simples, de



1 — **D. Ana Amélia Alves**, 86 anos, capricorniana casada. Benze há 60 anos. Aprendeu a benzer com diversas amigas. Reside na Vila Nova.



2 — **D. Eloisa Osória Rosa**, 88 anos, capricorniana, viúva. Benze há 58 anos. Aprendeu a benzer com sua mãe, D. Ana Fernandes. Reside no Bairro de São José.

vida modesta, dotadas de muita fé. São vistas por grande parte da coletividade como portadoras de poder e inspiram muita confiança aos que as buscam.

Pesquisas realizadas em Olímpia, de junho a dezembro de 1989.



3 — **D. Faustina Rosa de Jesus**, 77 anos, sagitariana, viúva. Benze há 30 anos. Aprendeu a benzer pelo próprio dom. Herdou alguns benzimentos de D. Conceição Gonçalves de Jesus. Reside no Jardim Miessa.



4 — **D. Francisca Batista da Silva** (D. Chica Cigana), 62 anos, sagitariana, solteira. Benze há 51 anos. Aprendeu a benzer com seus pais Manuel B. da Silva e Georgina Soares da Gama. Reside na Vila Raia.



5 — **Sr. Francisco José Fermino** (Seu Chico Vigilato), 82 anos, aquariano, viúvo. Benze há 52 anos. Aprendeu a benzer com seus pais Vigilato Fermino Bispo e Maria Cândida de Jesus. Reside no Sítio Nossa Senhora Aparecida.



6 — **D. Iolanda Fernandes dos Santos**, 63 anos, geminiana, viúva. Benze há 20 anos. Aprendeu a benzer com D. Maria Pascoal. Reside no Jardim Paulista.



7 — **D. Irene Carvalho Nogueira de Deus**, 58 anos, leonina, casada. Benze há 38 anos. Aprendeu a benzer com sua mãe D. Etelvina Maurícia de Carvalho. Reside no Bairro de São José.



8 — **D. Jerônima Constância de Sousa**, 90 anos, capricorniana, casada. Benze há 58 anos. Aprendeu a benzer com seu pai, Sr. José Diogo de Oliveira. Reside no Jardim Santa Ifigênia.



9 — **D. Joana dos Santos Fonseca**, 61 anos, canceriana, casada. Benze há 19 anos. Aprendeu a benzer com benzedor espírita. Reside no Jardim Paulista.



11 — **D. Judite Batista de Carvalho**, 67 anos, sagitariana, viúva. Benze há 40 anos. Aprendeu a benzer com sua mãe, D. Maria Teodoro de Miranda. Reside no Bairro de São José.



10 — **D. Joana Rita de Jesus** (Joana Nazáris), 84 anos, sagitariana, viúva. Benze há 66 anos. Aprendeu a benzer com seu pai Vergílio Nazáris. Reside no Conjunto Habitacional Jardim Luís Zuca.



12 — **D. Lucinda Batista de Carvalho**, 87 anos, sagitariana, viúva. Benze há 74 anos. Aprendeu a benzer com sua mãe, D. Narcisa Silvéria de Miranda e com a avó D. Geracina Silvéria de Miranda. Reside no Conjunto Habitacional "Antônio José Trindade".



13 — **D. Maria Júlia da Silva**, 81 anos, ariana, viúva. Benze há 38 anos. Aprendeu a benzer com sua mãe, D. Jerônima Júlia da Silva. Reside no Jardim Cisoto.



15 — **D. Petrina Neves** (D. Baiana), 67 anos, leonina, viúva. Benze há 51 anos. Aprendeu a benzer com seu pai Sr. Marcolino Ferreira Neves. Reside na Vila Santa Teresinha.



14 — **D. Otaviana Bonfim Meira**, 63 anos, taurina, viúva. Benze há 43 anos. Aprendeu a benzer com seu pai, Sr. João Dias da Silva. Reside no Bairro de São José.



16 — **D. Rosa Pereira dos Santos** (D. Rosinha), 76 anos, leonina, viúva. Benze há 40 anos. Aprendeu a benzer com suas amigas, D. Damiana Pereira dos Anjos e D. Maria Marcolina de Jesus (Tia Marcolina). Reside no Jardim Santa Ifigênia.



17 — Sr. Sebastião Inácio Pimenta, 87 anos, canceriano, viúvo. Benze há 50 anos. Aprendeu a benzer com sua irmã, D. Ana Pimenta. Benze somente para curar erisipela. Reside no Patrimônio de São João Batista.

Acresce-se também, esta oração, que é considerada benzedura:

PADRE-NOSSO PEQUENINO

Esta oração é para repelir o Demônio e seus malefícios. Também serve como benzedura para curar quebranto. As benzedoras fazem o sinal da cruz e, impondo as mãos sobre a cabeça da pessoa, rezam, em voz alta, o Padre-nosso Pequenino. Este benzimento serve, ainda, como ato formal para expulsar o Diabo de uma pessoa possessa. Se for rezada à cabeceira da cama de um agonizante, este se livrará do Inferno. Rezada sete vezes fará com que apareça um objeto ou uma criação perdida.

Registramos algumas variantes do texto onde aparece *São Pedro* como um dos santos protetores.

- 1 — Padre-nosso Pequenino
Tem a chave do Paraíso
São Pedro e Santa Maria
Que seja a minha guia
Os galos estão cantando,
Os anjos estão levantando,
Padeceu o céu e a terra
Livrai-me do Demônio e da guerra
Com seu terço e sua cruz
Para sempre, amém Jesus.
- 2 — Pai-nosso Pequenino
Tem a chave do Paraíso
Que Deus nos daria
São Pedro, Santa Maria
Os galos já estão cantando
Ave-maria rezando
Do Diabo me livrando. Amém.
(Três Ave-marias para Jesus).
- 3 — Padre-nosso Pequenino
Tem a chave do Paraíso
Deus o que nos daria

São Pedro, Santa Maria
Cruz em monte, cruz em fonte
Que o Demônio não me encontre
Nem de dia, nem de noite
Nem no meio-dia em ponto
O galo tá cantano,
Os anjo vai alevantano
Desceu um anjo sobre mim
Pai, Filho, Espírito Santo. Amém.

- 4 — Pai-nosso Pequenino
Deus me conduz em bom caminho
Jesus Cristo, meu padrinho
Nossa Senhora, minha madrinha
Me faça três cruz na testa
Sete anjo me acompanha,
Sete vela me alumeia
Que o Demônio nunca me atenta
Nem de dia, nem de noite
Nem na hora da minha morte
Essa casa tem quatro canto,
Cada canto tem um anjo
Quatro anjo que me guarda
Eu e minha famia,
São Pedro, São Nunca, São Marcos, São Mateus
E o meu bom Senhor Deus. Amém.
- 5 — Pai-nosso Pequenino
Deus me guia em bom caminho
Maria abre a porta
E deixa o vento entrar
Para ver os anjos do céu passear
São Pedro, São Paulo e São Miguel Arcanjo
Para me vigiar
E o Demônio não me atentar
Nem de dia, nem de noite
E para sempre. Amém.
- 6 — Padre-nosso Pequenino
Tem a chave do Paraíso
Quem nos dera, quem nos daria
São Pedro e Santa Maria
Para me livrar do Inferno
Os galos estão cantando,
Os anjos estão levantando
Pra descer do céu à terra
E me guardar contra o mal
Até o Juízo Final
Para sempre, amém Jesus.
- 7 — Padre-nosso Pequenino
Deus me guia em bom caminho
Nossa Senhora é minha madrinha
Jesus Cristo é meu padrinho
Sete vela me alumeia
Sete anjo me acompanha
Coisa ruim não me persegue
Nem de noite, nem de dia
Nem no ponto da Ave Maria
Santo Antônio disse a missa
São Paulo benzeu o altar
Também benze a minha cama
Na hora que vou deitar
Em volta da minha casa
Tem três com Cristo
São Pedro, São Paulo, São João Batista. Amém.
- 8 — Pai-nosso Pequenino
Deus me leva em bom caminho
Jesus Cristo é meu padrinho
Nossa Senhora é minha madrinha
Que me fez três cruz na testa
Sete anjo me acompanha
Sete vela me alumeia
O Diabo não me atente
De noite e nem de dia
Nem na hora da Ave Maria
Nem na hora da minha morte
Atrás desta casa tem três com Cristo
São Pedro, São Paulo e São João Batista
Com Deus me deito,
Com Deus me levanto,
Com as graças de Deus
E o Divino Espírito Santo. Amém.
- 9 — Pai-nosso Pequenino
Jesus Cristo é meu padrinho
Nesta casa tem cinco anjo
E tem quatro canto
São Pedro, São Paulo e São João Batista
E o anjo de minha guarda
Que me guarda. Amém.

- 10 — Padre-nosso Pequeno
Quando Deus era menino
Tinha a chave do Paraíso
Quem lhe deu, quem lhe daria
Foi São Pedro e Santa Maria
Cruz da fonte, cruz do monte
Que o Demônio não sabe de minha parte
Nem de noite, nem de dia
Nem no tino do meio-dia. Amém.

(Pai-nosso e Ave-maria).

Trechos extraídos do Anuário do Folclore n.º 14 (22-8-1984), do Departamento de Folclore do Museu de História e Folclore "Maria Olímpia" e Comissão de Folclore (C.M.C.) da Prefeitura Municipal de Olímpia.

Informantes — todos de Olímpia — SP, no ano de 1980:

I — Sr. Francisco Batista de Carvalho, 69 anos / 2 — D. Luísa Stuque, 62 anos / 3 — D. Sebastiana Miranda, 56 anos / 4 — D. Ana Merenciana, 73 anos / 5 — D. Joana Garcia Hernandez, 74 anos / 6 — D. Etelvina Aniceto Pereira, 69 anos / 7 — D. Maria de Lourdes Rodrigues, 55 anos / 8 — D. Ilma de Carvalho, 32 anos / 9 — Sr. Protázio da Mata e Silva, 62 anos / 10 — D. Alice Augusto de Melo, 64 anos.

ORAÇÕES A SÃO PEDRO

A oração sempre ocupou lugar de destaque nas tradições religiosas. O devoto faz seu pedido com muita fé, acreditando alcançar uma graça ou até receber um milagre.

Rezar é uma maneira de estar conversando com o Santo a cada momento.

A oração é o melhor meio de ter-se uma sintonia maior, de interiorizar-se e pedir ao Senhor alguma coisa que se deseja. Deverá ser feita sobretudo com muita fé e principalmente crendo que por ela estará chegando ao Santo e ele atenderá nos problemas.

Por mais difícil que seja a situação, a pessoa não deverá ter receio de apresentá-la a Deus ou ao Santo protetor. Quando todos os caminhos falham, Deus atende os pedidos dos que se dirigem a Ele.

Rezar, diariamente, é o único meio através do qual se consegue resolver problemas, vencendo barreiras intransponíveis.

A graça é concedida àqueles que acreditam numa força superior e têm fé, mesmo inconsciente, e tudo se resolverá por intermédio de uma intervenção divina. A fé e a vontade muito forte de acreditar que os problemas poderão ser solucionados, transformam a oração numa força poderosa.

Uma graça, por intercessão de São Pedro (ou outros santos), pode ocorrer num momento de desespero, mas é preciso que o crente, de uma forma ou de outra, reja sua vida pelo poder divino.

Rezar, então, é pedir alguma graça e demonstrar fé, acreditando na oração e na ajuda do Santo.

1 — ORAÇÃO AOS APÓSTOLOS SÃO PEDRO E SÃO PAULO

"Santos apóstolos São Pedro e São Paulo, eu vos escolho hoje e sempre por meus especiais protetores e advogados. Alegro-me em toda a humildade não só convosco, glorioso São Pedro, príncipe dos Apóstolos, por serdes aquela pedra sobre a qual Deus edificou a sua igreja, como também convosco, o Bem-aventurado São Paulo, escolhido por Deus, vaso de eleição e pregador da verdade em todo o universo. Eu vos rogo me alcanceis viva fé, firme esperança e perfeita caridade, um completo desprezo do mundo, paciência nas adversidades, humildade nas prosperidades, atenção na oração, pureza de cora-

ção, reta intenção nas obras, diligência no cumprimento das obrigações do meu estado, constância nos propósitos, resignação na vontade de Deus e perseverança na graça divina até a morte para que, mediante a vossa intercessão e vossos gloriosos merecimentos eu vença as tentações do mundo, do demônio e da carne, tornando-me digno de aparecer na presença do Supremo e Eterno Pastor das almas, a fim de que possa amar e gozar eternamente o mesmo Jesus Cristo que, com o Pai e o Espírito Santo, vive e reina por todos os séculos dos séculos. Amém.

Rogai por nós, São Pedro e São Paulo, para que sejamos dignos das promessas de Cristo."

Informante: D. Dines de Carvalho Santos — Olímpia (1989)

2 — AO APÓSTOLO SÃO PEDRO

"Ó glorioso São Pedro, sois o príncipe dos apóstolos, a pedra sobre a qual Deus edificou Sua Igreja, aquele a quem o Senhor Jesus confiou a missão de apascentar os cordeiros e as ovelhas de seu rebanho.

Tomando-vos por modelo, quero proclamar sempre meu amor a Jesus, o Cristo, Filho de Deus. De vossa poderosa intercessão junto a Deus, espero a graça da fidelidade absoluta à Igreja e ao Santo Padre, o Papa, vosso Sucessor. Viva eu e morra como devoto vosso e filho amoroso e obediente da Santa Igreja Católica, Apostólica e Romana."

Informante: D. Teresinha de Miranda Vidoti — Olímpia (1989)

3 — ORAÇÃO A SÃO PEDRO, PRÍNCIPE DOS APÓSTOLOS

"Gloriosíssimo São Pedro, creio que vós sois o fundamento da Igreja, o Pastor universal de todos os fiéis, o depositário das chaves do céu, o verdadeiro Vigário de Jesus Cristo; e eu me glorio de ser vossa ovelha, vosso súdito e filho. Uma graça vos peço com toda a minha alma: guardai-me sempre unido a vós e fazei que antes me seja arrancado o coração do peito do que o amor e a plena submissão que vos devo nos vossos sucessores, os Pontífices Romanos. Viva eu e morra, vosso filho e filho da Santa Igreja, Católica, Apostólica, Romana. Assim seja."

Informante: Maria Jesus de Miranda — Olímpia (1985)

4 — ORAÇÃO A SÃO PEDRO

"Ó glorioso São Pedro, o príncipe dos apóstolos, a pedra sobre a qual Deus construiu sua Igreja, aquele a quem Jesus confiou a missão de pastorear as ovelhas de seu rebanho. São Pedro, sendo modelo, quero mostrar sempre meu amor a Jesus Cristo, filho de Deus. De vossa poderosa força junto a Deus, espero a graça da fidelidade absoluta à Igreja e ao Papa. Santo Apóstolo, peço pela Igreja, que ela seja a esperança e caridade para o povo. Que sejam as pessoas iluminadas por Jesus, para a glória da Santíssima Trindade. Amém."

Informante: Sr. Pedro Carlos de Castro — Olímpia (1979)

5 — ORAÇÃO A SÃO PEDRO

"São Pedro Apóstolo, eu escolho hoje e sempre para ser meu defensor e protetor. Com toda a humildade, fico contente, glorioso São Pedro, príncipe dos Apóstolos, por ser a pedra sobre a qual Deus construiu a Igreja Católica Apostólica Romana. Rogo para que continue com fé viva, firme esperança e perfeita caridade, um completo despre-

zo ao mundo, paciência nas adversidades, humildade nos bons momentos, atenção na oração, pureza de coração, a melhor das intenções nas obras, no cumprimento das obrigações do meu estado, constância nos propósitos, resignação na vontade de Deus e perseverança na graça divina até a morte, para que, mediante sua intercessão, eu vença as tentações do mundo, do Demônio e da carne, sinto-me digno de aparecer na presença desse pastor das almas, para que possa amar eternamente Jesus Cristo que, com o Pai e o Espírito Santo, vive e reina, por todos os séculos e séculos. Amém.”

Informante: D. Iracema Lopes do Nascimento — Olímpia (1980)

6 — PARA FECHAR O CORPO CONTRA PERIGOS

“Me vale meu Jesus de paz e da minha guia. Que a Virgem Santíssima jogue pólvora pra diante e chumbo pra trás. Ela foi virgem no parto, sempre virgem ela é. Me livrai meu corpo de pau, faca e arma de fogo. Me vale meu São João Batista, *São Pedro* e São Paulo. São Pedro, São Paulo e São João Batista me livre em roda de meu corpo em três pontíssimo. Meu corpo será guardado com o leite de Nossa Senhora e o sangue de Jesus Cristo. Me vale, Nossa Senhora. Amém.”

(Reza-se um Pai-nosso e uma Ave-maria)

Informante: D. Iraci Caseli Dias — Olímpia (1965)

7 — ORAÇÃO DIÁRIA

“Deus meu, misericórdia. Afastai de mim os espíritos malignos, os malefícios, os olhos maus, as mandigas, as tentações, mofina e o quebranto.

Dai-me o poder de arredar dos homens, mulheres e crianças, batizados e não batizados, todos os males que afligem a humanidade .

Dai-me com a misericórdia Divina, auxiliado por *São Pedro* e São Paulo e todos os Santos da Corte celeste, o poder de vencer todas as dificuldades da vida, aspirando os vapores do defumador. Dai-me dinheiro, dai-me o direito de alcançar o amor que me desprezou (ou a mulher ou o homem que deseja). Dai-me o poder de afastar o meu marido, pai, irmão ou mulher daquela ou daquele vil que desassossega a família. Dai-me felizes dias para gozar, dai a minha mulher um parto feliz e aos meus filhinhos dias venturosos. Afastai, para bem longe, os meus inimigos que atentam e o Demônio, nos dando coragem para reagir e repelir as afrontas e insultos. Livrai-nos dos acidentes, maus conselhos e caminhos errados, seguindo sempre pela estrada livre da fortuna e da saúde.”

NOTA: Rezar uma Ave-maria, Padre-nosso e Creio em Deus Padre, duas vezes ao dia, incensando os quartos, atrás das portas, por baixo das camas e sobre as roupas com um defumador, que composto de plantas vindas da Índia, tem bastante força e grande poder para sanar a crise que avassala o Brasil, dando dinheiro, felicidade e amor ao seu povo.

Informante: D. Francisca Maria da Cruz — Olímpia (1978)

8 — ORAÇÃO DO TEMPO CHEGADO

“Tempo chegado de sua Paixão, o Cristo no último fazendo oração. Ele já considerava o que havia de passar, no rio de sangue se pôs a suar. Aí foi entregue por Judas traidor, foi preso e atacado como malfeitor. Puseram no Juízo e o tombo levou, o filho de Deus que ele judiou. O peso do Inferno o César pegou, *São Pedro*, de medo,

três vezes, negou. Chegando Pilatos, mandaram açoitar, cinco mil e tantas mandaram lhe dar. Depois de açoitado foi escorraçado. Como maior instrumento da sua paixão com uma coroa de espinhos coroaram Jesus, sua sagrada cabeça, seu sangue verteu. No Monte Calvário caminhou Jesus. Levou no seu ombro o peso da cruz. Não contentaram de ver padecer, mandaram que fosse na cruz pra morrer. Ele, já esquecido da ingratidão, aos seus inimigos Ele deu seu perdão. Por nos dar a vida, Jesus suspirou.”

(Rezar um Pai-nosso e uma Ave-maria)

Informante: Sra. Isabel Silveira de Sousa — Olímpia (1960)

9 — ORAÇÃO DE JESUS E SÃO PEDRO

“Meu São Pedro, assim como vós trancou a porta do céu com aquela chave de ouro, vos peço que trancai meu corpo para nada acontecer.

Jesus, fazei que eu seja maior que meus inimigos, com o poder de Deus e da Virgem Maria.”

(Reza-se um Pai-nosso e uma Ave-maria)

Informante: D. Maria Aparecida Ferreira — Olímpia (1966)

10 — ORAÇÃO PARA BENZER A CAMA

“Em roda desta casa tem três com Cristo: *São Pedro*, São Paulo e São João Batista. Cruz de Cristo sobre mim, que nela morreu Jesus, responde por mim.

Sangue derramado, hóstia consagrada, valei-me meu bom Jesus.

São Pedro disse missa, Nosso Senhor Jesus Cristo benzeu o altar, me benze esta cama que eu quero deitar.

Em nome do Pai, do Filho, e do Espírito Santo. Amém.”

Informante: D. Odília Máximo — Olímpia (1980)

11 — ORAÇÃO CONTRA OS INIMIGOS

“Quem me guarda é os três pontifes. Hoje nesse dia e em todos os dias: *São Pedro*, São Paulo, São João Batista e o Divino Espírito Santo. Deus adiante e paz na guia. Me encomendo a Deus e a Virgem Maria. Guardai-me e livrai-me de todos os males, com os poderes de Deus e da Virgem Maria. Guardai-me toda hora, todo dia. Livrai-me dos inimigos.”

(Rezar um Pai-nosso e uma Ave-maria e oferecer aos três pontifes e Divino Espírito Santo). Amém.”

Informante: D. Paulina Miranda do Amaral — Olímpia (1964)

12 — CRUZ DE JESUS

“Eis aqui Cruz do Senhor. Fuja de mim, inimigo, terror. Cruz do meu Jesus crucificado, deita sobre mim quem nela morreu. Responde por mim que meus inimigos não se cheguem a mim.

Deus é minha guia. Adiante pois com *São Pedro*, São Paulo e São João Batista que me livrarão dos inimigos.

Anjo da Guarda, me defende de todos maus pensamentos que possa ter contra mim e assim, entrego à Paixão e Morte de Nosso Senhor Cristo. Amém.”

Informante: D. Sebastiana Batista Henrique Teixeira — Olímpia (1980)

13 — ORAÇÃO PARA BENZER A CAMA

“Ao redor da minha casa
Tem três conquista
São Pedro, São Paulo
E São João Batista.

Na porta da sala,
Jesus coroadado,
Na porta do meio,
Jesus crucificado.

Na porta da cozinha,
Senhor dos Passos
Que me livre de feitiço
E de reza brava
E de oiá de atravessado.

Breve divino, Cordeiro da Cruz,
Que me livre de todos males,
Meu bom Jesus.
Deus adiante e o Pai na guia,
Quem me guarda é Deus
E a Virge Maria.”

Informante: D. Aparecida Lopes dos Santos — Olímpia
(1974)

SÃO PEDRO, O PORTEIRO DO CÉU

O título: *porteiro do céu* dado ao apóstolo tem seu motivo e origem naquela promessa de Jesus, dizendo-lhe: Eu lhe darei as chaves do reino dos céus. Trata-se de uma figura ou imagem para afirmar que, no governo da igreja, Pedro teria um poder único e supremo, para ensinar e dirigir. Daí que, desde os primeiros tempos, seja ele representado com as chaves em sua mão.



Porteiro do céu, Chaveiro do céu, Dono das chaves do céu, Manda-chuva do céu, Pedrão, Pedroca, Barbudo, são os nomes e expressões populares dados ao Pescador da Galiléia, o primeiro Papa da Igreja: homem pobre, pescador e de pouca cultura, apóstolo de Cristo que se tornou o marco inicial da sua Igreja.

No brasão do Pontífice, duas chaves cruzadas indicam a plenitude de poder.

Eis algumas crendices sobre as chaves em relação a São Pedro:



1 — Quem adquirir uma chave-de-são-pedro não deve emprestá-la a ninguém, porque se nesse espaço de tempo a pessoa morrer, não será recebida no céu, pois não tem a chave para abri-lo. (8)

2 — O estudante que trazer uma chave-de-são-pedro entre seu material escolar, terá a mente sempre aberta para a aprendizagem. (10)

3 — Nenhuma chave deve ser colocada sobre uma mesa, pois trará infortúnio para a família, mesmo em se tratando da chave-de-são-pedro. (2)

4 — Quando uma criança tiver dificuldade para ingerir algum remédio, para que ela não o rejeite, é bom dar-lhe uma chave comum para apertá-la na mão. Se for a chave-de-são-pedro, melhor ainda. (5)

5 — Quando houver temporal, a pessoa deverá segurar uma chave-de-são-pedro e rezar um Pai-nosso, para aplacá-lo. (9)

6 — Para que uma criança seja feliz e não sofra as conseqüências dos males da infância, recomenda-se pendurar uma chave-de-são-pedro à cabeceira da cama onde ela dorme. (12)

7 — Passa-se uma chave qualquer, inservível, sobre o quadro de São Pedro que vai para o mastro e, depois, sobre a fogueira em sua homenagem, dizendo: Com esta chave estarei livre de qualquer mal que, porventura, possam me fazer. No outro dia, levar a chave ao Cruzeiro de um cemitério. (11)

8 — Quando a chave oferecer dificuldade para abrir a fechadura da porta, a pessoa deverá untá-la, levemente, com um pouco de azeite doce, pronunciando as palavras consideradas mágicas: Assim como São Pedro abre a porta ao bom cristão, esta chave abrirá a porta de minha casa, pois preciso nela entrar. Amém. (13)

9 — Quando alguém viajar e esquecer a chave de sua casa em lugar distante, deverá procurar uma chave parecida com a da porta e introduzi-la na fechadura, dizendo: São Pedro que é bom porteiro, permitirá que eu

consiga abrir esta porta, com a ajuda de Deus e de Nossa Senhora. Após algumas tentativas, a porta se abrirá. (6)

10 — Para que ninguém roube a chave (ou as chaves) de sua casa é aconselhável que a pessoa coloque um vaso de flores brancas, com água, ao pé de uma imagem ou quadro de São Pedro em uma das repartições da casa.

Colocar a chave (ou as chaves) dentro do vaso, às seis horas da manhã e retirá-la ao meio-dia, rezando um Pai-nosso ao santo, pedindo para que a chave (ou chaves) não seja roubada. (13)

11 — Se por acaso a chave da casa for perdida, a pessoa deverá fazer este pedido a São Pedro: Meu santo protetor, fazei com que, por seu intermédio, eu encontre a chave da minha casa, que foi desviada de seu lugar. Reza-se um Pai-nosso.

Depois que achar a chave, acender uma vela branca em intenção a São Pedro. (11)

12 — Para que a chave da casa não seja perdida, a pessoa deverá fechar e abrir a porta três vezes. Três do lado de dentro e três do lado de fora. Depois, ir a igreja, assistir a uma missa e deixar a chave, por pouquinho tempo, sobre o altar, enquanto se faz um pedido a São Pedro para que ele não permita que a chave seja perdida por nenhum dos membros da família.

Reza-se um Pai-nosso a São Pedro, completando-o com uma Glória ao Pai. (1)

13 — Para ser feliz, pegue uma chave pequena e esfregue-a nas mãos por alguns segundos, rezando uma Salve Rainha a *São Pedro*. Passe a usar a chave no bolso ou pendurada no peito. (4)

14 — Para receber o dinheiro que lhe estão devendo, sem briga ou processo policial, escrever o nome do devedor numa folha de papel branco. Pegar três chaves usadas e formar uma cruz sobre o nome da pessoa, dizendo: chaves de abrir, em nome de São Pedro, abram a mente de (dizer o nome do devedor). Pôr fogo na folha de papel e jogar a cinza com as chaves nas águas de um rio. (12)

15 — Para conseguir emprego, a pessoa pegará uma chave comum, enrolando-a num papelzinho no qual estarão o seu nome e o endereço, colocando-a dentro de um copo d'água com açúcar. Deixar esse copo em lugar alto durante sete dias. No oitavo dia, retirar a chave, passá-la no corpo inteiro e pô-la numa igreja, aos pés de São Pedro, rezando um Pai-nosso. (7)

16 — Para que os caminhos sejam abertos, pegar uma chave pequena e esfregá-la, nas mãos, por alguns segundos, rezando a São Pedro. Em seguida passe a carregar a chave num dos bolsos de sua roupa. (9)

17 — Quem quiser libertar-se de seus inimigos, deverá rezar: Se o meu inimigo vier me prender, com as chaves de São Pedro serei fechado onde não me possam ver, ferir, nem matar, nem sangue do meu corpo derramar. Amém. (3)

18 — Na véspera de São Pedro, colocar a chave da porta principal da casa debaixo do travesseiro. A pessoa com quem sonhar será o futuro esposo (ou esposa). (10)

19 — A pessoa que quiser entrar e sair de casa, sem nenhum perigo, deverá dizer, quando sai e quando entra: "Sem perigo entrei e sem perigo hei de sair. Assim como Nosso Senhor Jesus Cristo foi salvo na pia de seu santo batismo, debaixo da arca de Noé, assim eu me fecho com a chave do senhor São Pedro; eu me tranco, Jesus de Nazaré, e com um Credo me encomendo. Jesus, Maria e José, a minha alma vossa é. Amém."

Relação dos informantes — todos olímpenses. O número anteposto ao nome corresponde à referência numérica entre parênteses, após cada informação.

(1) — Alzira Silza Almeida, 68 anos. (2) — América Oliveira, 72 anos. (3) — Ana Marta Matias, 53 anos. (4) — Antônio Araújo, 39 anos. (5) — Aparecida Cruz Oliveira, 21 anos. (6) — Araci Castro Carvalho. 55 anos.

(7) — Claudina Cunha França, 52 anos. (8) — Diva Luísa Carvalho, 30 anos. (9) — Esmeralda Arruda Silveira, 71 anos. (10) — Francisca Girardi, 54 anos. (11) — Idalina Ribeiro da Silva, 37 anos. (12) — José Antônio Ferreira, 37 anos. (13) — Josefa Antônia Abreu, 69 anos.

ABUSÕES, CRENDICES, SIMPATIAS E SUPERSTIÇÕES

Segundo os informantes, não se pode realizar nenhum destes ensinamentos populares na base da brincadeira, porque assim não obterá o que deseja, pois eles não têm valor científico. Utilizar sim, como ingrediente principal — a fé.

A fé, também chamada de poder mental, produz resultados que nem mesmo cientistas podem explicar.

1 — O menino que nasce no dia 29 de junho deverá ser batizado com o nome de *Pedro*, para ser bem sucedido na vida. (12)

2 — A pessoa que morrer no dia de *São Pedro* terá garantida a sua salvação. (12)

3 — Para evitar espíritos maus, colocar nos quatro cantos da sala, três pitadas de sal grosso (três em cada canto) e rezar um Pai-nosso a *São Pedro*. (15)

4 — Quem quebrar um ovo num copo d'água na véspera do dia de *São Pedro* e deixá-lo pousar no sereno, no outro dia, ao levantar-se, verá, no copo, a imagem do Santo pescando num córrego. (9)

5 — Para curar asma, bom remédio para o asmático é mudar-lhe o nome. O novo nome imposto ao doente passa a ser-lhe um apelido. Esse apelido deverá ser *Pedro*, a quem não o tem na certidão de nascimento. Se a pessoa já é *Pedro*, deverá chamar-se João. (2)

6 — Para evitar roubo em casa é o bastante colocar, atrás da porta da sala, um quadro ou estampa de *São Pedro*. (13)

7 — Para se tornar um bom pescador, quando adquirir um barco de pesca, sair nele à noite e invocar a proteção de *São Pedro*, pedindo sorte na pesca. (11)

8 — Para que chova na época desejada, fazer na terra um círculo com o dedão do pé direito e, em seguida, colocar no centro do círculo, uma vela acesa, como oferenda a *São Pedro*. (3)

9 — Para evitar mau-olhado, acender sete velas brancas para *São Pedro* e conservar, em casa, uma pequena imagem do santo. (7)

10 — A mulher que deseja ter filho (e não filha), deverá fazer uma promessa a *São Pedro* e quando o menino nascer, o santo receberá uma oferenda. (6)

11 — Para livrar-se do Diabo (Capinha, Bresabum, Trem Ruim), nada melhor que rezar o Creio em Deus Pai a *São Pedro*, todas as sextas-feiras, à noite, antes de dormir. (13)

12 — Para tirar o cisco do olho, friccione levemente o olho com um lenço e repita três vezes: Corra, corra, cavalheiro / Vá à casa de *São Pedro* / Diga à Santa Luzia / Que traga a pontinha do lenço dela / Para tirar este cisco do olho. (16)

13 — Quem quiser viver muitos anos, deverá preparar um pequeno bolo e, às 18 horas, ir a uma igreja e deixá-lo junto ao altar. Em seguida, faça uma oração a *São Pedro* e subir ao local do sino e dar vinte badaladas (sem o fazer soar), em homenagem ao Rei dos anos cronológicos. (8)

14 — Na noite de *São Pedro*, pegar três papéis com o nome de três pessoas que lhe são queridas e os embrulhe muito bem. Ir a uma igreja, deixar um papelzinho em sua porta, levar outro no altar. O papelzinho que ficar em sua mão, conterà o nome da pessoa que se casará com você. (4)

15 — Na noite de *São Pedro*, o experimentador, tendo jejuado durante o dia, escolhe bocados de cada prato de refeições e guarda-os. À noite, prepara-se uma mesa no quarto de dormir e garante-a com bocados, como se esperasse algum convidado. Dormindo, em sonho, verá o noivo (ou noiva) sentar-se à mesa. (14)

16 — No dia 29 de junho, a pessoa deverá procurar um homem (não importa a idade) de nome *Pedro* e amarrar-lhe no punho do braço esquerdo, uma fitinha de cor verde ou amarela (cores do santo). Depois desatar a fitinha e trazê-la junto ao seu corpo ou junto à roupa que está usando. Assim procedendo, a pessoa estará chamando, para si, toda a força de liderança de que tem *São Pedro* (1)

17 — Para acabar com o medo, na primeira sexta-feira do mês, pegar uma folha de espada-de-são-jorge, apontá-la para o céu com a mão direita e dizer: Com a espada-de-são-jorge vencerei o (dizer o medo que tem) que ficará para sempre no reino de *São Pedro*. Dizer três vezes seguidas e depois rezar um Pai-nosso e uma Ave-maria a *São Pedro*. (10)

18 — A constelação conhecida por Três Marias (de Orion) representa a barquinha de *São Paulo*. Quando alguém estiver com dor de dente, deve apertar bem o dente com um dos dedos da mão direita, olhar firme para a constelação e pedir que ela ajude a eliminar a dor. (17)

19 — Colocar uns galhinhos de goiabeira num vaso d'água em louvor a *São Pedro* e a Santa Filomena, para chover. Deixar o vaso durante três dias, num oratório. (5)

20 — Nos sonhos em que aparece *São Pedro*, a pessoa deverá observar o seguinte:

Sonhar que era *São Pedro*: paz de espírito. Sonhar que se ajoelhou diante de *São Pedro*: prosperidade. Sonhar que viu *São Pedro* sorrindo: saúde. Sonhar que viu *São Pedro* triste: infortúnio. Sonhar que era conduzido por *São Pedro*: alegria. (15)

21 — Desejando realizar uma boa pescaria, a pessoa deverá, antes de iniciá-la, pronunciar esta quadrinha e, a seguir, fazer o sinal da cruz.

São Pedro, jogo esta rede
Peço pr'ó senhor benzer,
Porque nesta pescaria
Mil peixes quero colher. (16)

22 — O pescador supersticioso, ao dar início à pescaria, soltará um barquinho de papel sobre as águas do rio piscoso e recitará:

Este barco de *São Pedro*
Sobre o rio dará sorte,
Reservando para mim
Muito peixe de bom porte.
(Faz-se o sinal da cruz) (17)

23 — O pescador, ao atirar o anzol na água para o início da pescaria, deve levar seu pensamento a seu *São Pedro* e rezar, em voz baixa, esta oração trovada:

Ó meu *São Pedro* bendito,
Grande pescador do mar,
Com calma e paciência
Tu me ensinas a pescar.

24 — Para que seu filho esqueça um amor impossível, basta fazer esta simpatia: Arrume alguns ramos de qualquer planta (alecrim, arruda, gambá, losna, manjerição, etc.) para guardar num pequeno pote ou jarro de barro. Ao colocar os ramos no pote, vá dizendo: Em nome de *São Pedro*, *São Paulo* e *São Jorge*, peço para que o amor de meu filho (dizer o nome), há de secar, sumir e continuar sem vida como estes ramos. (9)

25 — Quem quiser obter uma resposta, fazer esta oração antes de ir deitar-se, na noite de 28 de junho. Obterá a resposta para o que precisa através de um sonho. Depois de fazer a oração, rezar também um Pai-nosso e uma Salve Rainha até o trecho que diz “nos mostrai”:

“Meu glorioso *Pedro*, vós a Deus negastes três vezes. Antes do galo cantar correstes, escondestes e até arrependestes, sentastes num lajedo de pedra e pusestes a chorar. Deus mandou um anjo atrás de Vós, dizendo: Pedro, Pedro, Pedro, a chave do céu é vossa. Assim, meu glorioso *São Pedro*, como estas palavras são santas e verdadeiras, mostrai-me em sonho o que desejo ver em águas claras, campos verdes, casas caiadas e cavalheiros bem trajados. Se não for verdade, mostrai-me águas turvas, campos secos, casas velhas e cavalheiros mal trajados. Amém”. (14)

Informantes: Os informantes são de Olímpia — SP. O número, entre parênteses, diante do nome da pessoa, corresponde a sua informação.

(1) — Antônio Braz Fernandes, 25 anos. (2) — Argemira Lopes, 67 anos. (3) — Augusta da Costa Santos, 26 anos. (4) — Brasilina Aparecida Gato, 83 anos. (5) — Carmela Aparecida Correia, 60 anos. (6) — Custódia Maria da Silva, 85 anos. (7) — Ivani dos Santos Caetano, 33 anos. (8) — Joana Angélica do Nascimento, 84 anos. (9) — João José de Paula, 19 anos. (10) — Luís Adauto Neves, 64 anos. (11) — Luís Carlos de Sousa Ramos, 44 anos. (12) — Maria Cleusa Ribeiro, 29 anos. (13) — Paula Ferreira Arruda, 77 anos. (14) — Rosa Fernandes, 49 anos. (15) — Sebastiana Rosa Carneiro, 79 anos. (16) — Sueli Mariano, 28 anos. (17) — Vitória Silva Bernardes, 67 anos.

NOTA: Embora *São Pedro* não seja santo casamenteiro, há pessoas que repetem, de 28 para 29 de junho, todas as práticas de credices e simpatias que são próprias das festas de Santo Antônio e São João, crentes de que a ajuda de *São Pedro* venha a fortalecer os pedidos de desentalhe de solteirões e solteironas.

BATISMO LAICALICO

Nossa gente teme sepultar alguma pessoa que não tenha recebido o batismo, mesmo em se tratando de um natimorto. Ninguém poderá ficar sem receber esse sacramento.

Na ausência de sacerdote, uma pessoa da família assumirá o ofício religioso, no caso de uma criança nascer morta.

Escolhe-se um casal de parentes ou amigos, mesmo solteiros e, perante o oficial leigo, celebra-se o batismo. Este, com o dedo polegar da mão direita, molhado em água, faz o sinal da cruz sobre a testa do “morto”, dizendo: “Fulano”, eu te batizo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, rezando, a seguir, o Pai-nosso e o Creio Apostólico. Para algumas pessoas, o natimorto deverá receber o nome de *Pedro*. Para outros, João. Em se tratando de mulher, Maria. Mas há uma quadrinha do povo que versa sobre *São Pedro* e o seu comportamento em relação ao batismo, que serve como um alerta permanente ao cristão.

São Pedro por ser chaveiro
É muito desconfiado,
Por isso no céu não entra
Quem não seja batizado.

Se é difícil o sepultamento no cemitério, por ser distante o local e sem meios de transporte, pode ocorrer que a criança ganhe, como sepultura, uma vala ao pé de um cruzeiro. Em não havendo o cruzeiro, poderá ser enterrada à beira de uma estrada, fincando-se, posteriormente uma cruz, como marco do desaparecimento. Isto,

atualmente, ocorre com pouquíssima frequência, mas ainda ocorre, embora quase toda criança venha ao mundo, num hospital.

PEDIDORES DE ADJUTÓRIO

Ainda está em voga pedir auxílio em nome dos santos. Há pedidores de esmola que buscam, de casa em casa, seu pequeno óbolo para a sobrevivência, suplicando aos devotos, em nome dos santos, em cuja relação se inclui *São Pedro*.

Como justificativa pelo que pedem e num ato de demonstração de fé, carregam consigo, durante o peditório, uma estampa ou pequena imagem do santo protetor.

Quem vive dessa difícil arte de pedir é pessoa idosa, muito pobre, geralmente mulher.

E acabam por conseguir o mínimo necessário para garantir, pelo menos, sua alimentação.

BENDITO DE SÃO PEDRO PARA CHOVER

Na época da seca, o povo se desespera em meio a tanto sofrimento. Falta chuva para o gado. Falta chuva para a lavoura.

Há menos emprego para as pessoas rurais. Aumenta o surto de algumas doenças e de insetos perigosos. E a única solução é apelar ao céu, suplicando a Deus e aos santos a dadivosa chuva.

Foi durante um desses acontecimentos que tivemos a oportunidade de ouvir um hino a São Pedro, através do qual lamenta-se a falta da chuva e solicita-se do Santo sua interferência para que a faça cair na terra.



O sol está muito quente
A terra está padecendo,
Mande a chuva São Pedro
Nossa gente está sofrendo.

São Pedro, olhe por nós,
Com o seu santo poder.
Faz cair chuva na terra,
Não deixe a planta morrer.

Ofereço este bendito
A São Pedro glorioso
E ao Senhor Jesus Cristo,
Pai Eterno, poderoso.

As pessoas combinam a *Novena para Chover*. Há um ponto de partida pré-estabelecido. São nove dias sucessivos, depois do meio-dia, com músicas entoadas aos Santos, cantadas durante o trajeto, às vezes comprido, percorrido até o cruzeiro escolhido para o cumprimento da promessa.

As pessoas, maior número de mulheres e crianças, caminham descalças sobre a terra quente e sob sol ardente, transportando imagens de santos e água, em pequenos vasilhames, para ser despejado sobre a cruz. Nessa cruz celebram, diariamente, o terço, de joelhos, e cantam alguns hinos de súplicas.

Este Hino foi recolhido na Procissão dos Molha-Cruzes, no dia 3 de setembro de 1984, realizada por Dona Maria Antônia dos Anjos, no Jardim Santa Ifigênia, em Olímpia.

AINDA PARA CHOVER SÃO PEDRO



Abre a porta Pedro
Que lá vem Jesus,
Ele vem cansado
Co'o peso da cruz.

Vai de porta em porta,
Vai de rua em rua,
Deus lhe dê sua arma,
Sem culpa nenhuma.

São Pedro apóstolo
Nosso santo, irmão,
Manda-nos a chuva
Para moiar o chão.

Cantado na Novena de D. Maria dos Santos Silva — Patrimônio de São João Batista, Olímpia — 1987.

EXCELÊNCIA DE SÃO PEDRO

Já quase desaparecido é o costume de cantar a Excelência a um defunto, durante o velório. Poucas são as pessoas que a cantam e poucas também são as famílias que conservam esse costume.

Em Olímpia, com muito pouca frequência, temos tido a ocasião de assistir a este ritual.

De vez em quando, na zona rural ou na zona suburbana, ocorrem velórios que são assistidos por cantadores de Excelência. Aos poucos, estão desaparecendo. E, com o costume de velar o morto em velórios públicos, em breve, não haverá se não lembrança desse costume. A tradição recomenda, no mínimo, sete cantadores. Mas hoje é feita com três e até dois cantadores, somente.

Apenas um instrumento musical aparece, não em todos, mas em poucos grupos: um triângulo.

Cantam excelências de diversos santos. O canto é muito triste e prolongado. Cada excelência é cantada até a estrofe doze. Em cada estrofe, muda-se apenas o número da excelência, pois o restante do palavreado é sempre o mesmo.

Há cantadores de excelência que não concordam com o número doze e afirmam que o número de estrofes só pode ser ímpar: três, cinco, sete, nove, onze. E que a quantidade de estrofes a serem entoadas é determinada pela família da pessoa falecida. Mas a maioria dos cantadores não pensa assim e persiste em manter o número doze.

Esta excelência foi recolhida num velório realizado em abril de 1978, na Fazenda Nossa Senhora Aparecida, Município de Olímpia, sob a direção do Sr. Orozimbo José Fermino.



Louvado seja Jesus.
Meu Jesus da piedade.
Uma incelência a *São Pedro*
E à Santíssima Trindade.

ESTRIBILHO

Vai com Deus, irmão (fulano)
Vai morar no Paraíso,
Adeus, adeus, adeus,
Até o dia do Juízo.

É cantada 12 vezes. No terceiro verso da estrofe que diz: *Uma* incelência a São Pedro, o numeral vai sendo substituído por duas incelência, três, quatro... doze.

Seu Orozimbo defende o número 12, porque "Cristo escolheu 12 apóstolos para que o seguissem. O ano tem doze meses. Então 12 é número misterioso".

A palavra *excelência*, entre os cantadores, altera-se para *incelência*.

CEMITÉRIO DE SÃO JOÃO BATISTA

São Pedro é um grande prodígio. Algumas passagens da Escritura nos põe em evidência a figura do apóstolo destinado por Cristo como pastor que deveria dirigir o rebanho depois da Ascensão. O nome de Pedro é citado 195 vezes no Novo Testamento, enquanto que todos os apóstolos juntos são mencionados 130 vezes.

Para os cristãos dos primeiros tempos, São Pedro era a figura que despertava mais simpatia. Sua imagem aparece mais de 300 vezes nas catacumbas romanas, já no segundo século. Nos sarcófagos e nas pinturas, São Pedro é colocado ao lado de Moisés, num símbolo de profundo conteúdo dogmático. Moisés fora o chefe do povo judeu no Antigo Testamento, do mesmo modo Pedro é chefe do povo cristão no Novo Testamento.

"Moisés, o profeta dos milagres estupendos, da peregrinação no deserto, dos colóquios com Deus face a face, a maior figura dentre os líderes judeus, é colocado ao lado de Pedro pelos artistas cristãos, a fim de mostrar a importância do novo chefe escolhido por Cristo."

No entanto, no cemitério de São João Batista, de Olímpia, único existente, há imagens e quadros de muitos santos da hagiologia católica, mas não aparece sequer uma estampa de São Pedro. Tudo indica que as famílias cristãs olimpienses têm excesso de confiança na benevolência do "porteiro do céu", que chegam a dispensar seu retrato junto aos túmulos e jazigos.

SÃO PEDRO NA UMBANDA

XANGÔ ALUFAM

Xangô Alufam, notável místico, semideus da mitologia africana é cultuado no dia 29 de junho e invocado sob a irradiação da imagem de *São Pedro*. Chefe da falange protetora dos pescadores e responsável pelo encaminhamento dos desencarnados, possui as chaves do céu.

O semideus, isto é, aquele sacerdote que teve vida material e deu prova de sua divindade, é representado por imagem, esculpida em barro ou madeira e com suas características próprias, segundo as lendas que o envolve. Fez milagre e foi, por isso, santificado pelos negros. O sincretismo é, portanto, uma conseqüência natural da lei dos mais fortes, no passado.

Esse orixá foi substituído por imagem católica, estabelecendo-se daí por diante a similitude e conseqüentemente o sincretismo — São Pedro. É homenageado por culto próprio, com bela solenidade no cerimonial religioso.

FESTA DE SÃO PEDRO NA UMBANDA

Tenda de Umbanda "Caboclo Caramã e Pai Cesário"
Olímpia

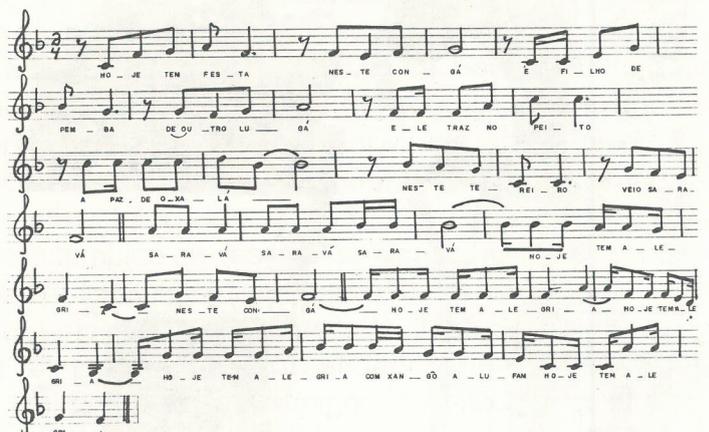
No dia 28 de junho, passagem do dia de São Pedro, a dirigente do terreiro, ialorixá Jesuína Sousa e Silva, organiza uma curta procissão com a finalidade de demonstrar, publicamente, o sentimento religioso de seus adeptos que se valem da fé, para suportar as injustiças humanas. É uma penitência.

Em ordem hierárquica, em filas laterais, andam os filhos de fé, vagarosamente, cantando os pontos tirados pelo ogam. Segue o ofá com o fumeiro sagrado, ajudado por dois cambonos (médius auxiliares) que o assistem, servindo-lhe as substâncias para a aromatização do cortejo litúrgico. A seguir vem o andor de São Pedro, todo enfeitado de variegadas flores artificiais, sobressaindo-se a cor roxa, acompanhado do conjunto coral do Terreiro recep-



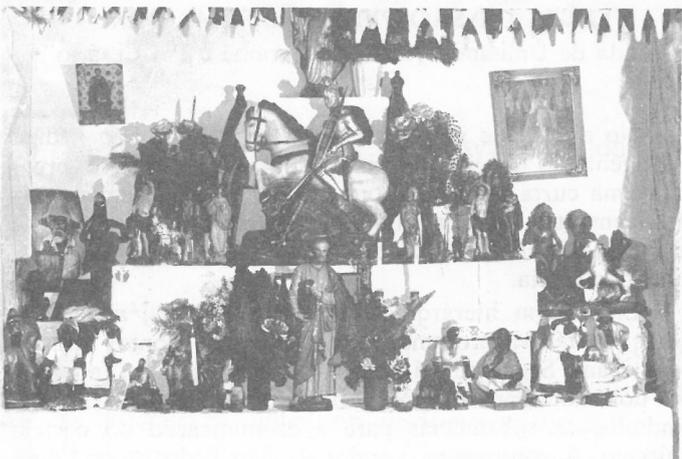
cionista e do Terreiro recepcionado, com o ogam à frente da curimba e, por fim, os filhos de fé e pessoas amigas. Um fogueteiro, de espaço em espaço, queima seus foguetes.

Ao chegar no terreiro, todos cantam, com muita vibração, este ponto que revela alegria:



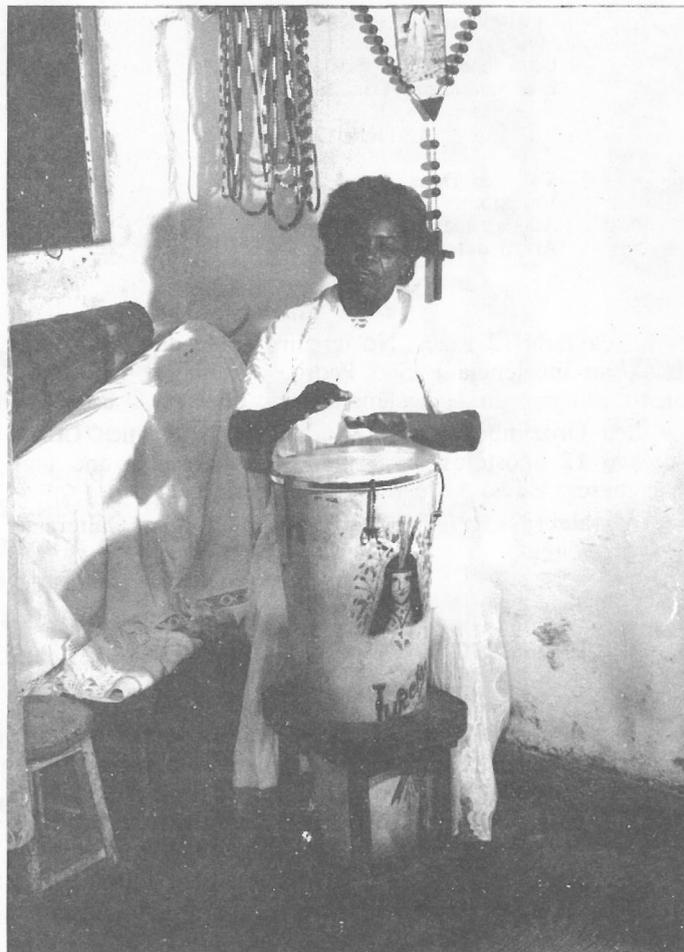
Hoje tem festa neste Congá,
É filho de pemba de outra lugá,
Ele traz no peito a paz de Oxalá,
Neste Terreiro, veio saravá,
Saravá, Saravá, Saravá,
Hoje tem alegria neste Congá
Hoje tem alegria,
Hoje tem alegria,
Hoje tem alegria
Com Xangô Alufam
Hoje tem alegria.

Depois a procissão se desfaz em absoluta ordem e todos ocupam seus lugares para início dos trabalhos espirituais. A imagem do santo é retirada do andor e colocada no congá (altar), ornamentada com flores naturais.



A cor utilizada no culto de *Xangô Alufam* é a roxa. Por isso os médiuns, que se trajam de branco, não deixam de usar uma fita roxa, atravessada, obliquamente, no peito. As bandeirolas e flores são também desse mesmo tom, a cor da saudade.

Para o início dessa sessão especial (comemorativa), como nas sessões comuns, antes de mais nada, faz-se a limpeza espiritual do templo, dos médiuns e assistentes. Enquanto ela durar, é cantado ponto apropriado para este fim. Geralmente quem faz o defumador é o cambono, médium auxiliar.



Canta-se, em seqüência, o ponto pedindo licença a Exu, porque segundo os umbandistas, sem Exu não se faz nada. Realiza-se, em seguida, a prece de abertura e, a mãe de santo canta o ponto de licença ao Pai Oxalá, para iniciar os trabalhos (engiras).



Em seguida, o ogam, elemento encarregado de cantar ou puxar os pontos, deverá contar os pontos de saudação pelos quais se salvam os grandes orixás.

O ponto cantado nos terreiros vêm de épocas imemoriais. É através do cântico que os filhos de fé invocam a força irradiadora da natureza. Cantando e dançando, concentrados no ato que praticam, estabelecem forte corrente de pensamento com a qual entram em contato com Xangô Alufam. Um dos pontos cantados é o de São Miguel, entre outros que louvam São Pedro.



Jesus e Maria
 São João e São José
 São Pedro abriu a porta do céu
 Para aqueles que têm fé
 Ó São Miguel Arcanjo
 Por Deus dizei quem é,
 Rogai ao nosso Pai
 Para aumentar a nossa fé.

O ponto riscado é a marca da entidade espiritual. Nele se encontra o distintivo da corrente do espírito, a arma simbólica do culto a que pertence, os sinais característicos da falange que o acompanha.

Diz a senhora Jesuína Sousa e Silva, mãe de santo na Tenda de Umbanda "Caboclo Carumã e Pai Cesário": "Nos pontos riscados de Umbanda não há fantasia. Tudo que for marcado pela entidade somente por ela será lido e explicado." E continua: "Nenhum filho de fé, devidamente iniciado, apagará um ponto feito à pomba, sem solicitar a licença da entidade que desenhou, mas antes de apagá-lo terá que fazer a saudação."

O ponto de São Pedro — *Xangô Alufam* — é representado por duas chaves cruzadas que abrem as portas do céu.

Por se tratar de uma sessão festiva, não há necessidade de chamar todas as entidades ao Terreiro. Chamam-se apenas os caboclos de Xangô, para as homenagens se revestirem de maior brilho. Oferta-se a bebida litúrgica:



vinho tinto, na cuia (cuité). Depois dos médiuns incorporados, passam à caridade aos assistentes, benzendo-os coletivamente.

Terminadas as engiras ou giras (sessão), faz-se o encerramento com a prece final; salva-se, novamente, Exu; cumprimenta-se a mãe de santo, o ogam e, finalmente, é deixado o Terreiro.

Após a sessão de São Pedro (Xangô Alufam), acende-se uma pequena fogueira do lado de fora do terreiro e soltam muitos foguetes. D. Jesuína, a mãe de santo, oferece aos convidados as tradicionais comidas doces: bolo de fubá com mel de abelha, canjica (canjica com leite de coco e amendoim torrado), cocada branca em pedaços, doce de abóbora com coco, manjar branco. E licor de jenipapo. Tudo muito gostoso.

Pesquisa realizada em 28/6/1989 — Tenda de Umbanda "Caboclo Caramã e Pai Cesário", Rua Vitória Cisoto, n.º 70, Jardim Cisoto, Olímpia.

Feci quod potui, faciant meliora potentes.

Prove ter bom Raciocínio Adivinhações

ROGÉRIO DE OLIVEIRA
 Departamento de Folclore — Olímpia

As adivinhas são tradições do nosso povo e atravessam os séculos, sem caírem de moda. São transmitidas oralmente ou através da escrita. Algumas, com o passar do tempo, se modificam, sendo-lhes aumentados ou diminuídos alguns elementos que, às vezes, podem influir na decifração delas e até mesmo torná-las indecifráveis.

Muitas são formuladas com base ou apoio nos acontecimentos atuais, mas nunca registram a sua autoria. Seja qual for o tipo de adivinha, é preciso salientar a sua importância, sobretudo entre as crianças. É de alto valor educacional. Como instrumento de educação intelectual, abre espaço à competição. Portanto, é recreação mental

para adultos e crianças, que sempre encontram um tempinho para se dedicarem a elas.

De um modo geral, são consideradas perguntas ou perguntinhas, por parecerem muito simples, mas surpreendem demais após a indagação. Exigem vivacidade de espírito, deixando o investigado em meditação profunda, outras vezes, desorientado.

O perguntador é quem propõe a decifração e o adivinhador ou adivinhão é quem apresenta a solução aos probleminhas.

Quando se trata de adivinhas rimadas, a preferência do povo é pelas quadrinhas de quatro, cinco, seis ou sete

versos, não deixando de existir, evidentemente, a sextilha, a oitava e a décima e, ainda, outras estrofes mais extensas.

A rima é grande fator de associações e grande auxiliar da memorização. Sirva o exemplo:

Não tenho medo da morte,
Mas pergunto com razão:
O que Deus nos dá e tira
Pela própria decisão?
— A vida.

Há, também, adivinhas que na sua formulação ou soluções envolvem números ou questões problemáticas. São de natureza matemática ou curiosos testes que exigem raciocínio vivo. E, para a solução de muitas delas, o decifrador necessita de papel, lápis e um tempinho para solucioná-las.

Aquí ficam registradas mais de sessenta adivinhas, coletadas em 1989, em Olímpia.

Vamos, então, às respostas, senhor adivinhão.

- 1 — Qual a fruta que trocando a primeira letra se torna produto de abelha?
— *Pêra (cera)*.
- 2 — Qual o número que se ficar de cabeça pra baixo perde um terço do valor?
— *Número 9 (6)*.
- 3 — Qual a bebida que sem a primeira sílaba nos conduz ao céu?
— *Café (fê)*.
- 4 — Qual a fruta cujas sementes estão do lado de fora?
— *Morango*.
- 5 — Qual a fruta que se carrega no paletó?
— *Manga*.
- 6 — Qual os peixe que os militares usam?
— *Espada*.
- 7 — Qual o sobrenome que é fruta apreciada?
— *Lima*.
- 8 — Qual a maior boca do mundo?
— *A boca da noite*.
- 9 — Qual a menina que nunca vai à escola?
— *A menina dos olhos*.
- 10 — Quando um burro chega ao sol, qual é a primeira coisa que ele faz?
— *Sombra*.
- 11 — Quando é que um bandido se transforma em um amigo?
— *Quando, na palavra, trocamos a letra b para c: bandido (cândido)*.
- 12 — Quais são os dormentes que nunca se acordam?
— *Os dormentes das estradas de ferro*.
- 13 — O que é que durante o dia todo anda com a barriga cheia e à noite dorme com a boca aberta?
— *O sapato*.
- 14 — O que é que quanto mais se perde mais se tem?
— *Sono*.
- 15 — O que é que anda deitado e dorme em pé?
— *Os pés*.
- 16 — Qual o correto: Oito e sete são cartoze ou quatorze?
— *São quinze*.
- 17 — Quais as duas meias que juntas não formam uma?
— *As meias de calçar*.
- 18 — Por que quando o cachorro deita, antes ele dá três voltas?
— *Para procurar o travesseiro*.
- 19 — Por que a mulher não pode ser eletricista?
— *Porque leva nove meses para dar à luz*.
- 20 — Quem é que dá trabalho a muita gente e não paga ninguém?
— *Defunto*.
- 21 — Nós somos dez irmãos e, de vez em quando, um usa chapéu. Quem somos?
— *Os dedos e o dedal*.
- 22 — Você que fala bem, responda-me o correto: Sete e oito é dezesseis, ou são dezesseis?
— *São quinze*.
- 23 — Na cidade de São Paulo sou uma vila, no tribunal do júri sou a assassina, num veículo faço-o andar para trás e num pentagrama sou nota musical. Quem sou?
— *Ré*.
- 24 — A zebra é um animal preto com listas brancas ou um animal branco com listas pretas?
— *Animal branco com listas pretas*.
- 25 — Minha primeira metade e minha segunda formam uma vestimenta romana. Minha segunda e minha primeira formam um bicho que arranha. Quem somos?
— *Toga, gato*.
- 26 — O que é que nasce e se cria no mato, mas morre de parto dando a primeira cria?
— *A bananeira*.
- 27 — O que é que passa na água e não deixa rastro?
— *O peixe*.
- 28 — O que é que tem ponta para cima e cabeça para baixo?
— *Prego de botina*.
- 29 — O que é que sendo inteira tem nome de metade?
— *Meia*.
- 30 — O que é que eu tenho duas e você tem quatro?
— *Letras*.
- 31 — O que o sogro da sogra de seu pai é seu?
— *Bisavô*.
- 32 — O que vive no meio do mar e nunca se afoga?
— *A letra a*.
- 33 — O que colocamos debaixo da calçada?
— *A cedilha*.
- 34 — O que é maior que Deus e menor que um grão de areia?
— *Nada*.
- 35 — O que o prego disse ao martelo?
— *Pare de me bater na cabeça!*
- 36 — O que o cachimbo disse à boca?
— *Você acha pouco o fogo que me queima numa ponta e ainda me morde na outra?*
- 37 — Quem tem a boca no rabo?
— *Fogão a lenha*.
- 38 — Quem anda com a barriga para trás?
— *A perna*.
- 39 — O que vive no meio do sol e nunca se queima?
— *A letra o*.
- 40 — O que quanto mais se espicha, mais comprido fica?
— *Elástico*.
- 41 — Qual a semelhança entre o dinheiro e o segredo?
— *Ambos são difíceis de guardar*.
- 42 — Por que o cachorro rói o osso?
— *Porque não consegue engoli-lo inteiro*.
- 43 — O que que com orelhas é homem e sem orelhas é mulher?
— *Tacho e tacha*.
- 44 — O que enche uma casa toda e não enche uma colher?
— *Fumaça*.
- 45 — O que é preciso para matar uma vaca?
— *Que ela esteja viva*.
- 46 — Qual é a folha que não tem beirada?
— *A folha de cebola*.
- 47 — O que está na cozinha, na orquestra e no automóvel?
— *Bateria*.

- 48 — O que a mulher dá para os outros, mas não dá para o marido?
— *Filhos para batizar.*
- 49 — Um trem elétrico corre a 120 Km por hora. O vento sopra do oeste. Para que lado vai a fumaça?
— *Para nenhum lado; o trem é elétrico.*
- 50 — Se você entrasse num quarto escuro e só tivesse um palito de fósforo, dispondo de uma lamparina a querosene, um fogareiro e um cigarro, qual é que você acenderia primeiro?
— *O fósforo, naturalmente.*
- 51 — Duas moedas juntas perfazem um cruzeiro e cinqüenta centavos, mas uma não é de um cruzeiro. Que moedas são?
— *Uma de um cruzeiro e outra de cinqüenta centavos. Uma não é de um cruzeiro, embora a outra seja.*
- 52 — Certa senhora, ao sonhar que se afogava, assustou-se tanto que morreu de síncope cardíaca em pleno sono. Por que motivo um detetive não aceitaria esta explicação?
— *Porque a mulher morreu de síncope cardíaca durante o sono. Quem contou o que ela estava sonhando?*
- 53 — Duas senhoras desceram do avião e dirigiram-se a um hotel. Depois de discutirem, durante meia hora com o gerente, retiraram-se furiosas. Perguntou-se: Que horas eram?
— *Faltava um "quarto" para as duas.*
- 54 — Um motorista, rodando por uma estrada, encontrou um operário no alto de uma igreja, que estava armando uma cruz de madeira. Parou o caminhão e perguntou-lhe: Qual é seu nome?
Este respondeu-lhe: *O que eu estou fazendo.*
— E qual o seu nome, perguntou este ao motorista.
O motorista lhe disse: *O que eu vivo fazendo todos os dias.*
Pergunta-se: Qual o nome de cada um?
— *Do primeiro: Armando Cruz de Madeira.*
Do segundo: Passos Dias Aguiar.
- 55 — Sou irmã de Pedro e sou também irmã de Judite. Pedro e Judite se casaram e eu passei a ser cunhada de ambos.
Eu sou irmã dos dois, mas eles não são irmãos entre si. Como explicar isto?
— *Meu pai era viúvo e tinha um filho (Pedro). Minha mãe também era viúva e tinha uma filha (Judite).*
O casal de viúvos se conheceu e logo se casou. Desse casamento nasci eu.
Seus filhos, que não eram irmãos e estavam em idade núbil, gostaram-se e se casaram.
Sou, portanto irmã unilateral do moço e também da moça, filhos dos meus pais, que a partir do casamento deles passaram também a ser meus cunhados. Compreenderam?
- Probleminhas
Racha-cucas**
- 56 — De que maneira devemos fazer uma soma, empregando apenas três números iguais, com exceção do número 4 (quatro), para obtermos o resultado 12 (doze)?
— *Assim: $11 + 1 = 12$.*
- 57 — Como é possível empregar o número 8, oito vezes, e de cuja soma obtermos o resultado 1000 (mil)?
— *Assim: $888 + 88 + 8 + 8 + 8 = 1000$.*
- 58 — Cinco automóveis estão alinhados, pára-choque contra pára-choque. Quantos pára-choques se tocam na realidade?
— *Quatro pára-choques apenas.*
- 59 — Um tijolo e meio pesam um quilo mais meio tijolo. Qual é o peso de dois tijolos?
— *Dois quilos.*
- 60 — Cinco dúzias de bananas e mais uma, quantas bananas são?
— *São 61 ou 72. (A dúvida não está no problema, mas na forma de interpretá-lo).*
- 61 — Somos dois números vizinhos. Quando nos somam, formamos um número superior a duas dúzias. Quem somos nós?
— *Os números 12 e 13.*
- 62 — Era uma tropa de 100 burros. No caminho morreram 30. Quantos ficaram?
— *Ficaram 30. Os outros seguiram.*
- 63 — Como é que pode receber uma conta de treze cruzeiros, sem receber nenhuma nota de um cruzeiro?
— *Recebendo uma nota de 10 cruzeiros (ou duas de 5 cruzeiros) e 6 moedas de 50 centavos.*
- 64 — Um gavião pousando sobre o galho de uma árvore, no qual havia um bando de pombas, saudou-as dizendo:
— Bom dia, minhas 100 pombas.
Uma delas respondeu:
— Cem não somos. Para cem, faltam outro tanto, a metade, a quarta parte e ainda você.
Quantas pombas havia na árvore?
— *Havia 36 pombas. (Outro tanto: 36, a metade: 18, a quarta parte: 9 e o gavião: 1. Total: 100).*
- 65 — Seu Chico tem apenas Cr\$ 100,00 e com esse dinheiro deverá comprar 100 aves. O preço de um galo é de Cr\$ 10,00, o de uma galinha é Cr\$ 5,00 e o de um pintinho, Cr\$ 0,50.
Pergunta-se: quantos galos, quantas galinhas e quantos pintinhos Seu Chico poderá comprar, para totalizar 100 aves?
— *Noventa pintinhos*
 $90 (X 0,50) = Cr\$ 45,00$
— *Nove galinhas*
 $9 (X 5,00) = Cr\$ 45,00$
— *Um galo*
 $1 (X 10,00) = Cr\$ 10,00$
TOTAL: 100 aves — Cr\$ 100,00
- 66 — Como você faria para repartir Cr\$ 1 000,00 (mil cruzeiros) em 10 notas, não podendo entrar na repartição nenhuma cédula de Cr\$ 10,00 ou de Cr\$ 100,00?
— *Fazendo a seguinte divisão: 1 de Cr\$ 500,00, 2 de Cr\$ 200,00, 1 de Cr\$ 50,00, 2 de Cr\$ 20,00, 1 de Cr\$ 5,00, 2 de Cr\$ 2,00 e 1 de Cr\$ 1,00. Total: Cr\$ 1000,00.*
- 67 — Um moço levava determinada quantia em dinheiro e, andando por uma estrada, ao encontrar uma cruz, parou diante dela e disse: Santa Cruz, dobre meu dinheiro que lhe dou Cr\$ 20,00. E assim foi feito.
Continuou andando e encontrou uma segunda cruz e fez o mesmo pedido. Foi atendido.
Prosseguindo, encontrou mais uma cruz, a terceira, à qual ele fez a mesma proposta, ficando, a partir daí, sem nenhum centavo no bolso.
Pergunta-se: Quanto ele tinha em dinheiro ao encontrar a primeira cruz?
— *Cr\$ 17,50. (Na 1.ª cruz: $17,50 \times 2 = 35,00 - 20,00 = 15,00$. Na 2.ª cruz: $15,00 \times 2 = 30,00 - 20,00 = 10,00$. Na 3.ª cruz: $10,00 \times 2 = 20,00 - 20,00 = 0,00$).*

68 — A filha tem a metade da idade de sua mãe e o pai dela é cinco anos mais velho que sua esposa. Os três juntos formam exatamente 100 anos. Qual a idade de cada um?

— *A filha tem 19 anos, a mãe tem 38 e o pai tem 43 anos. Juntos: 100 anos.*

69 — Um ladrão entrou num pomar e furtou algumas laranjas. No pomar havia três guardas.

Ao passar pelo primeiro guarda, o furtador foi preso. Para ser solto, propôs dar-lhe a metade das laranjas roubadas mais meia laranja, sem parti-la ao meio. O acordo foi aceito.

Ao passar pelo terceiro guarda foi, outra vez, preso.

Expôs a mesma proposta a qual foi igualmente aceita. E saiu do pomar, com apenas uma laranja.

Quantas laranjas ele havia roubado?

— *Roubou 15 laranjas. (Para o 1.º guarda : 8, sobraram 7. Para o 2.º guarda : 4, sobraram 3. Para o 3.º guarda : 2, restando-lhe somente uma laranja).*

Este trabalho é muito simples, fruto de pesquisas realizadas, direta e indiretamente, na Capital do Folclore.

Queremos, na oportunidade, consignar um voto de louvor ao Prof. José Sant'anna, pela orientação e estímulo.

Procura-se...

ISEH BUENO DE CAMARGO
Departamento de Folclore — Olímpia

Fé, medo do sobrenatural, sexto sentido, poderes extra-sensoriais, crença em seres extraterrestres, religiosidade, superstição, hábito do clã, carência psíquica, reminiscência de elos pré-históricos, falácia de valores culturais, misticismo, credulidade exacerbada, marginalização em relação ao progresso científico, temores primitivos, valores desvinculados da realidade... e mais um sem número de termos poderiam ser usados ao nos referirmos a certos aspectos estudados no comportamento do indivíduo do século XX. E, através da História, o comportamento do homem desde as mais remotas eras, desde que começou a registrar sua presença no planeta que habitamos.

Costuma-se ligar essa maneira de pensar, de crer, de agir, a pessoas menos esclarecidas, àquelas que têm um nível sócio-econômico mais baixo, o que é um erro. Embora mais freqüente entre a classe menos favorecida, a crença — chamemo-la assim, está presente em todo indivíduo, seja qual for o ambiente em que vive, tenha ele a quantidade de cursos que tiver, grite alto e em bom som o seu ateísmo e absoluta descrença em coisas não explicadas cientificamente, ela está presente no âmago do ser humano. “Graças a Deus que não creio em Deus”, já disse um gênio cujo nome a História registrou, demonstrando, assim, que há como que uma necessidade inerente à própria sobrevivência da espécie, uma necessidade de recorrer-se ao — chamemos de invisível, intocável que, como o ar, cerca o universo.

Os folcloristas têm estudado com esmero, entre o povo, o que convencionou chamar-se credíces e superstições, por ser “esse povo” menos culto, menos erudito, o mais capaz de demonstrar sua crença, de demonstrar o que procura nas horas difíceis, a quem recorrer quando recursos materiais falham.

O homem culto, aquele que avançou em estudos científicos, que detém nas mãos poderes políticos tem, de certa forma, um jeito peculiar de não acreditar — acreditando, de não se “expor ao ridículo”, abertamente. Zomba, caçoa, faz troça, mas no íntimo carrega laivos de crença primeva e sedimentada, crença que se exterioriza em momentos de descuido ou distanciamento do convívio social corriqueiro.

Há, no calendário da fé católica romana, um número extraordinário de santos, alguns reconhecidos universalmente, outros em estudos para canonização, alguns até “expulsos” dos templos, embora o povo continue a invocá-los, a cultuá-los, a pedir-lhes socorro, a prestar-lhes homenagens.

Nos centros espíritas recorremos aos anjos protetores, aos mentores espirituais, aos guias, aos espíritos (alma) que não retornaram à terra em corpo material, solicitando amparo, proteção, orientação constantes.

No Candomblé, um número avantajado de entidades que se mesclam, às vezes, com os santos católicos ou com os guias espirituais, entidades que recebem um culto de grande vulto e seriedade. Os “pais” e “mães de santo” presidem aos cerimoniais de várias ordens anteriormente pertencentes aos cultos africanos, atualmente afro-brasileiros, quase mundiais. Ao som dos atabaques, os orixás descem, baixam nas “filhas-de-santo”, num contato que leva ao êxtase místico. Ogum (Egum), Oxalá, Oxalufã, Iaô, Orixaimim (Oçaim ou Ossaê), Oxum, Obá, Exu, Omolu, Xangô, Iemanjá, Oxóssi, Iansã, Oxumaré, Cosme e Damião, São Benedito, Preto Velho, Índio Pena Branca e outros, muitos são recebidos nos terreiros, nas tendas do Candomblé brasileiro, nos terreiros olímpenses.

China, Índia, Egito em particular, África em sua maioria, povos nórdicos, europeus, latino-americanos, todos possuem seus templos dedicados a seres a quem prestam culto, a quem recorrem e agradecem com maior ou menor intensidade. Não vamos fazer um estudo religioso de cada povo, pois tese não cabe em poucas páginas de um Anuário do Folclore. Ficaremos com nossa gente e, para esclarecer ponto pacífico de socorro invisível, utilizaremos exemplo de prece usada por minha mana Ideh, residente em Pirangi — SP, infalível para achar objetos perdidos.

CINCO MINUTOS DIANTE DE SANTO ANTÔNIO

“Há quanto tempo eu te esperava, pois que bem conheço as graças de que necessitas e que queres que eu peça ao Senhor. Estou disposto a fazer tudo por ti, mas filho, diz-me uma a uma todas as tuas necessidades, não me queiras esconder nenhuma, porque tu sabes quanto posso perante Deus e quanto desejo eu tenho de suavizar as misérias humanas. Pobre amigo meu, eu vejo a aflição do teu coração e tomo parte em todas as tuas amarguras. Queres o meu auxílio naquele negócio (pede-se), queres a minha proteção para restituir paz na tua família (pede-se), tens desejo de conseguir algum emprego (pede-se), queres ajudar alguns pobres (pede-se), alguma pessoa necessitada (pede-se), queres que cesse alguma tribulação (pede-se), queres a tua saúde ou de alguém a

quem estimas? (pede-se). Coragem, que tudo obterás. Agradam-me as almas sinceras que tomam sobre si as dores alheias, como se fossem suas próprias. Mas sobre todas as outras causas, eu bem vejo como tu desejas aquela graça que há tanto tempo me pedes. Não tardará a hora em que hás de obtê-la: tem fé e obterás. Uma coisa, porém, eu desejo de ti. Quero que sejas mais assíduo ao S.S. Sacramento; mais devoto para com a nossa Mãe, Rainha Santíssima; quero que propagues a minha devoção e ajudes os meus pobres! Ó, quanto isso me agrada ao coração! Quantos com viva fé têm recorrido a mim com o pão dos pobres na mão, são atendidos. Invocam-se para achar um objeto perdido e eu, por amor dos meus pobres cuja miséria está a meu cargo, obtive de Deus tudo o que me pediram. Leio no fundo do teu coração e a tudo darei remédio. Hei de obter todas as graças, não temas. Agora volta às tuas ocupações e não te esqueças: vem sempre procurar-me, porque eu te espero. Deixo-te no Coração Sagrado de Jesus e assim também no de Maria. Amém.

Obs.: Acender uma vela e fazer os “Cinco Minutos” até alcançar a graça, orando um Pai-nosso”.

Dona Rosinha (Rosa Pereira dos Santos), narra outros meios para encontrar o que se procura. Explica assim: “Aquele fotografia que a gente não consegue achar, aquele presente que sua tia lhe deu, aquele telefone que você precisa mas perdeu o número, então você faz a simpatia e, em seguida vai no lugar direto do objeto perdido e, inclusive tem gente que não perde a cabeça porque está presa no peçoço. A simpatia é simples: pegar um copo branco, liso, colocar debaixo da pia com a boca virada para baixo. Ninguém pode tocar no copo, e a pessoa, logo depois, encontrará o objeto perdido”.

Outra da Dona Rosinha: Marcar o terreiro (quintal). Medir, achar a metade certinha e ali acender uma vela pr’o Divino Espírito Santo, rezar um Pai-nosso, e uma Ave-maria, dizendo assim: Ofereço este Pai-nosso e esta Ave-maria, mais esta vela para o Divino Espírito Santo para aparecer objeto roubado ou perdido. Um palmo longe da vela, acender outra, rezando um Pai-nosso e uma Ave-maria para o Menino Campeirinho. Procurar o que se deseja.

Uma vez alcançada a graça, levar uma garrafa de refrigerante e um copo à sombra de uma árvore, no campo. Abrir a garrafa do refrigerante e ali deixá-la à espera do Menino Campeirinho. É, também, costume levar doces. Deixe tudo lá e volte para casa.

Obs.: Se o objeto foi roubado e passou sobre três rios ou córregos, este não será encontrado nunca mais. “A água tem mistérios!”

Dona Narcisa Batista Franzin, moradora em Olímpia, conhece muitos casos e orações que operam maravilhas, se feitas com fé e tenacidade. Uma das prediletas é a da *Irmã Guatira*. O nome já denuncia: uma freira indígena. Segundo Dona Narcisa, conhece o fato desde criança. Vivia Irmã Guatira em um convento e, por ser muito piedosa e humilde, ninguém gostava dela. Todo serviço sujo, difícil, árduo, era entregue à jovem Irmã. Tudo de ruim que acontecesse no convento ou com as outras freiras, a ela era atribuído. Quando algo desaparecia, logo Guatira era apontada como ladra. E ela sempre humilde, bondosa, sem reclamações, dedicada às tarefas infames que lhe eram destinadas, em orações silenciosas e sinceras. Tantos foram os maus tratos que morreu jovem. E logo os milagres começaram. Ao sumir algo, bastava pensar na Irmã Guatira e o objeto aparecia. Tantas foram as graças que ultrapassaram as paredes do convento e tornaram-se públicas. Sumindo um objeto, recorre-se à Irmã Guatira, rezando um Pai-nosso e uma Ave-maria e pede-se que indique onde está o mesmo. Quase sempre está bem à mão de quem o pede. Às vezes demora, mas vem às mãos do dono, infalivelmente. Foi o caso narrado por Dona Narcisa. Sumiu a aliança de um filho. Procurou-se por todo canto, por tudo quanto era lugar, nada. Pe-

didados à Irmã Guatira. Orações. Eis que, quando se julgava perdida para sempre, sua nora vem correndo com a aliança, explicando onde e como encontrara: em caixa com moedas, já vasculhada, estava a aliança, envolvendo, certinha, uma moeda, como se fosse um aro dourado. Por isso, é grande a crença da família nos poderes da Irmã Guatira.

Além da freirinha, pode-se recorrer à ajuda de duas escravas há muito desaparecidas: *Isaura* e *Maria Luísa*. Também condenadas como ladras, basta fazer uma oração, qualquer uma, a ambas, pedindo que indiquem o local onde está o objeto perdido e é rápido e certo ser o mesmo encontrado, bem à mão de quem a elas rezou. O poder dessas escravas é muito grande, porém, é preciso orar agradecendo, a fim de conseguir alcançar sempre a graça almejada.



Outra olimpiense, Dona Isaura Clemêncio da Silva, ensina-me a encontrar objetos perdidos, pedindo socorro a *Maria Vieira*. Basta pedir a ela que o encontre e agradecer acendendo-lhe uma vela. Maria Vieira era uma baiana que, percorrendo mata fechada, embora conhecida, por qualquer motivo, ficou perdida. Morreu sozinha e foi encontrada ao lado do tronco de uma árvore, com as mãos postas como em prece. Começou a fazer seus milagres logo a seguir e ela é muito solicitada pelos perdedores de objetos.

Segundo Dona Isaura, *São Longuinho* também pode nos alcançar a graça de achar algo que se perdeu e outras graças, também. Pede-se a ele com devoção. Alcançada a graça, a pessoa vai ao quintal, dá três gritos e três pulinhos, dizendo por três vezes: “Achei, São Longuinho!”

E este chamado *Responso de Santo Antônio*, amplamente divulgado para encontrar objetos ou animais perdidos ou roubados:

“Arruma-se, num quarto, uma cama toda coberta de branco. A pessoa que perdeu qualquer pertence ou que foi roubada, realiza este responso, vestindo uma camisa branca e acendendo, em louvor a Santo Antônio, quatro velas, uma em cada canto da cama.



Ao deitar-se, o responsador reza a oração Salve Rainha até o trecho que diz: "... mostrai-nos". Depois do sono, ao despertar-se, saberá onde está o seu pertence, perdido ou furtado, porque durante o sono, sonhará com ele. Mas, ao acordar, a pessoa terá que completar a Salve Rainha, para que seja reavido o que se perdeu."

Segundo a senhora Alice de Melo, olimpiense, este responso não falha, mas é preciso que seja realizado com muita fé.

Antes e depois de realizá-lo, o agente rezará um Pai-nosso a Santo Antônio.

A vida, cada vez mais difícil para as pessoas de baixo poder aquisitivo, aliado a um misticismo profundo, característico do nosso povo leva muita gente a recorrer a fórmulas menos dispendiosas de cura. Assim, continua o homem a sua eterna procura através das orações, das simpatias, do benzimento, procura junto aos Santos, procura na medicina vegetal os benefícios para libertar-se de todos os males, fortalecer a saúde, alcançar sucesso nos negócios, no amor, afastar inimigos. Vamos, pois, com paciência e calma, a algumas *Orações* ditas infalíveis, extraídas de imenso rol de similares que se espalham pelo país todo.

1) ORAÇÃO AO ESPÍRITO SANTO

"Espírito Santo, você que me esclarece tudo, que ilumina todos os caminhos para que eu atinja o meu ideal. Você que me dá o dom divino de perdoar e esquecer o mal que me fazem e em que todos os instantes de minha vida está comigo. Eu que neste curto diálogo quero agradecer por tudo e confirmar mais uma vez que eu nunca quero me separar de você, por maior que seja a ilusão material. Não será o mínimo de vontade que sinto de um dia estar com você e todos os meus irmãos na glória perpétua. Obrigado mais uma vez.

A pessoa deverá fazer esta oração três dias seguidos. Dentro de três dias seguidos, sem dizer o pedido, a graça

por mais difícil que seja se realizará. Publicar assim que receber a graça."

Cedida por D. Alcinda de Sousa Gomes — Olímpia.

2) ORAÇÃO DAS ESTRELAS

"Valei-me a Oração das Estrelas que são nove.

Juntam-se todas as nove e vão dar nove abalos no coração do (Fulano). Se ele estiver bebendo não beberá; se estiver comendo não comerá; se estiver conversando não conversará; se estiver dormindo não dormirá enquanto não vier falar comigo. Valei-me, ó Oração das Estrelas.

Se a Oração das Estrelas não me valer, valei-me as sete camisas do Menino Jesus. Se as sete camisas não me valerem, valei-me a Hóstia Consagrada.

(Fulano), tu correrás atrás de mim como São Marcos correu ao pé da Igreja pela mulher de Caim.

(Fulano), Deus acaba com tudo quanto quiser, com todos os pensamentos que tiveres com outros. Só poderás olhar para mim.

Rezar um Pai-nosso, uma Ave-maria e Glória ao Pai em louvor a Nossa Senhora do Desterro e da Conceição." Cedida por Teresinha Batista Henrique Teixeira — Olímpia.

3) ORAÇÃO DAS ONZE MIL VIRGENS

"Oh! Gloriosas e Santas Virgens, assim como Vós alcançaram a proteção de Nosso Senhor Jesus Cristo e de sua Mãe Maria Santíssima, ajudai-me a conservar-me virgem e a vencer todas as seduções, tentações diabólicas, perseguições, intrigas, falsas calúnias e as guerras dos meus inimigos do corpo e da alma, assim eu vos peço, oh! minhas Onze Mil Virgens, que me livreis das tentações do Demônio, de morte repentina, de guerra e de falsos testemunhos.

Dai-me força e coragem para enfrentar os meus inimigos e vencê-los e não consintais que eu seja vencida, nem conduzida para o perigo. Dai-me forças para resistir a todos os meus inimigos do corpo e da alma. Não me deixeis cair em poder dos meus inimigos, com os poderes de Deus Pai, Todo Poderoso.

Esta oração foi achada em Jerusalém. Quem a posuir com respeito e cumprir a sua devoção, estará sempre coberto com os mantos das Onze Mil Virgens e aparecerá em sua defesa muitas pessoas estranhas e será sempre acompanhado por onze anjos que representam as Onze Mil Virgens.

(Reza-se 5 Pai-nossos, 6 Ave-marias e ofereça à Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo, em intenção das Onze Mil Virgens)."

Cedida por D. Luzia Ribeiro da Silva — Olímpia.

4) ORAÇÃO DE NOSSA SENHORA DO BOM PARTO

"Virgem Santíssima, Virgem antes do parto, Virgem no parto e Virgem depois do parto: tal foi a obra do Espírito Santo, que gerou em vosso ventre imaculado o Esplendor do Mundo, vosso adorado e precioso filho Jesus Cristo. Infinita foi a vossa alegria em conduzir nos braços esse penhor de eterna duração, essa fonte de riqueza que nos fez subir ainda mais a esse trono, que tanto vos glorificou como rainha dos anjos, e por quem padecestes as mais tristes e incomparáveis mágoas, sobretudo quando vistes crucificado o vosso adorado Filho, nessa hora, que tudo para vós eram aflições e dor. Nunca achaste quem vos consolasse senão a vossa ternura de mãe, assim, pois, minha Mãe Santíssima, a todo o momento precisam os pecadores de vosso amor e bondade, mas nunca como nesta hora, dando-me um bom sucesso e a todos quantos implorarem o vosso Santo Nome. Amém.

(Toda mulher que trazer consigo esta oração no pescoço, rezando todos os dias, sete Ave-marias e uma Salve Rainha, sete dias antes de parir, sempre estará junto a seu leito a Virgem Santíssima do Bom Parto).”
Cedida por D. Sebastiana Clara de Miranda — Olímpia.

5) ORAÇÃO DE NOSSA SENHORA DO DESTERRO

“Valha-me, santíssima pureza e castidade de Nossa Senhora do Desterro: virgem antes do parto, no parto e depois do parto, ficando sempre virgem. Ó Mãe Santíssima, por estas santas palavras que comigo trago, peço-vos que me livre de todos os perigos, brigas, falsos testemunhos e tentação do Demônio e dos pecados. Esta oração foi achada no Santo Sepulcro do Senhor Bom Jesus, em Jerusalém, e quem a trazer consigo será livre de todos os perigos e moléstias. Na cidade de Coréia estava um homem preso por certo crime e o meteram em uma roda de navalhas com setenta e duas voltas para o matar e não morreu disso.

O rei da dita cidade vendo tão grande milagre, mandou lançar ao pescoço de um cão e dar-lhe muitas catuças e não ofendeu, porque os ferros dobraram. Mandou jogá-lo nas ondas do mar e não afogou. Quem esta oração trazer consigo, não morrerá afogado. Será livre de todos os perigos com favor de Deus e de Nossa Senhora do Desterro e, na casa onde estiver esta oração, não cairá raio. A mulher que se achar em perigo de parto, lançando-a ao pescoço, será bem sucedida. Será livre de queimadura de fogo, gota coral, cães danados e também serve para mordedura de cobras.

(Pai-nosso, Ave-maria e Credo).”

Cedida pelo Sr. Jerônimo de Oliveira — Olímpia.

6) ORAÇÃO DA PORTA DA RUA

“Deus, aqui e em todo o lugar de hoje em diante receberei a fortuna.

Ó Senhor, entrai em minha casa, abençoai os habitantes desta minha casa. Jesus, dai a vossa santíssima paz.

Ó Senhor, desamarre tudo que estiver ligado e amarrado. Ó Senhor, desamarre esta minha vida e estes meus negócios. Se eu tiver algum malfeito com vestimentos de cemitério, tire tudo e desmanche e me dê sorte para os meus negócios. Defendi-me do mau-olhado, da inveja, da malícia e de feitiço. Se estiver algum objeto de sepultura, ossos de criatura, vestuários enterrados de defunto, defendi-me de tudo e da arte diabólica feita pelo Demônio.

Jesus, se for homem ou mulher que me trata desta má vida, assim vos peço desmanchar tudo com vosso santíssimo nome. Defendi-me dos maus espíritos.

(Quem copiar esta oração se achará diante dos seus negócios como nunca pensou; sem doenças e nem peste entrarão em sua casa. Com o nome de Deus e da Virgem Maria. Amém). Rezar às sextas-feiras, antes do sol nascer.”

Cedida por D. Sebastiana de Carvalho — Olímpia.

7) ORAÇÃO DE MARIA PADILHA

“Entre portas e portais, aqui venho me sentar. Não vejo moço nem moça, que meu recado vá dar a (fulano).

Só tenho Maria Padilha com toda sua quadrilha que é Caifás, Satanás e Lúcifer. Ó minha estrela, já que o nome teu é Maria, à roda de ti andam três raios, que são os três cavaleiros mais fortes: Caifás, Satanás e Lúcifer; correi, correi, e onde eu estou, não entre por portas nem janelas. Entre pela frente do coração.

Oh! Maria Padilha, eu te peço e juntamente aos três cavaleiros que te acompanhem que não deixem (Fulano) comer nem beber, até que venha onde eu estou. O que

tiver me dará, o que souber me ensinará; tudo que eu disser rua acima, rua abaixo, acreditará.

Meu Deus, lá vem (Fulano) vestido com uma roupa alva branca, com uma corda atada no pescoço; vem gritando: valha-me (Fulano). Eu não te posso valer, mas digo-te pelo amor que tu me tens, que venhas manso, bem manso ao meu querer e a minha vontade me dando o que tiveres, contando-me o que souberes e me estimando mais do que as outras mulheres. Recebi, recebo.

Maria Padilha, não fostes vós aquela que andava pelas encruzilhadas aconselhando os casados e unindo os amancebados? Assim vos peço para unires o coração de (Fulano) com o meu, durante a nossa vida.

(Um Padre-nosso e uma Ave-maria à Maria Padilha, para que (Fulano) volte já aqui, manso e humilde aos meus pés, para sempre, Amém.)”

Cedida por D. Lídia Aparecida Antunes — Olímpia.

8) ORAÇÃO DE SANTA BÁRBARA

“Senhor, nós pedimos que a intercessão da gloriosa Santa Bárbara, virgem mártir vossa, sempre nos ajude para que não morramos de repente e nem antes do dia da nossa morte, saudavelmente corroborados com os Santos Sacramentos do vosso corpo e sangue, a unção extrema. Sejamos preservados de todos os males e depois conduzidos aos reinos celestes por vós, Senhor Jesus Cristo que viveis e reinais por todos os séculos dos séculos. Amém.”

Hino: “Deus vos salve, generosa Bárbara, gloriosa virgem, fragante rosa do Paraíso, cândido lírio de castidade. Deus vos salve, ó Virgem toda formosa lavada na fonte da pureza, doce, benigna e devota, vaso de todas as virtudes. Deus vos salve, Bárbara serena, especiosa como a lua cheia, seguiu o esposo cordeiro com doce cantiga e alegre júbilo.

Deus vos salve, Bárbara venturosa, que bem preparada nesse mundo, passastes com o Divino esposo para os prazeres do Paraíso. Deus vos salve, brilhante pérola da preciosa coroa de Jesus para favorecê-la benignamente, assim na vida como na morte.

Rogai por nós, bem-aventurada Bárbara, para que sejamos dignos da promessa de Cristo. Amém.”

Cedida por D. Benedita Maria Nunes — Olímpia.

9) ORAÇÃO DE SANTA CATARINA

“Minha Santa Catarina, clara e digna, Vós fostes aquela Senhora que passou pela porta de Abraão, achastes 400 homens tão bravos como leões e Vós, com as vossas Santas palavras, abrandastes seus corações; assim, minha Santa Catarina, abrandai os corações dos meus inimigos; se tiverem pés, não me alcancem, se tiverem mãos que não me agarrem, se tiverem olhos não me vejam; e que vivam tão acorrentadas de pé e mãos como meu Senhor Jesus Cristo se viu na Cruz, para todo o sempre. Amém, Jesus.

(Três Padre-nossos, três Ave-marias e uma Salve Rainha oferecida à Sagrada Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo. Quem rezar esta prodigiosa oração por espaço de um mês, alcançará perdão de seus pecados).”

Cedida por D. Dirce Tozo — Olímpia.

10) ORAÇÃO DE SANTA CATARINA

“Minha Santa Catarina clarisdina, que com o vosso poderoso milagre, foste em casa de Adão e Eva, onde encontraste mil homens bravos e ferozes como leões, mas que caíram mortos diante de vossa bênção sagrada. Amanse também os corações de meus inimigos, dando-me a paz do espírito e a saúde do corpo, por *secrum, seculorum*. Amém.”

Cedida por D. Claudemira Bernardes — Olímpia.

11) ORAÇÃO DE SANTA CATARINA

“A primeira badalada é dos meus inimigos, a 2.^a é de quem me quer bem, a 3.^a é minha. Assim como o Sino da Corte do Bem deu 3 badaladas, assim também dará 3 baques no coração de (Fulano) para mim, para o século sem fim. (Fulano) assim como a luz do dia ilumina, assim se iluminará o teu coração para mim, para o século sem fim. (Fulano) a porta se abre e se fecha, assim se abrirá o teu coração para mim, para o século sem fim. (Fulano) por São Pedro e pelo Altíssimo Sino da Corte do Bem, falas comigo em minha casa e que não tenhas sossego em parte alguma e que vejas desempregado atrás de mim, para o século sem fim. (Fulano) pelas almas degoladas, pelas almas afogadas, pelas almas dos aflitos, pelas almas dos cativos, pelas almas dos anjos que te roguem e peguem pelos teus cabelos e que te deixe desesperado através de mim, para o século sem fim. (Fulano) assim como o lagarto anda atrás da cobra, como o sol atrás da lua, tu andarás atrás de mim, para o século sem fim. Amém.

(Um Pai-nosso e uma Ave-maria)”

Cedida por D. Zélia Faria — Olímpia.

12) ORAÇÃO DE SANTA CATARINA

“Minha beata Santa Catarina, que sois beata como o sol, formosa como a lua, e linda como as estrelas, entraste na casa do Padre Santuário, com 50 mil homens e ouvistes todos. Vós os abrandastes, assim peço-vos, Senhora, que abrandeis o coração de (Fulano) para mim. Fulano, quando tu me vires, esmerarás por mim, chorarás como a Santíssima chorou por seu bendito filho. (Fulano), quando estiveres debaixo do meu pé esquerdo, eu te arremato seja com duas ou seja com quatro eu te parto o coração. (Fulano), se estiveres dormindo não dormirás, se estiveres correndo não correrás, se estiveres conversando não conversarás, não sossegarás, enquanto comigo não vieres falar, contar o que souberes e dar-me o que tiveres. E me amarás entre todas as mulheres do mundo. Eu, para ti, parecerei uma rosa fresca e bela.

(Padre-nosso, Ave-maria, Salve Rainha e Creio em Deus Padre).”

Cedida por D. Albertina Magalhães Soares — Olímpia.

13) ORAÇÃO DE SANTA HELENA

“Minha Senhora Santa Helena, depois de herege fostes cristã. Vós que andastes por cima dos rochedos do Mar Verde, três vezes navegastes às portas de Jerusalém, com as Onze Mil Virgens encontrastes, chegastes, com elas jantastes e ceíastes, no lugar onde sonhastes, achastes três cravos: o 1.^o destes à Virgem Santíssima, o 2.^o destes ao vosso filho São Constantino Magno, para com ele vencer guerra e batalha e o 3.^o com ele ficastes. Este eu vos peço que me empresteis esta noite para com ele sonhar.

Se é verdade o que vos peço, mostrai-me casas caídas, rios correntes claros, campos verdes, mesas ornadas e moças alegres. E se não é verdade, mostrai-me rios correntes negros, campos secos, casas velhas, mesas desornadas e moças tristes. Amém.

(O que sonhar, só poderá contar depois de três noites, com vela acesa. Rezar doze Padre-nossos, doze Ave-marias, doze Glórias ao Padre e duas Salve Rainhas).”

Cedida pelo Sr. Francisco Firmino — Olímpia.

14) ORAÇÃO DE SANTA RITA DOS IMPOSSÍVEIS

“Minha gloriosa Santa Rita dos Impossíveis, minha amável Mãe, protetora verdadeira, minha adorada senhora, meu amor infinito de meu coração, conforto de minha esperança, com viva fé espero alcançar de vossa divindade tudo quanto desejo neste e no outro mundo. Assim, minha soberana Senhora, como vós fostes coroada Espo-

sa de meu Senhor Jesus Cristo, protetor dos impossíveis, por meio disso espero alcançar de vosso divino amor, tudo quanto necessito que agora vos vou pedir com toda a humildade e contrição que me for possível (aqui se pede o que quer).

Minha gloriosa Santa Rita dos Impossíveis, desde a hora que o Supremo Altíssimo anunciou que vós havia de vir ao mundo a ser gerada no ventre de vossa Santa Mãe, em um dia de quinta-feira, em uma quinta-feira foste batizada, em uma quinta-feira foste santificada, em uma quinta-feira casaste, em uma quinta-feira enviuvaste, em uma quinta-feira sofrestes os maiores tormentos, em uma quinta-feira foste freira, em uma quinta-feira morrestes, em uma quinta-feira subiste ao céu, em uma quinta-feira coroada Esposa do meu Senhor Jesus Cristo.

(Reza-se diante da imagem de Santa Rita)”

Cedida por D. Judite Batista de Carvalho — Olímpia.

15) ORAÇÃO DE SANTA MARTA

“Minha divina Santa Marta, Martalina, minha amiga e camarada descasadeira dos bem casados, ajuntadeira dos amigados, por aquela rua acima vejo ir São Cipriano com o capuz na cabeça, com vela acesa na mão. Vem gritando, vem chorando, vem blasfemando e dizendo: valem-me o poder de (Fulano).

Eu não te posso valer. Nunca foi Virgem ao Monte das Oliveiras, onde encontrou todas as três almas. Vá Marta, Martalina, buscar (Fulano) em qualquer parte ou lugar onde estiver.

Fulano, se estiveres comendo ou em braços de outra, hás de aborrecer e só de mim lembrar-se. Juro, por esta cruz em que morreu Jesus, que irão as 3, as 6, as 9 e as 10 almas dos caboclos te buscar em qualquer lugar onde tu estiveres, com os poderes de Santa Marta.

(Rezar um Pai-nosso e uma Ave-maria).”

Cedida por D. Aparecida Maria Neves — Olímpia.

16) ORAÇÃO DA TRISTE NOITE ESCURA

“Triste noite escura, rigor do Inferno. Morreu a criatura sem tomar o sacramento. Saiu sua alma do corpo com grande dor e arrependimento. Subiu ao céu sem ver a face divina. Estou aqui, meu Jesus Cristo, sem rigor eu vim. Te ensinei a benzer, nunca quis aprender. Eu te dei o meu rosário, sempre acho pelo chão. Eu te dei o meu jejum, sempre te acho comendo. Quando passar um pobre em suas portas nunca alegue o que dê, que as vontades Deus agradece. Quando vão ouvir a missa, nunca vão descontentes. Quando vou ouvir a Deus, sempre te acho dormindo.

Quem essa oração rezar um ano continuado, sua alma não será presa, nem seu sangue derramado. Quem essa oração rezar, quem souber e não ensinar, quem ouvir e não aprender, no dia do Santo Juízo, há de se arrepender. (Reza-se um Pai-nosso e uma Ave-maria em louvor a Nosso Senhor Jesus Cristo).”

Cedida por D. Margarida Bernardes Correia — Olímpia.

17) ORAÇÃO DE SANTO ANTÔNIO

“Meu Beato Santo Antônio, Santo de Pádua, que Vosso Pai e Mãe guardastes, e Vosso Pai livrastes, e as causas perdidas achastes, as esquecidas lembrastes, assim, meu glorioso Santo Antônio, pelo hábito que vestistes, pelo cordão que cingistes, pelas alpercatas que calçastes, pela missa nova que dissestes, pelo breviário que resgatastes, pela hóstia e cálice que consagrastes, qual foi a maior dor? E ele nos disse que foi a lançada que lhe deu o cavalleiro São Longuinho que em três partes lhe partiu o coração em três pedaços. Meu glorioso Santo Antônio, por tudo isso vos suplico, pelas ondas do mar partistes para livrar vosso pai, Martinho de Bulhões, da morte na

força em Lisboa. Assim como vós não dormistes, nem sossegastes, também não dormireis nem descansareis enquanto não fizerdes que fulano (faz-se o pedido).”

Cedida por D. Maria da Conceição Basso — Olímpia.

18) ORAÇÃO DE SANTO ANTÔNIO

“Deus adiante, paz na guia. Eu pelo vosso nome encomendo a Deus e a Virgem Maria que esteja comigo. Livrai-me o Divino pelo leite que mamou seu amado menino.

Ó Virgem Senhora de grande valor, valei-me vosso filho, fechai-me o corpo. Com a vossa chaga, defendei-me de todos os perigos. Santo Antônio que me guarde dessa intuição.

Pelo vosso sangue entrego meu corpo, minha alma e meu coração. Palavra divina que tanto vale. Senhor, convosco me acharei. Sem confissão não hei de morrer. O Divino Senhor vai me livrar. Nem ferro, nem chumbo não me ofenderá. O Divino Senhor irá me guiar para meu corpo e minha alma se salvar. Meu corpo não será preso nem meu sangue derramado.

Serei livrado com os merecimentos do cálice da hóstia consagrada. Andarei armado com as armas de São Jorge, coberto com as chagas de São Francisco. Meus inimigos me encontre com o coração coberto de alegria, assim como Deus é filho da Virgem Maria. Chagas abertas, coração ferido, sangue precioso de Nosso Senhor Jesus Cristo seja entre mim e todas as Marias, Nossa Senhora dos Anjos, Rainha do Rosário. A flor que nasceu, a cruz onde o Senhor morreu, livrai-me as três pessoas da Santíssima Trindade. Amém.”

Cedida por Maria Aparecida de Almeida — Olímpia.

19) ORAÇÃO DE SÃO COSME E DAMIÃO

“Piedosos e poderosos Santos Cosme e Damião, vós que como doutores e defensores da Santa Igreja, de Nosso Senhor Jesus Cristo, nunca descansastes em sua santa defesa. Vós que nunca cansastes na campanha aberta contra o demônio e que sempre o trouxestes de vencida, desviando e arrancando das suas tão grandes, tremendas e malvadas garras, os fracos como eu e outros, de que vos constituístes advogado e que sem as vossas defesas e proteções, não podíamos resistir a tão audacioso perseguidor, sejais mais uma vez os defensores e protetores nossos, contra este malfeitor, inquietador da união e paz entre as famílias. Vós que unidos nascestes, vivestes e sempre apregoando a fé, esperança e caridade, o virtuoso nome da Virgem das virgens, Nossa Mãe Maria Santíssima e combatendo o ódio, a vingança, combatei, não descansais, lá mesmo das alturas e com maior força este nosso inimigo eterno.

Meus Santos Cosme e Damião, vos peço pelo amor de vossos pais e pelo leite que mamastes, pelos vossos santos nomes e de todos os santos da corte do céu, por tudo que escrevestes, defendestes e pregastes, fazei-me este pedido e que eu de joelhos, diante de vossas sagradas imagens, não vos deixo descansar e nem vos solto, enquanto não for feito este milagre, que eu com fé viva no coração o espero em nome de Maria Santíssima e do seu Santíssimo Filho. Amém. Rezam-se depois da oração, três Padre-nossos, três Ave-marias e três Santa-marias.

(Quem esta oração tiver, é obrigado a ter as imagens e com todo o acato, conservando-se no mais puro estado de vida, para que possa alcançar os efeitos que ela tem).”

Cedida pelo Sr. Roberto José de Carvalho — Olímpia.

20) ORAÇÃO DE SÃO CRISPIM E SÃO CRISPINIANO

“Crispim e Crispiniano, de Maria Santíssima ambos queridos, três pedidos fizeram: luz, paz e forças; luz para

poder-se ver e admirar o amor, a grandeza e arte de nosso Eterno Pai; paz para poder-se gozar de tudo que um Pai extremoso proporcionou a seus filhos; força, para que possam resistir às tentações e compreender que, acima de tudo que se vê, está seu Deus, seu pai, a quem se deve amar sobre todas as coisas.

Assim como a vós, Deus, por amor de Nossa Mãe Maria Santíssima, vos concedeu esta graça tão grande, tão enorme, eu vos peço para que alcanceis de nosso eterno e bondoso pai por amor de Nossa Mãe Maria Santíssima, três pedidos que são: união e confiança como a vossa, saber e força como a que vos foi concedida e mais, para que haja entre nós a mesma união e confiança que entre vós, para que eu tenha força e saber que vós tivestes e saiba tudo que eu quero e por qualquer modo, ainda que o mais guardado segredo, para que com os vossos tira-pés eu amarre e prenda para que mais, e com as vossas sovelas cosa e recosa para que não mais se descosa em nome do Padre, Filho, Espírito Santo. Amém.”

Cedida por D. Sebastiana Clara de Miranda — Olímpia.

21) ORAÇÃO DE SÃO JORGE LANCEIRO

“Meu São Jorge Guerreiro, Lanceiro de Jesus, diante das desventuras que surgiram em minha frente, por tantas decepções que venho sofrendo, recorro a vós.

Meu São Jorge, meu São Jorge Guerreiro, Lanceiro de Jesus, não permita que me usem e nem que eu seja desviado do caminho da Santa Cruz.

Quero estar sempre convosco e nos braços de Jesus de dia e de noite. Com a vossa proteção, afasta de mim a impaciência. A luz das orações serenas ilumine aqueles que recorrem a vós. Estenda vossas mãos generosas e firmes e este sofredor angustiado, que com os olhos voltados para o céu invoca a proteção do vosso escudo e lança.

Que vosso manto vermelho me aqueça e me proteja do dragão que agora me maltrata. Seja ele por vós dominado e amansado e seus caminhos cercados e bloqueados.

Meu São Jorge Guerreiro, Lanceiro de Jesus, que eu mereça a vossa proteção e a da Santa Cruz. Em vossas mãos bondosas entrego meu coração. Amém.”

Cedida por D. Maria Gertrudes de Andrade — Olímpia.

22) ORAÇÃO DE SÃO MARCOS DE VENEZA

“Meu São Marcos de Veneza, assim como vós amansais as éguas e os brutos animais no campo, também vos peço que amanseis o coração de fulano (nome) para que ele fique manso, bom e pacífico para mim. Todo ódio que de mim tiver se transforme em bem querer. Fulano (nome), com 2 te vejo, com 5 te prendo, com 10 eu te amarro, o coração te parto e o sangue bebo da chaga.

Fulano (nome), eu te amanso com 7 donzelas, com 7 livros-missas, túnica vossa busca (nome), assim como os 12 apóstolos buscaram a Cristo Senhor Nosso na cruz, e assim como Cristo Nosso Senhor nasceu no ventre de Maria Santíssima sem varão, estas palavras entranharão dentro do teu coração.

Fulano, com 2 te vejo, com 5 te prendo; chagas abertas, coração ferido, o sangue de meu Senhor Jesus Cristo entre eu e tu para que nos livre de trabalhos e perigos. Amém.”

Cedida por D. Ana Maria de Jesus — Olímpia.

23) ORAÇÃO DE SÃO ROQUE

(Para ficar livre da peste)

“Senhor Nosso Deus, Vós prometestes ao bem-aventurado São Roque, pelo ministério de um anjo, que todo aquele que o tivesse invocado, não seria contagiado do contágio das pestes.

Fazei, Senhor, que, assim como nós comemoramos os prodígios do bem-aventurado São Roque, sejamos tam-

bém livres pelos seus merecimentos e rogativas, de toda a peste do corpo e ainda da alma, por Jesus Cristo Nosso Senhor. Amém.

(Rezar um Pai-nosso, uma Ave-maria e uma Glória ao Pai a São Roque)."

Cedida por D. Joana Nazáris — Olímpia.

24) ORAÇÃO DE SÃO SALOMÃO

"Deus quer, Deus concede, Deus pode fazer tudo que quer, assim farei contigo o que quiser. Tu estás preso debaixo do meu pé esquerdo, não dormirás, não comerás, não vestirás e não sossegarás enquanto não viveres comigo muito bem.

Eu te vejo de frente, eu te benzo de frente, serás humilde a mim assim como humilhou-se Nosso Senhor Jesus Cristo na vera Cruz, queiras tanto a mim, como os anjos a Jesus. Corras tanto atrás de mim como as almas atrás da luz.

(Reza-se um Padre-nosso ao Anjo da Guarda)"

Cedida por D. Neusa Aparecida Ribeiro — Olímpia.

25) ORAÇÃO DO ANJO DA MEIA-NOITE

"Ó Anjo da Meia-Noite, pelo poder de Deus, valei-me. Assim como vós tendes o poder de salvar as pessoas das aflições e das garras de Satanás, assim salvai-me dos meus inimigos, que para mim sejam todos mortos e sepultados assim como Nosso Senhor Jesus Cristo foi, assim serão meus inimigos para mim. Os olhos dos meus inimigos serão cegos, os pés serão atados, as mãos serão amarradas, o meu corpo não será ofendido, nem de peito nem à traição. Com as armas de São Jorge serei defendida, com o manto da Virgem Maria serei coberta e com a espada de Abraão vitoriosa para sempre. Amém."

Cedida por D. Augusta Mendes Pereira — Olímpia.

26) ORAÇÃO DO BOI ESTRELADO

"Eu fui ao campo, peguei o Boi Preto Estrelado, tirei 3 fio de cabelo. Eu te amarro, (Fulano), neste palanque. Você está amarrado, preso e acorrentado com as três Virgem Maria, as três Almas Benditas, (Fulano). Você sabe aonde está amarrada as três Cabras Preta? O leite delas foi você mesmo quem bebeu. Com este leite das três Cabras Preta e o Boi Preto Estrelado eu te amarro, trago você preso, acorrentado, (Fulano), enquanto você não vem falar comigo.

Nunca terá sossego, (Fulano). Assim como as três Cabras Preta berra no capim, eu te trago amarrado, preso e acorrentado dentro de minha mão direita. Trago teu coração debaixo do pé esquerdo, enquanto não vier falar comigo. Não terá sossego para comer, nem para beber, nem para dormir sossegado e não terá paz, (Fulano).

Se você pegar alguma mulher há de andar arrastado como cobra, correndo como um cão. Boi Preto Estrelado toma conta de você para mim.

(Rezar 3 Pai-nossos, 3 Ave-marias e acender 1 vela para as almas dos aflitos, cada vez que pegar esta oração)."

Cedida por D. Rosa Pereira dos Santos — Olímpia.

27) ORAÇÃO DO ETERNO PAI

"Pai, Filho, Espírito Santo; Santíssima Trindade; Jesus e Maria; os Anjos benditos; Santo, Santo Paraíso, pra alcançar a graça que vos peço (mencionar) pelo preciosíssimo sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo, hei de fazer sempre a vontade de Deus. Estar sempre unido com Deus. Não pensar senão em Deus. Amar só a Deus. Praticar todas as ações só pelo amor de Deus. Buscar a glória de Deus. Fazer-me santo, santo, santo (bater 3 vezes no peito) só pelo amor de Deus. Conhecer bem a minha miséria.

Nada mais conhecer senão a vontade de meu Deus. De eu levar com gosto e paciência os trabalhos da vida até a perseverança final. Ó Maria Santíssima, ofereço ao Eterno Pai, por nossas almas, as almas santas do Purgatório, necessidades da Santa Igreja, pela conversão dos pecadores e de todo mundo. Pelo precioso sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo. (Rezar 3 Glórias ao Pai)."

Cedida por D. Narcisa Batista de Miranda — Olímpia.

28) ORAÇÃO DO GLORIOSO SÃO JORGE

"Jesus adiante paz e guia, encomendou-me a Deus e à Virgem Maria, minha mãe, e aos doze Apóstolos meus irmãos; andarei dia e noite, eu e meu corpo cercado e circulado com as armas de São Jorge. O meu corpo não será preso nem ferido, nem meu sangue derramado; andarei tão livre como andou Jesus Cristo nove meses no ventre da Virgem Maria.

Meus inimigos terão olhos e não me verão, terão boca, não me falarão, terão pés, não me alcançarão, terão mãos, não me ofenderão. Quem trouxer esta oração ao pescoço, não será ofendido pelos seus inimigos."

Cedida por Sr. Milton de Oliveira — Olímpia.

29) ORAÇÃO DO LAVRADOR DOURADO

"Fui andando num caminho encontrei com um pobrezinho, meu bom Jesus. Eu levei para minha casa no melhor salão que eu tinha, meu bom Jesus. Mandei pôr uma mesa do melhor manjar que tinha, meu bom Jesus. Mandei vir águas para pôr os pés, numa bacia de ouro fino, meu bom Jesus. Mandei arrumar uma cama do melhor chamma que eu tinha. Chamma branca por baixo e chamma azul por cima, meu bom Jesus. A chamma roxa por último, do melhor roxo que eu tinha.

Quando foi à meia-noite que o pobrezinho gemia, mandei levantar Maria para ver que o pobre tinha. Era uma cruz de ouro fino. Se eu soubesse que era Ele, na minha mão ele eu o tinha, meu bom Jesus.

(Rezar um Pai-nosso e uma Ave-Maria)".

Cedida por D. Rosa Pereira dos Santos — Olímpia.

30) ORAÇÃO DO MISTÉRIO DE REGULAR

"Valei-me só um Deus verdadeiro; valei-me as duas tabuazinhas de Moisés; valei-me as três pessoas da Santíssima Trindade; valei-me os 4 evangelistas; valei-me as 5 chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo; valei-me as 6 filhas bentas; valei-me os 7 passos de Nosso Senhor Jesus Cristo; valei-me os 8 gozos de Nossa Senhora; valei-me as 9 coroas dos anjos; valei-me os 10 Mandamentos da Lei de Deus; valei-me as 11 Mil Virgens; valei-me os 12 apóstolos de Nosso Senhor Jesus Cristo; valei-me os 13 raios do sol que partem do nascente ao poente, rebentando com todos os cães do Inferno; valei-me Jesus Nazaré 3 vezes.

Com as virtudes desta Oração aparecerão as coisas perdidas, ladrão não vos roubará e Deus te guardará. Mulheres que tiverem em perigo de parto, reza esta Oração que se despacharão em paz. Quando virdes seca, fome, peste e guerra, reza esta Oração que tudo desaparecerá.

Oferecimento — Um Pai-nosso com uma Ave-maria à sagrada morte e paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo aos mistérios de regular."

Cedida por D. Olímpia F. Balbo — Olímpia.

31) ORAÇÃO DO PELO SINAL

"Pelo Sinal me assino com três cravos. Me abraço com esta cruz para que nunca me esqueça o santo nome de Jesus. Quero que vós me empresta as três gotas de sangue para que se revele sempre em mim. Amém (Rezará fazendo o Pelo Sinal)"

Cedida por D. Sebastiana Clara de Miranda — Olímpia.

32) ORAÇÃO PARA AFASTAR MAU ESPÍRITO

Custódio, amigo meu.

Custódio sim, amigo não.

Das doze palavras escritas e reperguntadas, dize-me lá as treze.

Doze raios levem o Sol, treze raios levem a Lua. Arrebenta-te, Diabo, que esta alma não é tua:

Arrebenta-te, Diabo, que esta alma não será tua.

Deus fez esta criatura. Deus gerou esta criatura. Deus formou esta criatura.

Que Deus, então, tire todo o mal desta criatura.

Que Deus, então, desencante todo o mal que entrou no corpo desta criatura.

Que o Espírito Santo glorioso acompanhe e proteja esta criatura.

Arrebenta-te, Diabo, que esta alma não será tua.

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.”

Cedida por Roberto José de Carvalho — Olímpia.

33) ORAÇÃO PARA CONFESSAR SOZINHO

“Meu Senhor do fruto que foi preso e acorrentado, que morreu por meus pecados; muitas vezes fui aos pés do confessor e não fui bem confessado. Quero confessar com vós, ó meu Deus, porque vós é o Rei da Verdade. Perdoai os meus pecados, os esquecidos e os alembrados. Senhor Deus, misericórdia. Senhor Deus, misericórdia. Senhor Deus, misericórdia.”

Cedida por D. Sebastiana Clara de Miranda — Olímpia.

34) ORAÇÃO PARA CURAR SEZÃO OU MALEITA

Quinta-fera Santa

Prenderam Jesus

Na Sexta-fera

Pregaram Ele na cruz

Tremeu a terra

Afroxano a cruz

Mas eu não tremi

Nem tremeu Jesus.

A seguir: 3 Pai-nossos, 3 Ave-marias e 3 Glórias ao Pai.

“Leva o que trouxeste. Deus te benza com a sua santíssima cruz. Deus me defenda dos maus óios e maus-oiados, de todo o mal que me quisero fazer, e tu és o ferro e eu sou o aço, tu és o demônio e eu te embarço. Amém.”

Cedida por D. Ana Maria Matias — Olímpia.

35) ORAÇÃO PARA DEFENDER-SE

“Meu comandante Rei da Glória, comandante Rei do Céu. Livrai-me do fogo e do Inferno as Doze Mil Virgens com as armas de São Jorge. O meu corpo não será preso, nem o meu sangue será derramado desde dos pequenos até os maiores. Paz de Cristo.

(Rezar 3 Ave-marias e 3 Pai-nossos, em agradecimento ao pedido dessa prece).”

Cedida por D. Sebastiana Batista Henrique Teixeira — Olímpia.

36) ORAÇÃO PARA FECHAR O CORPO

“Esta oração deve ser dita diariamente, antes de sair de casa.

Senhor de todos os destinos, eu te peço, encarecidamente, que estejas junto de mim, na pessoa de um anjo protetor, para livrar-me dos perigos que estiver exposto ou que me são colocados, no caminho por onde deverei seguir ou no lugar onde deverei estar, até que chegue a hora marcada, de realmente partir para o outro lado da

vida. Ampara-me no trabalho, para que forças estranhas, mau-olhado e quebranto não possam me atingir. Amém.”

Cedida por Roberto José de Carvalho — Olímpia.

37) ORAÇÃO DE SANTA LUZIA

“Ó milagrosa Santa Luzia, Luzia da Luz dos meus olhos, vós que fostes alumada pela graça divina, cuida de meus olhos, me assiste com vossa fé, que é vivificante

“Jesus, diante da paz guiai-me. Encomendo-me a cegueira da morte. Ó milagrosa Santa Luzia, Luzia da luz dos meus olhos, falai por mim ao bom Jesus para que me alumie a vida nos olhos, e nos olhos da alma. Ó milagrosa Santa Luzia, Luzia da luz dos meus olhos, fazei com que eu veja a verdadeira luz do mundo. Ó milagrosa Santa Luzia, Luzia da luz dos meus olhos, atendei o meu pedido de ver pelos olhos do corpo, pelos olhos da alma. Amém.”

Cedida por D. Jerônima Constância de Sousa — Olímpia.

38) ORAÇÃO A SÃO JORGE GUERREIRO

“Jesus, diante da paz guiai-me. Encomendo-me a Deus e a Virgem Maria, minha mãe, e aos 12 apóstolos, meus irmãos. Andarei dias e noites, eu e meu corpo, criado e circulado com o ímã de São Jorge. Meu corpo não será preso, nem meu sangue derramado. Andarei tão livre como o bom Jesus Cristo, nove meses no ventre da Virgem Maria. Meus inimigos terão olhos e não me verão; terão boca e não falarão; terão pés e não me alcançarão; terão mãos e não me ofenderão. Quem trouxer esta oração não será ofendido pelos seus inimigos.”

Obs.: Esta oração foi ditada por D. Narcisa Franzin, olimpiense. Oração que ela guarda com amor, a fim de acalmar pessoas iradas. Enquanto a Oração for rezada, a pessoa deve ir orando um Pai-nosso e uma Ave-maria, fazendo três cruzeiros sobre o briguento ou briguentos, sem que eles vejam. A calma retorna. Depois a pessoa agradece, quando a paz retornar, quando a raiva se abrandar. Cedida por D. Narciza Batista Franzin — Olímpia.

39) ORAÇÃO A SANTA EDWIGES

(protetora dos pobres e endividados)

“Vós, Santa Edwiges, que fostes na terra amparo dos pobres e desvalidos, socorro dos endividados, no Céu, onde gozais o eterno prêmio da caridade que praticastes, confiante vô-lo peço, sede a minha advogada, para que eu obtenha de Deus a graça... (diz-se a graça que deseje receber) e, por fim, a graça da salvação eterna. Amém.”
Recolhida na Paróquia de Nossa Senhora da Consolação — Campinas — SP.

40) ORAÇÃO A SÃO BENTO

“Valha-me preciosa cruz do Senhor São Bento. Eu (fala-se o nome) sempre hei de livrar-me do fogo, do ferro, dos ares. Hei de livrar-me da peste dos sofrimentos sem remédio, pois tenho para mim a defesa do meu Senhor Jesus Cristo e de ti, Senhor São Bento. Na Arca de Noé me meto, com a chave de São Pedro me fecho. Com as três pessoas da Santíssima Trindade me acompanho. Em nome do Pai, do Filho, do Espírito Santo. Amém.”
Cedida por Heloísa Helena Camargo Silva de Deus — Pirangi — SP.

42) ORAÇÃO PARA AMANSAR MÃE BRAVA

Ao entrar em casa, com o pé direito, reza-se: “Santo Antônio pequenino, amansador de touro bravo, amansai o coração de (fulano-nome) que está traído pelo diabo, com os poderes de Deus e da Virgem Maria. (Bate 3 vezes o pé direito).”

Laura Della Mônica, em Manual do Folclore — “Rezas Bravas.”

42) ORAÇÃO PARA CURAR AZIA

“Santa Iria tinha 3 fia, uma fiava, outra cosia e outra rezava “de azia”. Com os podê de Deus e da Virgem Maria.” (A pessoa abre a boca e a rezadeira faz uma cruz).

Laura Della Mônica, em Manual do Folclore — “Rezas Bravas.”

Acho que quarenta e duas Orações a maior parte coletada pelo Prof. José Sant’anna, em Olímpia, são mais do que suficientes para que os leitores do Anuário do Folclore de Olímpia estejam protegidos contra tudo e contra todos. A procura, acredito, pode parar por aqui. Porém, a quem pretende utilizar qualquer uma dessas “poderosas orações”, alguns conselhos: a) não se preocupe com o vernáculo, pois quem nos transmitiu, oralmente ou por escrito, assim o disse e assim alcançou a graça almejada; b) não queremos deturpar a língua pátria, que é rica e bela, mas não nos cabe o direito de alterar o que a crença popular concluiu ser correto; c) quando a oração lhe parecer sem sentido, use-a assim mesmo, pois o que vale é a fé, é a crença de quem a utiliza. O sentido que não é sentido pelo sentido leitor, foi sentido e aprovado pelo informante ou por quem nos cedeu, de bom grado, miraculosas orações...

É este o momento de beleza plena, o momento em que o pesquisador do cotidiano popular pode aquilatar a vastidão da crença do povo, pode sentir a freqüência com que a linguagem influencia o crente. Desde o instante em que, desesperado, ele encontra alma gêmea para sua aflição, seja sob a forma de simples prece, de rápido benzimento ou de simpatia singela, os males como que se diluem, desaparecem. Tem ele, o sofredor, varinha de condão capaz de dar-lhe lenitivo às dores, às mágoas, aos desmandos da vida hodierna... e, o mais importante, de graça!

Orações existem em número considerável. Oração ao Venerável Padre Anchieta, antes de adentrar mata cerrada, pedindo: “Venerável Padre Anchieta, afastai de mim cobra, escorpião ou qualquer outro bicho peçonhento.” Há orações para proteger contra raios e vendavais. A Santo Onofre, para proteger os beberrões (é costume oferecer a uma imagem do santo um copinho de cachaça e, segundo consta, o copo quase sempre aparece vazio). A São Judas para causas consideradas perdidas. A Santa Isabel para afastar dificuldades.

Se entrarmos no terreno do benzimento ou no das simpatias, nosso caminho prolongar-se-á ao infinito. Benzer é prática antiquíssima, supre, em quase todos os recantos onde a riqueza não faz ponto, a consulta médica, as radiografias, os diagnósticos científicos e todo medicamento farmacêutico. Um pequeno exemplo: benzeção para carne quebrada — “São Virtuoso, aqui eu costuro carne quebrada, nervo rendido, osso torto, coso com poder de Deus e da Virgem Maria”. A benzedeira segura um pedaço de pano branco na mão, usa agulha virgem e linha fina. Enquanto faz a oração, repetida 3 vezes, vai costurando o paninho, colocado acima da luxação, do ferimento, do nervo doído. É um tipo de oração muito comum no interior, conhecido em toda a região, com pequenas variantes no texto e no santo invocado. Em Pirangi, SP, era São Frutuoso e linha vermelha ou rosa forte.

Não posso deixar de mencionar algumas *simpatias* ensinadas por Dona Rosinha.

1.^a) Para baixar a taxa de açúcar no sangue.

Pegar uma moringa de barro de 5 litros, encher de água filtrada. Dentro colocar 800 g de café, em grãos verdes. Deixar destampada a moringa, no sereno, por 3 noites. Depois passar a tomar 1 copo dessa água, em jejum, antes de levantar, até acabar toda a água.

2.^a) Para baixar o colesterol.

Pegar 3 caroços de abacate, retirar a pele desses caroços. Colocar numa jarra com água. Conservar na ge-

ladeira e beber durante o dia. Completar a água da jarra diariamente, mas de 15 em 15 dias os caroços devem ser trocados.

3.^a) Para acabar com os calos.

À noite, colocar um pingo de esmalte de unhas, de preferência de cor vermelha, em cima do calo. Na noite seguinte colocar outro pingo e repetir todas as noites, até formar uma camada bem espessa de esmalte. Logo depois o calo sai sozinho com o esmalte.

4.^a) Para acabar com a anemia.

A causa principal é falta de ferro no organismo, que é constatada através de um exame laboratorial. É necessário comer carne, fígado, peixe e verduras. Pegar 7 galhos de hortelã, socar bem até tirar todo sumo, colocar numa vasilha e juntar 3 colheres de sopa de mel puro. Bater bem e passar a tomar uma colher de chá após as refeições.



Obs.: Estas simpatias foram-me passadas por D. Rosinha, em um papel bom, letra bonita e, percebe-se, escrita por pessoa culta. Não permitiu que eu ficasse com os escritos, assim copiei as simpatias, ao seu lado, com as palavras tais quais foram grafadas.

Sem espaço para discorrermos sobre a imensidão de meios utilizados pelo povo à procura do que perdeu: objetos, amores, saúde, dinheiro, emprego, amizades, etc., vamos ver o que ainda temos em Olímpia. Quando algo muito chocante, quando alguma maldade é cometida contra um inocente, é freqüente transformá-lo em ser milagroso ou milagreiro. São seres de carne e osso divinizados, mercedores de romarias, de pedidos, de orações que brotam, espontaneamente do povo. Temos um exemplo no cemitério desta cidade, onde o humilde túmulo do *Mineirinho*, ou Zé Mineiro, ou Aleijadinho, transformou-se em santuário de peregrinação. Velas, flores, coroas, fotos, cópias de orações, copos com água cobrem sua sepultura, e sempre há alguém orando a ele ou por ele, rogando graças ou agradecendo. É um grande achador de tudo que se perde — até marido. Morreu jovem, aos vinte e

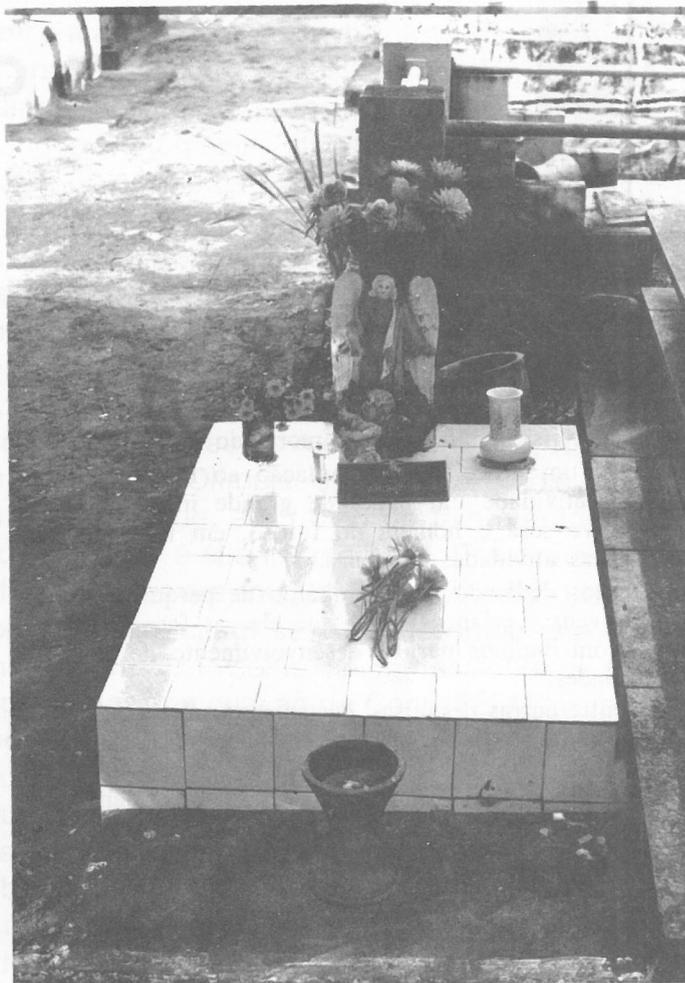
poucos anos, espancado por causa de minguados “cruzeiros” que guardava. Estava com sede. Transformou-se em lenda. Procurando algo que se perdeu, corre-se ao túmulo do Aleijadinho, ele ajuda sempre. Por isso foi o seu túmulo o mais procurado e enfeitado no dia de Finados de 1989, e isso vem acontecendo desde a sua morte, há quase 40 anos!



Além do Mineirinho, outros sepulcros são procurados por crentes, por pessoas que recorrem à alma ou espírito do morto que ali foi sepultado, em busca de socorro físico ou espiritual. No Cemitério de São João Batista, há um túmulo de criança, da década de 20, cujo nome não se encontra nos livros de registro do mesmo. Com o passar dos tempos, uma jovem, encontrando o túmulo em ruínas, colocado que está numa quadra infantil, se compadeceu, fez um pedido ao pequeno ente ali sepultado, foi atendida. Grata, reformou o singelo sepulcro, divulgou a graça recebida, passando o mesmo a ser, diariamente lavado por ela ou por outras crentes como a mesma, é enfeitado com flores naturais ou artificiais, recebe velas e visitas. É chamado simplesmente de “*Meu Amiguinho*”, ninguém sabe a quem pertence. E opera prodígios.

Outros túmulos merecem devoções especiais no Cemitério local, onde as pessoas procuram alcançar uma graça qualquer, agradecendo ou pedindo através de bilhetinhos em papéis dos mais diversos tamanhos ou cores. É o caso do túmulo de uma freira, de uma professora, ambos capazes de operar milagres. Todo túmulo que ostenta a imagem de *Santo Antônio*, é alvo de pedidos escritos, papéis que os encarregados da limpeza jogam, quase sempre, junto ao “*Cruzeiro*” do cemitério.

É grande a crença do brasileiro, graças a Deus. Através dela, somos um povo pacífico, paciente, acreditamos na realização de todos os nossos sonhos, por mais absurdos ou impossíveis pareçam ser. Essa crença é a força que mantém a coesão de um povo que habita um país de



dimensões continentais, país de sérios problemas sócio-econômicos. Basta crer, tudo virá...

Eis, pois, o que quis dizer com o título do artigo. As pessoas acreditam em seres mitológicos ou lendários, recorrem ao que lhes dá o conforto na hora certa, procuram e, via de regra, acham. Encontram lenitivo para suas angústias, alento para perseguir sonhos quase impossíveis, portas que se abrem para dar-lhes guarida ou o pão que mata a fome, o trabalho que resolve alguns problemas, encontram palavras amigas que contrastam com o seu cotidiano. Essa busca é incessante. Pode até acontecer de... “procurando agulha, morena, só encontrei dedal”, como diz a antiga música infantil. O que vale é a fé. Cristo disse: “procura e encontrarás”. Vamos lá.

O Estado do *Espírito Santo* está presente no 26.º FEFOL. Unido, o povo olimpiense agradece a valorosa colaboração dos municípios espírito-santenses:

Estado do Espírito Santo

Linhares

Prefeito: Luiz Cândido Durão
Grupo folclórico: Banda de Congo Mirim
“Caboclo Bernardo”

Muqui

Prefeito: Gilberto Vicente
Grupo folclórico: Folia de Reis de Muqui

Vitória

Prefeito: Vitor Buaiz
Grupo folclórico: Bando de Congo “Amores da Lua”

Este agradecimento é extensivo ao Prof. Paulo Sarmiento, grande aliado da cultura folclórica, residente na cidade de Vitória.

Dança do Bambu

MARIA APARECIDA DE ARAÚJO MANZOLLI
Departamento de Folclore — Olímpia

Educar é buscar atividades para o ser humano, procurando desenvolver todas as suas potencialidades; é formá-lo objetivando a harmonia plena, através de atividades diversificadas.

Entre outras, temos usado a música e a dança, através de nossos anos de trabalho, como veículo para aprimoramento físico, intelectual e moral do indivíduo.

Para um processo de adaptação ao meio ambiente, tem a criatividade um papel de grande importância. O ser criativo será o homem do futuro, em todos os segmentos das atividades humanas.

Temos dedicado nosso trabalho de pesquisa a serviço de jovens e crianças, para que eles as façam vivas e, assim, contribuimos para o desenvolvimento de suas potencialidades.

Dentre outras pesquisas, destacamos a *Dança do Bambu*. Fomos buscá-la na cidade de Ibitinga — SP. Tivemos conhecimento de sua existência através do Programa de TV Cidade X Cidade, no ano de 1967, quando um grupo de estudantes a apresentou. Fomos, então, a Ibitinga, levando conosco um grupo de alunos e professores, juntamente com a Profa. Marilene Ferreira Costa Neves, na época diretora da E.E.P.S.G. “Dr. Antônio Augusto Reis Neves”, e de seu funcionário, Prof. Joaquim Marangoni Neto. Lá fomos recebidos, com carinho, pela Profa. Janet Russi, que nos orientou quanto ao material, música e coreografia. Feito este contato, nos reunimos e juntos, montamos o trabalho.

Feitas as primeiras coreografias, o grupo foi criando movimentos, aperfeiçoando os já existentes, até chegarmos à coreografia atual. Foi um trabalho dinâmico. A princípio, os dançadores paravam a cada movimento coreográfico, mas hoje eles dançam, sem parar, do primeiro ao último movimento.

Sempre contamos com a ajuda do Prof. Marangoni no preparo dos bambus, caibros e tochas.

Grupos de dançadores, batedores e auxiliares se sucederam e hoje ela está enraizada no rol das danças do nosso Grupo Parafolclórico.

Esta dança exige preparo físico e rítmico dos participantes.

O movimento de bambus e dançadores tem que ser coordenado com perfeição, uma fração de segundo de atenção ou um pequeno erro no ritmo das batidas ou dos passos, poderá prender e machucar o pé do dançador ou mesmo ocasionar a sua queda.

Nós a preparamos e ensaiamos exaustivamente, pois exige muito dos executantes.

É apresentada, por ocasião das Festas Juninas, ou em qualquer época, quando solicitada e, especialmente, durante os Festivais do Folclore, que se realizam anualmente em Olímpia, durante o mês de agosto. É dança que desafia o público, que não raras vezes tenta participar, mas diante das dificuldades, desiste nos primeiros movimentos.

Bater os bambus, também é tarefa que muitos tentam; é mais fácil de assimilar e realizar. Há, portanto, maior participação do público através da torcida e aplausos em cada apresentação.

Cada vez que a dança é apresentada até o final, com perfeição, é motivo de júbilo para os participantes e para o público, como se ganhassem uma partida esportiva.

De acordo com informações que recebemos da Secretária de Educação e Cultura da Prefeitura Municipal

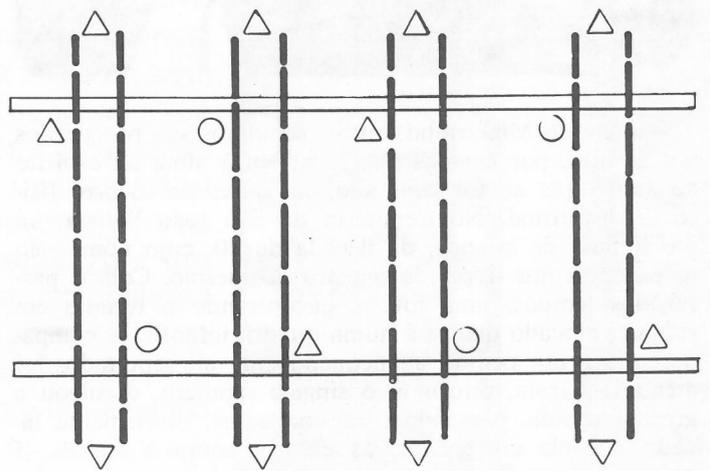
de Ibitinga Profa. Leonilda Marquesi Costa e da Profa. Janet Russi, a dança do Bambu já era dançada em Ibitinga em épocas remotas. Um casal, em dois bambus que se iam revezando, a dança foi passada de geração a geração. No ano de 1966, a Profa. Janet assistiu a um documentário cinematográfico que mostrava índios de uma aldeia da América Central, dançando a Dança do Bambu. Nessa região, ela era dançada por ocasião das chuvas. Batiam, os bambus no ritmo das gotas que caíam no telhado. Também, por ocasião de casamentos, ao se reunirem na aldeia, os noivos a dançavam, depois os pais, a seguir os familiares e outros habitantes da aldeia, formando a coreografia, com os noivos sempre ao centro. Chuva e casamento: símbolos de fertilidade e produção.

A Profa. Janet tendo assistido ao documentário, fez um enxerto naquilo que já existia, colocou na dança mais 3 pares de bambus e 3 casais dançando. Com esta coreografia, a Profa. Janet e seus alunos se apresentaram em programas de TV de diversas cidades brasileiras.

Ainda hoje ela é dançada em Ibitinga, principalmente por ocasião das Festas Juninas.

DESENVOLVIMENTO DA DANÇA

POSIÇÃO INICIAL — Postam-se 4 pares, um casal em cada par de bambus, com um batedor em cada extremidade.



1.ª FIGURA — Cada homem vai pulando até chegar ao seu par que está no extremo oposto, voltando juntos até a outra extremidade (onde estava o homem no início); retornando juntos à extremidade onde estava a mulher; ela fica e ele retorna à posição inicial. (Vaivém)

PASSO — com os 2 pés juntos, braços erguidos, pulam dentro e fora dos bambus.

2.ª FIGURA — Repetir o vaivém da 1.ª Figura.

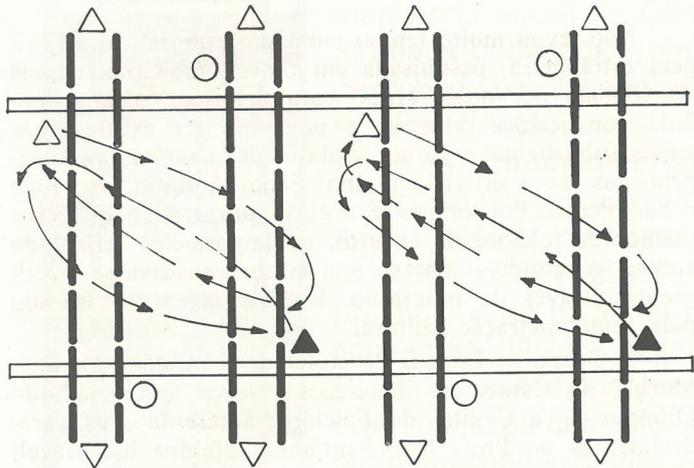
PASSO — braços erguidos, pulam no espaço fornecido pelos batedores ao abrir e fechar os bambus: (dentro com os pés juntos, fora, pés separados). Ao pular, dão um giro de 360° ficando ora de frente, ora de costas para o par.

3.ª FIGURA — Repetir o vaivém da 1.ª Figura.

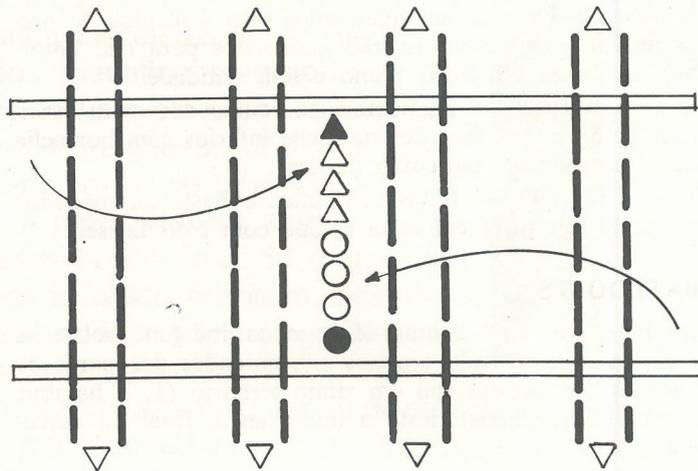
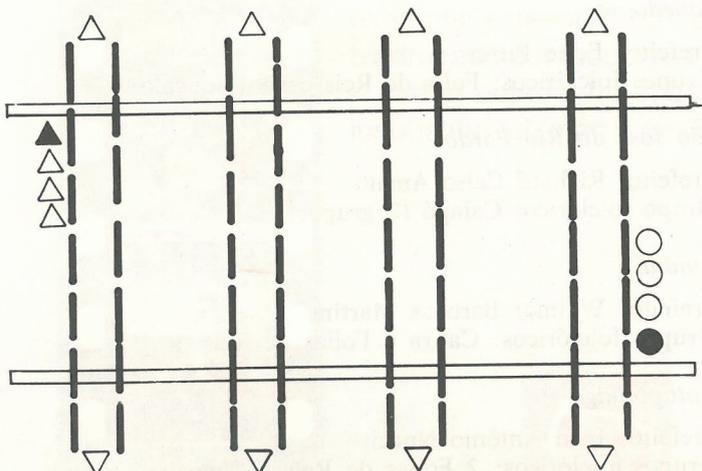
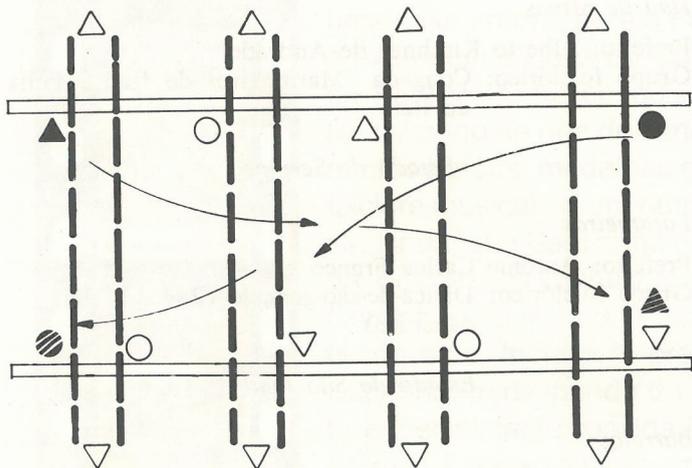
PASSO — dão-se os braços, seguros até os cotovelos, pulam juntos dentro dos bambus e fora, um de cada lado.

4.^a FIGURA

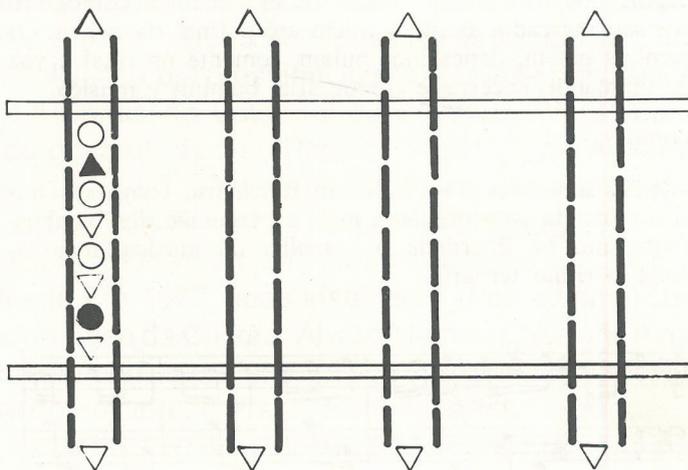
PASSO — As mulheres saem e os homens de 2 em 2 realizam um cruzado; saem juntos, cruzam no centro, pulam no outro par de bambus e retornam à posição inicial.



5.^a FIGURA — Retornam as mulheres, saem o homem do 1.^o e a mulher do 1.^o bambu do lado oposto, vêm pulando os demais bambus, encontrando-se no centro. Continuam até a extremidade oposta àquela de onde saíram. Dali ele volta, trazendo os homens de cada par de bambus e ela realiza o mesmo com as mulheres, no sentido oposto. Cruzam-se todos, no centro dos bambus. Vão aos extremos, retornam, deixando homem e mulher, um a um, na posição inicial.



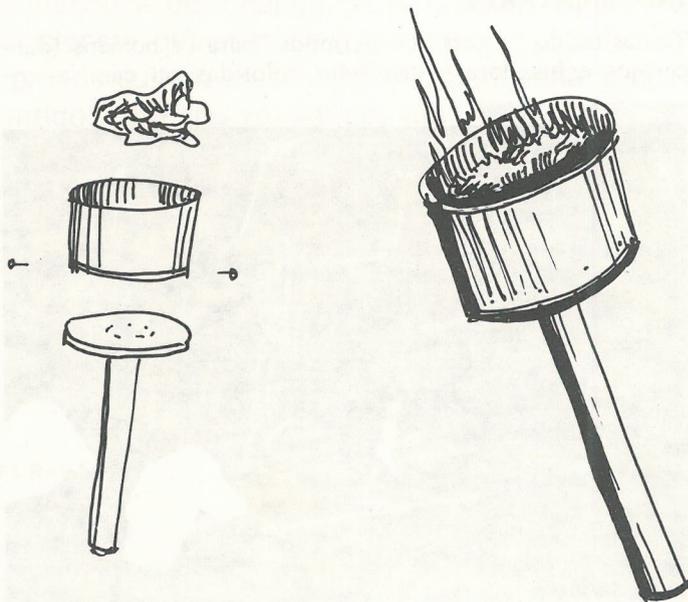
6.^a FIGURA — O homem do primeiro par de bambus sai e vai até o último par, de onde vem trazendo os casais, até todos ficarem juntos num só par de bambus; voltam juntos e vão deixando os casais, cada um na posição inicial.



7.^a FIGURA — Tendo retornado à posição inicial, cada um continua pulando no seu próprio bambu, até que o marcador dê por encerrada a dança.

MATERIAL

1 — BAMBUS — para execução dessa dança são preparados oito bambus de 4 metros, cortados na Lua Quarto



Minguante. Deverão ser queimados com a técnica de preparar varas de pesca; ficarão amarrados para não entortar, colocados em lugar plano e sem umidade.

2 — **CAIBROS** — Os bambus são colocados sobre 2 caibros de 6 metros, forrados na parte inferior com borracha de câmara de ar, para não deslizar.

3 — **TOCHAS** — feitas com latas e haste de madeira; na parte interna é colocada estopa com óleo Diesel.

BATEDORES

Os batedores (08) sentam-se à moda indígena sobre as próprias pernas, cada um nas extremidades dos pares de bambus. As batidas são em ritmo ternário (1, 2 bambus abertos, 3 fechados) deste o início até o final da coreografia.

MARCAÇÃO DA DANÇA

O marcador é elemento fundamental nesta dança para perfeita coordenação de movimentos dos bambus e dos dançarinos com a música. A voz do marcador inicia a música; em seguida ele marca a entrada dos bambus e depois dos dançarinos. Todos os movimentos coreográficos são marcados desde o início até o final da dança. Os bambus batem, dançarinos pulam, somente no final à voz do marcador, encerra-se coreografia, bambus e música.

MÚSICA

Usamos a música da Chula em rancheira, compasso ternário, tocada ao acordeão e mais a percussão dos bambus. Entretanto há liberdade na escolha da música, mantendo-se o ritmo ternário.



INSTRUMENTOS

Acordeão (aerofone)
Bambus (idiofones)

INDUMENTÁRIA

Temos usado "shorts" ou bermudas para os homens (dançarinos e batedores), camisetas coloridas ou camisas es-



tampadas. Para as mulheres saia-calça, ou "shorts" com sainha, formando uma só peça e miniblusa. Procuramos uma indumentária que facilita os movimentos coreográficos. Usamos tecidos estampados ou lisos em cores atraentes.

CONCLUINDO:

Não levou muito tempo para que esta dança, de origem estrangeira, pesquisada em outro município, depois de adotada por nosso grupo parafolclórico, fosse assimilada por pessoas do povo e passou a ser exibida, nas zonas suburbanas e rurais, embora de maneira mais singela, nas festas do ciclo junino: Santo Antônio, São João e São Pedro. Folclorizou-se a curto prazo. É o que chamamos de folclore de enxerto, de importação. Afinal de contas, o mundo é um só e a cultura se divulga, facilmente, através da imigração. É mais um tento lavrado pela interpenetração cultural.

O Grupo de Danças Parafolclóricas "Cidade Menina-Moça", do Centro de Tradições "Noiva Sertaneja", de Olímpia — a Capital do Folclore, apresenta seus agradecimentos ao Prof. José Sant'anna, obreiro incansável, a quem deve a Folclorística Brasileira trinta e quatro anos de serviços inestimáveis e à Profa. Iseh Bueno de Camargo, folclorista de muita inteligência e capacidade de emoção diante das coisas belas, pela vontade que ambos têm de contribuir e auxiliar para a permanência das manifestações folclóricas do nosso país.

A Comissão Executiva do 26.º Festival do Folclore, de Olímpia, agradece a colaboração prestada:

Estado de Minas Gerais

Itaú de Minas

Prefeito: Alberto Kirchner de Andrade
Grupo folclórico: Congada "Marinheiros de Itaú e Folia de Reis

Estado de Sergipe

Laranjeiras

Prefeito: Antônio Carlos Franco
Grupo folclórico: Dança-de-são-gonçalo (Povoado de Mussuca)

Estado de São Paulo

Barretos

Prefeito: Ibraim Martins da Silva
Grupo folclórico: Dança-de-são-gonçalo

Bebedouro

Prefeito: Edne Piffer
Grupos folclóricos: Folia de Reis e São Gonçalo

São José do Rio Pardo

Prefeito: Richard Celso Amato
Grupo folclórico: Caiapó (2 grupos)

Jundiá

Prefeito: Walmor Barbosa Martins
Grupos folclóricos: Catira e Folias de Reis

Votuporanga

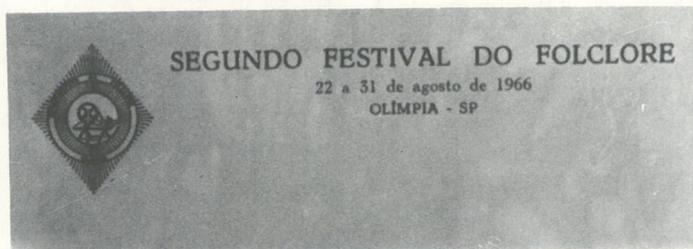
Prefeito: João Antônio Nucci
Grupos folclóricos: 2 Folias de Reis e Capoeira

Versos dos envelopes de correspondência dos Festivais do Folclore de Olímpia - 26 anos de existência

CÉLIO JOSÉ FRANZIN
Departamento de Folclore — Olímpia

Com muita honra realizamos este registro. Reunimos todos os envelopes de correspondência do Festival de Folclore de Olímpia, anualmente realizado no mês de agosto, e transcrevemos, de cada um, do 1.º ao 26.º FEFOL, as mensagens que estão impressas no verso desses envelopes. Queremos parabenizar Olímpia, cidade de porte médio, que provou que querer é poder, superando todos os obstáculos e transformando-se na Capital do Folclore Brasileiro. Nossa cidade é um paradigma de trabalho e dedicação pela causa do folclore, não só no Estado de São Paulo mas até mesmo no Brasil. É um exemplo importante que deve ser ressaltado, pois tudo até hoje foi realizado com grandes dificuldades de recursos. Às vezes nem chegamos a entender e acreditamos na realização de milagres operados pelo idealismo e persistência, embora percebemos que durante todo este quartel de século sempre imperou a boa vontade dos olimpienses.

1.º FEFOL — 1965



FESTIVAL DO FOLCLORE

Situada no Brasil paulista, no Vale do Rio Turvo, Olímpia não se destaca entre as grandezas do nosso país, apenas pelas suas gigantescas festas, mas se distingue, ao mesmo tempo, pelos prodígios de uma região feracíssima e promissora e a capacidade de trabalho dos denodados plantadores, no rude combate com a terra.

Este pedaço de chão paulista é obra de esplendor das cidades e povoados onde moureja ativa e encorajada a população urbana nos espigões que estendem margeados pelo Turvo até às barrancas do Rio Grande, onde vive o heróico sementeiro na luta pela produção da terra.

No traçado das paralelas dos verdes cafeeiros, na beleza do solo matizado pelos penachos dourados dos arrozais, pelo brancos capuchos dos algodoads ou pelo manto chamalotado das extensas paisagens, fonte da nossa riqueza pecuária, está vivo o esforço de nossa gente laboriosa, presa à gleba pelo amor ao trabalho. São pessoas desassombradas, sem as peias do fatalismo criminoso que manietas as almas, como combatentes de corações abrasados de fé, de ardor cívico.

E neste espírito, em Olímpia, não são conhecidos os tumultos e revoltas, atentados que marcam o sinal dos tempos, de revoltas contra a ordem, a disciplina e mesmo o desamor à Pátria, que não é apenas um símbolo, mas

uma realidade viva, um sentimento nobre que eleva e dignifica uma nação civilizada.

Tudo em Olímpia é um exemplo vivo de paz e felicidade. E é-nos grato falar que o Folclore e o seu Festival alicerçam a vida pacífica dos habitantes da terra.

A defesa do nosso folclore, amparada pelos nossos administradores, no estímulo ao elemento folc, faz de nossa Olímpia um centro de importância para a pesquisa e estudo da cultura popular.

Moçambiqueiros, congadeiros, foliões de Reis, dançadores-de-são-gonçalo, catireiros, enfim, todos os grupos de folclore são cercados pelas multidões que os douram à luz do alvorecer ou no esplendor dos crepúsculos abraçados.

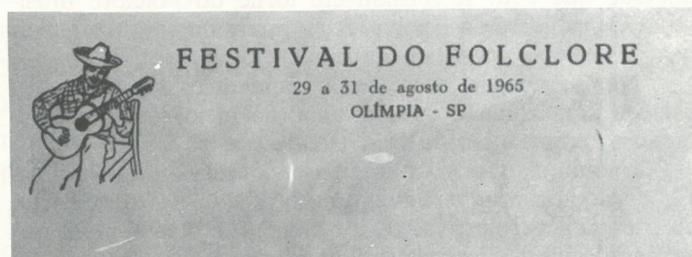
Não falemos da beleza do folclore: de sua música, cores, movimentos, dolências, ânimos e agitações, risos, aplausos e até lágrimas...

O folclore é tão rico e tão variado; tão variado e tão rico que chega, às vezes, à dificuldade de descrição.

Conhecê-lo é tão importante para a Nação como a religião é para a alma. Eis a razão por que vamos realizar o primeiro festival do folclore em Olímpia.

José Sant'anna

2.º FEFOL — 1966



JUBILEU DE PAPEL

Mas para que o Festival prosseguisse foi preciso manter, no espírito, pensamentos são e alegres. Tudo causou muita dificuldade, mas está absolutamente dentro do nosso poder mental, provando que Deus esteve sempre conosco. Para tanto, tivemos que semear antes de colher e esperar muito tempo, mas nos contentarmos com a esperança da colheita. O grande prazer da vida consiste no trabalho franco, aturado e consciencioso, do qual principalmente dependem a energia, a confiança e as boas qualidades. Aqueles que trabalham para o bem público, devem trabalhar por muito tempo e com paciência e muitas vezes sem o alento da esperança de sucesso ou de recompensa imediata. A semente que espargem fica, às vezes, enterrada debaixo da garoa do inverno e é possível que, ao regressar a primavera, os cultivadores já tenham ido para o lugar do eterno repouso.

Não há coisa alguma, por pequena que seja, que se deva desprezar, nem fato, ainda mesmo trivial, que não

possa ser de alguma utilidade, sendo cuidadosamente interpretado. O olho inteligente do observador atento dá valor às manifestações aparentemente simples.

A observação atenta de coisas pequenas é nas artes, nas ciências e em todas carreiras o segredo do sucesso. O conhecimento humano não é mais do que uma coleção de fatos pequenos formada por sucessivas gerações cuja parcela de saber e experiência, cuidadosamente acumulados, formam, afinal, uma pirâmide imensa. apesar de muitos desses fatos e observações não terem tido, ao princípio, senão pouca importância, todos eles acharam a sua utilidade e o seu lugar adequado.

Toda a lei da harmonia, da felicidade e do caráter está contida neste preceito de São Paulo: "Tudo o que for puro, tudo o que for verdadeiro, tudo o que for honesto, tudo o que for justo, tudo o que for amável, tudo o que for de boa reputação, tudo o que for virtuoso, tudo o que for louvável e digno, pensai-o, e venerai-o."

As bênçãos dos grupos folclóricos, através de suas músicas, cores e ritmos, convertidos por Deus em flores, sejam o tapete que, na carreira de muitos anos de vida, se descobre aos pés dos olímpenses.

José Sant'anna
Criador do Festival

3.º FEFOL — 1967

JUBILEU DE COURO

Olímpia que a Natureza enriqueceu na exuberância do seu solo fecundo:

Ontem — selva umbrosa, que o machado rasgou para que do seu solo virgem aflorasse a riqueza dos verdes cafezais e das extensas pastagens.

Hoje — jóia preciosa que, do alto dos espigões circundantes, os olhos do viajor descortinam, ao faiscar de luzes, no fundo do vale, como uma nesga do infinito estrelado, descido à terra para deslumbramento dos mortais.

Olímpia aqui está, de coração aberto, na alegria dos que ora se reúnem, para traduzir o sentimento de amor às coisas do Folclore. E Olímpia se sente feliz, em dar cumprimento à incumbência, de dirigir mais um Festival do Folclore.

Em Olímpia, melhor testemunho não poderia dar a admiração que aqui se formou em torno do Folclore Brasileiro. Os rumores do Festival repercutem no coro das justas ovações que se levantam da euforia do povo.

Não se apagam, nem se confundem os sinais que ficam de uma atuação que culmina, no meio social, assinando a importância da tradição de um povo.

Unânime, o povo olímpense conserva uma impressão duradoura e imperecível que lhe ficou, na consciência, ao presenciar o Festival do Folclore e expressa, num ato de agradecimento, a sua solidariedade.

A perfeição humana está, antes, em trabalhar para o bem da coletividade, cumprindo cada um seu destino, dignificando a vida, sem aspirar a recompensa e glórias efêmeras do que agitar-se para o alto, como bolhas de sabão cujo destino é refletirem as cambiantes do íris e voltarem ao nada que são, quando formadas e impelidas pelo vento que as ergue para o azul do espaço.

José Sant'anna
Criador do Festival

4.º FEFOL — 1968

OLÍMPIA E O FOLCLORE

O que eu valorizo é a pesquisa, o estudo, a análise do folclore na sua expressão de cultura espontânea, armanezada no trato social do dia a dia. Interessa-me e às entidades que eu represento, saber como vivem, pensam, sentem, agem e reagem as coletividades rurais e urbanas em tudo aquilo que não é consequência direta da ação

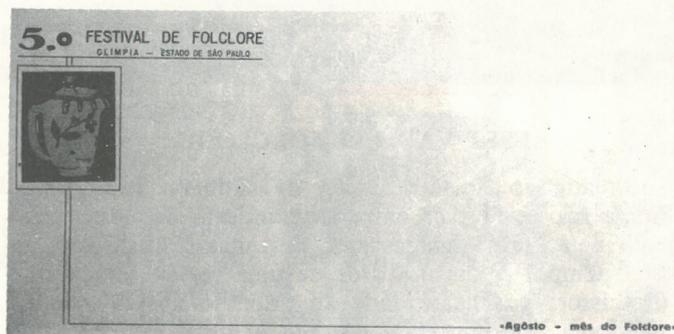
da propaganda organizada ou da atividade dos meios de difusão do pensamento erudito: escolas, academias, igrejas, imprensa, rádio, cinema, etc. E neste saber, que resulta inicialmente de uma simples coleta de dados e ulterior elaboração de relatórios sobre o material recolhido — sugestão que deixo aos estudantes de Olímpia — havemos de verificar, coisas que poucos imaginam, que o estudo do folclore, se bem que demarcatório de uma expressão nacional, muito longe de açular o espírito regional, nos levará ao encontro de índios, negros africanos, europeus e outros povos de que somos tributários em nossa aculturação, e assim, curiosamente, atingir à compreensão de verdade axiomática: na essência, a humanidade é uma, apenas com diferenças no seu contexto: locais, regionais, nacionais. Estudando folclore, permanecemos na diversidade e sutileza de todos os matizes de nossa índole, de nosso gênio, dentro dos limites geográficos, e ao mesmo tempo na ilimitada órbita humana. Folclore é campo aberto a todo o Brasil para atividade de teor científico, amplitude humanística e profunda emoção artística. É a pesquisa e a conseqüente compreensão do viver do povo e de nós mesmos, como parte dele, e necessita ajuda, reclama entusiasmo, busca vontade, requer amor porque Folclore, na sua alta expressão, já dizia Paul Sébillot é a própria ciência do amor.

Um folclorista tem a obrigação, especialmente de incentivar jovens interessados sem dúvida no assunto, porque são filhos de uma das cidades do Brasil, que mais promove o folclore e sua pesquisa: Olímpia.

A atividade que vem desenvolvendo Olímpia, através de seus estudantes e professores, no exemplo do colega folclorista José Sant'anna, pela nossa matéria, nos aspectos de estudo e pesquisa, deve merecer o reconhecimento e as homenagens de todos os especialistas em estudos brasileiros.

ROSSINI TAVARES DE LIMA
Presidente da Associação Brasileira de Folclore
São Paulo

5.º FEFOL — 1969



JUBILEU DE MADEIRA

Olímpia, cidade onde o Folclore é levado a sério, realiza, anualmente, no mês de agosto, um festival folclórico.

É uma belíssima festa para os olhos. Além da exposição folclórica (artes e técnicas populares), há uma exposição-feira de artesanato, cujos produtos são vendidos e a renda destinada aos próprios artesãos. São encontrados as seguintes peças: de barro, pano, madeira, cera, papel, bambu, palha de milho, couro, sedenho, fio de algodão e outros.

Existem várias tecelãs (já idosas) que ainda fazem, em tear manual, maravilhosos trabalhos como: colchas, coxonilhos, redes, etc.

O visitante, durante os dias da festa, tem oportunidade de saborear os pratos típicos da cozinha olímpense. Em praça pública exibem-se grupos de congada, moçam-

bique, fandango, caiapó, batuque, cururu, lundu, quadrilha, catira, jongo, cavahada, folia de Reis, folia de São Sebastião, folia do Divino, dança de São Gonçalo, etc.

Olímpia é um centro escolar de primeira ordem, sobretudo no setor do ensino médio e profissional. Por esta razão, os estabelecimentos de ensino lançam mão do estudo do folclore para o desenvolvimento dos aspectos antropológico, social e artístico para um maior conhecimento da cultura popular. As entrevistas e pesquisas de campo para a coleta folclórica estão no currículo escolar desde o curso primário. Os torneios de brinquedos infantis apaixonam a meninada. Os espetáculos estudantis de projeção folclórica extasiam os espectadores. É por esta razão que podemos afirmar: Olímpia sabe aproveitar o folclore no plano educacional.

As comemorações do Mês do Folclore têm a colaboração da Prefeitura Municipal e o estímulo da Comissão Estadual de Folclore e Artesanato (Conselho Estadual de Cultura) do Governo de São Paulo.

Falamos de Olímpia apenas em seu aspecto folclórico, mas Olímpia é muito mais. Venha conhecê-la.

A COMISSÃO EXECUTIVA DO 5.º FEFOL

6.º FEFOL — 1970



6.º FESTIVAL DO FOLCLORE
OLÍMPIA - ESTADO DE SÃO PAULO

OLÍMPIA - CAPITAL DO FOLCLORE

Falar que José Sant'anna é um olimpiense apaixonado é uma redundância, pois estaria perpetrando vício de linguagem.

Conheci-o em sua meninice e soube verificar os recursos de cortesia e bondade.

Conheci-o nas salas de aula, ele menino e eu adulto; acompanhei-o nos estudos, ele aluno e eu professor; aconselhei-o sempre, ele novo e eu experimentado. E assim estamos juntos em longo prazo de trabalho.

Distingue-se este moço pelo dinamismo em todo o campo de trabalho. É amigo da juventude e para ela é modelo.

Credenciado e estudioso é um dos grandes zeladores do Folclore Brasileiro.

Aproveita o mínimo de seu descanso das inúmeras responsabilidades que lhe são atribuídas para pesquisar o folclore. E, juntos estudamos esta ciência e nela temos bons anos de frutificante cooperação.

Preside os Festivais de Folclore os quais já levaram Olímpia a receber, e com toda a razão, o título "Capital Paulista do Folclore", e os preside diligentemente com acerto, singeleza, correção e agrado.

Estamos no mês de agosto e nele comemoramos o VI Festival do Folclore.

Neste festival estará sendo lançado o segundo compacto-duplo prensado pela Chantecler: "Olímpia e seu Folclore Musical", coletas musicais do ilustre professor Sant'anna, que marcarão perseverantemente esta efeméride.

Por esta razão, Olímpia é grata ao Sant'anna pelo que é e faz, pelo que oferece e aplica, generosamente, de sua inteligência, de seus dons, do seu tempo, de sua cultura e influência, felizmente, em prol do Folclore.

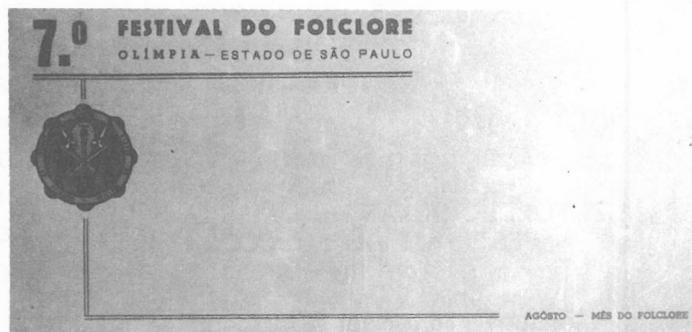
Isto posto, sinto-me na obrigação de convidar todos os irmãos brasileiros para, com a gente olimpiense, participar do 6.º Festival do Folclore, sem dúvida nenhuma,

um evento criado para os olhos e o coração de quem realmente ama as coisas belas do nosso pujante Brasil.

VICTÓRIO SGORLON

Comissão Municipal de Folclore de Olímpia

7.º FEFOL — 1971



JUBILEU DE CHUMBO

Folclore é como o nascer e o pôr-do-sol. Simples. Cotidiano. A sua beleza está no mistério que encerra. O simples mistério do que é natural. São almas intocadas e intocáveis na sua natureza que agitam a festa. Semeiam amor e preservam os usos e costumes, sem nada pedir. Folclore é o retrato vivo do que você não viu. Que ninguém viu. Folclore não tem época. É o ontem e o hoje. É a alma de um povo que, como a corrente de um rio, existe. As águas vão e voltam, sem desmanchar a corrente. Nada novo. Tudo de novo. Venha ver a arte popular que não morre nunca, porque é simples, porque é natural. Venha a Olímpia entre 9 e 15 de agosto, e você vai viver conosco as emoções da Cavahada e o ritmo quente dos nossos folguedos populares: Congada, Moçambique, Reizado, Guerreiro, Bumba-Meu-Boi, Caiapó. Os espetáculos impressionantes da Capoeira, do Maculelê e do Rodeio. A beleza incomparável de um Cordão de Bichos. As toadas dolentes das Foliás de Reis, de São Sebastião, do Divino Espírito Santo e de São João. O Candomblé. O Jongo e o Lundu. Ciranda, Fandango, Catupé, Vilão, São Gonçalo, Carimbó. Tambor de Índio, Tambor de Mina e Tambor de Crioula. A graciosidade das danças: Pau-de-Fitas, Bambu, Catira, Chula, Facões, Pericom, Cana-Verde, Balão, Rancheira de Carreirinha, Rilo, Caranguejo, Maneiro-Pau, Pezinho, Chote, etc. As encantadoras Serestes. Tudo isso fará você gostar mais do que é nosso. É um momento de afirmação nacional. Venha conhecer a Capital do Folclore. Venha conhecer Olímpia e sorrir com ela.

Dimas Egydio dos Santos
Professor — Olímpia

8.º FEFOL — 1972

O evento que se realiza nesta formosa Olímpia — Capital do Folclore — é dos mais expressivos e da mais alta significação, porque congrega os grupos autênticos do Folclore Nacional.

Os organizadores desse Festival que resolveram denominá-lo de "Grande Festival Verde-Amarelo do Sesquicentenário", em comemoração aos Cento e Cinquenta Anos de nossa emancipação política, dignificam Olímpia, honrando sobremodo o Brasil, neste cantinho do gigante São Paulo, onde militam há muitos anos, espargindo luzes com seu talento, com sua cultura, com sua inteligência, em favor da grandeza do Brasil e, principalmente, pela divulgação do folclore pátrio.

Saúdo, portanto, nesta oportunidade, todos quantos militam no Folclore, ao ensejo da realização do 8.º Festival, porque este elenco de brasileiros exerce, sem nenhuma dúvida, os mais relevantes serviços em favor da pátria

comum, porque eles, diante do estudo da ciência folclórica fazem a melhor escola, em termos de brasilidade e em termos de Brasil.

O Festival do Folclore de Olímpia é indescritível pelo excesso de beleza que encerra.

Eis a razão pela qual gostaríamos de contar com a presença de muitos brasileiros, em Olímpia, durante a realização de mais um Festival do Folclore: 14 a 20 de agosto.

Dr. Wilquem Manoel Neves
— Prefeito Municipal de Olímpia —

9.º FEFOL — 1973

OS FOLCLORISTAS DE OLÍMPIA E OS FESTIVAIS DO FOLCLORE

Rui Barbosa disse: “De tanto ver triunfar as nulidades, de tanto ver prosperar a desonra, de tanto ver crescer a injustiça, de tanto ver agigantarem-se os poderes nas mãos dos maus, o homem chega a desanimar-se da virtude, a rir-se da honra, a ter vergonha de ser honesto”.

Encontramos, realmente, muitos obstáculos e dificuldades e sérios problemas em tudo aquilo que realizamos. Mas, contrariando as palavras do Rui, prefiro ficar com as de Osvaldo Cruz: “Não esmorecer para não desmerecer”.

Um pouco de dificuldades, de problemas e de obstáculos é até muito bom. Quando tudo o que desejamos se consegue com facilidade, haverá uma tendência muito grande para perdermos o estímulo, por não haver esforço. O nosso sacrifício, a nossa luta, darão à vitória final, maior alegria e verdadeira felicidade.

Por isso, meus caros folcloristas olimpienses, não há problema que a vontade humana não vença, principalmente quando a nossa força de vontade é aliada à fé em Deus.

O 9.º Festival de Folclore aí está: 13 a 19 de agosto de 1973.

Aos olimpienses cabe desenvolvê-lo, preservar e pagar a cultura popular, honrando Olímpia onde moram, honrando o Estado de São Paulo, honrando o Brasil.

Ao finalizar, gostaria de colocar em destaque a figura do extraordinário folclorista, professor José Sant’anna, timoneiro incansável dos nossos festivais — conseguiu ele vencer todas intempéries e colocar em lugar de destaque, nossa Olímpia, hoje transformada em Capital do Folclore.

Quero também distinguir com uma citação pública, os demais membros da Comissão Municipal de Folclore pelo esforço e luta, pelo desejo veemente de vencer e de obter sucesso.

Desejo a todos os folcloristas a proteção de Deus — de maneira que possam colocar os tesouros de bondade e de cultura a serviço de um ideal de beleza e de paz.

E aos visitantes do nosso Festival do Folclore, momentos de muita cultura brasileira, paz, alegria e grande amizade entre os concidadãos.

Dr. Alfonso Lopes Ferraz
— Prefeito Municipal de Olímpia —

10.º FEFOL — 1974

JUBILEU DE ESTANHO

É com renovado entusiasmo que anualmente nós, olimpienses, aguardamos a realização do nosso Festival do Folclore.

Com simpatia assistíamos, alguns anos atrás, às suas primeiras tímidas manifestações que se originavam, antes de tudo, do carinho que seus idealizadores dedicavam à cultura do povo e da necessidade de transformar este respeito pelo folclore numa grande manifestação, uma festa do povo olimpiense para todo o Brasil.

Idéias, planos e atividades foram se adensando, conquistando a admiração de todos pela sua amplitude e beleza, projetando Olímpia para muito além de seus limites territoriais.

Mas o Festival de Folclore não se limita às apresentações de elementos da cultura popular. Todo olimpiense recorda os grupos autênticos de danças, de folguedos populares, bailados; as exposições de arte e artesanato que anualmente são montadas para que o público possa apreciá-las devidamente.

Outras promoções integram ainda necessariamente a realização de cada Festival.

Nunca os seus organizadores se esqueceram do aspecto cultural de um empreendimento de vulto como este. Para compreender o folclore é preciso conhecê-lo; conhecendo-o nós o respeitaremos e procuraremos preservá-lo como o legítimo antepassado da nossa própria cultura. Assim sendo, muitos olimpienses vêm estudando o Folclore Brasileiro através dos muitos cursos já ministrados.

Haveria muito ainda que dizer sobre o FEFOL: a apresentação de grupos autênticos, as barraquinhas da Praça Rui Barbosa, as serenatas, o afluxo de ônibus lotados que diariamente trazem tanta vida e calor à cidade. Mas é difícil fazer sentir toda esta beleza. Não podemos ensinar o que é o Festival do Folclore de Olímpia, mas com muito orgulho e prazer, dizemos-lhe: Venha ver. Venha sentir o Folclore Brasileiro bem de perto. E no fim, um majestoso desfile encherá seus olhos de cores, de harmonia, de beleza, de passado e de presente, de tradição e de atualidade. Tudo se fundirá aos seus olhos, na sua mente e no seu coração com uma só mensagem — Festival de Folclore de Olímpia: Brasil de ontem, hoje, para sempre.

Palmira Marcelina Degásperi Rodrigues
Professora de Filosofia
Olímpia

11.º FEFOL — 1975

FOLCLORE

No dia 22 de agosto de 1846, em Londres, foi criada pelo arqueólogo inglês, William John Thoms que a propôs à revista *The Atheneum*, para designar os registros dos cantos, das narrativas, dos costumes e usos dos tempos antigos. Thoms escolheu duas velhas raízes saxônicas: Folk, que significa povo, e Lore, saber, formando assim Folk-Lore, sabedoria do povo. Com o decorrer do tempo, as duas palavras foram grafadas sem o hífen, formando uma só: Folklore, como foi usada no Brasil, até que a reforma ortográfica suprimiu a letra k, substituída, no caso, pela letra c, derivando a forma Folclore.

A palavra povo, que usamos a toda hora, precisa ser bem compreendida, pois tem diversos sentidos, de que salientaremos os principais. Povo é a gente que, embora, de várias raças, possui um modo de vida comum e habita um mesmo território. Confunde-se com a idéia de nação. Assim nós falamos do povo brasileiro, do povo francês ou do povo alemão. Assim dizemos que os deputados são os representantes do povo. Povo pode ser também uma aglomeração de gente, quando se diz que havia muito povo numa festa ou numa manifestação. E, por fim, povo é a gente que pertence às camadas menos favorecidas, econômica, social e culturalmente, da sociedade, por exemplo, quando se diz que o povo fala errado. Neste último sentido, é que entendemos povo (em inglês folk) na concepção do folclore, a sabedoria do povo. E a expressão se usa também para indicar os grupos em estado mais simples e natural, de vida rudimentar. Os nossos índios por exemplo. Também estes nos interessam, pois muitos autores os fazem portadores de folclore.

O Folclore, sendo a sabedoria do povo, a cultura do povo, abrange todos os campos da vida humana, incluindo

seus mitos e lendas, suas estórias, parlendas, adivinhas e provérbios, seus contos e encantamentos, suas juras, pre-gões, xingamentos e gestos, e também suas danças, seus teatros, suas artes, seus instrumentos e cantigas, suas festas tradicionais, suas crenças e credences, sua magia, seus tabus e superstições, sua medicina, seus rezadores e ben-zedores, suas trovas, desafios e romances, suas orações, seus brinquedos e seus jogos, suas técnicas populares, suas rendas, bordados, trançados e cestarias e sua cozinha.

Eis a importância do trabalho que se desenvolve em Olímpia em prol do folclore.

Maria de Lourdes Borges Ribeiro
Assessora de Folclore do MEC

12.º FEFOL — 1976

JUBILEU DE SEDA

Um ideal são como as sementes de certas plantas crestadas pelo sol, varridas pelo vento, que se agarram às frinchas de um rochedo, mergulham aí suas raízes e atiram aos ares as ramadas verdes, florescendo e frutificando-as.

Há doze anos lançávamos esta sementinha fértil em Olímpia, vigoroso pedaço de chão paulista, rico e promissor, onde o visitante encontra mais que isso — que são os valores do folclore, folclore constituído de almas cheias de fé e crenças nos altos destinos do Brasil.

Era, então, o ano de 1965, mês de agosto, nesta encantadora Olímpia, perto da qual São Paulo se separa de Minas Gerais pela linha rumorosa do Rio Grande, que tal sementinha germinou.

E surgiu, conseqüentemente, um Festival do Folclore de beleza ímpar, falado e cantado em língua portuguesa, língua que une e prende os brasileiros, dando-lhes, ao todo coletivo, consistência orgânica, caracterizando-os por qualidades específicas, personalizando-os, criando-lhes alma agrária.

Por isso, o folclore alicerçou, com muita profundidade, suas raízes abundantes no solo fecundo de Olímpia.

O exemplo do primeiro Festival do Folclore, realizado com método, ordem, disciplina e prescrições rígidas, cuja observância são condições para vencer, ficou conosco, e guardado com carinho, ser-nos-á outras tantas lições para novas lutas.

Sem conhecer esta cidade e observar o movimento que lhe imprime a aglomeração de tanta gente nos dias da realização de seu principal Festival, é impossível descrevê-la.

Nosso ideal floresceu como sementeira abundante e Olímpia há de ser para sempre a adorada Capital do Folclore, erguida pelo valor e pelo brio de um festival de esplendor majestoso.

José Sant'anna
Criador do Festival

13.º FEFOL — 1977

A RAIZ DA ALMA

Às vezes o espírito intranquilo e angustiado volta-se para milhões de anos atrás e começa a distinguir uma nebulosa confusa onde acredita ter se formado a vida: foi à beira-mar, num atol em algum lugar do mundo que as águas ainda aquecidas e borbulhantes de gases estagnados entre pedras de coral deram origem a uma pequena célula que cresceu, engordou e se dividiu em duas. Partiram-se sempre e se juntaram depois formando um ser vivo maior, que os milhões de anos posteriores deram origem ao homem.

Vendo o sol e a lua, os raios e os trovões, a vida e a morte, o homem sentiu dentro de si o nascer de um sentimento de medo e de alegria que traduziu em cantos e danças que aplacavam seu temor e excitavam seu prazer.

Esse transbordar de sensações mais interiores e originais criou em cada povo o seu modo de ser e de viver que devemos respeitar e continuar sem modificar: é sua alma ancestral.

Uma vez em Portugal, na inauguração da maravilhosa ponte da Arrábida que sobre a foz do rio D'Ouro liga a cidade do Porto à Vila Nova de Gaia, eu assisti ao desfile de todas as regiões do País em grupos coloridos que dançavam e cantavam suas lindas danças e canções regionais: eram as Folias de Reis, ou Bumba-meu-boi, os Pauliteiros, as Cavalhadas entre mouros e cristãos, paus-de-fitas, canas-verdes, tudo que a tradição antiga criou e que a vida moderna continua com respeito e amor.

Naquele momento de emoção e beleza com fogos de artifício incomparáveis surgindo das embarcações do rio, eu me recordava também das lendas antigas do meu longínquo Brasil e num desvario da alma ficava ouvindo e vendo as danças e cantos dos nossos índios e nossos negros, simples e pobres, mas também altivos, fazendo estrondar pelos ares o ruflar dos seus tambores de paz ou de guerra nas congadas, moçambiques, jongos, caiapós, carimbós, tambor de índio e candomblés com que a alma pura, bela e primitiva do nosso povo conservou dos seus antepassados, através dos séculos, todo o encanto que em tempo algum haverá de esquecer.

Dr. Custódio Ribeiro de Carvalho
Médico Olimpense

14.º FEFOL — 1978

OLÍMPIA — ESTADO DE SÃO PAULO

As minhas congratulações efusivas incluem a solidariedade imediata e lógica à cidade de Olímpia, que se fez por deliberação consciente, a linda Capital do Folclore no Brasil autêntico. Mais uma vez, Non ducor, duco!

A confusão pejorativa para o entendimento estudioso do Folclore está no seu título inglês de 1846, inseparável no uso festivo ou erudito. Traduzindo-o, valoriza-o a Evidência da utilidade analítica: Cultura Popular! e não limitado ao registro condescendente de regionalismo pitorescos, lúdica do Interior retardatário, constatação de curiosidades sobreviventes e seculares. Para uso turístico... Mais de sessenta anos dediquei meu esforço provinciano, numa obstinação de jumento do Seridó, a demonstrar que as atividades indispensáveis ao Deus Progresso, mesmo o esplendor da Mecânica condicionadora da Vida Moderna; os poderosos mistérios da Mentalidade e da Inspiração, individual ou coletiva, tudo quanto constitui a dinâmica da Convivência emerge da tradição milenar da Comunidade humana, que a Ecologia caracteriza sem anular a distinção nacional.

O estudo do Folclore será a notoriedade consciente do nosso patrimônio hereditário, transmitido e perene no milagre da Oralidade e no exercício diário do Costume, a Cultura Inicial, o Legislador instintivo. É a genealogia dos Atos Antepassados, motores dos Contemporâneos, o jubiloso conhecimento das raízes que explicam a flor e o fruto. É a única fórmula de intimidade com os milênios criadores da diuturnidade. É quanto tentei expor nos dois tomos da Civilização e Cultura, Ed. José Olympio, Rio de Janeiro, 1973, na História dos Nossos Gestos, Ed. Melhoramentos de S. Paulo, 1976, no painel do Dicionário do Folclore Brasileiro, dois tomos, 1972.

Enfim, como se lê no Evangelho de São João: aquele que vem da Terra é da Terra e fala da Terra! Fala, ama, perquire, glorifica o Antecedente. O Antecedente é o Folclore...

Para meu sereno orgulho, brasileiro e octogenário, Jogos Olímpicos referir-se-ão aos festivais, aos congressos, encontros, cursos, realizados em Olímpia, terra brasileira de São Paulo.

Votos pela sua tenacidade, alegria, esperança, êxito, permanentes!

Luís da Câmara Cascudo
(Sociedade Brasileira de Folclore)

15.º FEFOL — 1979

JUBILEU DE CRISTAL

O mistério do sobrenatural sempre causou no homem manifestações de mágica preocupação. Do céu, de que há um pouco em cada um de nós, estabelece ele um contato com as entidades supratelúricas, em forma de meditação, cânticos ou festas. Na evocação popular, ao contrário do que conhece com o Espiritualismo, não há preocupações maiores em se conhecer o mistério da vida. As divagações às eternas perguntas: de onde vim? para que vim? para onde vou? não fazem parte dela. Parece-nos que, tradicionalmente, as festas populares de caráter místico, interrelacionam-se exclusivamente com as coisas temporais. A natureza é a mãe suprema. Assim, reza o homem para chover, na esperança de fartas colheitas, ou para extinguir pragas que assolam as plantações. São festas e rituais que chegaram até nós pela tradição, alentadas pelo sentimento do sobrenatural.

Uma das festas, mais populares, em São Paulo, é a Folia de Reis, cuja origem parece ser portuguesa, e relacionada aos rituais da fecundidade. Hoje, tem propósitos mais amplos, e seus seguidores oferecem o ritual para o pagamento de promessas, as mais diversas. O mestre da Companhia oferece seus préstimos ao “promesseiro”, a quem compete o custeio da festa, para qual são juntados os donativos angariados durante a peregrinação também chamada “giro” ou “viagem sagrada”, o que, em nossa região, é feito entre meia-noite do dia 24 de dezembro e 6 de janeiro, em jornada ininterrupta. A chegada à casa do promesseiro se dá no Dia de Reis, com o local já preparado para a recepção da folia. A chegada é alegre e cerimoniosa, com passagem pelos arcos (feitos de bambu) e que são em números de 3 ou 6. São oferecidas pelos promesseiros, 3 mesas, em ordem de procedência: a dos Anjos (para as crianças); a dos Convidados (marmanjos) e a dos Figurantes da Companhia. É a chamada “Festa da Porteira Aberta”, na qual os próprios membros da Companhia fazem as vezes de garçom. Aí são servidos vários pratos, destacando-se as carnes de vaca, leitoa, frango e cabrito. As Companhias não apresentam um número fixo de participantes, variando de 11 a 20, e suas figuras principais são: mestre, contra-mestre, ajudante, contralto, 5.ª voz e tala.

Em Olímpia há mais de 30 Companhias de Folia de Reis, que perfilham à “baiana” e “mineira”. Seu grande protetor é o conhecido professor José Sant’anna, que é, também, o grande responsável pela realização do Festival do Folclore que se realiza em Olímpia, em todo agosto de cada ano. Graças àquele ilustre professor e folclorista emérito, Olímpia preserva, para a pátria comum, o germe da cultura popular, inocente flor que, teimosamente sobrevive nas estéreis ranhuras do progresso.

Compareça ao 15.º FEFOL, de 14 a 21 de agosto, e assista aos espetáculos metafolclóricos das Foliadas de Reis, juntamente com outros folguedos. Assim Olímpia cumpre seu grande destino: o da preservação e o do incentivo à cultura folclórica brasileira.

Dimas Egydio dos Santos
Departamento de Folclore — Olímpia

16.º FEFOL — 1980

FESTIVAL DO FOLCLORE

Vindo de uma zona velha para Olímpia, a cidade menina-moça, longe estava de imaginar a grandeza de culto que aqui se presta às mais legítimas tradições dos costumes de nosso povo.

Nestas plagas bonitas de nosso Estado, forjadas no caldeamento de todas as raças, remanesçam ainda, em toda a sua inteireza e simplicidade, como que por encanto, antigas práticas populares, dos rudes sertões de outrora, a perpetuarem-se no tempo, a enfeitar os olhos de hoje, a acariciar os ouvidos de quem vive agora e a dar emoções de um rico passado, que um pugilo de olímpenses dedicados entre os quais sobressai a tenacidade do incansável professor José Sant’anna, não permitiu fosse lançado nas dobras do esquecimento.

Vi, assim, com estes mesmos olhos e com esta minha alma que Deus me emprestou, os Festivais do Folclore de Olímpia, no mês de agosto.

Contemplei e ouvi embevecido, entre outros quadros maravilhosos os conjuntos Folia de Reis, Folia do Divino, Congada, Moçambique, Reisado, Guerreiro, Bumba-meu-Boi, Cavalhada, Batuque, Samba-Lenço, Vilão, Catupé e outros.

E, com emoção indescritível, assisti, do alto de minha residência, ao assentar-se uma noite calma, à passagem do “Caiapó”, com suas vestes de capim, o tom azulado das partes descobertas do corpo e o ajustado ritmo de seus instrumentos de madeira e osso, tudo autêntico, perfeito, sem inovações deturpadoras.

Assim se cultivam entre nós as tradições dos usos e costumes do povo, em inaudito esforço de larga expressão cultural, tanto que a cidade “menina-moça” logrou, com muita justiça, a denominação de “Capital do Folclore”.

Entendo indispensável, pois, um mais decisivo apoio, sobretudo material, dos poderes públicos, máxime, o estadual para através dos anos tais festas se tornem uma constante, a alegrar e instruir as gerações porvindouras, dando-lhes o folclore vivo, o mais eficiente método de ensinar.

Dr. Djalma Rubens Lofrano
Juiz de Direito
Olímpia

17.º FEFOL — 1981

Da natureza exuberante e pura, do indígena intocado e livre, do negro forte e sofrido, do branco de origens diversas a ganhar espaços, nascemos um dia — Brasil e brasileiros. Fazendo a nossa história, lutando pela grandeza da terra e aprimoramento do homem, sem perdermos nossas raízes, nos orgulhamos de preservar a cultura de nosso povo — o Folclore.

Com cantos e danças, mitos e lendas, artesanato, culinária, credices e superstições, medicina popular, brinquedos infantis, enfim, com tudo aquilo que constitui criação do povo que conserva a sua identidade, o seu “ser brasileiro”, pelo carinho que dedica à cultura popular, OLÍMPIA aguarda a sua visita e participação em mais um grandioso Festival do Folclore. Venha desfrutar conosco destes autênticos momentos de afirmação da nossa cultura popular.

OLÍMPIA, no seu 17.º Festival do Folclore — 9 a 16 de agosto de 1981, é todo Brasil diante de você.

Palmira Marcelina Degásperi Rodrigues
Professora de Filosofia
Olímpia

O CRIADOR DOS FESTIVAIS E O FOLCLORE

Olímpia, filha do sertão, nascida no coração de um grande vale, tinha tudo para se tornar uma cidade padrão, em estudos folclóricos, isto é, no cultivo dos usos, hábitos e costumes de nossa gente e na preservação das mais caras tradições de nossa terra.

Para sua glória, a um de seus filhos, não escapou a real significação de tudo quanto emana do espírito do povo. É óbvio que nos referimos ao Prof. José Sant'anna. Esse moço cheio de entusiasmo, começou por fazer "pesquisas de campo" e, em seguida, a registrar tudo quanto brotasse da alma simples e ingênua dos humildes filhos do sertão.

Em 1965 realizou o 1.º Festival Folclórico. Daí por diante, não mais parou. Hoje, o criador dos já tradicionais festejos de agosto, conta com valorosa equipe de colaboradores, porque (para usar a linguagem bíblica, tão de seu agrado) ele foi como o semeador que rasgou o solo e pôs a semente para germinar. A planta surgiu tenra, cresceu, tornou-se árvore, ganhou porte e o semeador não pôde atingir mais, com as próprias mãos, os ramos das alturas.

A despeito, porém, da repercussão e do vulto que tomaram os festivais folclóricos de Olímpia, há os que não compreendem o alcance do folclore ou que lhe meçam o valor, apenas, pela coreografia pitoresca de suas manifestações mais interessantes.

Entretanto, na cooperação vicinal das populações rurais; nos cantos melancólicos ou alegres dos caboclos; nas noites negras ou claras de luar; nos ritmos frenéticos de nossas danças; na crença fervorosa em um Deus criador de todas as coisas; no árduo trabalho do cotidiano; no alvoroço dos folguedos infantis; nas horas de intensa euforia e até nos momentos de grandes dores, os nossos antepassados formaram hábitos, criaram usos, geraram costumes, legados às gerações porvindouras e que permanecem como brasas dormentes, à espera do sopro da brisa para que despertem e crepitem em fagulhas saltitantes.

Rothschild Mathias Netto
Presidente da Comissão de História
Olímpia

19.º FEFOL — 1983

Os nossos irmãos do Sul estão tristes: as águas das enchentes levaram os seus bens, e já não cantam as suas canções!

Os nossos irmãos do norte estão cansados e sequiosos: as intermináveis secas queimaram as suas vidas, e já não dançam os seus frevos!

Entretanto, no centro-sul deste enorme país, que é o Brasil, uma cidade se prepara para ser, pela décima nona vez, o palco da festa do povo: é Olímpia, no Estado de São Paulo que se organiza para o 19.º Festival do Folclore, o encontro dos brasileiros na apresentação e exibição de suas culturas artísticas e filosóficas populares, consubstanciadas na música, na dança, na pintura, no artesanato, nas mais variadas expressões místicas ou religiosas.

Sim, aqui em Olímpia, há quase vinte anos, o povo brasileiro vem trazer aquilo de mais puro que a própria natureza lhe deu através de sua imanência desindexada dos tecnicismos e de mil e uma barreiras mentais que os fabricantes das novidades criaram na infelicitação do espírito humano.

Aqui em Olímpia, nesse encontro da cultura popular dos brasileiros, mais do que nunca, e sempre mais, você esquecerá, ao menos por uma semana, as crises nacionais e as suas dores, as perdas e as suas tristezas, e

deixará livres sua alma e seu coração e seu coração a falar, a cantar e a dançar a plenitude de sua poesia, na força do seu corpo de patriota, em quem a esperança nunca morre e para quem as manhãs que surgem são novos prelúdios de amor a justificar-lhe a vida e a sua crença neste grande Brasil.

Todos o esperamos, pois, brasileiro dos mil recantos da nossa Pátria, para, juntos, celebrarmos mais uma Festa de nossa cultura folclórica, sob a coordenação do incansável Prof. Sant'anna.

As nossas alegrias e folguedos serão uma fraternal homenagem aos brasileiros que sofreram e sofrem as agruras de graves problemas, tal é o caso dos queridos irmãos do Sul e do Norte, cujas presenças, em Olímpia, tanto nos engrandecem.

José Constantino Ferratto
Diretor de Escola
Olímpia

20.º FEFOL — 1984

JUBILEU DE PORCELANA

O folclore nasce e se desenvolve no seio do povo, no sentido das classes mais humildes, social, econômica e intelectualmente da sociedade, o que chamamos no Brasil a gente do povo; e no meio dos primitivos das sociedades agrárias. Chega também o folclore aos altos estágios da sociedade, onde vive aliás, de empréstimos, pois neles não tem vida própria, e também neles se projeta, como inspiração, pois o folclore oferece permanente motivação de arte. Outras vezes, e isso é comum no meio do povo, o folclore vem do aproveitamento de coisas eruditas que baixam aos meios populares, onde são adaptadas, aceitas, transformadas, folclorizadas.

A contribuição que o folclore vem dando à cultura brasileira é significativa e do mais alto alcance, esclarecendo, explicando, justificando fenômenos da sua inteligência, da sua sensibilidade, da sua ação.

Devemos recordar as fontes de nosso folclore, que está nos cantadores, nos contadores de histórias, nos dançarinos, nos artesãos, nos brincantes, bem assim nos que, pela crença, pela prática, pelo conhecimento, guardam os elementos da vida da gente folk, ou melhor, fazem sua própria vida, dentro de tais elementos tradicionais. Neles encontraremos as raízes mais profundas do nosso povo, nas suas idéias primitivas, na espontaneidade de suas manifestações, na funcionalidade de sua vida.

As comemorações que em agosto se realizam em todo o País, através das mais variadas formas, inclusive das projeções dessa sabedoria, mostram que o Brasil, nessa ânsia de integração, busca realizá-la estudando o modo de ser de sua gente, nas suas expressões rudimentares, nelas perscrutando os traços fundamentais de sua psicologia, da sua ação e da sua continuidade.

O dia 22 de agosto — Dia do Folclore — comemorado em vários países, e oficializado pelo Decreto n.º 56747, de 17/8/1965, é o dia do povo do Brasil, daqueles que investigam e cultivam as forças dessa criação contínua, elo da nacionalidade.

Merece louvor a cidade de OLÍMPIA, no Estado de São Paulo, que se junta a essas demonstrações do "Mês do Folclore", evidenciando seu alto empenho em associar tão fecunda atividade aos grandes episódios universais, aqueles que relembram a unidade cultural dos povos e dos homens.

Condensado de uma carta do Prof. Renato Almeida, diretor-executivo da C.D.F.B., dirigida à Comissão de Folclore de Olímpia, em agosto de 1973.

FESTIVAL DO FOLCLORE

Marioridade

O civismo e o patriotismo são atributos inerentes à Nação. Estão intrinsicamente ligados aos costumes e às tradições de um povo. Não são o simples bater no peito, nem hastear o pavilhão nacional. São muito mais que isto. É amar à Pátria de corpo e alma. É dar tudo à Pátria sem nada pedir. Enfim, é a prática do verdadeiro, puro e desinteressado amor.

Raríssimas pessoas praticam o amor ao Brasil com tanto entusiasmo e desprendimento. Podemos contar com dedos. Além disso muitas são lendárias.

Dentre esses heróis há uma figura que poderia ser chamada até anônima. Fez mais pelo Brasil que plêiades de personagens que abrem manchetes nos diversos órgãos da imprensa (falada, escrita e televisionada). Simples como o folclore, singelo como o crepúsculo, sua vida é um prelúdio de amor imortal ao futuro da Nação. Ama o povo mais que a si mesmo. Doou sua existência a Olímpia e ao seu folclore. Graças a ele, a pequena Olímpia foi projetada para o Brasil e para o mundo. Há mais de 20 anos promove, com muito sacrifício pessoal, o encontro de brasileiros das mais distantes unidades federativas. Conseguiu fazer de Olímpia a Capital do Folclore. Trata-se do abnegado e idealista Prof. José Sant'anna, um brilhante e competente folclorólogo. A figura simples, porém cativante do valoroso pesquisador Sant'anna, dispensa comentários. Ele é, sem dúvida, o pai dos nossos festivais, sem contar o que fez pelo folclore antes da realização do 1.º Festival em 1965. Ele plantou nas terras da "Cidade Menina-Moça" a semente que dará este ano o 21.º fruto. São 21 festivais. São 21 vitórias do povo cultuando os usos e costumes, preservando nossas tradições.

Com carinho, convidamos o Brasil para assistir ao 21.º Festival do Folclore, o da emancipação da CAPITAL DO FOLCLORE. De 11 a 18 de agosto, OLÍMPIA, de braços abertos, espera contar com sua presença. Venha ver o folclore brasileiro e valorizar as nossas raízes. Em uma semana, Olímpia será a passarela por onde desfilará com lindas cores (que o Criador presenteou) o que há de mais puro em nossa gente: a cultura espontânea, o folclore que emana da alma do povo e que encanta todos os corações. Venha assistir ao Brasil. Venha beber civismo e patriotismo, conhecer a pureza da nossa gente. Certamente gostará e, ao retornar, levará sabedoria, pois folclore não é quinquilharias, nem só objetos de museu ou cafonismo. Folclore é cultura viva. É o ontem e o hoje. Será o amanhã do dinamismo ditado pela funcionalidade do fato folclórico. O folclore está na escola, na rua, no trabalho, no lazer, enfim em todos os lugares em que há grupos humanos, independentes do nível de escolaridade. Folclore é tudo. Você também faz parte do Folclore!

José Carlos Rossato
Presidente do Centro de Folclore
Votuporanga — SP

22.º FEFOL — 1986

VINTE E DOIS ANOS NO EXERCÍCIO DA ESPERANÇA

Nome completo: OLÍMPIA, CAPITAL NACIONAL DO FOLCLORE.

Seu filho dileto: o 22.º FESTIVAL NACIONAL DO FOLCLORE. Família grande, heim? Ambos têm uma bonita história a contar: Tudo começou graças ao amor para com as cousas simples do povo: suas lendas, suas danças,

seus mitos, seus quitudes, seus ritos, suas cantigas, sua maneira de ser...

O mago foi o Professor José Sant'anna, moço ainda, irrequieto, sonhador, aquele que sabia fazer das dificuldades um temerário convite ao desafio, pois sabia conviver com a alma popular através do estudo e da doação e, quando a cousa apertava, como ainda o faz em nossos dias, mandava urgentes telegramas aos Céus (Ele é íntimo dos anjos e possui, ocultamente, o astrolábio que lhe ensina os meandros dos Evangelhos). Não gosta de deixar a peteca cair no chão. Seu lema: seguir adiante. E tudo geralmente termina bem. O Festival está aí, para quem quiser ver: bonito por antecipação, bem planejado, mandando carinhosos recados aos que amam desinteressadamente as tradições populares brasileiras.

Ver Olímpia no Mês de Agosto é ter oportunidade de conviver com a beleza sob forma de Folclore; é estar numa ilha de festas rodeada de laranjeiras por todos os lados. Não vir a Olímpia, não estar aqui, não ser testemunha das vivências populares é adiar a irrepitível oportunidade de se enxergar o mundo através de uma vidraça muito colorida e de poder reconhecer a alma brasileira refletida no espelho das coisas do povo.

Ático Vilas-Boas da Mota
Presidente da Comissão Nacional de Folclore

23.º FEFOL — 1987

O FESTIVAL A PASSOS GIGANTESCOS

Olímpia já em ritmo de festa; o 23.º Festival do Folclore chegando a passos céleres. Parece impossível, pois ainda ontem estávamos envolvidos com o 22.º FEFOL. Éh!... o tempo passa e, para mim, este já é o 17.º festival olimpiense. Naquele distante agosto de 1970, professora que percorrera longa jornada, no norte do Estado, no litoral e anos sem conta na capital paulistana, professora que mal lia o ABC do folclore, mas o amava, e o procurava por ínvias trilhas, quando aqui cheguei, sabendo ser Olímpia o último reduto onde procurar nossas raízes. Em Olímpia, julguei ser vítima de pesadelo. Um grupo de homens azuis, índios pelos saiotes de capim, cocares e flechas, negros pela cor da pele, correndo e gritando atrás de um jovem que fugia com uma bugrinha de vermelho. Onde viera parar? Descobri, pouco depois, que estava em pleno festival, que os Caiapós apresentavam ao público parte do seu ritual e que o jovem ladrão nada mais era que o criador e coordenador daquela maravilha que nos foi permitido assistir: Prof. José Sant'anna. Fiz-me olimpiense de alma e corpo inteiro. Trabalhamos juntos, lutamos para a ampliação dos festivais e é com júbilo que hoje posso convidá-los para o 23.º FEFOL, ocasião única, em todo país e na própria América, que vocês terão a oportunidade de apreciar tantos grupos folclóricos reunidos, grupos que em grande parte sobrevivem graças à luta de Sant'anna e seus companheiros de ideal. O folclore brasileiro está totalmente presente no mês de agosto em Olímpia, através de suas danças e folguedos. Tudo acontece, as emoções se multiplicam, lendas e mitos se fazem reais, os olhos se cansam de tanta beleza e sentimos o que é ser brasileiro com B maiúsculo. O olimpiense aguarda a visita de todos. Venham, venham mesmo, Olímpia e os que nela residimos, aguardamos, com amor e alegria, nossos visitantes. Nada os preparou para o que irão ver no 23.º Festival do Folclore de Olímpia, de 16 a 23 de agosto de 1987. Estamos em casa nova: Praça das Atividades Folclóricas "Prefeito Wilson Zangirolami".

Iseh Bueno de Camargo
Comissão de Folclore — Olímpia

FOLCLORE EM OLÍMPIA UM FESTIVAL MAIS PERENE QUE O BRONZE

Quando conheci Olímpia, ela era uma simples menina-moça do interior paulista, cheia de esperança, com vontade de viver e conhecer o mundo. Nas ensolaradas tardes viam-se os papagaios empinados no ar, presos apenas por fios de linha, aos sonhos dos ingênuos garotos. De tempos em tempos aqui, ali e acolá o jogo de bolinha de gude, do pião, o pular corda e o arco rodando pelas calçadas muito limpas. Na calada da noite a melodia singela dizia:

Dorme, ó meu anjo lindo
vai calma dormindo
quem vela sou eu.

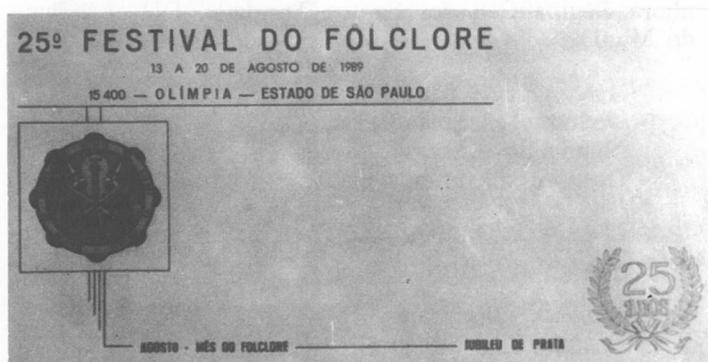
Aos poucos Olímpia se tornou adulta, capaz de sentimentos tais, chegando a conquistar o Brasil-gigante.

Essa conquista foi feita na raça, na luta pelo espaço global, nos empreendimentos edificados e sedimentados à pedra e cal, nas escolas, nas praças e jardins, em cada casa, em cada lar, não importando o credo, a cor da pele, o grau de instrução, o bairro, a moradia... Mas tudo levado muito a sério e com sublime dosagem de amor, sob a constante persistência do Prof. José Sant'anna.

O Brasil-gigante todos os anos vem visitar Olímpia, trazendo presentes genuínos: congadas, moçambiques, caia-pós, bumba-meu-boi, guerreiro, reisado, presépio, chegada, cavalhadas, folias de reis, cateretês, sambas e tantos outros.

Quem não quer ser amigo de Olímpia? Quem não quer conhecer Olímpia? Então venha, de 14 a 21 de agosto de 1988, compartilhar das alegrias do 24.º Festival do Folclore, da satisfação que seus filhos sentem em receber todos, sem distinção, até os filhos de adoção, como eu. Este Festival será dedicado ao Centenário da Abolição da Escravatura no Brasil. Só estando em Olímpia é que você poderá avaliar a beleza e a importância do evento. Seja bem-vindo.

Laura Della Mônica
Cidadã Honorária Olimpense
São Paulo — SP



FESTIVAL DO FOLCLORE — FESTA DO AMOR JUBILEU DE PRATA

Velho é o tema, mas tão velho como o folclore é o sol, e o sol é sempre novo, quando esparge sobre o céu silencioso o ouro e a púrpura de sua flama, nos deslumbramentos do amanhecer.

Velha é a terra, mas o rejuvenescimento constante de seu seio, abrindo-se fecundo, em flores e frutos, repete-lhe, em cada instante que passa, a ressurreição de sua mocidade eterna.

Como o sol e a terra, o folclore é sempre novo, porque como o sol e a terra é também eterno e imortal. Crescem-se-lhe as asas, em cada voo sobre os seres, novas asas lhe nascem para o sustento na sua trajetória infinita.

E porque é eterno e imortal, vive o folclore em todos os seres, e espalha os tesouros imensos de sua força milagrosa.

Na infância do homem, as cantigas de ninar perpassam sob a gaze dos berços na voz carinhosa da mãe que sorri, contemplando a imagem do filhinho adormecido.

Na noite silenciosa e muda sopram aos ouvidos os acordes de uma serenata, inebriando os seres, vibrando em ternas canções de amor. Canções que encheram a alma de nossos avós, umas e outras fizeram vibrar corações, que amaram e sofreram por nós, que como nós, foram moços e envelheceram, que como nós, entraram na vida sob o fulgor de alvorada de ouro e dela desertaram entre sombras e desenganos.

O folclore está em todo o meio ambiente. E põe a magia do seu gênio em toda parte: nas crendices, nas simpatias e nas superstições contra os ventos, as chuvas, os raios e as doenças. E invade os palácios, para fazer dançar os corações em festa, e entra na casinha pobre para minorar a dor, afugenta a tristeza e enfrenta a morte.

O folclore é como se fosse um poema de amor feito em luz, do amor que cria, do amor que une, do amor que redime, do amor que purifica as almas. O folclore espalha a paz. A paz é filha diletta do amor. E só é feliz o homem, e só são felizes os povos, nas horas de paz, nas horas em que sob seus tetos e dentro de suas almas não pairam as apreensões da maior de todas as calamidades que os afligem, que é a guerra.

Somos felizes porque em Olímpia a festa comandada pelo povo é um festival de amor, que entretém a felicidade da família, enchendo os corações, iluminando os dias incertos da vida e proporcionando a harmonia e o bem-querer entre todos os concidadãos. Em Olímpia o céu tem grande brilho e a terra muitos encantos. A ela foi dada a graça de poder fruir de uma FESTA DO AMOR: O FESTIVAL DO FOLCLORE.

Por isto, despertem brasileiros! Não fiquem arredios e indiferentes aos rumores do Jubileu de Prata do Festival do Folclore de Olímpia. Estejam conosco de 13 a 20 de agosto de 1989, para ver o folclore passar.

José Sant'anna
Criador do Festival

ALELUIA! ALELUIA!

O Festival do Folclore de Olímpia completa 26 anos.

É extraordinário que esta pequena e acolhedora cidade paulista tenha conseguido mantê-lo, sem interrupção e cada vez melhor. À criação do Festival, feito arrojado que exigiu clarividência e esforços incomuns, soma-se a permanência a desafiar dificuldades que eventos deste porte acarretam. Houve alguém, o insigne Prof. José Sant'anna — criador do Festival do Folclore de Olímpia — com têmpera, inteligência e grande conhecimento folclórico, capaz de levá-lo à frente, com o idealismo que o caracteriza. Planejador e executor por excelência, conseguiu atingir alvo para outros inatingível. Testemunhamos a sua presença diuturna em todos os setores e programações do Festival, tais como apresentação dos grupos folclóricos de várias regiões do país, aspectos do rico folclore olimpense; palestras e simpósios de especialistas e tudo mais que evento dessa envergadura abrange. O Brasil se faz presente de alma e corpo, grandioso, palpitante, a desfilar nos espaços que Olímpia lhe reserva. Cantos, músicas, danças e trajés, os mais variados e exóticos, são ouvidos e vistos,

assim como outras manifestações folclóricas, revelando costumes, tradições, passado, presente, aculturação, etc.

As novas instalações destinadas ao Festival do Folclore, concentradas na Praça das Atividades Folclóricas "Prefeito Wilson Zangirolami", modernas e funcionais, técnica e artisticamente planejadas, oferecem amplas possibilidades de observação e estudo, em vários campos. Recomendamos, sempre e a todos, para que assistam pelo menos uma vez ao Festival do Folclore de Olímpia, com a certeza de que voltarão. Terão idéia do que é "folclore ao vivo", "portadores de folclore", "vivência de folclore", etc. Assistindo a ele, aprenderão algo que os livros especializados não podem oferecer.

Ao lado das equipes de trabalhos locais, da colaboração da Prefeitura e da Câmara Municipais, de órgãos par-

ticulares e oficiais, que contribuem para o sucesso do Festival, relembramos, mais uma vez, a figura do Dr. José Sant'anna. Atual Presidente da Câmara Municipal, o consideramos um *predestinado*, pelo marco inicial e realizações anuais do Festival do Folclore de Olímpia, sem comparação no âmbito nacional e sem nada que o iguale internacionalmente, pela complexidade, amplitude e características específicas. A presença ao mesmo é um apelo que agora fazemos publicamente, para contato e conhecimento do nosso folclore e apoio a empreendimento ousado e modelar, do qual os brasileiros devem se orgulhar.

MARIA AMÁLIA CORREA GIFFONI
São Paulo — SP

Noticiário da ISEH

CERIMÔNIA DE HASTEAMENTO DAS BANDEIRAS

A fim de tornar mais solene esse importante momento dos Festivais do Folclore, possibilitando presença de maior número de pessoas e, por outro lado, com a finalidade de impedir atraso em comemorações de abertura no palanque da Praça das Atividades Folclóricas "Prefeito Wilson Zangirolami", no 25.º Festival do Folclore, a 13 de agosto de 1989, o horário do hasteamento das bandeiras foi marcado para as 9 (nove) horas. Um número significativo de olimpienses e visitantes, inclusive membros de Grupos Folclóricos de outros Estados estiveram presentes, transformando esse ato cívico em belíssimo evento do Jubileu de Prata dos Festivais do Folclore de Olímpia.

Sob o comando do Prof. José Sant'anna, incansável em dirigir tudo a contento, o locutor paulistano, Hélio Athia, o T.G. de Olímpia, dirigido pelo Sargento Ranulfo Mendes e o povo em geral participaram do evento, que teve o seguinte desenrolar:

Daremos início às solenidades de Hasteamento das Bandeiras: nacional, paulista, de Olímpia, demais Estados da República Federativa do Brasil e do Folclore de Olímpia.

"O hino e a bandeira-doadores
Dos mesmos divinos dons:
A bandeira — hino de cores,
O hino — bandeira de sons."

Hino Nacional Brasileiro, ao som da gravação oficial da música, entoado por todos presentes. Letra: Joaquim Osório Duque Estrada. Música: Francisco Manuel da Silva.

"Por ti, bandeira do Brasil, guardaremos uma fé transbordante nos destinos de nossa gente. Por ti, todos sentirão o consolo do trabalho e lutarão pela utilidade da vida."

Quando ao vento desfraldas
Bandeira do meu país,
Sinto n'alma orgulho imenso
Por ser de ti, a raiz.

Convidamos para o hasteamento da *Bandeira Nacional*, o excelentíssimo senhor José Fernando Rizzatti, DD. Prefeito de Olímpia, ao som da 1.ª estrofe e estribilho do Hino à Bandeira (*letra de Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac e música de Francisco Braga*).

São Paulo do bandeirismo
Um celeiro industrial,
Tu trazes ao país todo
Teu vigor universal.

Hasteará a *Bandeira Paulista*, o excelentíssimo senhor, Marcelo Gil Munhoz, DD. Vice-prefeito, ao som de um trecho da *Canção do Expedicionário*, letra de Guilherme de Almeida e música de Spartaco Rossi.

Momento de grande importância! Olimpiense, cante conosco o seu hino.

HINO A OLÍMPIA, por todos os presentes. *Letra de José Sant'anna e música de Jônatas Manzolli.*

Vermelha, preta, amarela
Nossa terra é do folclore
Olímpia o Brasil retrata
A quem te ame e te adore.

Hasteará a *Bandeira de Olímpia*, a excelentíssima senhora Regina Céli dos Santos Trindade, DD. 1.ª dama do Município.

Acre, gigante pequeno,
No norte engravado está,
Mandando as suas riquezas
Desde o sul, grande maná.

Hasteará a *Bandeira do Acre* o vereador Adorival Batista da Costa.

Alagoas, tuas praias,
Encantam todo o país,
E os teus filhos tão sábios
São da terra, a raiz.

Hasteará a *Bandeira de Alagoas* o vereador Doutor Aldo Casarini Júnior.

Amazonas, grandioso,
Do mundo celeiro é,
Sua riqueza, seu verde,
Reverdecem nossa fé.

Hasteará a *Bandeira do Amazonas* o vereador Antônio Aparecido Carrocelli.

Bahia dos mil encantos,
Bahia de igrejas mil,
Terra que cria seus homens,
Para o orgulho do Brasil.

Hasteará a *Bandeira da Bahia* o vereador Edicilvio
la Cunha Sobrinho.

Das terras ricas, sofridas,
Do querido *Ceará*,
Saem homens que inda traçam
A história que virá.

Hasteará a *Bandeira do Ceará* o vereador Professor
Wanderley Dario Forti.

Capital distinta e bela,
És *Distrito Federal*,
Trazes a marca do engenho
De quem te fez imortal.

Hasteará a *Bandeira do Distrito Federal* o vereador
Orlando Moço.

Como o teu nome bem diz,
Espírito Santo és,
Lugar que Deus abençoa
Da cabeça até os pés.

Hasteará a *Bandeira do Espírito Santo* o vereador
Otacílio de Oliveira Neto.

Goiás dos nossos avós,
Goiás da terra do sol,
Onde o ouro viceja,
Onde sorri o arrebol.

Hasterá a *Bandeira de Goiás* o vereador Fablício
Cardoso de Oliveira.

Maranhão de imensas matas
Gigantes matas de lei,
És exemplo de quem luta
És do norte o velho rei.

Hasteará a *Bandeira do Maranhão* o vereador Doutor
Luiz Antônio Moreira Salata.

Do verde do pantanal,
Do teu ouro vegetal,
Tu és gigante perdido,
Mato Grosso és imortal.

Hasteará a *Bandeira de Mato Grosso* o vereador Dou-
tor Nilton Roberto Martinez.

Ainda jovem tu és
Meu *Mato Grosso do Sul*,
Mas orgulhoso tu mostras
O teu céu de belo azul.

Hasteará a *Bandeira de Mato Grosso do Sul* o vereaa-
dor Jesus Ferezin.

Minas Gerais onde o ouro
Como maná se escoou,
Deu-nos grandes imortais,
Que nossa história guardou.

Hasteará a *Bandeira de Minas Gerais* o vereador Dou-
tor João Batista Dias Magalhães.

Pará onde o solo rico
Esbanja o ouro em pó,
Abastece os nossos cofres,
Engrandece o rico e o só.

Hasteará a *Bandeira do Pará* o vereador João Vazão.

Paraíba pequenina
Que ao Brasil mil gênios deu,
Foste terra hospitaleira,
És um novo Prometeu.

Hasteará a *Bandeira da Paraíba* o vereador Doutor
Joel de Alencar.

O louro trigo entrelaça
Nos cafezais de valor,
Paraná, estado frio,
Que a todos dá calor.

Hasteará a *Bandeira do Paraná* o vereador Doutor
José Carlos Ferraz.

No teu sertão, *Pernambuco*,
Mora a grande multidão
Que enobrece, que trabalha,
Que orgulha a nação.

Hasteará a *Bandeira de Pernambuco* o vereador Dur-
val Britto.

Tuas riquezas escondes,
Meu pequeno *Piauí*,
Todo o Brasil te saúda
De lá, de cá e dali.

Hasteará a *Bandeira do Piauí* Ivonete Perpétua de
Oliveira, da Comissão do Zelo Vexilológico.

Cristo, de braços abertos,
Te abençoa, belo *Rio*
De Janeiro batizado,
És terra de muito brio.

Hasteará a *Bandeira do Rio de Janeiro* a Profa. Iseh
Bueno de Camargo, da Comissão Executiva do Festival do
Folclore.

Dos pampas, o Minuano,
Lá do *Rio Grande do Sul*,
Faz desta Pátria, bandeira,
Bandeira de amor e luz.

Hasteará a *Bandeira do Rio Grande do Sul* José Car-
los Batista, de 25 anos, a idade do festival.

Nos extremos do país,
Estás, *Rio Grande do Norte*
Como farol que ilumina
Do Brasil a sua sorte.

Hasteará a *Bandeira do Rio Grande do Norte* Luís
Antônio da Silva, da Comissão de Zelo Vexilológico.

Rondônia, trecho do norte,
À sombra do castanhal,
Tu te mostras indomável,
És rica, és natural.

Hasteará a *Bandeira de Rondônia* Silvana Aparecida
Lopes Blanco, de 25 anos, a mesma idade do festival.

Fria no Sul te escondes,
Rica *Santa Catarina*,
No calor da tua gente
És sempre terra-menina.

Hasteará a *Bandeira de Santa Catarina* Lívia Paula
Ruiz, de 25 anos, a mesma idade do festival.

Sergipe, pontinho do norte,
Gigante no coração,
Floresce rico, pujante,
Do Brasil faz a canção.

Hasteará a *Bandeira de Sergipe* a Profa. Maria Aparecida de Araújo Manzolli, do Grupo de Danças Parafolclóricas "Cidade Menina-Moça".

Tocantins novo na história
Gigante em potencial,
Tens o calor que acalenta,
Tu és rico, sem igual.

O nuperestado de *Tocantins* ainda não possui bandeira.

Por todos os presentes, acompanhando a gravação oficial da música, será cantada a 1.^a estrofe e o estribilho do Hino da Proclamação da República, em homenagem ao Marechal Deodoro e ao Primeiro Centenário da República Brasileira. Letra de Medeiros e Albuquerque e música de Leopoldo Miguez.

A Bandeira do *Folclore*
Retrata o Festival,
Que transformou nossa Olímpia
Em Capital Nacional.

Hasteará a Bandeira do Folclore, a senhora dona Natalina de Carvalho, uma das maiores assessoras do Festival do Folclore, nos seus dez primeiros anos, juntamente com o Prof. José Sant'anna, criador e coordenador do Festival do Folclore e também presidente da Câmara Municipal de Olímpia.

* O prelúdio e o interlúdio musicais do Cerimonial das Bandeiras esteve sob a responsabilidade da musicista olimpiense, Denise Batista dos Santos, executando, ao órgão elétrico, uma rapsódia de músicas folclóricas brasileiras.

* O Cerimonial das Bandeiras foi organizado pelo Prof. José Sant'anna e Profa. Iseh Bueno de Camargo.

Finalizando, por todos os presentes, ouviremos o Hino da Proclamação da Independência do Brasil (letra de D. Pedro I e música de Evaristo da Veiga), porque promover o folclore é tarefa de todos que queiram manter a independência de seu povo.

Foi emocionante esse evento de pré-abertura do festival que comemorou o Jubileu de Prata dos Festivais do Folclore de Olímpia. O Prof. Sant'anna, o prefeito José Fernando Rizzatti, autoridades presentes e público em geral assistiram, empolgados ao hasteamento das bandeiras que, para maior brilhantismo, tiveram a ajuda de Éolo, fazendo com que mais tremulassem os pavilhões.

ABERTURA DO 25.º FESTIVAL DO FOLCLORE DE OLÍMPIA

Jubileu de Prata, 25 anos de lutas, um quarto de século de vitórias duramente alcançadas, mereceram a Abertura "Olímpica" que marcou o início oficial das atividades folclóricas no palanque do Recinto do Folclore "Prefeito Wilson Zangirolami". A noite era bela, as arquibancadas lotadas, luzes e música contribuíram para a glória dessa abertura.

As dezenove horas, o locutor Hélio, com voz vibrante e clara leu: "Neste ano, Jubileu de Prata do Festival do Folclore de Olímpia, 25 anos de árdua e abençoada caminhada, queremos, mais uma vez, rogar ao Senhor sua proteção perene. Que, aos acordes da viola unam-se as vozes altissonantes dos cantores sacros, a fim de que este evento seja, para todo o sempre, gravado nos corações dos que aqui se encontram. Todas as preces se elevem dos céus olimpienses, encontrando eco nos milhões de astros que nos cercam, acordando os que partiram e que amaram nosso folclore, despertando mais amor às nossas coisas nos corações dos espectadores. Missa dos Violeiros, uma tradição que não pode se perder, ato de fé de um povo que crê em Deus e no seu infinito poder, que acredita nas bênçãos de seus anjos iluminadores, que sente descer sobre o Recinto os eflúvios divinos da dádiva celestial. Chovam sobre nós, Senhor, as suas bênçãos, a fim

de que o 25.º Festival do Folclore de Olímpia transcorra no meio de muita alegria e amor, de muita paz e felicidade. Cantores, violeiros, presentes sem distinção, oremos ao Senhor".

Em seguida foi celebrada missa campal, no palco da Praça das Atividades Folclóricas, pelo reverendíssimo frei Lázaro, vigário da Paróquia de Nossa Senhora Aparecida, de Olímpia, com a participação magistral de 40 violeiros e cantores da cidade de Osasco — SP. Após a missa, encantados com a beleza da música sacra e cantos dos violeiros, assim como pelas bem significativas palavras de frei Lázaro, o locutor Hélio Athia retorna e lê o trecho "Abertura".

"Este é um festival diferente. 1989 marca a data do Jubileu de Prata dos Festivais do Folclore de Olímpia. Parece impossível, mas 25 anos se passaram desde aquelas tímidas tentativas de lutarmos pela preservação do que é nosso. Foram agrestes 25 anos, foram felizes 25 anos. Quanta coisa aconteceu em nossa caminhada! Que imensidão de pessoas importantes conhecemos! Quão fartos fomos a nossa messe, apesar dos percalços, apesar dos espinhos, apesar dos sonhos não concretizados na íntegra. O Jubileu de Prata dos Festivais do Folclore nos traz muita euforia porque poucos conseguem, partindo do quase nada, permanecer por tantos anos no cenário cultural da sua terra, e, o que é mais importante, angariar tantos amigos, tantos admiradores, tantos defensores abnegados, tantos colaboradores anônimos. Por isso, 1989 fala mais alto aos nossos corações, demonstra que não esmorecemos na luta que sobemos fazer jus à confiança que em nós depositaram os amigos da cultura popular brasileira. Este 25.º Festival do Folclore de Olímpia, mais uma vez congregando amigos e estudiosos do folclore, nos faz vibrar de justo orgulho, nos torna mais destemidos, nos mostra que através do trabalho bem realizado alcançaremos nossas metas. Chegamos até aqui, 25 anos batalhando, 25 anos vibrando, oxalá consigamos que nossos passos não se percam na poeira do tempo, que outros lutem para que centenas de outros festivais se realizem. A todos que conosco caminharam, a todos que conosco lutam, rogamos as bênçãos do Senhor. Que suas mãos se estendam sobre a Praça das Atividades Folclóricas "Prefeito Wilson Zangirolami", propiciando a todos que aqui estão o melhor dos festivais do folclore. Este é o nosso festival do Jubileu de Prata! Abram-se as portas às festividades e, por uma semana, impere a alegria sadia que rege os nossos festivais. Salve 1989! Salve ano do Jubileu de Prata dos Festivais do Folclore de Olímpia! Salve, povo de Olímpia, salvem vossas vitórias ilustres, salvem amigos do folclore!

A potente aparelhagem de som espalha os acordes do Guarani enquanto imponentes cavaleiros da Estância Fazenda empolgaram a multidão, ao trote cadenciado do puro-sangue locais, portando as bandeiras brasileira, paulista, do município e do folclore, em belas evoluções ante o palanque.



Enquanto isso, o Grupo de Danças Parafolclóricas "Cidade Menina-Moça", dirigido por Cidinha Manzolli, dentrava o palanque, apresentando esmerada coreografia de danças folclóricas. À luz dos holofotes, a pequenina Camila Barbosa Pedroso, trajada com belíssimo vestido nas cores prata e branco — jubileu de prata, desce pomposamente a escadaria, carregando as chaves da cidade. Foi um momento de grande emoção.



No palco, Camila passa ao prefeito José Rizzatti as chaves e este, por sua vez faz entrega delas ao Curupira, seguindo tradição dos festivais.



O Curupira, Márcio Roberto Pessoa, olhando para o público, diz: "Há tanto barulho na mata, tanta luz, coisas que me agradam e me assustam. O que acontece aqui?"

Prefeito: Quem é você?

Curupira: Como? Sou o já conhecido Curupira, patrono dos Festivais do Folclore de Olímpia. Sou o protetor das matas, da fauna e da flora.

Prefeito: Que vai fazer agora?

Curupira: Vim para receber as chaves da cidade, se- rei o protetor deste belo festival.

Prefeito: Vai governar a cidade?

Curupira: Claro, vou tomar conta de tudo e de todos, vou proteger os amigos do folclore brasileiro. Vou proteger os da terra e os de fora. Quero que haja muita paz, boa vontade, alegria, nada de excessos, nada de maldade! Sou o Curupira, o rei da matas! Peço aos Grupos do Norte, do Nordeste, do Sul, do Centro, gente da Amazônia, do Pantanal, da Juréia, de Olímpia, do país todo que estejam comigo na luta pela preservação do verde, na luta pela vida na terra!

Prefeito: Aqui estão as chaves da cidade. Governe-a bem, Curupira. Olímpia merece.

Curupira: (chave erguida) Prometo dirigir os destinos de Olímpia com mão segura, o Jubileu de Prata dos Festivais do Folclore será belo, feliz, inesquecível. Viva Olímpia! (O Grupo de Danças Parafolclóricas do SESI, CE, presta homenagem ao Curupira, com música e ritmo adequados à ocasião).



Nas arquibancadas, a EEPG "Silva Melo" faz deslumbrante apresentação olímpica, com seus coloridos bastões (choque-choque) e evoluções de grande graça e efeito cênicos, liderados pela diretora da escola, Profa. Ivete Fernandes. Também se apresentam alunos da Creche "Tia Nastácia", uniformizados, portando bandeirolas nas cores de Olímpia e os encantadores alunos do Núcleo de Recreação Infantil "Laranjinho", evento que fez o público vibrar e aplaudir.

As danças ficaram a cargo do Grupo Parafolclórico "Cidade Menina-Moça", apresentando diversas danças de várias regiões do país, belíssimas, assim como os trajes, alguns de recente confecção. Grandioso efeito!

Momentos de beleza e emoção culminaram com o mais belo espetáculo pirotécnico que Olímpia já teve ocasião de apreciar. Algo inédito, belo, emocionante, especialmente quando as fotos ampliadas do ex-prefeito Wilson Zangirolami e do atual, José Rizzatti, mais o painel ao Prof. Sant'anna foram cercados por coruscantes luzes. Tudo novidade, embasbacando crianças e adultos.



Colaboraram na organização dessa Abertura, além do Prof. José Sant'anna, criador e coordenador dos festivais, membros da Comissão do 25.º FEFOL, os cavaleiros da Estância Fazendinha, as professoras Maria Aparecida de Araújo Manzolli, Iseh Bueno de Camargo, Ineh Bueno de Camargo, Ivete Fernandes, Guisela N. Mentoya Poblete, Prefeitura Municipal de Olímpia representada por José Rizzatti, prefeito e Regina Rizzatti, primeira dama; a graciosa Camila, representando Olímpia menina-moça, mães dos dançarinos, grupo de Danças Parafolclóricas "Cidade Menina-Moça" e o Grupo SESI, do Ceará. Portanto, uma noite inolvidável, uma abertura digna do 25.º FEFOL. Parabéns a quem trabalhou, parabéns a quem assistiu, parabéns ao Sant'anna que exigiu o "melhor", parabéns ao prefeito Rizzatti que deu tudo de si para tal brilhantismo. E viva!

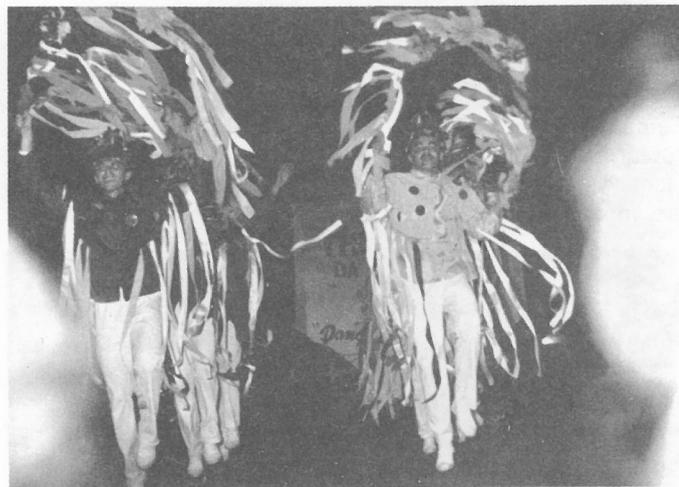
TROPEIROS DA BORBOREMA

Grupo Parafolclórico que veio do Nordeste, da distante Paraíba, trazer para o 25.º Festival do Folclore muita dança vibrante, encantando a folcloristas, estudiosos dos costumes brasileiros e assistência em geral. Os "Tropeiros", grupo criado em 1982, pelos Prof. Gérson de Oliveira Brito e Edvandro do Carmo Souza, presta homenagens aos tropeiros antigos que, sobre o lombo de animais, portavam e comercializavam algodão, farinha, rapadura e peles de animais, levando o progresso ao coração dos sertões nordestinos.

Os "Tropeiros da Borborema" apresentaram no palanque da Praça das Atividades Folclóricas "Prefeito Wilson Zangirolami", algumas danças que os tornaram conhecidos pelo país afora, até no exterior (França, Espanha), danças que compõem grande roteiro coreográfico: Índio, Caboclinho, Cambindas, Bumba-meu-boi, Dança de São Sebastião, Tropeiros da Borborema, Camaleão, Aruna, Chote Nordestino, Cateretê, Baião, Xaxado... Foram vibrantes suas apresentações, graças ao colorido e variedade dos trajes e coreografia muito disciplinada e bela.

Os Caboclinhos, com suas preacas (arco e flecha), colares, cocares e tangas, penas de pavão, vistosas, comuns em Pernambuco, representam a vida do primitivo habitante do Brasil, suas danças guerreiras, lutas pela posse da terra e pela sobrevivência da espécie. O palanque ficou tomado pelo colorido das penas e plumas e o recinto vibrou com o calor da dança e som dos instrumentos musicais.

Gostaríamos de falar sobre cada uma das danças, dos autos que apresentaram, porém, é pouco o espaço de que dispomos e tal a riqueza do Grupo que um caderno seria pequeno para descrevê-los. Por isso, queremos parabenizar os dirigentes dos "Tropeiros da Borborema", agra-



decer a presença deles no 25.º Festival do Folclore de Olímpia e rogar aos céus possam aqui estar no próximo ano, nos próximos anos. Haverá sempre um canto em nossos festivais para vocês, "Tropeiros da Borborema", de Campina Grande (Paraíba), Brasil, que resguarda seu passado.

GRUPO DE TRADIÇÃO E CULTURA "VINTE DE SETEMBRO"

Um grupo gaúcho, lá de Capão da Canoa — RS, que, há dois anos consecutivos vem participando dos Festivais do Folclore de Olímpia. Um grupo recentemente formado, mas que, graças à terra, cidade de caponenses ilustres, Edegar Borges, Egon Birlem, Teobaldo Deves (o 1.º Patrão do G.T.C.), já é presença indispensável em diversos eventos culturais do país. Mantém as invernadas mirim, juvenil, adulta e campeira, esta com excelentes laçadores e corajosos ginetes, as demais contando com exímios dançarinos, guarda-roupa à altura, uma coletânea de danças, fandangos, poemas, músicas que preservam e divulgam a cultura do Rio Grande do Sul.

No 25.º Festival do Folclore de Olímpia, mais do que no anterior, se possível, encantaram o público presente na Praça "Prefeito Wilson Zangirolami", apresentando danças típicas do sul, com a graça das jovens prendas e o garbo dos filhos do Rio Grande do Sul. O cantor, Alberto Mayer, voz belíssima, fez sucesso. Seu atual Patrão, Tarcísio Freitas Espíndola e equipe estão de parabéns e, mais uma vez tecemos elogios pela suprema educação e sabedoria de todos os integrantes. Parabéns, também, pelo convite feito ao criador e coordenador dos 25 Festivais do Folclore de Olímpia, Prof. José Sant'anna para uma visita a Capão da Canoa. Nós nos orgulhamos disso e ficamos gratos a Capão da Canoa, esperando contar com o Grupo "Vinte de Setembro" por vinte anos, ou mais, entre nós.



BATALHÃO DE BACAMARTEIROS

“Estouros no ar! Armas na mão!
Os bacamarteiros estão chegando!
Mas ninguém se assuste que eles são
de paz. Podem abrir a porta
à sua chegada e deixar que entrem
seus brinquedos, sua festa popular
seus brinquedo, sua festa popular
Vêm cantar sua cantiga.
Vêm sambar seu coco.
Vêm dizer seu verso.
E vêm fazer amigos.
A sua forma de conquista é assim: forte
marcada pelas salvas, mas sonorizada pelo
requebro das mulheres, cujas vozes vêm trazer
um jeito gostoso de perguntar:
Oxente, gente! tão com medo dos tiros?
Os bacamarteiros estão chegando
Armas na mão! Estouros no ar!”

BACAMARTEIROS



O grupo folclórico BACAMARTEIROS foi criado no povoado AGUADA, no município de CARMÓPOLIS, provavelmente no início do século passado, onde negros e brancos, na época ainda do cativo, formaram este folguedo para se divertirem no período do ciclo junino. Nesta época, toda a comunidade se mobiliza para este tipo de brincadeira. As pessoas que trabalhavam em usinas de cana-de-açúcar e no cultivo da mandioca, nas noites de São João, juntavam-se na residência de um dos componentes para festejar com o tradicional tiro de BACAMARTE.

Fazem parte do grupo 40 homens e 20 mulheres. Todos, com roupas típicas características do ciclo junino, cantam e dançam ao som de uma bateria constituída de pandeiro (14), ganzá (4), reco-reco (2) e onça (2). A música é animada e contagiante. Os bacamartes e a pólvora usada, são feitos pelos próprios membros do grupo.

O grupo, durante uma apresentação, dança o samba de coco que é um canto e dança popular, largamente difundidos no Nordeste. Há influência africana e indígena no que se refere à disposição coreográfica. No samba de coco o tirador ou coqueiro, tira os versos que são respondidos pelo coro dos participantes. Os versos podem ser tradicionais ou improvisados e aparecem em variadas formas: quadras, sextilhas, décimas, etc. O canto é marcado pelos instrumentos de percussão, pelas palmas dos participantes e pela coreografia tudo muito contagiante.

Os Cânticos de Improviso são inúmeros. Podemos citar:

O ESPANTO DO SABIÁ

Ao amanhecer o dia, o pássaro Sabiá, começa a cantar avisando que o dia ia amanhecer e já era hora de terminar a brincadeira.

Então eles resolveram espantar o Sabiá. Daí surgiu a quadra:

Nós hoje aqui vadeia
Até o só raiá
Xô, xô Sabiá!
Xô, xô Sabiá!

Segundo contam, brincando no terreiro de uma fazenda, apareceu uma linda garota que os fez improvisar logo um cheio:

Menina bonita, farceira, dengosa
Qué i mais eu, vamo
Qué i mais eu, vambora.

Outro cheio importante lembra os cortadores de cana que brincavam a noite inteira e chegavam atrasados no terreiro da fazenda, e para consolar a sinhá, cantavam:

Sinhá é hoje que a paia da cana voa
Sinhá é hoje que ela tem que avoá.

Daí seguiam para seu trabalho cantando vários cheios:

Quero ver queimar carvão
quero ver carvão queimar
Quero ver queimar carvão
e pueira levantar.
Aqui não tem areia, “areia”
areia só tem no mar
Chora neném
Seu amor vai te deixar
óí deixa chorar.”

(Do folheto distribuído pela Prefeitura Municipal de Carmópolis)

CATIREIROS SAÚDAM O 25.º FEFOL

Apresentando-se como “O Melhor Conjunto Folclórico da Catira do Brasil”, proveniente de Ituiutaba, MG, ao som das palmas e sapateios concatenados, e ao ritmo da boa viola e dos berrantes, José Gomes Barbosa apresentou os versos: “Faz vinte e cinco anos/ que esta festa retrata / folclore do mundo inteiro / sua festa é mesmo nata / vem gente de toda raça / vem preta, loira e mulata / eu quero te abraçar / Olímpia meus parabéns / por seu Jubileu de Prata”. Dessa forma, mais uma vez o admirador do nosso folclore, José Gomes Barbosa participou dos Festivais do Folclore olimpiense, pelo que lhe somos sempre gratos. Participe enquanto vivermos, amigo, você e os nossos Festivais. Gratíssimos.



FLORES PARA OS QUE PARTIRAM

Num gesto de respeito e saudade a Comissão Executiva do Jubileu de Prata do Festival do Folclore de Olímpia, prestou justa e emocionante homenagem a ex-prefeitos de Olímpia, sepultados no Cemitério de São João Batista.

Aconteceu no dia 13 de agosto de 1989, início das festividades oficiais do Jubileu de Prata do Festival. No período da tarde, sobre as lápides que cobrem as sepulturas de Paschoal Lamana, Wilquem Manoel Neves, Alfonso Lopes Ferraz e Álvaro Marreta Cassiano Ayusso, ex-presidentes honorários de anteriores festivais, foram colocados ramalhetes de flores vermelhas.

Isso é bom, significa que aqueles que partilharam a beleza e as lutas dos festivais ainda a eles estão ligados, e ligados estarão enquanto houver uma Comissão de lembrança longa, ligados pela saudade que deixaram nos corações dos folcloristas e dos olimpienses em geral. Uma homenagem póstuma a amigos que se foram, mas que participam, "in memoriam", de todos os festivais de Olímpia. Que repousem sob os cuidados do Senhor, rogamos, parabenizando a essa Comissão atuante que nada esquece, ao Prof. Sant'anna que faz de tal homenagem um ato de fé na perenidade da alma. Esse trabalho foi coordenado pela dedicada olimpiense Maria Jesus de Miranda.

PEREGRINAÇÃO FOLCLÓRICA

Folclore é vida, é perpetuação de valores do passado enquanto se renova constantemente, impedindo que a cultura do povo se perca e, ao mesmo tempo, aceitando novas contribuições do presente que a enriquecem. Assim é que, em 1989, durante o 25.º FEFOL, algo novo surgiu por força de pressões várias. Sabendo que muita gente que aprecia danças e músicas folclóricas fica sem ver quase nada dos festivais, por trabalhar o dia todo e, à noite, ter que permanecer em casa por razões diversas, ou por trabalhar nas barracas beneficentes do Recinto, Sant'anna e Cidinha Manzolli decidiram realizar a I Peregrinação Folclórica: das 7 h 30 min. às 12 horas. Cada dia um Grupo Folclórico percorreu a cidade, cantou, dançou, mostrou seus trajes típicos, entrou em estabelecimentos e repartições, em casas particulares, alegrou praças e ruas, um outro festival espetacular. Assim se realizou a peregrinação.

Dia 14/8 — Grupo "Os Baioaras" do Pará, apresentando-se na Volks, na Oficina do Wagner, no Curso Objetivo, no saguão da Prefeitura e no BRADESCO.

Dia 15/8 — Grupo Folclórico de Chã-Preta, Alagoas, nos seguintes lugares: Beneficiadora Balbo (onde o Prof. Pedro Teixeira de Vasconcelos fez bela prece pelo sucesso da mesma), no Posto XV, na EEPG "Silva Melo", na Prefeitura, no BRADESCO e na Praça da Matriz, onde crianças visitantes se deslumbraram e aplaudiram, felizes.

Dia 16/8 — Manhã livre (para compras e visitas).

Dia 17/8 — Grupo do SESI, Ceará: na EEPG "Santo Seno", na EEPG "Capitão Narciso Bertolino", na Prefeitura (homenagem ao Sr. Edson Furlan), no BRADESCO, na Casa da família Zangirolami e casa da família do Sr. Seiji Kanashiro. Aqui cumpre ressaltar que o Grupo teve a mais inesperada recepção, uma festa ao redor da piscina, com salgadinhos, doces, bolos, tortas e refrigerantes, incrivelmente deliciosos, variados, fartos. Sucesso!

Dia 18/8 — Grupo de Capão da Canoa, Rio Grande do Sul. Cantaram na Olivél, na Prefeitura, no BRADESCO e na Bidu Lotérica e no Laticínios Flor da Nata. A magnífica voz de Alberto Mayer, acompanhado pelo gaiteiro, bombo e violão, trajados a caráter, foi grande sucesso.

Essa peregrinação, atravessando a cidade em todos os seus extremos, elogiou, de certa forma, aqueles que, financeiramente, nos ajudam a levar avante grandioso even-

to como o Festival do Folclore. O povo vai chegando, os funcionários aplaudem, felizes. O trabalho torna-se mais leve e o folclore brasileiro vai sendo visto, as belas danças são mostradas, instrumentos musicais conhecidos. As músicas gravam-se, indelévels, nas mentes dos que as ouviram.

Parabéns a vocês que tiveram a idéia da Peregrinação matinal, parabéns aos Grupos que colaboraram, cansados e suarentos sob o sol olimpiense. Parabéns a todos que, sorridentes, receberam e não pouparam aplausos aos cantores e dançarinos. Parabéns aos clientes ou fregueses que pacientemente esperaram pela normalização dos trabalhos. E viva a I Peregrinação Folclórica de Olímpia.



VISITANDO ESCOLAS

Outra novidade do 25.º FEFOL: visitas espontâneas de Grupos Folclóricos a diversas escolas locais. As próprias escolas, admiradoras do folclore nortista, nordestino ou do sul procuravam, com insistência, levar os Grupos aos alunos, oferecendo aos seus integrantes, além da hospitalidade e amizade características, um lanche, um suco de laranja, um mimo. Estreitam-se, assim, cada vez mais, os laços que unem esta terra aos amigos que aqui vêm, de longe, permanecem por vários dias, trabalham demasiadamente, mas são olímpicamente recebidos.

A Escola "Dalva Vieira Ítavo", da COHAB, por ter alojado por várias vezes os grupos do Norte e do Nordeste, é sempre a mais visitada. E é lá que o SESI do Ceará e os Baioaras do Pará "encontram-se em casa". Retribuem o amor que funcionários e alunos lhes dedicam, apresentando-se com seus trajes típicos e fazendo apresentações das danças mais solicitadas, terminando sempre com um forró ou levando a assistência toda a dançar em conjunto. Um festão.

Os Baioaras do Pará, apresentaram-se aos alunos e funcionários das seguintes escolas: EEPG "Dalva Vieira Ítavo", COHAB, EEPG "Joaquim Miguel dos Santos", EEPG "Dr. Antônio Augusto Reis Neves", na EEPG "Wilquem Manoel Neves" e no Centro Educacional "Ernesto Riscali", animando, agradando, ensinando e carinhosamente recebidos.

O SESI, Ceará, liderado pelo Prof. Freitas, esteve presente, com muita dança e alegria na EEPG "Dalva Vieira Ítavo" e o Prof. Pedro, com seu magnífico grupo de Alagoas, alegrou a todos da EEPG "Wilquem Manoel Neves". Os grupos de Capão da Canoa dançaram aos alunos da EEPG "José Severino de Almeida", do vizinho município de Severínia.

Agradecemos a esses incansáveis grupos, especialmente ao Edson Padilha que, além de percorrer quase todas as escolas, dançou, também, em casas de amigos, na cidade e na zona rural. Parabéns, amigos, continuem inovando, isso é folclore, isso é Brasil.

AS SERESTAS DO 25.º FESTIVAL DO FOLCLORE

Como quase tudo que fazemos, também as Serestas tinham que ser diferentes. Não podemos passar o festival sem as saudosas serenatas. No entanto, impossível percorrer todas as casas dos que amam as músicas da madrugada. Impossível atender às oferendas de bebidas e guloseimas, sem ofender os hospedeiros. E algo foi imaginado: serestas no próprio recinto, no desenrolar das atividades programadas: idéia da Cidinha Manzolli e Sant'anna. Nós, por hospedarmos Inezita Barroso; Cidinha, por ser a idealizadora e "gaúcha" olímpense; Sant'anna, por ser a mola propulsora do Festival; José Rizzatti, autoridade máxima do município e Miguel Caetano Rizzatti, secretário de administração municipal, fomos agraciados com aquela serenata à moda antiga. Delícia acordar na madrugada ouvindo a vibrante e macia voz do Mayer, ao som do violão bem tocado, acompanhado de um conjunto coral muito afinado.

Na Praça das Atividades Folclóricas "Prefeito Wilson Zangirolami" o Grupo designado, com seus trajes típicos e instrumentos musicais necessários deveria percorrer uma ou duas barracas, dançar, cantar, continuar a seresta, abrindo brechas no meio do povaréu que, rapidamente adería, cantando e dançando ao redor. Foi grande a aceitação, uma inovação que deverá ser preservada e ter continuidade. Os dirigentes da FENOSSA queriam o grupo a noite toda, o que foi impossível.

Iniciaram a jornada seresteira os componentes do Grupo do SESI, Ceará (dia 14/8), tendo o Prof. Freitas encantado a todos com sua bela voz, um repertório digno

de registro. Atraiu grande público que o aplaudiu e não queria que terminasse, apesar do avançado das horas. O luar fez parte da caminhada cantante, claro, num céu límpido. A terceira noite ficou a cargo de Alagoas e, sob a batuta rígida e segura do Prof. Pedro Teixeira de Vasconcelos, os jovens cantaram e encantaram, lembrando as serestas nordestinas do passado e a música da atualidade que faz pulsar mais forte os corações.

Na segunda noite, dia 15/8, fizeram a seresta os "Baioaras" do Pará, com suas vigorosas e belas danças, atraindo "cantores" que prosseguiram até o fim da jornada. Lindas músicas, saudosas mensagens do passado.

Na noite de 17/8, a seresta ficou a cargo da jovem Denise dos Santos que, no palanque, já havia homenageado a Profa. Maria Aparecida de Araújo Manzolli pelos seus trabalhos anteriores e pelo Jubileu de Prata do festival. Denise desfilou, no teclado, todo o repertório dos seresteiros do passado, juntando-se a ela, à Cidinha e ao Sant'anna outras belas vozes que, à luz do luar, tornavam a noitada quase irreal. Meninos e jovens olímpenses aderiram, brincando de roda, ao redor do palanque.

Os gaúchos madrugadores, fizeram a sua seresta pela noite afora, aguardando o raiar de um novo dia que, devido ao luar, quase passava despercebido. Foi retumbante o sucesso do cantor Alberto Mayer. Belíssima seresta, sem dúvida.

Eis, portanto, mais uma inovação nos festivais e, tendo dado excelente resultado, esperamos sejam as novas serestas implantadas nos festivais.

Parabéns, Cidinha, parabéns, Sant'anna, pela feliz idéia. E parabéns a todos os Grupos participantes e a Ineh Bueno de Camargo que muito colaborou. E eu.

MINIFESTIVAL DO FOLCLORE

No intuito de incrementar o amor pela cultura dos nossos ancestrais, no intuito de levar às crianças da terra e às visitantes um pouco da riqueza que o folclore brasileiro pode apresentar, ainda com o objetivo de oferecer recreação e aprendizagem, o Minifestival do Folclore continua firme. Enquanto não se consegue local adequado para evento de tal envergadura, a Barraca da FOSAC, da Prefeitura Municipal de Olímpia, como aconteceu no ano anterior, foi palco das apresentações diurnas de grupos folclóricos.

A criançada, os mestres e pessoas que permanecem na Praça das Atividades Folclóricas "Prefeito Wilson Zangirolami" têm, nesse período, a oportunidade de apreciar as danças, as músicas, observar os trajes típicos de cada região, instrumentos musicais e, através de explicações dos chefes de grupos, aprendem muito sobre folclore, folclore brasileiro. E participam, dançando com os elementos de fora. Muito sadio, muito cultural.

Com início às catorze horas, pouca gente a princípio, muitos participantes aderindo aos poucos, o Minifestival, em 1989, contou com a colaboração dos grupos de Alagoas, Pará, Ceará e Rio Grande do Sul, além do grupo de Danças Parafolclóricas "Cidade Menina-Moça", de Olímpia e da cooperação das jovens Ana Paula e Alessandra, com crianças das Creches locais. Alagoas apresentou-se no dia 15, com ricas explicações do professor Pedro Teixeira de Vasconcelos e números variados de danças, bastantes brincadeiras, jogos. O dia 16/8 ficou a cargo do grupo "Os Baioaras", chefiado pelo Prof. Edson Padilha e família, muita música, belas danças do Norte do país, explicações sobre origem, preservação e divulgação da cultura nortista e nordestina. No dia 17/8, Ana Paula e Alessandra, liderando as crianças da FOSAC, mostraram o que vêm transmitindo aos pequenos das creches. Ao Ceará, Grupo de Danças Parafolclóricas do SESI, sob o comando do Prof. Freitas, coube o dia 18/8 e, em se tratando desse grupo, toda beleza já pode ser esperada.

A facilidade de transmitir conhecimentos do Prof. Freitas é notícia. A criançada, a platéia diurna vibrou, como não podia deixar de ser. E o último dia contou com a presença do grupo de crianças de Cidinha Manzolli e muita música do Rio Grande do Sul.

Desta forma, os objetivos iniciais da apresentação do Minifestival vêm sendo alcançados e, acreditando ser a infância a época propícia a uma aprendizagem perfeita e duradoura, continuemos firmes no roteiro que estamos seguindo.

Viva, pois, o 5.º Minifestival do Folclore de Olímpia, um acontecimento de muito valor dentro do Festival do Folclore.



OS GRUPOS FOLCLÓRICOS NO 25.º FESTIVAL DO FOLCLORE

Para aqueles que aqui não estiveram no Jubileu de Prata dos Festivais do Folclore de Olímpia, mesmo para muitos que estiveram, queremos mostrar como é uma

verdadeira corrida contra o tempo nos dois dias que enceraram esse evento. Só o rígido controle de Sant'anna e sua pequena equipe de auxiliares consegue o milagre de permitir que, em poucas horas, o Brasil desfile, os grupos dancem, demonstrem o que trouxeram de suas cidades de origem, uma maratona colorida, barulhenta, deslumbrante.



No sábado, dia 19 de agosto, a partir das 14 horas, na Praça das Atividades Folclóricas "Prefeito Wilson Zangirolami", apresentaram-se os grupos folclóricos: Moçambique de Taubaté (SP), Caiapó de São José do Rio Preto (SP), Catupé de Cumai (GO), Fandango de Capão Bonito (SP), Moçambique de Uberlândia (MG), Congada de Santo Antônio da Alegria (SP), Congada de Itaú de Minas (MG), Congada de Passos (MG), Congada de São Sebastião do Paraíso (MG), Congada de Pratápolis (MG), Batalhão de Bacamarteiros de Carmópolis (SE).

No palco, a partir das 18 horas e 30 minutos dançaram: Moçambique de São Sebastião do Paraíso (MG), Samba-Lenço de Mauá (SP), Fandango de Chilenas de Capela do Alto (SP), Caboclinho de Guarujá (SP), Fandango de Tamanco de Capão Bonito (SP), Reisado Sergipano de Guarujá (SP), Caiapó de Campestre (MG), Catira de Ituiutaba (MG), Cordão de Bichos de Tatuí (SP), Congada de Uberlândia (MG), Grupo Folclórico de Chã Preta (AL), GTC de Capão da Canoa (RS), Grupo Parafolclórico "Os Baioaras", Belém (PA), Grupo Parafolclórico de Fortaleza — SESI (CE), com apresentação da dança de São Gonçalo e Maneiro Pau, Grupo Tropeiros da Borborema de Campina Grande (PB) e Grupo Folclórico de Nova Iguaçu (RJ), com sua quadrilha e dança-dos-velhos. O espetáculo prosseguiu até as 5 horas do dia seguinte.

Dá para perceber que isso vai pela madrugada adentro, vibração do público que lotava as arquibancadas. É preciso ver para crer, e o Prof. Sant'anna, homenageado por todos os grupos, canta e participa de tudo.

No domingo, dia 20 de agosto, depois de um longo desfile pela cidade, sob sol inclemente, passam pelo palco, dançando e cantando muitos deles, desde às 9 horas até o pôr-do-sol: Folia de Reis Garcia (Olímpia — SP), Folia de Reis "Magos do Oriente" (Olímpia — SP), Folia de São Benedito "Pena de Ouro" de Edávia (Olímpia — SP), Terno de Moçambique do Sr. Adelis (Olímpia — SP), Reisado Sergipano do Guarujá (SP), São Gonçalo (Barretos — SP), Folia de Reis e São Gonçalo (Bebedouro — SP), Pastoria do Menino Jesus (Campinas — SP), Batuque (Piracicaba — SP), Folia de Reis de São José do Rio Preto (SP), Folia de Reis de Votuporanga (SP), Congo e Quadrilha de Franca (SP), Folia de Reis de Cajobi (SP), Folia de Reis de Cosmorama (SP), Folia de Reis de Fernandópolis (SP), Caiapó de São José do Rio Pardo (SP).



É muita dança, é muita música, é muito ritmo brasileiro que ali desfila, uma doce sensação de adeus, um breve "voltem no ano que vem" e, pouco a pouco, os ônibus ficam lotados, partem, mas o festival continua. Só às 20 horas, contando com a presença dos Tropeiros da Borborema de Campina Grande (PB) e alguns outros grupos que desejam prolongar o sonho vivido, encerra-se, oficialmente o 25.º Festival do Folclore de Olímpia, festival que marcou o seu Jubileu de Prata.

Ao palco, presença fiel e constante, o Prof. José Sant'anna, o Prefeito Municipal José Fernando Rizzatti e sua esposa, primeira dama do Município, Profa. Regina Céli Trindade Rizzatti. Ao mestre Sant'anna, homenageando seus 25 anos de labuta e fervor, é oferecida placa de prata comemorativa do evento.



Em seguida o Curupira dirige-se ao prefeito, estendendo-lhe a chave da cidade, dizendo:

"Devolvo as chaves da cidade. Acho que é mais fácil cuidar das matas do que da cidade. Mas foi bom, gostei. Adeus, até o próximo ano, se Deus quiser. Vou para meus amigos da mata, vou estar ocupado até agosto de 1990. Voltarei... Adeus! Adeus!"

Pronto. Lá se foram 25 Festivais do Folclore de Olímpia, criados, dirigidos, organizados e coordenados pelo Prof. José Sant'anna que, de certa forma, carrega sobre seus ombros a responsabilidade de tudo. Alguns membros da Comissão do Festival do Folclore, em destaque, trabalham ao seu lado, diligentemente. Poucos, porém. Uns auxiliares constantes que ajudam, em parte, como Antônio Clemêncio da Silva, Célio José Franzin, Guiomar Midori Sato, Débora Aparecida Vicente, Cidinha Manzolli, Ineh Bueno de Camargo, eu, Iseh, escolas locais como a EEPG "Silva Melo", a EEPG "Dalva Vieira Itavo", a EEPG "Anita Costa", a turma da Cozinha Piloto, o Vereador, Orlando Moço, Maria Jesus de Miranda, olimpiense amigos da cultura que os festivais preservam, pouco mais.



Agora, vamos para o 26.º. Que Deus nos ajude na caminhada. Parabéns, Sant'anna.

HOMENAGEM A CIDINHA MANZOLLI



Maria Aparecida de Araújo Manzolli comemorou, em 1989, 22 anos de participação ao lado do Prof. José Sant'anna, nos festivais do folclore. Pais dos jovens que dançam no seu Grupo de Danças Parafolclóricas "Cidade Menina-Moça", moças e rapazes que já participaram e seus amigos, acharam por bem homenageá-la na noite de 17 de agosto, quinta-feira, que é sempre dedicada às suas apresentações.

A organização das danças foi toda feita pelos dançarinos, liderados pelo Kleber Galetti e turma. Muita dança e homenagens emocionantes. Os veteranos, universitários uns, casados outros, residindo fora alguns, prestaram a ela belíssima homenagem com danças difíceis e incomparáveis.



Um aluno leu, de autoria de Iseh: "Um elo de amizade nos une hoje. Norte, Sul, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste, Brasil de todos os rincões. A dança nos irmana, a música nos liga com vigor, entrelaçando brasileiros que, em Olímpia, demonstram a cultura preservada a duras penas. Neste 25.º Festival, Jubileu de Prata dos Festivais do Folclore, a voz de quase todo o país se faz presente através da imorredoura música que o homem do povo preservou. Somos irmãos, somos amigos, somos Brasil!"

E, ao som desse quase universal hino folclórico brasileiro, Asa-Branca, mais nos sentimos elo de uma mesma corrente. Luís Gonzaga, rei do baião, mestre da sanfona branca, líder das danças matreiras e dengosas, emanadas do seu genial cérebro, partiu há pouco, ou melhor, fez de conta que partiu; está aqui, junto de cada brasileiro, ao nosso lado, imperecível, insubstituível, imortal. Asa-Branca, brancas asas adejando sobre o solo pátrio, sob o céu brasileiro, asa-branca acenando, voando, alçando-se ao infinito, ultrapassando as fronteiras do além. Asa-Branca, voando no palanque das atividades folclóricas, Asa-Branca do Grupo de Danças Parafolclóricas "Cidade Menina-Moça", trazida pelos cearenses, adaptada ao jeito paulista. Voa, Asa-Branca de Olímpia! (aqui um vaqueiro do SESI, Ceará entra e dança com a pequena Camila, no centro do grupo que apresentou a coreografia Asa-Branca).

De Olímpia, São Paulo, a florzinha Camila; de Fortaleza, Ceará, o vaqueiro Marcelo. Nordeste! Sudeste!



Amigos fraternos, o mesmo amor ao Folclore, o mesmo sonho de voar cada vez mais alto, emaranhar-se nas sublimes teias do amor à cultura, um só país, um povo sem fronteiras, um só país! (Camila atira pétalas de rosas sobre Cidinha e povo circundante.)

Voa, Asa-Branca, leva nas tuas leves asas a voz do amigo Luís Gonzaga, leva para o espaço infinito o som da tua música imortal, alegre as estrelas, os astros que te cercam, ouve nossas vozes que te louvarão eternamente, sorria quando te invocarmos na Asa-Branca que fizemos nossa, brasileira de todos os rincões. Voa, Luís Gonzaga, voa Asa-Branca!"

A seguir, em fila, levam flores à mestra e, um a um, abraçam-na, comovidos, enquanto a extraordinária musicista Denise Batista dos Santos, em surdina, toca Asa-Branca. E, para culminar as merecidas homenagens, o grupo dança, com brilho e garbo, danças que ensaiaram diligentemente, acompanhado pelo som musical do conjunto, nessa noite liderado pelo jovem Jônatas Manzolli, filho de Cidinha, maestro consumado. Entre cumprimentos e abraços, Cidinha comovida, mal conseguiu agradecer. Denise firme no teclado, desfilando um sem-número de músicas brasileiras, condizentes com a bela noite enluzada de 17 de agosto de 1989. Parabéns, professora Maria Aparecida de Araújo Manzolli.



SEMPRE AO NOSSO LADO

O Grupo Parafolclórico do SESI, Fortaleza-CE, coordenado pelo Prof. Freitas, mais uma vez se fez presente aos Festivais do Folclore de Olímpia, prestando a sua habitual homenagem através da música, música que encantou e fez olímpenses e visitantes vibrarem. Eis a música dedicada ao 25.º FEFOL.

GRUPO PARAFOLCLÓRICO DO SESI, FORTALEZA-CE 25.º FEFOL DE OLÍMPIA

Letra: **Quico**
Música: **Zacarias**

EM — CU — RU — PI — RA — EH — VA — MOS NOS EN — CÓN —
 TRAR NO VI — GE — SI — MO — QUIN — TO — FE — FOL DE O — LIM — PIA —
 LIM — PIA — VIN — TE E — CIN — CO — A — NES SE PAS — SA —
 — RAN — NU — MA — FES — TA — SEM — GUAL —
 — TU — ES — O — LIM — PIA — A — CA — PI — TAL DO FOL —
 CLO — RE — NA — CIO — NAL — LIM — PIA — DEI —
 XEI — MI — NHA — JAN — GA — DA — NAS PRAI — AS DO MEU CE — A —
 RÁ — VOL — TEI — PA — RA RE — VER —
 ME — NI — NA — MO — ÇA — O — LIM — PIA —
 LIM — PIA — TER — RA — DO — A — E — QUE —
 RI — DA — DE — GEN — TE — TÃO — HOS — PI — TA — LEI — RA —
 QUE — E — LE — VA O — NO — ME — DE UM — GRAN — DE IN — GEN — TI — VA —
 DOR — PRO — FE — SOR SAN — TA — NA — DA — CUL — TU — RA — BIA — SI —
 LEI — RA — UN — GRAN — DE — CUL — TI — VA — DOR — LIM — PIA —
 LIM — DO — RE — CIN — TO — DE EN — CAN — TO —



ESTRIBILHO

Eh!, Curupira, eh!,
Vamos nos encontrar
No vigésimo quinto FEFOL de Olímpia. (bis)

- 1 — Vinte e cinco anos se passaram
Numa festa sem igual
Tu és Olímpia
A Capital do Folclore Nacional.
- 2 — Deixei minha jangada
Nas praias do meu Ceará
Voltei para rever
Menina-moça, Olímpia.
- 3 — Terra boa e querida
De gente tão hospitaleira
Que eleva o nome
De um grande incentivador:
Professor Sant'anna
Da cultura brasileira
Um grande cultivador.
- 4 — Lindo recinto
De encanto e beleza
Norte, Sul e Sudeste,
Vieram para mostrar
Sua cultura popular.
- 5 — Olímpia, eu vou voltar
Ao meu terrão natal
Adeus, adeus,
Saudade é que me faz chorar.



GRUPO FOLCLÓRICO DE CHÃ PRETA-AL

Mais uma vez, por ocasião do 25.º FEFOL, tivemos o grato prazer de contar com a presença do Grupo Folclórico de Chã Preta, Alagoas, comandado pelo insigne mestre, Prof. Pedro Teixeira de Vasconcelos. Ele, o professor, é a própria alma desse grupo de danças nordestinas. Já idoso, pés inchados pelo calor olimpense, calor

fora de hora — agosto, sempre frio, o mestre foi incansável em bem conduzir esse colorido grupo, constituído quase que exclusivamente de crianças, cujas idades, creio, não ultrapassam os 15 anos. Apresentam-se, sob a mão firme do senhor Pedro, como autênticos profissionais. Enriquecem, assim, os nossos festivais.

Apresentaram no palanque das atividades folclóricas: *Presépio* (auto natalino que lembra o nascimento de Jesus e a adoração dos pastores na gruta de Belém), *Pastoril* (folguedo natalino, onde as cores do cordão encarnado contrastam com as do cordão azul), *Reisado* (lembra as antigas reisadas e janeiras portuguesas e espanholas), *guerreiro* (origem alagoana, destacando-se como os mais belos os de Viçosa, Murici, União dos Palmares, Maceió e Atalaia), *Quilombo* (folguedo que focaliza a fuga dos escravos para o Quilombo dos Palmares), *Taieira* (dança de origem africana), *Roda* (semelhante à Ciranda pernambucana), *Coco* (com sapateados rítmicos), *Baiana* (varianete do Maracatu) e *Arara*, a alegria de todos que têm oportunidade de subir no palanque e de todos que ficam nas arquibancadas, divertindo-se com a correria dos dançarinos para a troca dos pares.



Esperamos contar com Chã Preta em nossos futuros festivais, apesar do Prof. Pedro achar que não o fará, devido à distância e a outros percalços que enfrenta com relação à preservação do grupo. Parabéns, amigo, Deus o conserve forte e rijo, queremos vê-lo muitas outras vezes.

NOSSA CAIXA NO FOLCLORE

De 1.º a 20 de agosto de 1989, a Caixa Econômica do Estado de São Paulo S.A., Agência de Olímpia, colaborou com os festivais do folclore, imprimindo nos rodapés dos extratos das contas de sua clientela: "De 13 a 20 de agosto XXV Festival do Folclore na cidade de Olímpia". Foram 150000 extratos entregues, o que significa extraordinária divulgação do maior evento da Capital do Folclore.

Esse é um dos motivos que nos ligam a essa agência bancária, tal a espontaneidade do meio de difusão utilizado tornando-nos, mais uma vez, devedores da direção da Nossa Caixa. Agradecemos pela vasta divulgação, enviamos nossos parabéns à cúpula da mesma e, eternamente presos aos liames de tão sólida manifestação, colocamos à disposição da Caixa Econômica, agência de Olímpia, rogando prosperem, cresçam perenemente, estejam sempre ao lado do nosso folclore. Olímpia agradece.

ANUÁRIO DO 25.º FEFOL: CAPA E CONTRACAPA

Ao preparar a parte ilustrada do Anuário do 25.º Festival do Folclore de Olímpia, festival representativo do seu Jubileu de Prata, o Prof. José Sant'anna, criador e coordenador dos festivais olimpienses, preocupou-se com o visual realista, ou seja, com a realidade destes rincões. Assim, idealizou uma árvore verde, significando a grande riqueza atual do Município — a laranjeira, produtora da melhor laranja do país, maná moderno da cultura agrícola da região. Sobre a laranjeira, uma tarja negra, num simbolismo de penumbra convidativa ao repouso, ao descanso, à meditação. E sobre a tarja, diversos tipos de luminárias utilizadas pelo brasileiro desde os tempos coloniais até o advento da eletricidade. Essas luminárias fazem parte do acervo do Museu de História e Folclore de Olímpia, peças evocativas de um passado recente, num arranjo de bom gosto e beleza. Por ser Jubileu de Prata, as cores utilizadas em destaque foram nuances do cinza (prata para jubileu de prata)... Laranja — ouro agrícola da atualidade olimpiense... Verde — esperança de perpetuar o luzeiro do amor pátrio nos corações de todos que participaram do 25.º FEFOL. Parabéns pela idéia original, Prof. Sant'anna juntamente com a Prof.^a Ivete Fernandes. Que seus desejos se concretizem, a fim de que prata e ouro iluminem os futuros festivais.

25º Festival do Folclore 13 a 20 de agosto/89



Colaboração

BRADESCO

E a encantadora contracapa apresenta três meninos convenientemente ataviados, representando os 3 Reis Magos, levando presentes ao Menino Jesus. São crianças do Grupo Folclórico "Pastoria do Menino Jesus", de Campinas, SP. Muito bem pensado, mestre.

Folclore: um pouco da nossa terra e da nossa gente



BRADESCO

Assim foram concebidos também a Agenda (Programa), do Festival e o Cartaz do Jubileu de Prata do Festival.

E quem merece um agradecimento do tamanho do Folclore Brasileiro é o BRADESCO, que patrocinou quase a totalidade do material promocional da Festa. O binômio FOLCLORE e BRADESCO é inseparável para os olimpienses. Nós amamos os dois.

AGRADECENDO

Queremos deixar imensos agradecimentos à E.E.P.G. "Dona Anita Costa" e E.E.P.S.G. "Prof.^a Dalva Vieira Ítavo" por terem hospedado, por ocasião do 25.º Festival do Folclore, a muitos grupos folclóricos que aqui vieram, de longe, para apresentação no palanque das atividades folclóricas e para o desfile de encerramento. A gentileza da direção e dos funcionários desses estabelecimentos que vêm suas atividades totalmente perturbadas nesses dias, nos leva a apresentar sinceros agradecimentos, rogando que o Senhor abençoe sempre a todos, que Ele esteja presente em todas as realizações cotidianas. A Comissão do Folclore agradece, a Prefeitura agradece, os olimpienses agradecem, todos nós ficamos com enorme dívida de gratidão para com essas escolas e seus dirigentes. Só obrigado, nada mais podemos oferecer.

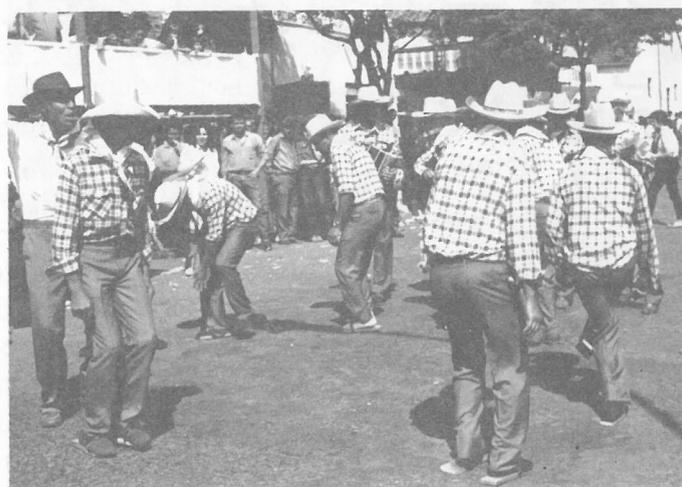
DESFILES DE ENCERRAMENTO

Como acontece todos os anos, o último dia dos Festivais do Folclore de Olímpia é marcado por grandioso, rico, colorido e extenso desfile. Desfile de alegorias que

presta homenagem aos Grupos Folclóricos locais e aos que vêm de todas as regiões do país. A seguir, desfile dos Grupos Folclóricos, com apresentações em todo o percurso. O desfile de Alegorias, no 25.º FEFOL, ficou sob responsabilidade da Prof.ª Edemir Moreira e apresentou carros de beleza invulgar, além de belas jovens em ricas fantasias, alusivas ao folclore brasileiro. Um pouco dessa parte do desfile:



O desfile dos Grupos Folclóricos, coordenado por José Sant'anna e sua equipe de auxiliares, Célio José Franzin e Antônio Clemêncio da Silva, foi um dos mais significativos dos últimos anos, apesar do calor fortíssimo que castigava a todos, principalmente aos mascarados, e àqueles que caminhavam descalços ou com pesados trajes. Dançaram cansados e lavados em suor, deram o seu recado a toda a coletividade que, firme e encalorada a ele assistiu e o aplaudiu. Nossos cumprimentos à Prof.ª Edemir pelo seu esforço, ao Prof. Sant'anna por sua tenacidade e incansável labor. Eis "amostras" do Desfile Folclórico...





Parabéns aos organizadores, parabéns às firmas que prestigiam com carros alegóricos, tratores, carros para o desfile das jovens, fantasias, parabéns aos que colaboram para tal acontecimento. "Vale a pena ver de novo"!

PROFESSOR JOSÉ SANT'ANNA CIDADÃO DE CAPÃO DA CANOA

Em sessão ordinária do dia 11 de setembro de 1989, estando presente aos trabalhos o Prof. Sant'anna, a Câmara Municipal de Capão da Canoa-RS, propôs a concessão do título de Cidadão Honorário ao folclorista. A proposição foi aprovada por unanimidade, pelos Vereadores: Delcy da Silva Germano (presidente), Domingos Sinhorelli Neto (1.º secretário), Oscar Birlem (vice-presi-

dente), Antônio Gomes da Rosa (2.º secretário), Etevaldo Batista Galimberti, Gilmar Bassani Reis, Itamar Fassbinder, José Walker Cavero, Loir Borba, Luiz Gabriel Matos da Silva e Osmar Orestes Serra.

Após a aprovação unânime do título, o senhor presidente e nove vereadores, da tribuna, saudaram o novo cidadão caponense.

Grato, comovido e emocionado pelo inédito da sessão, o Prof. José Sant'anna apresentou seus agradecimentos à Câmara de Capão da Canoa, ampliando, assim, os laços que unem os caponenses a Olímpia, aos Festivais do Folclore, onde a presença de grupos de tradições gaúchas é uma constante. Terminou sua fala, beijando a bandeira de Capão da Canoa, que estava ao lado da tribuna.

A solenidade compareceram integrantes do Grupo de Tradição e Cultura "Vinte de Setembro", de Capão da Canoa, acompanhados pelo Sr. Tarcísio de Freitas Espíndola (patrão) e Neilor José Domingues (orador). De Olímpia, presentes estavam Antônio Clemêncio da Silva e Guiomar Midori Sato.

Os efeitos desse acontecimento logo se fizeram sentir. A fim de que estudantes e professores conhecessem mais sobre folclore, o Prof. José Sant'anna foi convidado pela diretora da Escola Estadual "Luiz Moschetti", Prof.^a Marilu Domingues, para palestras sobre o assunto. Assim é que, perante grande número de alunos e mestres, Sant'anna enfrentou o impasse, jovens dos 10 aos 16 anos e professores de diversificados graus. Saiu-se bem, é claro, quebrando a rotina da palestra, transformando-a em proveitosa e alegre aula. Aprendizado entre risos e vivacidade ficará, certamente, marcado para a vida inteira de cada participante, a corrida pelas manifestações folclóricas a todos envolveu. Assim contaram as respostas orais, as respostas práticas, os aplausos entusiastas e os cumprimento gerais.

Poucos dias após a palestra o G.T.C. "Vinte de Setembro" divulgou, em livreto, as Quadras Folclóricas de Capão da Canoa, coletadas por estudantes de lá, sob a orientação de José Sant'anna, e distribuído a todos os interessados.

E A FESTA CONTINUOU EM CAPÃO DA CANOA

No dia 17 de setembro de 1989, em plena Semana Farroupilha, às 10 horas, no salão nobre do Ginásio de Esportes "Oto Birlem", o senhor prefeito municipal Ledrino Brogni, ofereceu um jantar de confraternização ao novo cidadão caponense, José Sant'anna e à comitiva olímpense que o acompanhava: Antônio Clemêncio da Silva, Guiomar Midori Sato, Marco Antônio Cristófolo e Maria Luisa Vilela Cristófolo.

Ao jantar compareceram o senhor prefeito e esposa, Marlene Brogni; o vice-prefeito Érico de Sousa Jardim, a Secretária de Educação e Cultura, Prof.^a Maria Helena Froener; a Secretária da Saúde, Maria Carmem dos Reis, o Secretário da Fazenda, Cláudio Cristiano da Rocha e esposa; o Secretário da Administração, Carlos Batista da Rocha e senhora, o Secretário do Planejamento, Martinho Espíndola e o Secretário do Turismo, Vilmar Serra e esposa.

Além dessas autoridades, abrilhantando a noite, a presença de Tarcísio de Freitas Espíndola e esposa Helena, Neilor José Domingues e esposa Marilu, Teobaldo Deves e esposa Venância; durante o ágape, fizeram uso da palavra o senhor Tarcísio, o homenageado Sant'anna, o senhor prefeito, em clima de verdadeiro congraçamento cultural e social. Após o jantar, integrantes do Grupo "Vinte de Setembro" e do GTC "Porteira Gaúcha", de Torres, apresentaram uma colagem de danças gaúchas, homenageando os olímpenses e o povo caponense.

Como se não bastassem tantas homenagens, para encerrar as festividades, realizou-se um fandango gaúcho que

entrou pela noite adentro, até o dia raiar. E muito chimarrão e churrasco bem à moda do Sul.

No dia 20 de setembro (1989), às 12 horas, no Ginásio "Oto Birlem", o presidente da Câmara, Sr. Delcy da Silva Germano, fez a entrega do título de cidadania ao neófito gaúcho, Prof. Sant'anna, que o recebeu trajado à moda gaúcha.



A seguir, a Câmara Municipal ofereceu um almoço gaúcho ao homenageado, do qual participaram os vereadores e demais autoridades municipais.

Pois é, Prof. Sant'anna, cidadão honorário de Capão da Canoa, cumpre-nos a obrigação de cumprimentá-lo pelo título recebido e agradecer aos camponeses pelas homenagens que lhe foram dedicadas, engrandecendo, assim, a imagem de Olímpia e o valor dos nossos Festivais do Folclore. Parabéns a ambos: ao povo de lá, gente de cá. Merecidamente.

25 ANOS JUNTOS NO FESTIVAL



Não houve casamento civil ou religioso. Houve casamento de ideais, houve casamento de objetivos comuns. Assim, conhecendo-a antes mesmo do primeiro Festival do Folclore de Olímpia, amigos já, não é de se admirar a presença de Inezita Barroso nos palanques da praça, no palco do cinema, no palanque do Centro Comunitário, na

Praça do Folclore. José Sant'anna e Inezita Barroso vêm, cada um dentro do seu setor, prestigiando a preservação do folclore brasileiro. Ela na viola ou violão, espalhando sua bela e poderosa voz, firme em Olímpia, duas ou três vezes no mesmo ano, ausente a dois festivais apenas, caminharam lado a lado nesses 25 anos de lutas. Ele, sem viola ou violão, tocando os difíceis instrumentos da criação, coordenação, organização, perpetuação dos festivais, cantando, ao ritmo da música de todos os países, vibrando, dançando, sofrendo, rindo, firme sempre. Jubileu de Prata dentro do Jubileu de Prata dos Festivais. É justo que lhes prestemos uma pobre homenagem como esta, homenagem que procura louvar essa luta conjunta em prol da valorização do folclore brasileiro. Juntos desde o princípio da história dos nossos festivais, estejam juntos por toda a longa história que ainda deverão escrever sobre o solo olimpiense. Parabéns, Inezita; parabéns, Sant'anna. Prosigam juntos, firmes, só a cultura folclórica terá a ganhar.

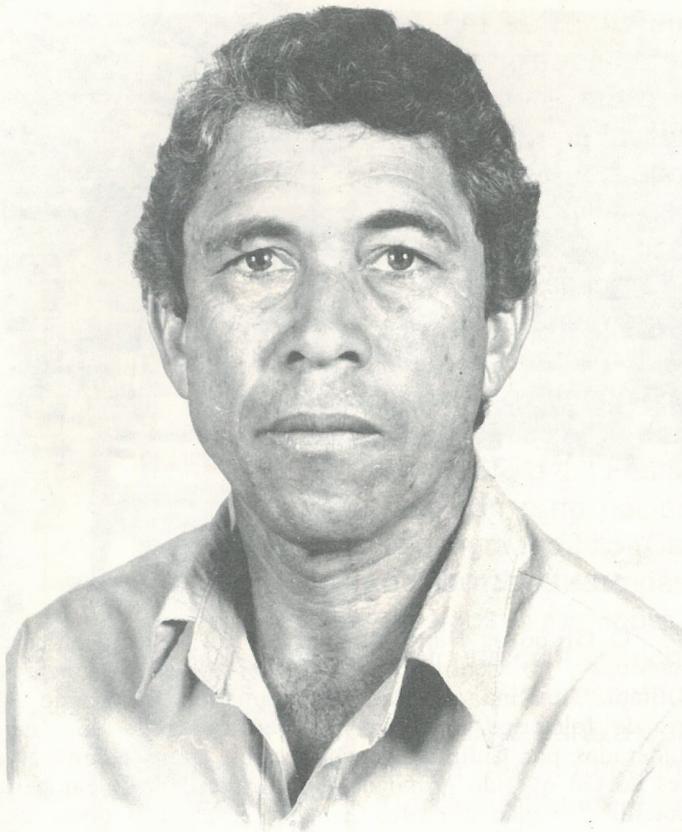
FIZERAM-NO POR MERECER

Desde as semanas que antecedem os Festivais do Folclore até o seu término, o Prof. José Sant'anna conta com a colaboração espontânea de pessoas que merecem destaque: Jair Emerson da Silva, Sidney Carlos Schalch, Francisco de Assis Madalena, Rubens Ribeiro de Souza, Luís Antônio Fonseca, Orlando Moço e outros. São, por vezes, os "tapa-buracos" nas freqüentes ocorrências pertinentes à Praça das Atividades Folclóricas "Prefeito Wilson Zangirolami" e ao Festival de vulto como é o nosso. Por isso, por tudo que fazem, pelo auxílio que prestam, queremos deixar aqui nossos agradecimentos, entregando, mais uma vez, nas mãos do Senhor, a recompensa de tão avantajada dívida: Deus lhes pague, amigos.



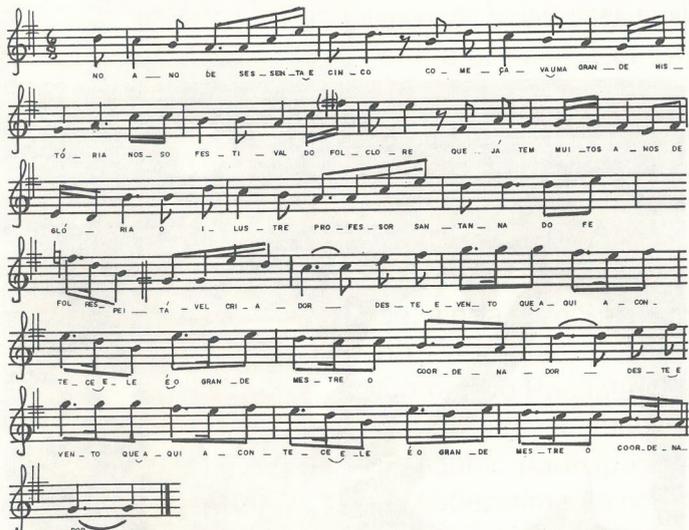
UM VIOLEIRO NATO

José Viaro, nascido em Severínia-SP, em 1951, residindo em Olímpia, Jardim Cisoto, desde 1970, gostou de ouvir o som da viola desde a mais tenra idade. Esforçado, lutou muito e, sozinho, aprendeu a tocar esse instrumento, ali pelos 15 anos de idade. E toca até hoje, com alegria e gosto. Formou diversas duplas com seus parentes, cantando em festas e programas radiofônicos. Para não ficar apenas no toque da viola e no cantar de músicas regionais populares, passou a compor, utilizando como tema central, fatos extraídos do cotidiano. Assim, considerando-se ele um autêntico olimpiense, rogamos ao Senhor lhe conceda a graça de brilhar nos meios artísticos, preservando a nossa música sertaneja, nossa música raiz. Parabéns, José Viaro.



GLORIOSO FEFOL

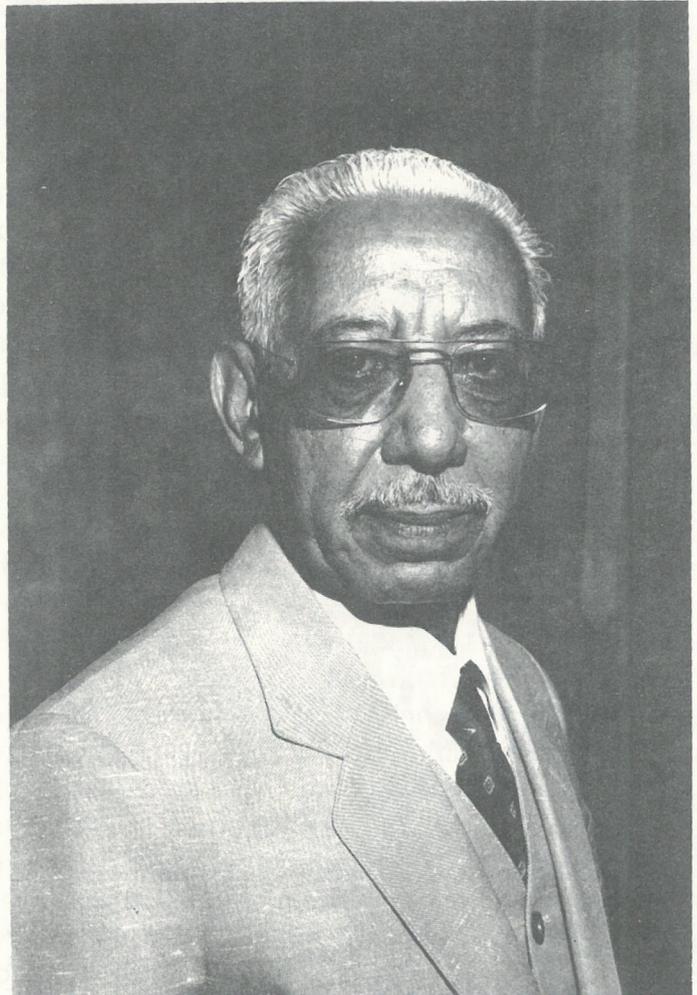
Letra e Música: **José Viaro**
(Janeiro de 1990)



- 1 — No ano de sessenta e cinco
Começava uma grande história,
Nosso Festival do Folclore,
Que já tem muitos anos de glória.
O ilustre Professor Sant'anna
Do FEFOL respeitável criador.
Deste evento que aqui acontece,
Ele é o grande mestre, o coordenador { bis
- 2 — Já passaram vinte e cinco anos,
Comemoramos seu jubileu.
Pra manter suas tradições,
O Folclore já tem seu Museu
É a arte, é a nossa cultura,
Que retrata e une um povo,
Outro ano que vem, é a festa de novo.
Cada dia, cada mês que se passa, { bis
- 3 — A cidade Menina-moça
É Olímpia, meus companheiros,
É a Capital do Folclore,
Conhecida no Brasil inteiro.
Nosso povo está de parabéns,
Pela força deste Festival,
É o Brasil que aplaude o folclore,
E nossa Olímpia é a Capital. { bis

TÍTULO DE CIDADANIA

O dia 6 de novembro de 1989 ficará como marco importante da história de Olímpia. Na Câmara Municipal, o emérito professor Rothschild Mathias Netto recebeu o título de Cidadão Olímpense. Coube ao Prof. José Sant'anna a propositura de tal título, unanimemente aceito, ainda no ano passado.



Aguardou-se um certo tempo, a fim de que diversos fatores coincidissem, dando mais destaque ao fato. O mestre veio para Olímpia no início de 1939. Voltou a Macaé no fim do mesmo ano, casou-se e veio fixar residência em nossa cidade. Completou 50 anos de carreira profissional. Três "bodas" reunidas!

Rothschild foi professor de Matemática todo esse tempo. Pesquisou as raízes da história olimpiense, sobre ela escreveu e escreve com precisão. Foi redator dos Anuários do Folclore por longos anos. Sempre ligado ao Museu de História e Folclore da cidade. Filatelista. Pai de, entre outros, Sílvio Roberto Bibi Mathias Netto, radialista de grande envergadura, ex-vereador, político militante da cidade. Tem, em quase todos os Anuários, artigos sobre folclore, sempre ligados à história. Dois ou três livros prontos para o prelo, outros em fase de aprimoramento, relacionados à história e ao folclore olimpiense. Título mais do que merecido.

A cerimônia da entrega do título foi a mais tocante e bela jamais vista por nossa gente. Câmara repleta. Vereadores em massa. Família completa reunida. Arranjos florais de muito bom gosto. O Prof. Sant'anna, o prefeito José Rizzatti e esposa, o vice-prefeito Marcelo Gil e esposa, Cidinha Manzolli e eu, Iseh, tudo fizemos para que o mestre fosse condignamente homenageado.



O Conjunto Coral de Olímpia composto de adventistas, católicos e metodistas, regido pelo maestro Prof. Maurício Pereira fez vibrar a todos presentes. Os integrantes do Quarteto Benson, da Igreja Adventista do Sétimo Dia juntamente com seu pastor Josenir F. dos Santos cantaram hinos, acompanhados, ao órgão, pela jovem Rosemeire Aparecida Martins. O casal Natalino e Creusa apresentaram uma "seresta" apaixonante, cantando e dramatizando "Amo-te Muito", do cancionário popular brasileiro, com um pequeno arranjo de Sant'anna. Alunos da EEPG "Silva Mello", com o garbo que caracteriza essa entidade de ensino olimpiense, fizeram as honras da noite: um número de Jogra, narrando a vida do homenageado, foi de grande efeito. A bandeira olimpiense foi conduzida por garridas jovens da escola. A uma coube o porte solene do título, a outra a entrega de um presente ao casal, um belo destaque a essa pequena escola que tem como diretora a Prof.^a Ivete Fernandes e excelente corpo docente. Vários vereadores subiram à tribuna, enaltecendo o mestre, justificando a outorga do título, ex-alunos todos eles, exceto um. Maravilhosamente, em nome do pai, Bibi agradeceu, aumentando as emoções de todos os presentes.

Uma cerimônia marcante, uma homenagem digna e valiosa tinha que terminar como terminou: com um delicioso jantar no Clube BANESPOL, de Olímpia. Parabéns, novo cidadão olimpiense, novo que aqui está há 50 anos, ensinando, educando, elucidando, pesquisando, escrevendo sobre esta terra e seus fundadores. Parabéns, Prof. Sant'anna pela outorga do título e pela bela festa que teve, como sempre, a ajuda da Cidinha Manzolli na parte musical, e a minha, na parte literária. Salve, novo velho cidadão de Olímpia, Prof. Rothschild Mathias Netto. Parabéns Câmara Municipal de Olímpia.



MENINA-MOÇA DANÇANDO PELO PAÍS

O Grupo de Danças Parafolclóricas, "Cidade Menina-Moça", do Centro de Tradições "Noiva Sertaneja", Olímpia, continua dançando, encantando e levando o recado folclórico brasileiro a diversas regiões do país. Liderados por Cidinha Manzolli, esses jovens componentes de tão querido grupo de danças brasileiras, têm percorrido a região e outros Estados, levando o nome de Olímpia, a galhardia do moço olimpiense, a graciosidade da menina-moça da nossa terra, proporcionando a muita gente, alegria desmedida, transmitindo noções básicas sobre folclore. Os trajes típicos que levam são obras de arte e bom gosto. As danças são belas. O sucesso é corolário indissolúvel dessas apresentações.



Em junho de 1988, dançaram em Iturama, MG. Em julho, estiveram em Adamantina, SP. Em agosto, além do Festival do Folclore de Olímpia, apresentaram-se em Barretos, no Clube União dos Trabalhadores; foram a Itaporã, MT, dançando na Fazenda Itamarati, de Olacir Moraes. Chegaram a Pontaporã, de onde partiram para solo paraguaio. Em setembro dançaram em Colômbia, SP. No mês de novembro apresentaram-se na TVS, Programa Cidade Contra Cidade, defendendo Barretos.

Em 1989, foi este o percurso: em junho (24), dançaram no Sítio Mimo, Festa de São João dos Toledo; dançaram em Americana (dia 25), no Ginásio de Esportes. Em julho (dia 9), desfilaram em Paulo de Faria, dançaram em Ibitiúva, SP. Nos dias 10 e 11 de agosto apresentaram-se em Pereira Barreto, SP, dançando e participando de suntuoso desfile. Nos dias 15 e 17 foram presença marcante no palanque da Praça das Atividades Folclóricas "Prefeito Wilson Zangirolami", e no dia 20 des-

filaram entre os grupos de alegorias. No dia 27 estiveram no SESC de Catanduva tendo antes, no dia 24, participado em Barretos, da Abertura da Festa do Peão. O mês de setembro levou-os a Sales Oliveira, SP e a um desfile de comemorações na cidade de Ariranha, SP. Houve muitos outros convites, mas o final do ano traz, para a maior parte dos jovens, problemas com relação a provas e exames finais. E a mestra, impedida de tocar seu velho acordeão — fratura da mão direita, continua firme com ensaios e mais ensaios, a fim de manter os já exímios dançarinos em plena forma, prontos para o que for necessário.

Este é um grupo de danças que merece nossos mais sinceros elogios. Nada poderá destruir o Grupo Menina-Moça, pois ele é o próprio retrato de uma cidade que preserva o folclore, que tem o apoio do Prof. José Sant'anna que sempre esteve ao lado da dinâmica coordenadora das danças, Prof.^a Maria Aparecida de Araújo Manzolli. E aí está o prefeito José Rizzatti, a 1.^a dama local, Dona Regina, sempre amaciando o caminho para que as danças brasileiro-olimpienses sejam vistas por todo lado. Portanto, a cada um dançarino, a cada mãe que se esfalta para que tudo corra bem, ao Prof. Sant'anna que estimula o grupo, à Prof.^a Cidinha, nossos parabéns pela caminhada estafante, Olímpia se orgulha de vocês. Deus os proteja sempre.

A CAPITAL DO FOLCLORE NA RODOVIÁRIA

Há alguns anos já, em pequeno recinto da Rodoviária de Olímpia, diversos objetos vêm sendo vendidos e, muitas vezes, graciosamente cedidos àqueles que têm tempo para observar, para vasculhar bancas ou vitrinas. Assim, acabamos por descobrir canetas que têm gravadas: Lembrança de Olímpia — Capital do Folclore. Descobrimos mais: sacolas, isqueiros e um número considerável de artesanato, tudo com os mesmos dizeres.

**CHARUTARIA
FILADELFIA**

LEMBRANÇA DE OLÍMPIA

CAPITAL DO FOLCLORE

RÁDIO TV RODOVIÁRIA DE OLÍMPIA
FONE: 81-3291
OLÍMPIA - SP

Proprietários da Charutaria Filadélfia, senhor Ildeu Gomes de Miranda e D. Maria Isabel de Oliveira Miranda, fazem questão de ampliar cada vez mais a quantidade de objetos que divulgam o nome de Olímpia e seu Folclore. Em baianinhas de conchas marítimas, há a lembrança de que Olímpia é a Capital do Folclore. Em carros-de-boi, em dúzias de enfeites graciosos de madeira, em brinquedos infantis, em tábuas que portam orações a São Francisco e outros santos vai o senhor Ildeu, quase anonimamente, divulgando o nome de Olímpia e, conseqüentemente, o seu apego ao folclore brasileiro.

Queremos cumprimentar o senhor Ildeu pelos anos de luta em prol da divulgação do folclore olimpiense, deixando aqui, em nome de todos aqueles que querem preservar nossa cultura popular, um agradecimento sincero e votos de que mais e mais pessoas procurem conhecer o acervo que a Rodoviária possui. Parabéns, senhor Ildeu.

GENTE DA TERRA DIVULGANDO A TERRA

A Máquina São Carlos, destinada a beneficiar arroz, uma das riquezas agrícolas da região, de Orlando Galetti & Cia. Ltda., foi feliz ao imprimir nos pacotes que contêm o rico grão, mensagem de alto poder visual: "Olímpia, a Capital do Folclore". Possuindo Filial em São Paulo, juntamente com o arroz aqui limpo e empacotado, vai a mensagem por este país afora, contando a quem não sabe, que Olímpia é a Capital do Folclore. Idéia maravilhosa, proprietários da Máquina São Carlos. É assim que se divulga o que é nosso, é assim que se espalha o rastilho da cultura olimpiense, é assim que se aguça a curio-

ARROZ QUALIDADE SUPERIOR

LONGO L - TIPO 2
Preço ao Consumidor: Cr\$

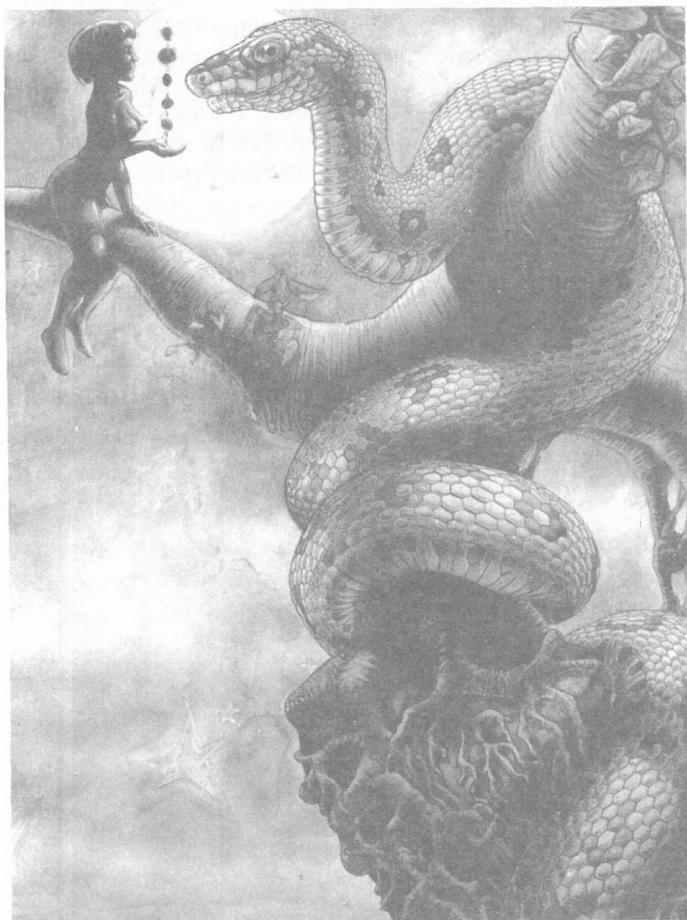
PESO LÍQUIDO 5 kg

OLÍMPIA
A CAPITAL DO FOLCLORE

cidade de quem nos desconhece. Que outras promoções desse tipo apareçam, fazemos votos. Parabéns, senhor Orlando Galetti & Cia. Ltda. Olímpia só pode cumprimentá-los, ensejando à Firma, progresso e prosperidade. Parabéns.

TARDIO AGRADECIMENTO

Por um infeliz acaso, deixamos de agradecer a ALBARUS que, no início de 1989, imprimiu e distribuiu excelente Calendário, todo voltado para o Folclore Brasileiro, para as Lendas Brasileiras. Tendo por Assistente de Arte Marco A. Trandafilov e como projetista gráfico Eduardo Cerqueira Lima, o Calendário apresenta um feio *Curupira* como "assombrador das matas", a *Cobra Grande* que causou o aparecimento da noite, o *Boitatá*, devorador de olhos e atormentador dos animais e dos homens, o *Boto*, sedutor de donzelas, *Iara*, arrasadora de corações masculinos e a *Mula-Sem-Cabeça*, mulher de padre ou burrinha. Ilustrações modernas, de grande efeito visual. Por isso, com atraso de um ano, junto às nossas desculpas, aqui ficam nossos agradecimentos pela oferta e pela preocupação em preservar algo que tende a se perder na esteira do progresso — lendas brasileiras... Parabéns. ALBARUS, continuem nessa linha.



Cobra Grande

LENDAS BRASILEIRAS

FOLCLORE DOCUMENTÁRIO

Para quem viveu um período em que, mesmo bons mestres não sabiam nada sobre manifestações folclóricas, é com júbilo que folheamos páginas de duas obras realmente belas: *Festas Populares Brasileiras* e *Danças Populares Brasileiras*. A primeira, da Biblioteca Eucatex de Cultura Brasileira, organizada por Cláudia Márcia Ferreira, em português e inglês, traz excelente abertura com explicações gerais sobre as magníficas fotos que retratam

danças e folguedos, bem como festas populares e tipos físicos regionais. Belíssimo trabalho de Carlos Rodrigues Brandão e equipe encarregada da montagem geral.



Festas Populares Brasileiras

A segunda, do Projeto Cultural Rhodia, traz Apresentação do Presidente da Rhodia S.A., Edson Vaz Musa e uma plêiade de nomes que pesquisaram por todo o país. As fotos são excepcionalmente notáveis, desde as que focalizam indígenas vários, às do Carnaval que fecham o livro. De permeio, vistosos Caiapós, rico Maracatu, Moçambique, Congos, Siriri, Pássaro, Guerreiro, Bumba-meu-boi, Pretinhos, Coco, Frevo, Mascarados de Poconé, Danças Gaúchas Marambiré, Candomblé...

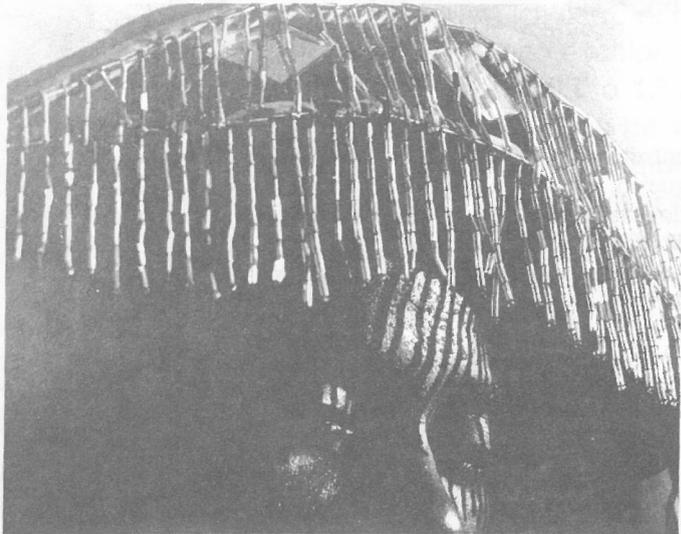


São duas obras de arte que enriquecem qualquer biblioteca que procura preservar usos e costumes regionais, e nas fotos estão muitos personagens que brilharam nos Festivais do Folclore de Olímpia, o que as torna mais dignas de nota para nós que com tantos dançarinos convivemos. Estão de parabéns os coordenadores das duas obras e as equipes que pesquisaram, que documentaram, que preservaram o que é nosso, que divulgaram o folclore brasileiro. Gratos pela magistral idéia.

O POVO E SUAS FESTAS

Magnífico Calendário — 1990 nos foi enviado pela OSRAM, realização da Editora Pau-Brasil Ltda., fotografias da Agência F4, impressão e fotolitos da Editora Grá-

ficos Burti Ltda. O Calendário faz um feliz caminhar pelo Folclore Nacional, desde uma procissão de Corpus Christi a uma bugrinha Caiapó, ricos esclarecimentos de Maria Lúcia Montes (antropóloga e pesquisadora da USP). E prossegue com Folia de Reis e Reisados, Bumba-meu-boi, Cavalhada, Festa do Divino, Senhor dos Navegantes, Congadas, um autêntico curso de folclore brasileiro. Cumprimentos a OSRAM pela apresentação de tão rico material. Nossos agradecimentos pela doação de tão belo Calendário.



O POVO E SUAS FESTAS

SÉRIE FOLCLORE E EDUCAÇÃO

A Melhoramentos lançou no mercado a série que leva o título acima, esclarecendo ser o objetivo principal formar um elo cultural entre Brasil e América Latina. São livros apropriados à formação cultural dos jovens já que a linguagem é acessível à faixa estudantil, com um curso gratuito aos professores interessados em atualizar-se nesse setor. Cada livro será dedicado a um país, enfocando sempre a sabedoria popular, as emoções e sentimentos de cada povo. À venda duas obras: "Teodora e o Coronel", uma adaptação feita por Orlando Figueiredo de conto difundido no Rio Grande do Norte e "A Garota Amália", coletada por Paulo de Carvalho Neto, no Equador.

Ficamos felizes com esse lançamento, esperando seja a Série adotada nas escolas, levando ao educando um pouco mais de conhecimentos sobre o rico folclore latino-americano. Parabéns à Melhoramentos pela feliz idéia e ao Paulo de Carvalho Neto que já divulgou o Festival do Folclore de Olímpia, na Califórnia.

SÃO JOÃO DOS TOLEDOS

O Grupo de Danças Parafolclóricas "Cidade Menina-Moça", de Olímpia, sob o comando de Cidinha Manzolli participou, em 1989, de belíssima solenidade no Sítio do Mimo, nas proximidades de Campinas, Limeira, por ali. Era a festa de São João, tradição da família Toledo, realizada há mais de 150 anos. Não só pela recepção magnífica que marcou a permanência do grupo no Sítio, nem só pelo número incontável de Toledos presentes, mas pelo aspecto nitidamente folclórico-religioso que é o to-

que mágico dos festejos, Cidinha e acompanhantes ficaram felizes.

A homenageada do ano foi Jandira Toledo Pacheco e Silva Campos, 1.^a neta de Maria Joaquina Arruda de Toledo (1862-1941), batalhadora para preservar a tradição de festejar, condignamente, o padroeiro do clã — São João Batista. A festa vem sendo realizada por um Toledo, em diversas fazendas pertencentes à família, ora em Americana, Limeira, ora em Campinas e, tendo trabalhado pela preservação da festa que reúne todos os Toledos, Jandira, falecida aos 44 anos de idade, mereceu a homenagem do ano.



Há muita seriedade no ritual. Os membros da 5.^a geração da família reúnem-se, pessoas de todas as idades, vindos de várias regiões do país e seguem, à risca, o que os antecessores iniciaram: mastro enfeitado, bandeirinhas, velas acesas, procissão, fogos de artifício (desperta São João do céu), fogueiras (afastam pragas da lavoura) e reunião da família... "E também porque Santo Antônio é o santo das solteiras, São Pedro o das viúvas, e São João Batista o santo dos Toledos" — trecho de Marcos Prason Natali, da família.

A fartura da mesa, por mais de dois dias repleta de guloseimas — doces e salgados, frios e quentes, causou espanto e alegria aos olímpenses. E comeram... e beberam... e dançaram... e, é claro, querem voltar.

Nossos cumprimentos à ilustre família Toledo pela preservação do folclore nacional e um voto de agradecimento a Maria Antonieta Toledo Marques, que reuniu vasto material para nos enviar. Nosso espaço é mínimo, nossos agradecimentos são vastos. Continuem firmes, Toledos!

BOLETIM DA COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE

Doralécio Soares, editor e diretor do Boletim enviou, à Prefeitura Municipal, exemplar do mesmo. O Boletim da Comissão Catarinense de Folclore é um trabalho de grande importância para estudiosos da cultura popular, seleção magnífica de artigos de interesse nacional, leitura amena, fotos significativas, obra que só enriquece uma biblioteca que é procurada por alunos de toda a região como é a nossa. Artigos como a "Festa do Divino Espírito Santo", "Pombinha Açoriana", "Barriga Verde", "Cultura Popular Catarinense", "Bruxas Açorianas", "Artesanato Folclórico" nos conduzem a um mundo de novo saber, de muito saber. E, na página 124, o Boletim traz amplo noticiário sobre o Anuário do Folclore de Olímpia, terminando por esclarecer que prestam, assim, homenagem ao Prof. José Sant'anna, "Lídimo defensor e divulgador da cultura popular e folclórica que envolve o povo brasileiro com a realização anual dos Festivais do Folclore na cidade de Olímpia". Nossas homenagens à Comissão Ca-

tarinense de Folclore e ao emérito folclorista Doralécio Soares e equipe. Parabéns pelo Boletim, pela divulgação do folclore brasileiro, parabéns pelas lutas enfrentadas até o presente momento. E gratos pelo belo presente.

BOLETIM DA COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE



ELEVADAS HOMENAGENS

A Ordem Internacional dos Jornalistas (Supremo Conselho Internacional), sede nacional no Rio de Janeiro, sede internacional em Brasília, na noite de 20 de outubro de 1989, às 20 horas, Casa da Cultura "Álvaro Marreta Cassiano Ayusso", Olímpia, prestou digníssima homenagem a cinco olímpenses: José Fernando Rizzatti (prefeito), Wilson Zangirolami (ex-prefeito), Marcelo Gil Munhoz (vice-prefeito), Wanderley Dario Forti (ex-presidente da Câmara Municipal) e José Sant'anna (folclorista).



A homenagem, tendo o Pastor Antônio Fernando Braga como encarregado do cerimonial, foi de um requinte absoluto.



Feita a apresentação do egrégio responsável pela entrega dos títulos, Senhor Comendador Dr. José Trigueiro, fez-se a composição da mesa: Sr. Natalino Ribeiro dos Santos, Nilton Gigliotti, Maria Aparecida de Araújo Manzolli, Iseh Bueno de Camargo e Tenente Erick Cunha Junqueira. A seguir, são chamados os homenageados e esposas.



O Quarteto Masculino "Benson", da Igreja Adventista do Sétimo Dia, encantou o auditório com belo repertório de música sacra. São eles: Roberto, Paulo, César e Sílvio, sendo acompanhados, ao teclado, pela jovem Rosemeire Aparecida Martins.

O senhor Comendador esclareceu que a Ordem é uma entidade de âmbito internacional de caráter científico, cultural, honorífico e social, prestigiando, após demorada seleção aqueles que se destacaram em qualquer desses setores, justificando as homenagens.



Entregues as comendas, colocadas nos homenageados por juizes togados, a cada um foi entregue um diploma.



Os mesmos dizeres aos demais comendadores, exce- tuando-se o prefeito, José Fernando Rizzatti, que recebeu o grau de *Cavaleiro Grande Oficial*. As esposas receberam um escrínio contendo medalhas sugestiva e um diploma.



Usou da palavra o senhor prefeito José Fernando Rizzatti, agradecendo em nome de todos e falando da emoção geral por tão alta honraria. O casal Creusa e Natalino Ribeiro dos Santos, com afinadas vozes, embelezou a noite cantando: "Divino Companheiro" e um grupo de moças da Igreja Assembléia de Deus apresentou um número musical sacro de grande beleza.



Ao Prof. Sant'anna, o apresentador dirigiu palavras de louvor por seu trabalho exaustivo na preservação dos valores pátrios, através dos Festivais e Anuário do Fol-

clore, trabalhos já do conhecimento de tão egrégia auto-ridade.

Encerrou-se a noite com descontraído encontro na Associação dos Funcionários Públicos Municipais de Olímpia com excelentes salgadinhos e bebidas e, numa confraternização total, muita música alegre, acompanhada pelos presentes.

Parabéns aos homenageados, merecedores de tão dignificantes títulos e comendas, assim como a todos que se preocuparam com a organização impecável de tão raro evento. Parabéns, comendadores, o nosso agradeci-mento à Ordem Internacional dos Jornalistas.

AMÁLIA LUCY GEISEL

Depois de alguns anos dedicados à preservação da cultura nacional, como diretora do Instituto Nacional de Folclore, essa culta e simpática pessoa, Amália Lucy vol- tou a exercer suas funções de pesquisadora no Núcleo de Cultura Material — RJ. Esperamos que seja feliz no antigo meio de trabalho, sabendo, de antemão que, neces- sitados como estamos de preclaros pesquisadores, a cul- tura popular brasileira só tem a ganhar. Felicidades a você, amiga folclorista, nossos respeitos ao seu insigne trabalho no INF e a tudo que fez pelo nosso folclore, pela sua participação no I Simpósio Nacional Sobre Folclore (Conceituação do Folclore no Brasil), realizado em Olímpia, de 14 a 17 de agosto de 1986.

ANA HEYE

Um nome que, esperamos, surgirá freqüentemente nos meios folclóricos. Assumiu, em substituição a Amá- lia Lucy Geisel, em 24 de outubro de 1989, a direção do Instituto Nacional do Folclore, da FUNARTE. Ana Heye é mestra em antropologia social no Rio de Janeiro, per- tence ao quadro técnico do INF, desde 1983. Além de extenso trabalho em prol da preservação e divulgação da cultura popular brasileira, foi ela quem elaborou o Pro- jeto-piloto de Apoio ao Artesão, coordenando inúmeras exposições na Sala do Artista Popular. Assim, um nome surge nos meios folclóricos, trazendo, em seu caminhar, trabalhos que já a fazem importante entre os estudiosos do Folclore brasileiro. Parabéns, pois, Ana Heye, que seja proveitosa a sua estada na direção do INF. Parabéns aos que a escolheram para essa função.

FORRÓ NO SERTÃO

Literatura de Cordel, livreto de Acedilo Novaes, pu- blicado através da Prefeitura Municipal de Olímpia e Conselho Municipal de Cultura, "Forró no Sertão" narra a confusão havida num baile na roça, no dia de São João. Acedilo já é bastante conhecido nos meios folclóricos re- gionais, escreve sempre sobre os Festivais do Folclore e tem especial predileção por contar e cantar os feitos de José Sant'anna em sua maratona em prol dos folcloristas da cidade. Parabéns, cordelista, não pare jamais em sua folque trajetória, conte os feitos de nossa gente, de nossa terra; cantaremos louvores aos seus singelos trabalhos. "Deus lhe pague".

FOLIAS EM DESFILE

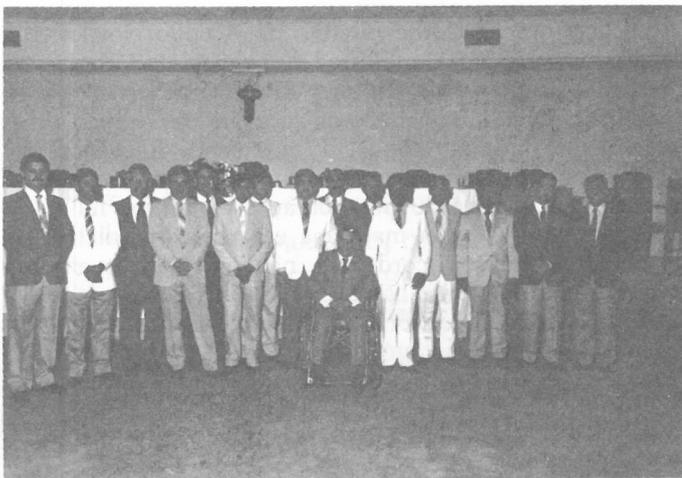
Tradição brasileira, tradição olimpiense, o mês de janeiro vibra ao som dos bumbos, pandeiros, viola e vio- lão, muito canto sacro e dança, quando as Folias de Reis cumprem suas promessas. Em 1990, como não podia deixar de ser, Olímpia pôde apreciar a "chegada" de 37

Companhias ou Folias de Reis. Todas as vilas da cidade, bairros, sítios e periferia em geral foram palco desses esperados encontros. Assistimos a alguns deles, o Prof. José Sant'anna percorreu quase todos, em verdadeira maratona de fins de semana. Com pequenas variações, além do terço obrigatório, cantos em louvor ao nascimento de Jesus, aos reis magos, à sagrada família. Mascarados — velhos, jovens e crianças, sob sol inclemente, suados e felizes louvaram seus santos e pagaram suas promessas. Almoço ou churrasco encerram as comemorações, mas é o canto o que mais chama a atenção, o respeito com que portam bandeiras e dançam ritmicamente. Olímpia está de parabéns, tradição que aqui, felizmente, não desaparecerá tão cedo. E vivam as Folias!



CÂMARA MUNICIPAL

São 17 Vereadores na atual gestão. São 17 pessoas que pensam e agem diferentemente, seguindo sua índole, sua maneira de ser. No entanto, quando o assunto é folclore, principalmente folclore em Olímpia, em uníssono agem todos. Lutam para que os festivais permaneçam grandiosos, valem-se de todos os meios para que o Brasil continue a se enriquecer culturalmente, assistindo e participando dos nossos encontros folclóricos de agosto. Por todo o desempenho dessa plêiade de olimpienses batalhadores, por todo o amor que demonstram ao Folclore, por exemplo, pela unanimidade de pensamentos no que tange à preservação das raízes pátrias, um voto de louvor à Câmara Municipal de Olímpia, a cada um dos ilustres vereadores que têm, como presidente, o próprio criador e coordenador dos festivais, Prof. José Sant'anna.



Ilustra bem o que dissemos, a própria Lei Orgânica do Município de Olímpia, promulgada no dia 5 de abril do corrente ano. No artigo 220, Capítulo III, Seção II, Da Cultura, o *Festival do Folclore* aparece como promo-

ção incontestante e a ele dar-se-á todo o apoio possível e irrestrito. Comunidade, escola, povo e edilidade, em um único amplexo, visam à expansão do saber do povo, a sua inteligência e a sua cultura. Parabéns vereadores. Continuem juntos nessa luta. Cresceremos juntos.

CAIADO NO 25.º FEFOL

Dentre os candidatos à presidência da República, Ronaldo Caiado foi o único a comparecer ao palanque das Atividades Folclóricas, em plena quinta-feira, dia 17 de agosto quando, entre vários eventos, apresentava-se Inezita Barroso. Foi de uma extraordinária habilidade, procurando não alterar a programação e, ao mesmo tempo, dar o seu recado político. Falou da sua admiração irrestrita à grande Inezita, encantou-se com a multidão que lotava as arquibancadas do recinto e glorificou Olímpia pelos seus Festivais do Folclore. Prestou, assim, significativa homenagem ao Prof. Sant'anna, criador e coordenador dos festivais. Com simpatia e inteligência transmitiu sua imagem de bom político, foi aplaudido mesmo por aqueles que temiam discursos deslocados. Por esse motivo, deixamos aqui nossos cumprimentos ao iminente visitante, esperando vê-lo nos próximos festivais, como convidado muito especial. Parabéns, Caiado. Volte.



ERRATA

Duas fotos do Anuário do 25.º Festival do Folclore de Olímpia, 1989, respectivamente às páginas 12 e 13 foram, erroneamente colocadas como sendo de Santo Antônio. O santo que as mesmas representam é São José. Embora tenhamos a certeza de que seres tão altamente santificados jamais "brigassem" por esse engano, nossa

consciência de folcloristas, de pesquisadores nos leva a fazer esta declaração: o erro passou-nos despercebido e é justo que os que procuram o Anuário para ampliar conhecimentos não se prejudiquem. Que os jazigos do Cemitério Municipal de São João Batista de Olímpia continuem a ter imagens de um ou de outro santo, fazemos votos. Que os vivos, parentes dos que jazem nos túmulos onde São José aparece e foi confundido por Santo Antônio nos desculpem. "Errar é humano", diz o ditado, mas em pesquisa errar é muito ruim. Ficam aqui nossas escusas pela falha, damos nossas mãos à merecida palmaria.

COLLOR E O FESTIVAL DO FOLCLORE

Em 1988, por ocasião da realização do 24.º Festival do Folclore tivemos, entre centenas de grupos folclóricos que aqui se apresentaram, a presença marcante do Reisado de Maceió, Alagoas. Alagoas trouxe outras manifestações folclóricas de rara beleza e fidedignidade, porém, o Reisado, com seu rico colorido, flores e guirlandas foi o ponto alto das apresentações.

Nesse ano, governava Alagoas o Dr. Fernando Collor de Mello, que patrocinou a vinda dos extraordinários grupos folclóricos e enviou, para representá-lo, o senhor Secretário da Cultura e Esportes de Alagoas, Prof. João do Nascimento Silva.

E, ao término do ano que marcou o 25.º FEFOL, 1989, no 2.º turno das eleições, o ex-governador alagoano tornou-se presidente do Brasil! Ao ex-governador que nos enviou maravilhas do folclore alagoano, gratos. Ao ilustríssimo presidente da República, Dr. Fernando Collor de Mello, nossos parabéns e votos de que continue a prestigiar a cultura folclórica brasileira de todos os rincões do país.

Parabéns, Collor; parabéns, Brasil!

OLIMPIENSE LEVA O BRASIL À INGLATERRA



Jônatas Manzolli, filho de Ercídio e Cidinha Manzolli, jovem maestro, músico e compositor, especializa-se na Universidade de Nottingham, Inglaterra, cursando o 2.º ano de PhD sob orientação de James Fulkerson, já brilha em concertos musicais naquele país.

Durante o evento "Spring and Summer Terms 1990", de janeiro a maio do corrente ano, Jônatas pôde demonstrar ao público europeu, além dos seus conhecimentos sobre "Fractal Geometry and Music", muita coisa bem brasileira.

Aconteceu no dia 22 de janeiro: Programa dividido em diversas peças, com esclarecimentos escritos à platéia presente. Em duas peças do Concerto, Jônatas deu enfo-

que total aos ritmos brasileiros: samba, baião, bossa nova, apresentando ao público inglês o nosso velho e conhecido *berimbau*.

Soubemos que a receptividade foi grande e, conhecendo esse dinâmico e sábio jovem olimpiense, acreditamos tenha sido extraordinária. Esse moço vai longe... E nós, à distância, estaremos torcendo para que sua estrela brilhe cada vez mais, para gáudio dos seus pais, dos seus amigos, para maior glória da música popular brasileira. Parabéns, Jônatas Manzolli.

MAIS UM FOLCLORISTA PARTIU

Guilherme Santos Neves, grande nome do folclore brasileiro, deixou-nos no dia 24 de novembro de 1989, abrindo, assim, enorme lacuna nos meios atuantes da cultura popular. Foi presidente da Comissão Espírito-santense de Folclore, diretor da revista "Folclore", publicada de 1949 a 1982, ferrenho defensor da seriedade dos estudos folclóricos, escritor, divulgador das nossas mais lídimas tradições. A perda foi grande, porém seu trabalho não perecerá, graças aos alicerces que tão bem assentou, não só no Espírito Santo, como em todo o país. Correspondente assíduo do Prof. José Sant'anna, eram amigos pessoais, trocavam seus trabalhos publicados sobre a cultura folclórica. Adeus, Guilherme Santos Neves, percorra em paz as trilhas da nova vida, proteja sempre o folclore brasileiro. Adeus...

ADEUS A UMA ARTESÃ



Dona Francisca Porto Bôni, natural de Bebedouro, morou em Olímpia longa parte de sua vida. Aqui criou 13 dos 22 filhos que teve, cercou-se de amigos, fez-se olimpiense. Uma autêntica artista no manejo da palha de milho, natural ou colorida, presenteou os folcloristas locais, regionais e de todo o Estado, legando-nos inúmeros trabalhos dessa arte maravilhosa. Desde seus famosos presépios — um no Museu do Folclore, um no Museu do Presépio, no Ibirapuera, São Paulo e outro no Museu de Olímpia, até as mais singelas peças de enfeite, D. Francisca teceu autênticas obras artesanais, utilitárias: chapéus, tapetes, cestas, bonecas; e para adornos: flores, animais, brinquedos...

No dia 10 de maio de 1990, D. Francisca partiu. Foi sepultada no Cemitério de São João Batista, de Olímpia, deixando-nos saudosos a recordá-la em seu labor folclórico constante. Permitam os céus que lá nas alturas, ela continue a tecer etéreas nuvens de palha, brancas ou rosadas, artesã imortal e querida. Adeus, D. Francisca, sua obra não permitirá que seja esquecida. Adeus obreira de beleza imortal.

CORRESPONDÊNCIAS

ANTÔNIO CLEMÊNCIO DA SILVA
Departamento de Folclore — Olímpia

Referentes a nossas atividades em 1988 e 1989, quando comemorávamos o 24.º Festival do Folclore em homenagem ao Centenário da Abolição da Escravatura no Brasil e o Jubileu de Prata do Festival, recebemos muitas correspondências, das quais destacamos:

Rio de Janeiro, 24 de novembro de 1988

Cordiais saudações:

Sou professora de música da UFRJ e da UNI-RIO. Venho desenvolvendo grande trabalho na área de pesquisa em música, tendo sido laureada no início deste ano, em dois concursos de monografias sobre Villa-Lobos.

O primeiro deles, instituído pelo Museu Villa-Lobos, versou sobre as ligações de Villa-Lobos com a música e músicos populares, trabalho este, que será editado conforme regulamento. O segundo, foi instituído pela OEA e o governo brasileiro, abrangendo aspectos interessantes sobre a latinidade do compositor e sua proposta de educação social através da música.

Concluí ainda, um estudo sobre o Cordão Carnavalesco denominado "Sodade do Cordão", instituído em 1940 pelo maestro Villa-Lobos, e que integra o plano editorial da Editora Universitária da UFRJ.

Recentemente terminei um trabalho intitulado "O Folclore no processo de musicalização", que consta de 500 canções folclóricas brasileiras, organizadas e voltadas para a prática do ensino musical, trabalho único no gênero em nosso país.

Atualmente venho me ocupando de dois projetos:

1.º) Evolução das correntes pedagógico-musicais brasileiras. Trata-se de um estudo histórico e evolutivo dos métodos e propostas de ensino brasileiros.

2.º) As constâncias modais na música folclórica brasileira. Visa sobretudo resguardar e preservar nosso rico filão folclórico modal, que vem sofrendo penosas influências e modificações. Tem também como objetivo detectar os tipos de estruturas modais mais comumente encontradas nas diferentes regiões.

Desejo com esta, manter um canal aberto para uma troca de experiências mais efetiva, assim como também, um intercâmbio de idéias e materiais. Aproveito a oportunidade para fazer o envio deste meu trabalho, desejando que ele possa ser útil de alguma forma.

Atenciosamente, subscrevo-me.

ERMELINDA AZEVEDO PAZ

* * *

Manaus, 8 de dezembro de 1988

Sr. Prof. José Sant'anna
Rua David de Oliveira, 420
Caixa Postal 60
15 400 — Olímpia — SP

Caro confrade:

Estou acusando o recebimento da publicação ANUÁRIO DO FOLCLORE, Ano XV, número 18, de 22 de agosto do corrente ano. E remetendo-lhe algumas obras de minha autoria, a fim de que fique lembrado o Amazonas nas suas preocupações, pois do seu artigo muito bom extraí experiências que fazem acreditar o folclore um andarilho internacional. Aliás os outros trabalhos que compõem a publicação marginada estão maravilhosos. Minhas profaças pela vitória no campo editorial e da afirmação de sua cidade na campanha pró divulgação das nossas tradições populares.

Abraça-o agradecido,

MÁRIO YPIRANGA MONTEIRO

* * *

São Paulo, 10 de dezembro de 1988

Caro amigo José Sant'anna

Desejo-lhe e a todos os seus, Feliz Natal. Ano novo pleno de saúde, prosperidade e grandes realizações.

Um abraço e cumprimentos de,

BARONESA ESTHER SANT'ANNA DE ALMEIDA

P. S.: Recebi sua magnífica revista n.º 18 e muito agradeço. Logo lhe escreverei dando minha impressão sobre o Anuário, que antecipadamente, digo "Extraordinário", parabéns, meu amigo. Que Deus o conserve.

* * *

São Paulo, 11 de dezembro de 1988

José,

Agradeço o envio do ANUÁRIO DO FOLCLORE, n.º 18, 1988, recebido em 9/12/88. Uma preciosidade sua documentação da quaresma em Olímpia.

Atenciosamente,

MARIA DO CARMO VENDRAMINI
folclorista

* * *

Curitiba, 12 de dezembro de 1988

Prezado Professor

José Sant'anna
Olímpia — SP

Sou um sacerdote que dedico há alguns anos ao estudo e pesquisa sobre São José; atualmente trabalho na paróquia Senhor Bom Jesus do Portão em Curitiba-PR, e há aproximadamente um mês atrás, ouvindo a fundação Rádio Educacional — rádio universitária de Votuporanga, tive o prazer de inteirar-me do grandioso trabalho que estás fazendo em Olímpia quanto à pesquisa e o folclore, e isto me animou em solicitar teus préstimos no trabalho que devo fazer para o início do ano que vem. Acontece que no próximo ano deverei participar de um simpósio internacional sobre S. José na Cidade do México e eu deverei apresentar algo sobre o nosso santo com o tema: *São José no Brasil no século XVIII*, tudo o que se possa existir sobre ele aqui neste século, folclore, música, costumes, devoções, etc. Sei que como grande amante do folclore poderia me ajudar nesta tarefa. Peço, por favor enviar-me o material sobre este assunto e eu pagarei tudo o que por ventura for de trabalho ou de gasto com "xerox", correio, etc. Certo de sua amável atenção, colocome ao seu inteiro dispor.

PE. JOSÉ ANTONIO BERTOLIN-QSJ

* * *

Salvador, 12 de dezembro de 1988

Ao prezado confrade Prof. José Sant'anna

José Calasans cumprimenta e felicita pelo sucesso do 24.º Festival do Folclore, ao tempo que formula votos de Boas Festas.

* * *

Belém, 13 de dezembro de 1988

Estimado colega e amigo Sant'anna

Acuso o recebimento e agradeço o envio de seu Anário do 24.º Festival do Folclore, com excelentes contribuições ao estudo da Cultura Popular Brasileira.

Há um de excepcional qualidade que é o seu, e permita-me dar-lhe um conselho: anteceda esse estudo de uma introdução teórica com levantamento de uma hipótese de trabalho. A primeira parte seria a pesquisa que foi feita e que você publicou; a 2.ª parte, você poderia pegar uma pesquisa semelhante e compará-la ao seu tra-

balho e concluiria o mesmo com as conclusões. Posso lhe garantir que ficaria um trabalho "pra ninguém botar defeito".

Junto estou lhe enviando um estudo feito em Portugal sobre o assunto. É um excelente ponto de partida para a etnologia comparada.

Parabéns pelo artigo e com este vai o abraço cordial e amigo do

NAPOLEÃO FIGUEIREDO E FAMÍLIA
Antropólogo

* * *

Natal, 13 de dezembro de 1988

José Sant'anna: professor emérito!

Recebi a revista (linda) correspondente ao 24.º Festival de Folclore de Olímpia. Extraordinário é você, meu caro Sant'anna, que consegue dar ao Brasil um exemplo modelar de trabalho, criatividade e amor às tradições populares. Você precisa ensinar ao Brasil como é que consegue fazer tanto. O mapa da mina é que nós precisamos.

Se algum dia for criado no Brasil o prêmio Nobel do Folclore — ou algo parecido — pode contar, desde logo, com o meu voto. Uma beleza o seu trabalho!

Apenas folhee a revista, hoje recebida. Mas já vi que há longo estudo seu sobre temas do folclore religioso de Olímpia. Outra importante contribuição sua. Parabéns!

Aproveito a oportunidade para lhe enviar os melhores votos de um natal feliz e ano novo sempre produtivo e muita saúde.

Tenho um livro no prelo. Breve enviar-lhe-ei exemplar: trata-se do "DICIONÁRIO DE ESPÍRITO E HUMOR DOS VELHOS AMIGOS". Penso que você irá gostar dele. Abraço do admirador e amigo de sempre.

VERÍSSIMO DE MELO

* * *

Recife, 21 de dezembro de 1988

Prezado Prof. Sant'anna

Acuso o recebimento da sua revista comemorativa do 24.º Festival do Folclore, realizado em Olímpia.

Incluo-me entre os admiradores do seu empenho, também dos seus abnegados companheiros, em divulgar de maneira permanente figuras e fatos do nosso Folclore.

A Cultura Popular, agredida pelo deboche, pela insensatez e pela incompetência de muitos, precisa de defensores como esses devotados de Olímpia, a cada dia mais entusiasmados na execução de programas plenamente consistentes da preparação de continuadores da didática folclórica.

Meus parabéns, Sant'anna. Nunca esmoreça nesse seu devotamento ao que é bom e proveitoso para a cultura da nossa gente.

Com um abraço de

ALCIDES NICÉAS

* * *

Rio de Janeiro, 22 de dezembro de 1988

Prezado Sant'anna

Recebi o excelente Anuário que você teve a gentileza de enviar. Cumprimento-o e a toda a equipe, gente com garra e garra de realização. Meus cumprimentos e meus respeitos pela capacidade desse grupo.

Aproveito para enviar meus votos de um Feliz Natal e um Ano Novo pleno de saúde e paz.

Com amizade,

CÁSCIA FRADE

* * *

São Paulo, 23 de dezembro de 1988

Distinto amigo Prof. Sant'anna

Muito comovido, recebi seu *Anário do Folclore*, 24.º Festival, agosto deste ano.

Não saberia, nem poderia, significar-lhe a intensidade da minha admiração!

Pesquisas diretas — valorização de uma temática inerente a imensidão do fenômeno antropológico-cultural — objetividade da observação — informática em concórdia com a estrutura analítica do Fato...

Tudo são jóias!

E o seu "Aspectos Folclóricos..." não são parâmetros, são colunas de uma esplêndida monografia!

Parabéns, Professor!

Retribuo-lhe, e acrescento intensidade se possível, aos seus votos.

JOSÉ GERALDO DE SOUZA
Musicólogo e folclorista

* * *

Fortaleza, 25 de dezembro de 1988

Prezado amigo José Sant'anna,

Recebi o Anuário do Folclore, referente ao 24.º Festival de Folclore, efetuado em agosto do corrente ano, nessa cidade, já famosa como a Capital do Folclore.

Ótima apresentação material e farto conteúdo de temas de origem folclórica, versados com proficiência pelos seus dedicados colaboradores, é o que nos oferece, com poucas palavras, o magnífico Anuário que me chegou ontem pelos Correios.

Sou-lhe deveras grato à atenção da remessa e quanto lastimo não haver podido atender ao convite que me foi feito há dois anos, para participar, nessa cidade, de debates folclóricos!

Recomendo-me aos colegas dessa cidade, a quem auguro uma dedicação cada vez maior às pesquisas que vêm realizando, nessa região paulista — ao que sinto bastante rica de tradições populares.

Aceite felicitações e um cordial abraço do amigo e colega.

FLORIVAL SERAINE
folclorista

* * *

Aracaju, 26 de dezembro de 1988

Prezado amigo José Sant'anna,

Agradeço o envio da *Revista do 24.º Festival do Folclore*. Cumpre-me parabenizá-lo e à Prefeitura de Olímpia pela primorosa edição de valor cultural incontestável. O Folclore continuará vivo e será fonte de vida, enquanto existirem publicações da qualidade do 24.º Festival. Um grande abraço com votos de um feliz 1989 com grande significação para nosso Folclore.

Atenciosamente,

NÚBIA N. MARQUES

* * *

Maceió, 31 de dezembro de 1988

Prof. Sant'anna

Recebi o anuário, que beleza ver divulgada as belezas do nosso folclore. Meus parabéns, você é mesmo um dos maiores patrimônios que a nossa cultura possui. Que o ano de 1989 seja pleno de realizações, paz, amor e felicidades.

MARIA DO SOCORRO F. DE ANDRADE

* * *

Rio de Janeiro, 12 de janeiro de 1989

Ilmo. Sr.
José Sant'anna
Prefeitura Municipal
Olímpia — São Paulo
Prezado Prof. José Sant'anna

Tenho a satisfação de acusar e agradecer o "Anuário" n.º 24, do Festival de Olímpia (São Paulo).

Não posso, contudo, deixar de felicitá-lo não só por ser o grande animador do Festival, como também, pelo conteúdo da publicação e, principalmente, pelo seu estudo "Aspectos folclóricos da Quaresma no município de Olímpia".

É um trabalho de colheita completo sob todos os aspectos e que serve para divulgar uma parte da religiosidade popular bem pouco pesquisada.

Parabéns sinceros, por mais esta contribuição, ao conhecimento e divulgação do folclore brasileiro.

Atenciosamente,

DULCE MARTINS LAMAS
Musicóloga

* * *

Petrópolis, 15 de janeiro de 1989

Mestre José Sant'anna

Recebi sua estupenda revista contendo as atividades do 24.º Festival de Folclore de Olímpia, que intentei ir, baldando-se-me o intento, já que por motivos profissionais viajei ao Rio Grande do Sul na mesma época.

Louvo seu esforço, não só no que concerne à manutenção da tradição do festival, às vésperas das Bodas de Prata, como à urdidura de tão auspiciosa revista, que honra a cultura paulista.

Parabéns pelo seu esforço, felicidades nos seus empreendimentos culturais. Espero estar presente ao próximo festival.

Estou enviando em separado publicações que poderão ser de seu interesse.

Um grande abraço do

FRANCISCO DE VASCONCELOS

* * *

Araras, 16 de janeiro de 1989

Caro amigo José Sant'anna

É com surpresa e emoção que recebo a Revista do 24.º Festival de Folclore de Olímpia.

Ao Prof. José Sant'anna por sua elevada dedicação à cultura brasileira, seu inegável dinamismo, que transformou Olímpia em Capital do Folclore, meu muito obrigada.

O Anuário do Folclore — Olímpia — é completíssimo e excelente trabalho sob todos os aspectos. Parabéns mais uma vez Sant'anna, sabemos que suas realizações têm dimensões oceânicas, são preciosíssimas!

Estou remetendo a você cópia de minha tese de mestrado sobre "Religião popular". Espero comentários. Um grande abraço, saudoso.

M. CÉLIA CREPSCHI COIMBRA

PS: Estou entusiasmadíssima com suas grandes realizações em Olímpia. "O que chamamos de princípio, é quase um fim, e alcançar um fim, é chegar ao princípio. Fim é o lugar de onde partimos"... Parabéns!

* * *

Vitória, 17 de janeiro de 1989

Os vãos do Anuário do Folclore/88 são elevados e merecem todo aplauso.

Apreciarei principalmente a homenagem ao grande folclorista Rossini Tavares de Lima.

Agradecido o

RENATO JOSÉ DA COSTA PACHECO

* * *

Rio de Janeiro, 19 de janeiro de 1989

Prezado Senhor Diretor:

Foi com imensa satisfação que recebi o Anuário 88 de Olímpia. Uma realização do nível e importância cultural desta só pode ser motivo de júbilo num país em que a cultura e, em especial a popular, não encontra respaldo para suas realizações e sobretudo sua preservação. Aqueles que se ocupam de tão gostosa e árdua tarefa merecem as bênçãos de Deus.

Um grande abraço e, mais uma vez, felicitações a todos que contribuíram para a realização do Anuário. Caso continue saindo, gostaria de receber.

Vamos continuar nosso intercâmbio.

Saudações folclóricas

ERMELINDA A. P. S. BARROS

* * *

Valença, 21 de janeiro de 1989

Insigne Jornalista

Prof. José Sant'anna

Prezado Confrade

Foi-me motivo de alegria o recebimento de um exemplar desta magnífica revista — 24.º FESTIVAL DO FOLCLORE — editada nesta tradicional cidade — OLÍMPIA — que mui merecidamente recebeu o título de CAPITAL DO FOLCLORE.

Com apenas dois dias após o seu recebimento, já consegui manuseá-la atentamente, devorando (como se diz na gíria) as empolgantes revelações e explicações das pesquisas, entrevistas e informações realizadas sobre o FOLCLORE, bem como inúmeras ilustrações e muita arte na elaboração deste notável órgão da imprensa nacional.

Através das 121 páginas que constitui o corpo desta obra, sabiamente dirigida por V. S.^a e sua equipe, tive a oportunidade de ver a dispersão das suas nuances, desde o homem rude e dominado pelos sabidos, até o momento em que estes sabem valorizar a vivência daquelas simples criaturas imersas numa atmosfera de credices, de superstições, de temores e de sugestionamento, como também exaltados interiormente com as realizações das inúmeras festanças: — o Congado, o Reisado, as Pastorinhas, as Folias de Reis, as Cavalhadas, as infundáveis procissões religiosas e tantas outras que serviam de anestésico aos seus sofreres.

E é isto que o Insigne Jornalista e Professor, José Sant'anna acaba de fazer, concatenando, selecionando, re-produzindo na íntegra tudo aquilo que possa deslumbrar o leitor, para que se ufane em haver superado àqueles idos do homem minimizado, inculto, tímido, como acontecia aos ouvintes dos "Bufões do Rei" que tinham por profissão o dever de inventar estórias para diverti-los e entre tê-los, já que ainda não se conhecia a luz elétrica, o rádio, o cinema, a televisão e toda esta gama de conforto que desfruta o homem de hoje.

Esta revista é de inestimável valor bibliotecário, servindo para que a nova geração se conscientize da grandeza do estudo do folclore, pois é ele que nos separa o joio do trigo, a verdade da mentira, o homem ingênuo e rude do homem culto e dominador.

Assim, meu nobre e digno Professor e confrade, José Sant'anna, apresento os meus sinceros agradecimentos, parabenizando-o por esta grande vitória, esperando em merecer um novo exemplar, por ocasião do Jubileu de Prata desta entidade, que dia-a-dia mais se avulta e se engalana na nossa História Pátria e Universal.

Atenciosamente,

JOSÉ PINHEIRO FERNANDES

* * *

Rio de Janeiro, 23 de janeiro de 1989

Ilmo. Sr.

José Sant'anna

Prefeitura Municipal de Olímpia

15 400 — Olímpia — SP

Prezado Senhor José Sant'anna

Tive a grata satisfação de ler o que V. S.^a teve a gentileza de remeter ao IBECC e aos membros da Comissão Nacional de Folclore.

Apesar dos afazeres múltiplos que consomem o meu tempo neste órgão nacional, dediquei um domingo inteiro a ler o ANUÁRIO DO FOLCLORE, n.º 18. E devo confessar-lhe — razão porque lhe faço esta carta — o imenso prazer intelectual em usufruir os conhecimentos que o ANUÁRIO oferece.

Outrossim, vali-me da oportunidade para comentar o fato com Bráulio do Nascimento, Maria Luíza Figueira de Mello e especialmente Paulo de Carvalho Neto, que tanto orgulho tem de havê-lo tido como aluno, todos seus admiradores e amigos.

Rogo-lhe aceitar meus agradecimentos, fazendo-lhe votos de que o ANUÁRIO tenha muitos anos de vida e êxitos pela frente.

Cordialmente,

CLEANTHO DE PAIVA LEITE
Presidente do IBECC

* * *

Pompéia, 25 de janeiro de 1989

Prezado Amigo, Prof. José Sant'anna

Coord. do FEFOL

Recebi o anuário do 24.º Festival do Folclore da Cidade de Olímpia.

Quero dizer de minha imensa gratidão por ter me enviado aquele exemplar. Achei um relato espetacular de fatos e curiosidades do Folclore Paulista e Brasileiro, contados e encenados na sua Capital Nacional.

Espero continuar recebendo notícias de Olímpia e de seu grande Festival.

Até a próxima e Feliz 89 a toda equipe do "FEFOL".

Atenciosamente,

CÍCERO BORGES NETTO

* * *

Ribeirão Preto, 26 de janeiro de 1989

Ilmo. Sr.

José Sant'anna

Foi com imensa satisfação que recebi, autografado, o "Anuário do Folclore", referente ao 24.º Festival do Folclore.

Observei o capricho e o carinho com que foi feito. Por ele, podemos ter uma noção do que é esta festa, já consagrada, que ocorre na cidade de Olímpia, onde, aliás, tudo faremos para levar professores e alunos, neste ano, para que dela participem. Esse Anuário será de grande valia para nosso curso de Folclore, devido ao grande nú-

mero de informações que contém. Portanto, sou grata pelo bonito presente e pela atenção que nos foi dispensada.

Agradecendo, ainda, os votos de Próspero Ano Novo, desejo também, mais um ano de sucesso, ao Senhor e todos os seus.

Cordialmente,

YEDA GINATTO SUZIGAN
Diretora

* * *

Sanatório Santa Isabel, 1.º de fevereiro de 1989

Amigos, Paz e Bem

Embora demore em responder, tenho recebido seu anuário do 24.º Festival do Folclore com surpresa e alegria. Surpresa porque não é comum uma prefeitura promover trabalhos desta natureza e amplitude. Alegria porque o presente anuário é uma importante e rica coleção de estudos e pesquisas originais sobre a cultura popular.

Como pessoalmente me dedico à pesquisa e promoção da religiosidade popular, fiquei deveras muito grato com o artigo: "Aspectos folclóricos da quaresma no município de Olímpia" da autoria de José Sant'anna. Descrições, fotos, anotações musicais, rezas e estórias formam uma grande contribuição para o estudo do assunto!

Juntando isso aos bons artigos sobre arquitetura folclórica, adivinhas, roda-pião, calembure, cordel, contos, danças, museu e noticiário, só posso dizer: Eu já sabia que Olímpia era a capital do folclore, mas não imaginava que a fosse tanto assim.

Abraço

FREI FRANCISCO VAN DER POEL — OFM.

* * *

Ref.: H-Brazil

Data: 8.2.89

Museu de História e Folclore "Maria Olímpia"

Rua David de Oliveira, 420

Caixa Postal 60

15 400 — Olímpia — SP

Prezado Senhor:

Temos o prazer de acusar o recebimento do Anuário do 24.º Festival do Folclore, 1988, que serão encaminhadas à sede da Biblioteca em Washington, D.C.

Agradecendo a sua inestimável colaboração, subscrevemo-nos,

Cordialmente,

ANN HARTNESS
Field Director

* * *

Rio, 13 de fevereiro de 1989

Ilmo. Sr. Prof. José Sant'anna

Acusamos o recebimento do Anuário do 24.º FEFOL e enviamos os nossos sinceros agradecimentos.

De conteúdo diversificado, com artigos claros e objetivos, o Anuário propicia ao leitor diferentes abordagens do folclore brasileiro.

Para nós, interessados especialmente nos aspectos musicais, as diversas melodias publicadas são de grande valor.

Desejamos que o Prof. José Sant'anna e toda sua equipe consigam apoio para continuarem este trabalho tão dinâmico.

Atenciosamente,

ROSA MARIA BARBOSA ZAMITH
Centro de Pesquisas Folclóricas

* * *

São Gabriel-RS, 16 de fevereiro de 1989

Prezado amigo e estimado Prof. Sant'anna

Vocês amigos, você Olímpia, são sempre lembrados como um acontecimento especial.

Por ocasião da "Califórnia", maior festa nativista do Rio Grande do Sul, realizada em Uruguaiana, lá quando estávamos reunidos, o assunto principal era com referência a vocês, as pessoas que ainda não o conhecem e não participaram do Folclore ficam deslumbradas pela forma como vocês são descritos nos diversos assuntos.

Divulgamos o Folclore Olimpiense como a fonte cultural do Brasil, aprendemos com vocês a conhecer melhor nossos irmãos do centro e norte do Brasil, passamos a entendê-los, respeitá-los e admirá-los. Afirmamos ainda que o Folclore de Olímpia além de gerar o intercâmbio cultural entre os diversos Estados do Brasil, brota em cada um que participa um grande laço de amizade. Ao ler o "Anuário do Folclore" enriquecemos nossos conhecimentos com trabalhos como: "POR QUE A ESCRAVIDÃO SE EXTINGUIU" e "CEM ANOS DE LIBERDADE". A leitura do "Anuário", nos recorda os grandes amigos e os felizes momentos que aí passamos juntos com vocês, nos revela a bondade e simplicidade do Prefeito Wilson, a saudade do inesquecível Álvaro Marreta e o regionalismo do seu Estado (São Paulo), inspirado nas canções da amiga Inezita Barroso. Sant'anna, em meu nome e em nome de João Quintana e "Grupo Parceria", "Grupo Três Pátrias" e "Grupo Bandoneon e Payada" de Enio Medeiros, agradecemos a homenagem a nós deferida no "Anuário" com o título Saudamos "Três Pátrias" da Nossa Pátria. Parabéns a vocês pelo merecido convite feito pelo IBECC. Professor, já estamos nos habituando a chamar OLÍMPIA como "Capital Internacional do Folclore". O "Anuário" está ótimo, é uma fonte de aprendizado para quem o ler.

Sant'anna, aceite uma brincadeira:

"Churrasco e bom chimarrão, fandango, folclore e mulher; é disso que o olimpiense gosta, é isso que o Sant'anna quer".

Um grande abraço

FRANCISCO DE PAULA MARQUES

São Paulo, 1.º de março de 1989

Ilustríssimo Senhor:

Temos a imensa satisfação de levar ao seu conhecimento, cumprindo as determinações do Exmo. Sr. Presidente dessa entidade, Jornalista Dr. Antônio Pedro Celestino, que a Ordem Internacional dos Jornalistas, por voto unânime do Conselho de Honrarias e Mérito, tem a honra de recebê-lo como membro efetivo e conferir a Vossa Senhoria a *CRUZ LIBERDADE IGUALDADE FRATERNIDADE*, no grau de *COMENDADOR*, com todas as honras, direitos e privilégios inerentes ao título.

A outorga da referida Láurea será realizada em São Paulo, na data e local a serem designadas entre os eventos programados para o 2.º trimestre de 1989, quando estarão presentes várias personalidades civis, militares, políticas, diplomáticas, industriais, empresariais e eclesásticas.

Outrossim, informamos que nos momentos que antecedem a solenidade de condecorações, haverá um coquetel de apresentação e posteriormente será servido um jantar de confraternização entre homenageados e convidados.

Informamos mais, que os trajes serão os seguintes:

Agraciados — *SMOCKING* ou *CASACA* com condecorações

Senhoras — *LONGO*

Militares — *UNIFORME DE GALA* com condecorações

Convidados — *TERNO ESCURO SOCIAL COMPLETO*

Aproveitamos o ensejo para apresentar a Vossa Senhoria, os protestos de nossa mais alta estima e distinta consideração.

Fraternalmente,

DR. PETER IGOR PAULICEK
Chanceler

* * *

São Paulo, 04 de março de 1989

Meu bom amigo Sant'anna:

Só você consegue me fazer interromper uma deliciosa preguiça há muito não curtida, por não conseguir me livrar de "obrigações". Entre elas incluem-se as profissionais, assistenciais, familiares e pessoais.

São tantos assuntos que vou separá-los por itens:

1) Como sempre, as suas dedicatórias me sensibilizam pelo "protecionismo" para comigo. Recebi o Anuário do Folclore. Está cada vez mais rico, com colaborações de grande valor e bastante diversificadas. Mil perdões por só agora acusar o recebimento e agradecer.

2) Li com proveito e admiração o seu trabalho "Aspectos Folclóricos da Quaresma do Município de Olímpia". Completíssimo, abrange várias áreas. Desde a parte musical e poética, fartamente documentada, à recomendação de almas e suas variantes; às diversas formas de rezar o terço; às curiosas e irresistíveis "Estórias da Quaresma"; às suas credences e superstições e mais os personagens das cerimônias, etc., em descrições minuciosas. Encontrei analogias entre o que você apresenta e o que eu conheço da minha Santa Rita de Passa Quatro Quatro (SP) e de outros lugares por onde andei. Apenas sinto que, apesar da grande tiragem do Anuário, muitos ficarão privados de conhecer a polimorfa Quaresma de Olímpia. Um livro seria o ideal, para conter a sua preciosa pesquisa. "Jocelino Conta Alguns Contos" é outra revelação. Fez-me voltar à infância e pedir-lhe "conta mais, conta mais..." O material fotográfico, como tudo, é excepcional.

3) Agradeço-lhe, mais uma vez e sensibilizada, a indicação de meu nome para substituí-lo na 2.ª Conferência Mundial de Danças Folclóricas. Somente, agora, tive conhecimento do teor de sua indicação para substituí-lo. Através do Anuário (página 100), fiquei sabendo dos termos em que foi feita. Mais uma vez a sua generosidade quanto aos meus méritos me comove e reafirma a grandeza de sua pessoa e a solidariedade desta colega que tem tanto com que se orgulhar. Gostei muito, assim como a Esther Karwinsky, que me acompanhou. Os trabalhos apresentados foram oportunos e interessantes. A projeção de filmes ilustrou bem os assuntos. Infelizmente, o projetor local não se adaptou aos filmes, de curta metragem, que levei: Boi Calemba, Maracatu e Caboclinhos, do Elizeu Visconti. Tive um trabalho imenso para localizá-los, conseguir licença para usá-los, fazer cópias, reduzir as legendas e adaptá-las. Por precaução, havia levado "slides" da minha coleção particular que puderam ilustrar a contento o meu trabalho. As danças folclóricas, das várias regiões da Grécia, apresentadas diariamente, à noite e a céu aberto (teatro) permitiram observar e ouvir as coreografias, trajes, músicas, cantos e instrumentos que revelaram as predileções populares. Foi tudo um encanto.

4) Aproveito o ensejo para consultá-lo da possibilidade de publicar a minha palestra "Experiência de Pesquisa e Aplicação Didática de Danças Folclóricas" (fundamentada no meu trabalho de 25 anos na USP), no próximo Anuário. São 10 páginas datilografadas, em espaço duplo. Vai sair, em inglês, nos Anais da 2.ª Conferência,

mas gostaria de publicá-la entre nós, na língua máter. O abraço saudoso de

MARIA AMÁLIA CORREA GIFFONI

* * *

Tietê, em 28 de março de 1989

Ao ilustre e Emérito Escritor
Professor José Sant'anna

Tendo estado doente pelo espaço de três meses, somente agora posso escrever-lhe participando o recebimento da obra "Anuário do Folclore" referente ao ano de 1988, da cidade de Olímpia.

Muito obrigado.

É uma obra notável. Deus concedeu a sua cidade uma notável predestinação de ser a protetora e incentivadora da ciência do Folclore Brasileiro.

A obra de Vossa Senhoria, emérito e protetor da arte popular, é notável!

Tenho encadernadas todas as publicações de vocês que formam um respeitável repositório.

Se Sílvio Romero pudesse voltar à vida material, ele é que saberia enaltecer a obra de Vossa Senhoria.

Muito obrigado pela remessa do volume relativo ao ano do 24.º Festival do Folclore.

Eu aprendi a consultar a obra de Sílvio Romero há mais de 50 anos, e posso garantir que o nobre amigo, em seus estudos, excedeu àquele escritor e outros cultores no manuseio do Folclore Brasileiro.

Tenho com orgulho, amor e ciúmes o livro dele publicado em 1887, denominado "Cantos Populares do Brasil".

Sem mais por hoje, renovo agradecimentos e subcrevo-me com um cordial e caloroso abraço de

BENEDICTO PIRES DE ALMEIDA

* * *

Belém, 11 de abril de 1989

Exmo. Senhor

José Sant'anna

DD. Presidente da Câmara Municipal de Olímpia

Profundamente comovida, agradeço os votos de pesar pelo falecimento do meu marido.

A Olímpia, cidade que o recebeu com muito carinho, ele pretendia voltar, em uma de suas idas a São Paulo.

A verdade e a certeza do que ele dizia, agora transparece, nas palavras tão gentis e amigas de Vossa Excelência.

Creia-me realmente agradecida a todos.

Cordialmente,

MARIA CÉLIA DE FIGUEIREDO

* * *

Macaúbas-BA, 27 de abril de 1989

Meu caro Professor Sant'anna:

Muita paz, muita harmonia e muita saúde, estes são os meus votos, nestes dias pré-juninos, extensivos a todos os participantes de sua equipe.

Não sei exprimir com justeza o grau de minha emoção ao abrir o envelope que, no seu bojo, trouxe-me a agradável surpresa, imensa surpresa, de poder ler o Anuário do XXIV Festival do Folclore (14 a 21 de agosto de 1988), lição de brasilidade que o Município de Olímpia-SP vem ministrando ao Brasil e que tem, na pessoa do ilustre educador, a sua viga mestra, o seu suporte maior.

Ocioso seria insistir na importância do conteúdo do referido anuário. Contudo, não deixarei de ressaltar a substancial contribuição científica de Iseh Bueno de Camargo com seu artigo: *Arquitetura folclórica*, assunto ainda pouco estudado entre nós. O artigo de autoria do ilustre pesquisador constitui verdadeira minimonografia: *Aspectos folclóricos da quaresma no Município de Olímpia*, relevante pela minudência dos dados, pelo rigoroso método de coleta, enriquecidos pelo gesto generoso dos agradecimentos (em ordem alfabética) numa demonstração de expressiva gratidão e de procedimento cristão. A esse artigo monográfico vem-se juntar outro, não menos importante; *Jocelino conta alguns contos*, fonte enriquecedora de nossa Literatura Oral que, apenas nas últimas décadas, vem sendo coletada, classificada e analisada segundo critérios científicos atualizados.

Vale salientar ainda as preciosas colaborações de: Rogério de Oliveira, Sérgio Alexandre Di Marco, Débora Aparecida Vicente, Clarismundo Sant'Anna, Maria Aparecida de Araújo Manzolli, Inezita Barroso, Francisco Gabriel Junqueira Machione, Antônio Clemêncio da Silva e Célio José Franzin.

Um *noticiário* valoriza o *Anuário* pela sua variedade, equilíbrio, excelente distribuição gráfica, sem falar no serviço que prestou à memória cultural brasileira, graças ao registro de eventos e projetos que, por um ou outro motivo, estariam relegados ao esquecimento!...

Ao caro Professor Sant'anna, meu abraço amigo, meu *Muito Obrigado!* e minha certeza de que o ilustre educador, animador cultural e folclorista emérito, continuará a obra edificante em favor do folclore e da Folclorística, porque nunca soube deixar o arado no meio do campo!...

ÁTICO VILAS-BOAS DA MOTA

* * *

Natal, 3 de maio de 1989

Ilustre Escritor Vereador Dr. José Sant'anna

DD. Presidente da Câmara Municipal de Olímpia — SP

Tenho a honra de acusar o ofício de Vossa Excelência, datado de 24 de abril passado, no qual comunica que a egrégia Câmara Municipal de Olímpia inseriu em ata voto de congratulações pela edição do "DICIONÁRIO DE ESPÍRITO E HUMOR DOS VELHOS AMIGOS" de minha autoria. Ciente de que a proposta partiu de Vossa Excelência, mais ainda me alegra a honrosa lembrança. Peço, ainda, transmitir a todos os membros desse prestigioso colegiado os meus sinceros agradecimentos pelo registro que me eleva e dignifica.

Profundamente grato à sua generosa referência, firma-se com a mais alta consideração e o melhor apreço. E concluiu com esta informação:

Aí vai a minha mensagem de agradecimento ao amigo e à Câmara Municipal de Olímpia pelo voto de congratulações em torno da publicação do meu DICIONÁRIO.

Você é mesmo "madeira que cupim não róí".

Sempre atencioso e generoso. Quando é que você vai deixar de ser bem educado?

Creio que dentro de um mês estarei lhe enviando uma plaqueta, já no prelo: *CARTAS DE ASCENSO FERREIRA A VERÍSSIMO DE MELO*. Ascenso, o maior poeta do modernismo no nordeste, foi um grande e querido amigo. Depois de mais de vinte anos de sua morte, quero agora revivê-lo através de uma correspondência do mais alto interesse, que vinha guardando cuidadosamente. Você há de gostar das "boutades" dele.

Abraço afetuoso do velho amigo

Veríssimo de Melo

* * *

Itaú, 23 de maio de 1989

Prezado Amigo
PROFESSOR JOSÉ SANT'ANNA
Rua David de Oliveira, 420
Olímpia — SP
Prezado Amigo:

Antes de dar-lhe o meu parecer sobre o anuário, quero desculpar-me pela demora. Acabamos de assumir a Prefeitura, na qual ocupo o cargo de Vice-Prefeito e estive muito ocupado, pois só agora estamos conseguindo colocar a casa em ordem.

Quero parabenizá-lo e a todos os seus auxiliares pela magnitude e bom gosto que foi usado ao redigir e encadernar o anuário. Quero salientar também que ele é todo rico em informações, sendo este um bom meio de mostrar algo mais sobre o folclore de sua cidade.

Os itens que mais me chamaram a atenção foram: item 2 pág. 7; 3 pág. 66; 5 pág. 72; 6 pág. 73; 7 pág. 76 e o 12 pág. 91. Estes são alguns itens muito interessantes e proveitosos para informar-nos ainda mais sobre o folclore.

Obrigado professor, muito obrigado, por ter se lembrado deste seu amigo e desculpe, novamente, por ter-me manifestado tão tardiamente.

Respeitosamente,

Seu amigo,

BENEDITO SALVIANO DE PAULA
Vice-Prefeito de Itaú-MG

* * *

Belém, 6 de junho de 1989

Ilmo. Sr.
Prof. José Sant'anna
Prezado Professor

Fiquei deveras emocionada, ao receber seu telefonema solicitando que remetesse uma foto do Arthur para o artigo que sairá na revista.

Creia, Professor Sant'anna, na sinceridade de meu agradecimento por mais essa prova de estima ao amigo Napoleão, que hoje, tenho mais certeza ainda, deixou nesta cidade leais e verdadeiros amigos. Peço recomendar-me a todos os que dele têm alguma recordação.

Cordialmente,
MARIA CÉLIA

* * *

CÂMARA MUNICIPAL DE OLÍMPIA

REQUERIMENTO N.º 682/88

Senhor Presidente:

Considerando que na data de 22 de agosto p. vindouro será nacionalmente comemorado o Dia do Folclore;

REQUEREMOS, na forma regimental, que, em sendo Olímpia a Capital Nacional do Folclore, seja inserido na ata dos trabalhos o voto de congratulações da Câmara Municipal para com todos aqueles que lutam pela preservação do folclore nacional. REQUEREMOS, mais, que deste ato seja dado conhecimento à Comissão de Folclore do Município.

Sala das Sessões Professora Dona Oscarlina de Toledo Bonilha, em 12 de agosto de 1988.

WANDERLEY DARIO FORTI
Vereador

* * *

São Paulo, 14 de agosto de 1988 (Nossa Senhora da Boa Morte)

Meu caro professor José Sant'anna

Recebi em tempo, mas os respondo com atraso em virtude da greve postal (inadmissível, com tal duração, em país civilizado), dois ofícios da Câmara Municipal de Olímpia, capeando sugestões suas para a colaboração da Comissão Paulista de Folclore ao 24.º Festival de Folclore de Olímpia, que hoje se inicia (é muito longo, três ou quatro dias bastam).

Lamento informar que a referida Comissão, para a qual fui indicado presidente e de que meu caro amigo é membro nato, há muito entrou em recesso. Foram baldados meus pedidos tantos de meios, como de demissão. E o pior é que funciona em São Paulo, muito bem aparelhada e com dezenas de funcionários, uma delegacia da FUNARTE. Mas, nesse ínterim, a Comissão Nacional de Folclore deixou o âmbito da FUNARTE, voltando para antiga Comissão do Itamaraty, onde também não funciona! Esperamos que o novo ministro da Cultura dê um jeito, confiemos, repito.

Teria grande prazer em atendê-lo, pois me orgulho de, há tantos anos, quando aí estive pela primeira vez, haver lançado o "slogan": *Olímpia, Capital do Folclore do Brasil*. Vejo que vocês pretendem promover um Congresso Internacional de Folclore. Participei do I em Buenos Aires, em 1960, quando foi aprovada proposta de minha iniciativa institucionalizando o mês de agosto como o *Mês do Folclore* (hoje lei em São Paulo). Orgulho-me também, sem vanglória, de haver criado o termo "*civilização caipira*" e de haver escrito o volume *São Paulo*, da Coleção Folclore Brasileiro, da FUNARTE.

Mas estou fazendo biografia e apenas quero sugerir-lhe que adiem para o ano de 1989 o referido Congresso, que exige longa e minuciosa preparação e poderá abrir-se formalmente em São Paulo.

Coincidirá com o Jubileu de Prata do Festival e 100.º aniversário dessa infeliz República. Se você, por acaso não for reeleito, há sempre risco, tenho experiência própria, seu prestígio e autoridade no capítulo do Festival de Olímpia ficam intocáveis.

Queria apenas dar-lhe uma satisfação, que você transmitisse, por favor, oralmente, à Câmara (eu também fui vereador aqui, exercendo uma movimentada suplência em 55 — volto à biografia). Não se esqueçam de uma homenagem ao Rossini dia 22, ele bem a merece, apesar do terrível gênio que escondia um bondoso coração. E também à Princesa Isabel.

Sei como você fica nos dias do Festival; peço à sua secretária que resuma a carta para você, que a lerá depois quando for descansar dessa trabalhadeira toda. Aceite um afetuoso abraço do colega e amigo.

Hélio Damante

* * *

CORRESPONDÊNCIA DE 1989

Salvador, 18 de agosto de 1989

Ao Professor José Sant'anna

Com as felicitações pelo Santo Antônio do Brasil.

JOSÉ CALASANS
Cordialmente,

* * *

Natal, 22 de agosto de 1989

AO GRANDE JOSÉ SANT'ANNA
COORDENADOR DO 25.º FESTIVAL DO FOLCLORE
DE OLÍMPIA

NO DIA DO FOLCLORE — 22 DE AGOSTO — MEU PENSAMENTO VOLTA-SE PARA OLÍMPIA, QUE AGORA ESTÁ REALIZANDO COM ÊXITO O SEU 25.º FESTIVAL DE FOLCLORE.

RELEMBRO OS DIAS INESQUECÍVEIS QUE AÍ PASSEI NOS IDOS DE 1987, JUNTAMENTE COM OS COMPANHEIROS DE TODO O BRASIL QUE AÍ ESTIVERAM.

ESSES FESTIVAIS DE FOLCLORE SÃO O RETRATO DO GRANDE JOSÉ SANT'ANNA, SEU REALIZADOR MAIOR, A FORÇA INCONTROLÁVEL DO IDEALISMO A SERVIÇO DA CULTURA.

RECEBA O MEU ABRAÇO FRATERNAL, EXTENSIVO A TODA SUA BRILHANTE EQUIPE DE TRABALHO.

O AMIGO SEMPRE GRATO
VERÍSSIMO DE MELO

* * *

Valença, 9 de setembro de 1989

Ismo. Sr.

DR. JOSÉ SANT'ANNA

DD. Presidente da Câmara Municipal e
Diretor da Revista "Festival do Folclore"
Olímpia — SP

Meu nobre amigo

Sensibilizado com suas amáveis palavras, acusando o recebimento de meu modesto trabalho — O REAL... INIMAGINÁVEL, venho apresentar-lhe os meus profundos agradecimentos por esta atitude tão fraterna, incentivando-nos a lutar em prol da Cultura, do saber e do amor.

Muito mais ainda tendo a lhe agradecer a remessa da revista "25.º FESTIVAL DO FOLCLORE" que, ao lado do ano de 1989, ficará completando as pesquisas aos amantes da nossa tradição, dos hábitos, usos e costumes de nossos antecessores que, com carinho guardamos em nossas memórias e que as reproduzimos com ternura, em forma festiva, como a voltarmos aos idos tempos dos nossos antepassados, plenos de civismo, de fraternidade, de alegria e de sabedoria.

Assim pois, selo, com o presente, os nossos laços de amizade, formulando os melhores votos de paz, saúde, pleno êxito em suas atividades e muito labor em prol da humanidade que carece de sua assistência técnica, cultural e moral, como homem probo, culto e idealista.

Atenciosamente,
Abraço-o com carinho,
JOSÉ PINHEIRO FERNANDES

* * *

Fortaleza, 10 de setembro de 1989

Prezado amigo e destinto confrade,

JOSÉ SANT'ANNA

Recebi e agradeço o belo exemplar do "Anuário do Folclore", dedicado ao 25.º Festival do Folclore, que traz excelentes publicações, entre as quais se destaca a de sua autoria — "Santo Antônio do Brasil".

Aceite as minhas sinceras felicitações e disponha com franqueza nesta capital nordestina.

Do amigo e colega
FLORIVAL SERAINE

* * *

Maceió, 11 de setembro de 1989

Caro amigo

Prof. Dr. José Sant'anna

Recebi a excelente revista dos 25 anos, que cada ano traz surpresas agradáveis.

Parabéns pela grande (e definitiva) contribuição sobre Santo Antônio.

Parabéns pelo que você é e sabe ser!

Os trabalhos continuam a todo vapor, certo que nosso trabalho será um dia reconhecido.

Anexo ao presente estou enviando a minha "cartilha do folclore", para apreciação e crítica. Pena é que tenha tanto erro de impressão. Muito grato.

JOSÉ MARIA TENÓRIO ROCHA

* * *

MINC — FUNARTE

Instituto Nacional do Folclore
Ofício n.º 62/89

Em 11 de setembro de 1989

Da: Diretora do Instituto Nacional do Folclore

Ao: Diretor do Anuário do Folclore

Vimos, por meio deste, agradecer o envio do Anuário de Folclore e cumprimentar Vossa Senhoria por tão importante publicação.

Aproveitamos a oportunidade para apresentar nossos protestos de elevada estima e consideração.

Atenciosamente,
AMÁLIA LUCY GEISEL
Diretora do INF

Ilmo. Sr.

Professor José Sant'anna
Rua David de Oliveira, 420
15 400 — Olímpia — SP

* * *

São Paulo, 11 de setembro de 1989

Caro José Sant'anna:

Recebi hoje o anuário do folclore n.º 19.

Agradecendo a sua gentileza, envio um abraço e cumprimentos por mais este resultado da sua luta.

M. DO CARMO VENDRAMINE

* * *

São Paulo, 11 de setembro de 1989

Caro amigo Vereador, Professor José Sant'anna

Recebi ontem e hoje terminei a leitura de sua bela revista que teve a nímia gentileza de me enviar. Muito agradecida e meus efusivos cumprimentos e admiração sincera. Que trabalho maravilhoso você está realizando. Parabéns por tudo: 25.º Festival; a revista e, especialmente, seu precioso artigo sobre Santo Antônio. Que Deus continue a lhe dar forças e inspiração para continuar suas realizações em prol do Folclore do nosso país. Um abraço muito amigo da sua sempre admiradora.

ESTHER KARWINSKH

P.S. — Agradeço sua atenção para com nosso grupo do "Zacarias".

* * *

Belo Horizonte, 12 de setembro de 1989

Estimado colega e querido amigo Prof. José Sant'anna:

Tenho a honra de acusar o recebimento dessa lindeza de publicação, que registra o 25.º Festival do Folclore de Olímpia.

Parabéns a essa boa terra, que tem um filho atuante como você, merecedor da maior consideração. Nós tam-

bém lhe queremos, pois seu labor favorece não apenas Olímpia e São Paulo, ele se expande ao Brasil!

Com o abraço fraterno de

SAUL ALVES MARTINS

* * *

Descalvado, 12 de setembro de 1989
Ofício n.º 166/89

Senhor Presidente:

Acusamos o recebimento de sua amável correspondência, datada de 04 de setembro último, endereçando-nos exemplar da revista comemorativa do JUBILEU DE PRATA DO FESTIVAL DO FOLCLORE DE OLÍMPIA, e recomendando-nos o Professor José Constantino Ferratto, que virá a integrar a comunidade descaldense.

Cumprimentamo-lo pela idealização daquele Festival, que bem demonstra o espírito empreendedor de vossa excelência, notadamente no campo cultural, e ressaltamos o refinado bom gosto na concepção da revista.

A vinda do Professor José a Descalvado, representará expressiva aquisição para o nosso povo, que sempre tem se pautado por bem acolher a todas as pessoas vindas de outras plagas e facilitar-lhes completa integração social.

Tenha a certeza, prezado companheiro, que participaremos ativamente para que o professor José em breve tempo, venha a sentir-se como a um natural da terra descaldense.

Na oportunidade que se nos oferece, apresentamos a Vossa Excelência e aos ilustres edis desta casa, os nossos protestos do maior respeito e distinta consideração.

JOSÉ CARLOS CALZA
Presidente

Excelentíssimo Senhor
JOSÉ SANT'ANNA
DD. Presidente da Câmara Municipal de Olímpia — SP

* * *

Araras, 14 de setembro de 1989

Caro amigo

Prof. José Sant'anna

Fiquei muito feliz ao receber o n.º 25 da Revista do Folclore — correspondente ao Festival. Parabéns, você é um gigante! Somente um homem de dimensões oceânicas poderia conseguir tão bela obra. Parabéns, amigo, continue sempre!

Aproveito a oportunidade para solicitar o n.º 24 da Revista, pois tenho apenas o 23 e o 25. Caso você tenha ainda algum número anterior e queira enviar-me, ficaria grata. Aproveitamos muito esse vasto e rico material nas aulas de Folclore. Sant'anna, gostaria de saber se você recebeu uma cópia de minha tese de mestrado sobre Nossa Senhora Achirópita no Bexiga. Estou fazendo doutorado pela USP e trabalhando em alguns projetos na Universidade. Estou também trabalhando na Universidade Federal de Campo Grande — MS. Prestei concurso e fui admitida para trabalhar como docente junto ao Centro de Ciências Humanas e Sociais. Tanto lá em Campo Grande, quanto na USP, estamos planejando alguns seminários e exposições. Espero poder contar com você.

Aqui em Araras dei um curso de folclore para professores da rede estadual. Foi muito bom. (Antes da greve).

Escreva-me, contando sobre você, Olímpia e seu trabalho. Bem, mais uma vez parabéns!

Cordialmente,
M. CÉLIA A. COIMBRA

* * *

Recife, 14 de setembro de 1989

Prezado confrade José Sant'anna

Uma beleza a revista do 25.º Festival do Folclore. Mais uma vez você põe em prática o seu idealismo, garantindo à cultura popular um ponto de referência do mais alto significado.

É bom saber que ainda existem vocações como a sua, sem as quais tudo resumiria nos guardados de museus estáticos e de biblioteca pouco frequentados.

O seu trabalho "Santo Antônio do Brasil" esgota o assunto. Uma pesquisa de mérito definitivo.

Sustente este seu entusiasmo para salvaguarda do nosso folclore.

ALCIDES NICEAS

* * *

Olinda, 14 de setembro de 1989

Meu caro José Sant'anna:

Recebi, com muito agrado, a publicação do 25.º FESTIVAL DO FOLCLORE que o amigo teve a gentileza de me enviar. Gostei muito de tudo, principalmente de seu completo e muito interessante trabalho sobre SANTO ANTÔNIO DO BRASIL. Meus parabéns por tudo.

Um abraço bem grande do amigo e admirador.

MÁRIO SOUTO MAIOR

* * *

Recife, 14 de setembro de 1989

Prezado José Sant'anna

Agradeço a remessa do Anuário de Folclore referente ao 25.º Festival do Folclore de Olímpia.

Parabéns pela iniciativa e pela continuidade do trabalho.

ROBERTO E. CÂMARA BENJAMIN

* * *

São Paulo, 15 de setembro de 1989

Caro Sant'anna:

Um abraço e saudades

Mais uma vez, agradeço as atenções e gentilezas a mim dispensadas.

Você verá pelo texto do envelope o quanto admiro o seu trabalho em prol dos Festivais.

A Revista está linda. O seu estudo "Santo Antônio do Brasil — Religião e Folclore" enriqueceu-a muito. É formidável. Pesquisa completa, iconografia vastíssima, inúmeras formas devocionais, grande parte inédita ou pouco conhecida. Nada foi esquecido, tudo veio à tona. Destacam-se as formas de pedir graças, orações, procissões, anjos e andores, fogos, fogueiras e balões, sortes, adivinhações, resposos, correntes, benzimentos e superstições. Nada falta. Um ecletismo total em que músicas e versos se projetam, assim como milagres, castigos impostos ao Santo, etc.

Seu crédito com Santo Antônio, depois de 69 páginas a ele dedicadas, tornam o Autor o intermediário n.º 1 para quem dele precisar de milagres. O seu IBOPE está mais alto do que o do Collor.

Meus parabéns, sinceros e merecidos, por esta pesquisa tão extensa quanto profunda que testemunha, mais uma vez, os seus conhecimentos sobre Folclore.

Tudo de bom para você.

MARIA AMÁLIA C. GIFFONI

* * *

Escola de Música
Centro de Pesquisas Folclóricas

Rio, 15 de setembro de 1989

Ilmo. Sr. Prof. José Sant'anna

Acusamos o recebimento, do Anuário do Folclore referente ao 25.º Festival do Folclore realizado na cidade de Olímpia, SP, e que possui importantes artigos sobre as nossas tradições populares.

Colocando-nos a seu dispor.

Atenciosamente,

PROFA. ROSA MARIA BARBOSA ZAMITH
Centro de Pesquisas Folclóricas

* * *

Em 16 de setembro de 1989

Of. n.º 140/89

Encaminha cópia de Moção

Senhor Presidente:

Sirvo-me do presente para encaminhar a Vossa Excelência, cópia da Moção de Congratulações n.º 01/89, de minha iniciativa, subscrita pelos Vereadores: José Laerte Souza Rocha, Esmair Pinto dos Santos, Roberto Mariotti, Celson Manoel Domingues, José Roberto Augusto, Roberto Gomes, Edith Kfourí Almeida, Paulo Eduardo Pereira, Walase Nunes, Antonio Garcia e Sergio Aparecido Martos, aprovada pelo Plenário desta Casa, em Sessão Ordinária de 15 de setembro do ano em curso.

Nesta oportunidade, apresento a Vossa Excelência, protestos de minha elevada estima e distinta consideração.

Atenciosamente,

HAMILTON AUGUSTO ANTUNES
PRESIDENTE

Exmo. Sr.

Professor José Sant'anna

DD. Presidente da Câmara Municipal de
Olímpia — SP

MOÇÃO DE CONGRATULAÇÕES N.º 01/89:

Apresentamos à Mesa, ouvido o Plenário e dispensadas as formalidades regimentais, Moção de Congratulações ao Professor JOSÉ SANT'ANNA, pelo JUBILEU DE PRATA do Festival do Folclore da cidade de Olímpia.

Sala das Sessões "ANICETO DOMINGUES", Severina, 14 de setembro de 1989.

HAMILTON AUGUSTO ANTUNES
VEREADOR

"JUSTIFICATIVA"

Figura de renome internacional, mercê do seu denodado esforço em favor do Folclore Nacional é o Prof. JOSÉ SANT'ANNA, merecedor do respeito e da admiração de toda a região.

Incansável no labor de coletar toda a manifestação da cultura regional, fez de Olímpia, a Capital do Folclore.

Muita luta e até muito sofrimento, marcaram a existência do ilustre homem público que além de levar Olímpia ao reconhecimento além das nossas fronteiras, permitiu a todos nós, o nascimento da preocupação com as coisas simples que marcaram a passagem dos nossos antepassados.

Fez e faz a história de Olímpia; é muito mais que um idealizador. É alguém que transpõe os limites da força e elege a cultura como o símbolo do bem-estar social. É o mestre transcendendo a Escola! É a luz sufocando o negrume da escura ignorância. É o lapidador a fazer espalhar a luz no coração.

O Professor JOSÉ SANT'ANNA é por seus méritos e por sua abnegação, o marco de uma Olímpia que se firmava na figura da Menina-Moça provinciana, para se espalhar aqui e lá fora, como uma Capital, Capital de todas as manifestações.

Não poderia deixar esta Edilidade de se manifestar em favor daquele que se constituiu como o idealizador de um povo.

Podemos chamá-lo de messiânico — sonhador — bandeirante e visionário.

Devemos considerá-lo como o fundador da nova Olímpia, para glória de toda a região.

* * *

São Paulo, 17 de setembro de 1989

Caro amigo Sant'anna:

Recebi, com a satisfação de sempre, o Boletim Comemorativo ao 25.º Festival do Folclore de Olímpia.

Cada vez cresce mais minha admiração pelo gigantesco trabalho que desenvolve em benefício do nosso folclore. Lamento não ter podido até hoje assistir a um Festival tão completo e tão eloquente como o de Olímpia.

Não digo que você seja o maior, pois é o único com tal dedicação nos dias de hoje no Brasil.

Parabéns a você e parabéns à cidade de Olímpia. Agradecimentos ao BRADESCO pelo importante apoio que dá ao FEFOL.

De passagem por São Paulo tenho tido oportunidade de estar com Maria Amália que também só tem palavras para elogiar o seu trabalho.

Obrigada pela remessa do precioso Boletim e um grande abraço da amiga (devota de Santo Antônio).

REGINA LACERDA

* * *

Natal, 20 de setembro de 1989

Amigo e confrade José Sant'anna:

Recebi mais um exemplar da revista comemorativa do 25.º Festival do Folclore de Olímpia, que muito agradeço. Como sempre, Olímpia se mantém na liderança dos festivais de folclore no Brasil! Meus parabéns, mais uma vez, com o afetuoso abraço do admirador e amigo, grato.

VERÍSSIMO DE MELO

* * *

Tietê, em 21 de setembro de 1989

Prezado e caro amigo

Professor José Sant'anna
Olímpia

Minhas cordiais saudações,

Apesar do meu estado de doente, desde o dia 2 de janeiro deste ano, venho com esta agradecer-lhe a remessa da revista "25.º ano do Folclore" referente às festividades de 1989.

Muito obrigado. Vai enriquecer a minha coleção de suas publicações todas encadernadas para riqueza do meu material.

Gostaria que Sílvio Romero, lá do céu, onde certamente se encontra, conhecesse o seu trabalho, executado pelo povo e impresso. Enviar-lhe-ia um abraço de solidariedade e gratidão. Muito obrigado.

Um cordial abraço de
BENEDICTO PIRES DE ALMEIDA

* * *

Petrópolis, 26 de setembro de 1989

Prezado Mestre José Sant'anna,

Mais uma vez me programei para estar presente ao Festival de Folclore de Olímpia e de novo tive que des-

manchar o programa em razão de obrigações de ordem profissional. É que advogando sozinho nas Comarcas do Rio de Janeiro e de Petrópolis, nem sempre é possível conciliar os interesses profissionais com os de ordem intelectual.

Enfim, só me resta esperar pelo 26.º Festival.

Agradeço o envio da revista alusiva ao evento que passou. Na verdade somente possuo os dois últimos números e gostaria de saber como poderia adquirir os volumes anteriores, eventualmente disponíveis.

Estou remetendo em separado o último livro que se intitula "Câmara Cascudo do Potengi ao Piabanha".

Um grande abraço.

FRANCISCO DE VASCANCELLOS

* * *

São Paulo, 2 de outubro de 1989 (Anjos da Guarda)
Caro José Sant'anna:

Ainda é tempo de acusar o recebimento e agradecer a remessa do ANUÁRIO DO FOLCLORE/89, relativo ao jubileu de prata do Festival de Folclore de Olímpia.

A publicação está excelente e constitui tanto um repositório desses 25 anos de festivais folclóricos, como uma contribuição aos respectivos estudos em âmbito local e regional.

Sempre me orgulho de, há muitos anos, haver lançado a frase — OLÍMPIA, CAPITAL DO FOLCLORE, quando a ele assisti pela primeira vez e a cidade era ainda pequena. Espero que continue sempre "pra frente" como até aqui e jamais conheça descontinuidade.

São meus sinceros votos a V. e brilhante equipe. Deixo-lhe meu melhor abraço amigo.

HÉLIO DAMANTE

PS — Acaba de me telefonar a Baronesa Esther Sant'Anna de Almeida. É sua parente? Ela mantém a Revista do Folclore do Guarujá que é, ao lado do Anuário de Olímpia, a única publicação regular sobre Folclore mantida no Brasil. H.D.

* * *

Betim, 14 de outubro de 1989

Caro amigo Dr. José Sant'anna,
Paz e Bem

Venho agradecer-lhe a remessa do anuário do folclore/1989. Mais uma bela publicação sai de Olímpia. Parabéns! E que viva o Santo Antônio.

Abraços

FREI FRANCISCO VAN DER POEL OFM

* * *

São Paulo, 14 de outubro de 1989

Sant'anna:

Perdoe o atraso da correspondência. Como sabe, estou nos últimos créditos de Mestrado em Museologia. Neste fim de ano há aulas aos sábados e domingos nos museus. A 20.ª Bienal Internacional vai ocupar a maior parte do meu tempo, além de eu ter que dar aulas.

Pelo cartão que enviei, você ficou sabendo que fui à Alemanha Ocidental. Tive essa oportunidade através dos convites que recebi de Entidades Culturais Musicais e pelo 20.º Aniversário da Colônia Portuguesa na Alemanha. Foi tudo muito bem! Tenho muita coisa para contar. Fiz palestras sobre: Moçambique, Congada e Folia de Reis. Falei muito de Olímpia.

Espero que você esteja bem de saúde e sempre com vontade de trabalhar! Então, como foram as comemora-

ções do 25.º Festival? Que pretende a partir de agora? Se Deus quiser, estarei nas festas de Santos Reis com vocês.

Envie-me alguns exemplares de "Acorda, Povo". Preciso enviar a alguns países.

Recebi somente uma Revista — Anuário do Festival! Por favor, envie-me outras.

Terça-feira passada falei no Centro Cultural "Três Rios" sobre os Nordestinos em São Paulo — Bairro do Brás. O trabalho que apresentei é um estudo que estou fazendo há dois anos. O papel está preenchido. As minhas notícias estão no fim. Para você e os amigos o abraço amigo cheio de saudades.

LAURA DELLA MÔNICA

* * *

BRADESCO

Cidade de Deus, 20 de outubro de 1989

Exmo. Sr.

Vereador Dr. José Sant'anna

DD. Presidente da Câmara Municipal de Olímpia — SP

Senhor Presidente:

Recebemos seu Ofício n.º 600/89-GP, de 11 do corrente, assim como cópia do Requerimento n.º 843/89, de autoria de V. Exa.

Em nome da família Bradesco, agradecemos as elogiosas referências formuladas por ocasião da nossa colaboração na concretização do 25.º Festival do Folclore.

Cordialmente,

BANCO BRADESCO S.A.

Secretaria Geral

Orivaldir Odair Simões

Luiz Antônio de Souza

* * *

UNIÃO BRASILEIRA DE TROVADORES

Taubaté, 10 de novembro de 1989

Meu caro irmão na trova

José Sant'anna

Meu muito saudar,

Só agora estou, de alguma forma, retribuindo a sua gentileza, que foi concretizada na forma da oferta daquela maravilhosa revista contendo importantes informes sobre as práticas folclóricas da Semana Santa, em Olímpia.

Aliás, aproveitei para fazer uma ligeira referência, isto é, uma referência que podia ser mais vasta, mas não cabia na exigüidade do meu trabalho, sobre a importância que Olímpia confere a essa modalidade de cultura, pois o folclore é cultura, dada a importância que mereceu de grandes mestres, em todo o mundo.

Este meu trabalho, pois, que ora estou enviando a você, todos os anos é aproveitado em tarefas de colegiais, juntamente com outros, que já tenho preparados, sobre as revoluções de 32, de 64, e da grande guerra, além de outras matérias.

Aproveito para enviar-lhe, juntamente, um exemplar do meu modesto livrinho ECOS DE MINHA VIDA.

Meu amigo, aceite um abraço e recomendações à Exma. Família.

Salve a trova!

BENEDICTO NUNES DE ASSIS

* * *

PREFEITURA MUNICIPAL DE ITAÚ DE MINAS

Itaú de Minas, 13 de dezembro de 1989

Ofício n.º 057/89

Do Gabinete do Vice-Prefeito

Ref.: Presta Agradecimento

Senhor Presidente:

Com minha atenção e cordialidade, permito-me dirigir a V. Exa. para, em meu nome e em nome dos "Marinheiros de Itaú", prestar nossos agradecimentos pela honraria que nos foi concedida, através da proposição de V. Exa. concedendo o Voto de Aplauso da Edilidade Olimpiense, que foi inserido na Ata dos Trabalhos, pela nossa participação no 25.º Festival do Folclore.

Tal proposição dá-nos força e incentivo para cada dia mais trabalhar e divulgar folclore brasileiro, que caminha se arrastando pelos tempos, sempre quase sem condições de sobrevivência.

Gostaríamos de ter no país muitas outras cidades da estirpe de Olímpia, aí sim, teríamos certeza de ver renascer com vigor as raízes do nosso povo.

Solicito de V. Exa. fazer chegar aos demais Edis desta municipalidade nossos agradecimentos e, aproveito o ensejo para externar-lhes nossos protestos de eminente apreço e sólida consideração.

Cordialmente,

P/ GRUPO FOLCLÓRICO MARINHEIROS DE ITAÚ
BENEDITO SALVIANO DE PAULA
VICE-PREFEITO MUNICIPAL

* * *

A
CÂMARA MUNICIPAL DE OLÍMPIA
ATT. DR. JOSÉ SANT'ANNA
OLÍMPIA — SP
PAL. GOVERNO ARACAJU/SE — NR 4195
20/12/89 — 12:10 H
EXMO. SR.
DR. JOSÉ SANT'ANNA
DD. PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL
OLÍMPIA
PRAÇA JOÃO FOSSALUSSA, 867
OLÍMPIA — SP
TLXNR 3935/89 — ACUSANDO RECEBIMENTO DO
OF. NR 735/89 VG AGRADECEMOS O VOTO DE
CONGRATULAÇÕES ATRIBUÍDO A MINHA PESSOA
POR ESSA EGRÊGIA EDILIDADE OLIMPIENSE VG
COMO RECONHECIMENTO PELA MODESTA COLA-
BORAÇÃO DO MEU GOVERNO PARA O FESTIVAL
DO FOLCLORE DE OLÍMPIA VG REALIZADO COM
SUCESSO NESTA CIDADE PT

ATENCIOSAS SAUDAÇÕES

ANTÔNIO CARLOS VALADARES VG
GOVERNADOR DO ESTADO DE SERGIPE

* * *

Ministério do Exército
Chefia do Gabinete

Em 20 de dezembro de 1989

Sr. Prefeito:

Recebi os exemplares do Anuário do Festival do Folclore de Olímpia que V. Exa. tão gentilmente enviou a este paulista do interior, que aprecia as manifestações do nosso folclore. Ao mesmo tempo agradeço o convite para o 26.º Festival, ao qual manifesto, desde já, a minha intenção em comparecer.

Solicito a V. Exa. apresentar ao João Carlos Clemente as minhas saudações e a essa plêiade de professores — particularmente ao Prof. José Sant'anna — os meus cumprimentos por essa obra admirável a que se propuseram, que é a de resgatar e valorizar os nossos usos, costumes e tradições.

Esperando conhecê-lo pessoalmente, em uma oportunidade futura, agradeço mais uma vez a gentileza de sua atenção e apresento a minha estima e consideração.

Cordialmente,

GEN. DIV. BENEDITO ONOFRE BEZERRA LEONEL

Ilmo. Sr.

JOSÉ FERNANDO RIZZATTI

DD. Prefeito Municipal de Olímpia

Estado de São Paulo

FINALIZANDO

Nosso amigo e escritor, folclorista, Prof. José Carlos Rossato, membro do Departamento de Folclore (Museu de História e Folclore "Maria Olímpia"), escreveu magnífico artigo para nosso Anuário: *A Cebola no Folclore Olimpiense*.

Por se tratar de assunto de muita importância para nossos estudos, a Prefeitura Municipal de Olímpia publicará a referida matéria em livreto, para distribuição a todos os interessados, reservando-lhe, ainda, o espaço necessário para publicação no Anuário do Folclore/91.

Também serão publicados do preclaro folclorista, pesquisador de primeira linhagem, pelo Conselho Municipal de Cultura, através da Comissão de Folclore de Olímpia, os seus trabalhos: *Saci — O Mito dos Mitos* (reedição) e *Folclore Culinário da Mandioca*, este quase todo coletado na Capital do Folclore.

Parabéns, Prof. Rossato. Que Deus o ilumine nesta trajetória pela passagem da vida e lhe dê muitas oportunidades para escrever trabalhos de tão grande importância para o conhecimento do Folclore Nacional.

AGRADECIMENTO

A Comissão Executiva do 26.º FEFOL presta homenagem ao excelentíssimo senhor Dr. José Vânio de Barros Moraes, DD. Prefeito Municipal de Capela, Alagoas, pelo apoio dado à sua festa maior, patrocinando as apresentações dos grupos folclóricos: Caboclinhos, Guerreiros e Pastoril, do Centro de Defesa do Folclore "Nossa Senhora da Conceição", de Capela-AL.



"O sentido profundo da cruzada pelo Folclore: cultivar a tradição brasileira, o patrimônio cultural do nosso povo, aquilo que caracteriza e define a alma da Nação. Não quer o Governo promover apenas economicamente a massa anônima. Quer valorizá-la espiritualmente, conservando e honrando tudo quanto ela produziu nas suas alegrias e nas suas dores." — Clóvis Salgado.

Nosso folclore precisa de estímulo, de ajuda financeira, senão perecerá. Para que isso não aconteça, muitos olímpenses deram apoio à produção (composição e fotolitos) deste Anuário. Que Deus a todos ampare e proteja, porque essa nossa luta cultural não tem sido em vão. Nossa gratidão a:

Seiji Kanashiro e Outro (Fazenda Santa Ernestina). Sucocítricos Cutrale S.A. Laticínios Flor da Nata Ltda. WM — Construções e Comércio de Rio Preto Ltda. CONTERRA — Construções, Terraplenagem e Pavimentação Ltda. Grupo Empresarial David de Oliveira: Volks, Massey e FIDO. FORD — Olivel Veículos Ltda. Usina Açucareira Guarani S.A. (Severínia — SP). Alfredo Zucca — Comércio e Indústria Ltda. (A. Zucca — Supermercados). Bazar das Noivas (Augusto Zangirolami e Filhos Ltda.). Badih N. Aidar (Fazenda Nata — Severínia — SP). COVESP — Comércio de Veículos Spilimbergo Ltda. (Concessionários Mercedes Benz). Retificadora Blanco Ltda. Alecitrus — Alesse (Comércio de In-

sumos Agrícolas Ltda.). Indústria e Comércio Nakamura. Beneficiadora Balbo (Comércio de Café e Sacarias). DECOL — Defensivos Cítricos Comercial Ltda. 4 Rios — Comércio e Representações Ltda. (S. Gabriel D'Oeste — MT). Nosso Posto Rossi. Indústria de Móveis Artísticos Nossa Senhora Aparecida. Wagner Auto Peças — Especializada em Chevrolet. Dr. Edson Vâner Furlan. Posto XV — Derivados de Petróleo (H. Kitagawa e Cia. Ltda.). Fazenda Santa Maria Moço — Orlando Moço.

Prefeitura Municipal de Olímpia

Prefeito: José Fernando Rizzatti

Vice-prefeito: Marcelo Gil Munhoz

Câmara Municipal de Olímpia

Vereadores: Adorival Batista da Costa, Dr. Aldo Casarini Júnior, Antônio Aparecido Carro-selli, Durval Britto, Edicilvio da Cunha Sobrinho, Fablício Cardoso de Oliveira, Dr. João Batista Dias Magalhães, João Vazão Primo, Dr. Joel de Alencar, Dr. José Carlos Ferraz, Dr. José Sant'anna (Presidente), Jesus Ferezin (2.º Secretário), Dr. Luiz Antônio Moreira Salata, Dr. Nilton Roberto Martinez, Orlando Moço, Otacílio de Oliveira Neto (Vice-presidente) e Prof. Wanderley Dario Forti (1.º Secretário).

Folclore: um pouco da nossa terra e da nossa gente



Moçambique – Olímpia – SP

1972 03 7842

BRADESCO